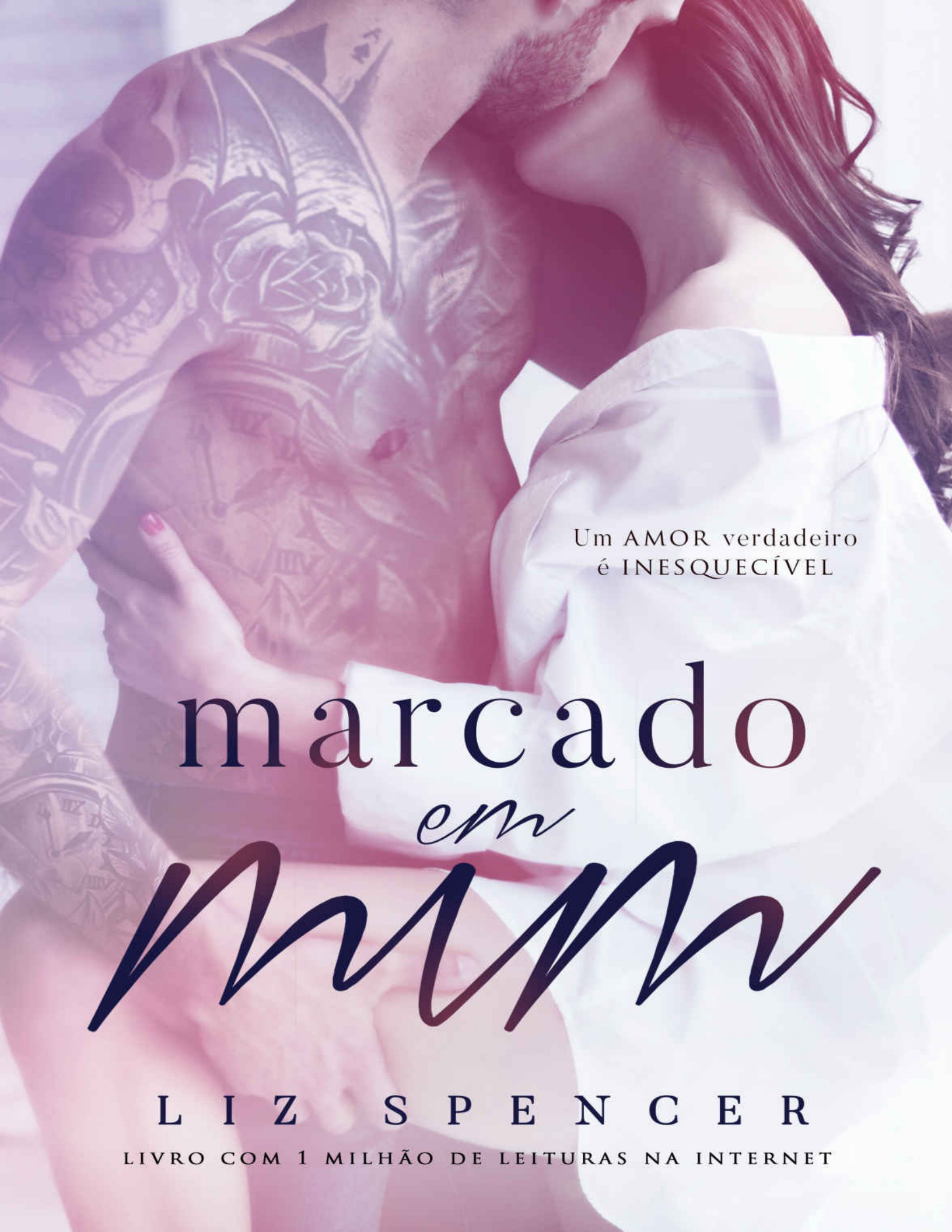


A romantic couple embracing. The man has extensive tattoos on his arms, including a large skull and floral designs. The woman has long dark hair and is wearing a white off-the-shoulder top. The background is a soft, out-of-focus light blue.

Um AMOR verdadeiro
é INESQUECÍVEL

mercado
em
MM

L I Z S P E N C E R

LIVRO COM 1 MILHÃO DE LEITURAS NA INTERNET



PERIGOSAS NACIONAIS

mercado
em
MM

L I Z S P E N C E R

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © **2018 Liz Spencer**

1ª Edição

Todos os direitos reservados.

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Ilustração e Capa: ML Capas

Revisão: ML Capas

Diagramação Digital: ML Capas

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos nela descritos são produto da imaginação da autora e usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com nomes, datas, pessoas, vivas ou mortas, e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou

transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou físico sem o prévio consentimento por escrito da autora, exceto no caso de citações.

Nenhuma parte deste livro pode ser carregada sem a permissão da autora, nem ser de outro modo circulado em qualquer outra plataforma diferente daquela em que é originalmente publicado.

A autora reconhece o status de marca registrada e a propriedade da marca registrada de todas as marcas, sejam elas quais forem, mencionadas neste livro.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

Sumário

NOTA DA AUTORA

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 40

NOTA DA AUTORA

Este livro foi escrito ainda em 2015, então vocês verão uma escrita menos madura da Liz que conhecem hoje. No entanto, é um livro muito especial, pois faz parte do começo de um sonho.

Dedico este livro a todos aqueles que me pediram o retorno de Val e Erick em suas bibliotecas.

Espero que tenham um ótimo momento ao embarcar nessa história de amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

XOXO,

Liz.

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

Valentina

Cinco anos atrás ...

A música alta e sensual retumba em meu cérebro e irrita os meus ouvidos. Garotas seminuas fazem passos bem ensaiados em cima do palco pouco iluminado e coberto por uma névoa artificial, a fim de tornarem-se úteis ali.

O meu *look*, composto por uma saia preta que pouquíssimo esconde, corselete

PERIGOSAS ACHERON

vermelho tão apertado que meus seios ameaçam pular das taças, meias arrastão pretas e botas de salto e cano alto, me incomodam como o inferno, mas eu decidi vir até aqui, e aqui ficarei.

Uma vozinha bem no meu interior grita:
*"Fuja enquanto há tempo, Valentina.
Fuja!"*

Eu quero fugir. Quero muito. Lembrome de ter feito isso na noite passada, quando Magnólia trouxera meu primeiro cliente. Ele era muito mais velho que eu e possuía uma grande concentração de

PERIGOSAS NACIONAIS

gordura no abdômen. Não consegui encará-lo por muito tempo. Principalmente ao notar sua expressão, analisando-me como se eu fosse um pedaço macio e suculento de carne. Foi então que dei as costas aos dois e saí dali sem pensar duas vezes. Mas, quando cheguei em casa, me veio o impacto. Todos os meus infindáveis problemas estavam ali, bem na minha frente, como uma mensagem cruel de que aquele não era o melhor momento para eu agir com egoísmo, pois não era somente o meu bem-estar que estava em jogo.

PERIGOSAS ACHERON

Avistei minha mãe, tão frágil, deitada no puído sofá sem mola, vendo um programa qualquer em nossa pequena TV de tubo preta. Na cozinha conjugada à sala, panelas, com apenas o básico para saciar a fome daquela noite, descansavam em cima do fogão.

Minha irmã, de apenas treze anos, praticamente sem roupas para usar. Já havia faltado na escola dois dias da semana, pois carecia de materiais escolares novos e não tínhamos dinheiro suficiente para comprar. Os aluguéis atrasados, as contas de farmácia, água e

PERIGOSAS ACHERON

luz para pagar, e eu sendo a única com capacidade para fazer alguma coisa no momento. Então deitei e chorei. Chorei muito antes de engolir o meu orgulho e decidir voltar para pedir a Magnólia mais uma chance. Ela acabou me aceitando, e aqui estou: sentindo frio com essas roupas curtas e esperando o meu primeiro cliente da noite.

Uma moça muito bonita se aproxima de mim e segura em meus ombros, empurrando-me levemente enquanto fala:

— Fique aqui, querida. Essa área é

PERIGOSAS NACIONAIS

mais exposta. Assim que os clientes forem chegando e avistarem você, se encantarão imediatamente! Visto como é bonita, não tardará muito para ser escolhida.

Envio-lhe um sorriso nervoso e observo enquanto ela se afasta. Se minha colega soubesse quão agradecida eu estou por não ter aparecido nenhum cliente ainda..., mas se não houver programa, não haverá dinheiro. E disso eu preciso muito. Urgentemente.

A música ainda está tocando. Homens

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de várias idades colocam cédulas nas calcinhas das *strippers*, que lhe lançam sorrisos lascivos de volta. Magnólia me disse que eu teria que dançar futuramente. Só espero aprender isso rápido.

— Estou começando a achar essa noite interessante... — uma voz masculina entoa atrás de mim e minha espinha congela.

Incapaz de abrir o sorriso sensual que Magnólia e as outras meninas orientaram que eu fizesse, viro-me e dou de cara com o par de olhos verdes mais intensos que já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vi em toda a minha existência. Não são olhos comuns. São os tipos de olhos que fariam você se perder dentro deles em míseros segundos. O tipo de olhos que significam vida, ao mesmo tempo em que tudo ao seu redor te incita a se encantar pelo perigo.

Ele é alto. Parece ter em torno de vinte anos, tão jovem quanto eu. Seus cabelos são uma mescla sensacional de castanho e loiro, brilhantes e lisos. Algumas mechas rebeldes caem por sua testa, uma barba por fazer rala, deixando-o com um ar de desleixado, mas que colabora divinamente

PERIGOSAS ACHERON

para o realce da sua beleza. Porém, isso não diminui o meu nervosismo. Muito menos o fato de, com ele, haver mais dois rapazes. Parecem deuses do Rock: jaqueta de couro, jeans escuros e botas. Os tipos de caras que não passam despercebidos por onde quer que vão.

Um deles tem uma tatuagem saindo da gola da camisa, finalizando na lateral de seu pescoço. Um alargador estilo bastão enfeita a orelha direita. O outro é diferente: loiro de olhos azuis, cabelos bem curtos, tem um olhar mais doce que os demais. Não usa tatuagem nem

PERIGOSAS ACHERON

piercings, pelo que consigo notar. Bem diferente de seus dois amigos desgrenhados.

— Quanto você cobra por uma noite inteirinha com os três, gracinha? — o da tatuagem no pescoço interroga, apoiando os braços casualmente no ombro dos outros dois. — Queremos nos divertir hoje.

Fico tensa. Se os três quiserem me ter, Lady Mag não se oporá, desde que paguem. Mas eu acho que não suportaria uma situação dessas. Não para a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

primeira vez.

— Desculpe, mas nada de sexo em grupo.

— O que foi? Você não gosta? — O olhar do Tatuagem no Pescoço vibra com malícia. — Vejam isso, rapazes! A vadia é exigente.

— Caras, parem com isso! — o loiro de aparência angelical intervém.

Noto, em seu olhar, certa compaixão. Por mais que eu odeie que sintam pena de mim, fico feliz por ele ter intercedido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cale a boca, Fred — o dos olhos verdes, que até então não havia dito nada, se manifesta, fitando-me intensamente. — Vim aqui para foder, e eu irei fodê-la hoje.

Minhas mãos começam a suar e minhas pernas fraquejam. Diante do seu olhar predatório, sinto vontade de fugir novamente. Não que ele seja parecido com o homem da noite anterior (ao menos é bonito e jovem), mas sinto como se fosse vomitar a qualquer momento.

— É isso aí... — Tatuagem no Pescoço

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se excita. — Isso que eu gosto de ouvir. Está esperando o quê, gatinha? Vamos lá...

— Fique quieto você também, Nick — O outro interrompe o amigo, que agora já sei que se chama Nick. — Eu não gosto de dividir. Ela será minha essa noite, vocês que se resolvam.

— Ah, cara, por que você sempre tem que pegar a mais gostosa?

— Porque eu posso mais que você — responde presunçosamente. — Simples assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas pernas travam no momento em que ele me pega pelo braço e me arrasta para a escada, rumando para o corredor onde ficam os quartos. Tropeço alguns passos antes de recobrar minha coordenação motora.

O que fazer? Eu não posso fugir uma segunda vez. Magnólia não me aceitaria de volta. Os remédios da minha mãe estão quase acabando, e o que eu tirar hoje talvez dê para arcar com a metade.

Só Deus sabe o que eu tentei fazer para não ter de recorrer a isso, mas nada foi o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bastante. Com apenas dezoito anos fui babá, fiz faxina, lavei a roupa dos vizinhos e ainda trabalhava em uma lanchonete acabando com o meu cabelo na fumaça gordurosa, mas não foi o suficiente. O que eu tirava mal dava para arcar com as nossas necessidades básicas.

Ele para em frente à porta de um dos quartos desocupados e entramos. Todos os meus sentidos ficam em alerta no momento em que ele fecha a porta atrás de si e a tranca.

Estou parada no meio do quarto, sem

PERIGOSAS ACHERON

saber o que fazer. Na verdade, eu sei, pois as meninas me deram algumas dicas de como me portar, mas estou nervosa demais para me lembrar de algo ou sequer arriscar uma atitude mais ousada.

Ele vem até mim enquanto tira sua jaqueta, me dando a visão dos músculos sob a camisa branca lisa. Ele é bem alto e em seu antebraço esquerdo é possível ver uma tatuagem — que não consigo definir direito — contornando a pele bronzeada. Nunca gostei de caras desse tipo e instintivamente recuo quando ele se aproxima sem tirar aquele sorrisinho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

intimidador do rosto em nenhum momento.

— Vire-se — exige e, com pernas trêmulas, é isso o que faço.

Ele chega até mim, seu peito contra as minhas costas. Sua mão põe meus cabelos compridos e volumosos para o lado, deixando meu pescoço livre, e eu fico bem ciente da sua respiração quente contra minha pele fria. Seus dedos passam suavemente por meus ombros, meus braços e, por fim, ele segura minha cintura. Sua mão espalma minha barriga

PERIGOSAS ACHERON

lisa, subindo até meus seios, e quando meu coração ameaça saltar pela boca, ele fecha a mão em meu pescoço. Não o suficiente para causar dor ou me asfixiar, mas no momento sou totalmente incapaz de medir o grau de incômodo que o seu toque me causa.

Ele parece sentir quando engulo em seco e sua risada reverbera contra a minha orelha.

— O que foi? — Passa o polegar suavemente pelo ponto pulsante em minha garganta. — Você não gosta disso? Não

gosta de se sentir controlada?

Eu não respondo. Ele continua:

— Do que você gosta, então? — Seus dedos escorregam até meus ombros. Seus lábios escovam a pele macia do meu pescoço. Tenho um sobressalto quando ele mordisca a minha mandíbula.

Ele percebe meu nervosismo e parece se divertir com isso.

— Você é muito travada para uma prostituta — sentencia, se afastando de mim. — Surpreenda-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos permanecem fixos nos meus enquanto ele caminha tranquilamente até a cama e se senta nela. Arrastando-se até a cabeceira, tira os sapatos e cruza as pernas, estiradas casualmente, me observando.

Eu não sei o que fazer para surpreendê-lo, mas faço o que está ao meu alcance. Se é para fazermos isso, que sejamos breves.

Com mãos trêmulas, começo a desatar o laço do meu corselete, mas desisto quando me dou conta de que não há mais

PERIGOSAS ACHERON

nada por baixo dele. Resolvo adiar isso e levo os dedos desajeitados até o fecho da saia. Ele me detém com um aceno de mão.

— Minha nossa, você é péssima! — diz.
— Faça direito ou não pagarei um centavo sequer.

— O que você quer que eu faça? — pergunto, um pouco ríspida demais, a indignação me tomando.

Ele não responde de imediato, o sorrisinho debochado ainda presente em seus lábios, então de uma forma tranquila diz:

— Quero que dance para mim.

— O quê? — Sinto como se houvesse um buraco se formando sob meus pés, ou se minhas pernas estivessem, aos poucos, se desintegrando, tornando-me cada vez menor.

— Ficou surda? — questiona, arqueando uma das sobrancelhas.

Não respondo. Em vez disso, abraço meu corpo enquanto vou até o aparelho de som instalado ao lado da TV pequena. Lentamente, escolho um dos diversos CDs que ali estão empilhados, a fim de ganhar

um pouco mais de tempo.

Respiro fundo. Ele me parece bêbado. Talvez se eu demorar um pouco mais, ele durma e desista de mim.

— Já estou impaciente, Moça Bonita — cantarola, chamando minha atenção. — Sabe, eu não sou um cara que gosta muito de esperar.

Problema seu, idiota — penso.

Me viro para ele no mesmo instante em que uma música sensual começa a sair das caixas de som, as batidas lentas incapazes

de acalmar meus nervos.

Ele abre um sorriso satisfeito, mostrando covinhas discretas nas bochechas e, pela primeira vez desde que entramos aqui, seu olhar varre meu corpo detalhadamente. Sinto-me nua e o frio se aloja em minha barriga no mesmo instante.

Minhas mãos vão até o zíper da saia e eu a retiro. Eu sei que deveria dançar, fazer o que me foi ordenado, mas ele não parece se importar com isso. Muito menos com meu nervosismo aparente no

PERIGOSAS NACIONAIS

momento em que retiro o corselete por completo, atirando em algum lugar ao chão.

— Puta que pariu — sibila. — Pare de me olhar assim.

— Assim como?

— Com essa cara — Isso me deixa confusa. Será que ele está me chamando de feia? — Você é tão... — mas ele não termina a frase e isso paira no ar. — Venha aqui.

Faço o que manda. No mesmo instante,

PERIGOSAS ACHERON

ele se arrasta até a borda da cama, pondo-me entre suas pernas. Uma sensação estranha me percorre o corpo quando ele segura meus quadris com ambas as mãos, aproxima os lábios da minha barriga e beija. Sua língua percorre lentamente ao redor do meu umbigo e eu fecho os olhos involuntariamente.

— Agora eu já sei do que você gosta —
Percebo que ele estava me observando esse tempo todo e sinto o rubor subir para a minha face.

Sem que eu tenha tempo de soltar o ar

PERIGOSAS NACIONAIS

que estava prendendo até então, ele me puxa de uma só vez, até que eu me desequilibre e esteja montada nele. Meu peito espremido contra o seu, nossas respirações mesclando-se uma com a outra.

Por um instante, ele apenas me olha. Me observa atentamente, os olhos de um tom indefinido de verde, totalmente perdidos nos meus. Será que ele é capaz de ler a minha mente? Se fosse, com certeza não gostaria nada do que tenho para mostrar.

PERIGOSAS ACHERON

Ele, provavelmente, deve fazer muito sucesso com as mulheres. E por um momento eu me pergunto o que um cara desse tipo está fazendo em um bordel em plena sexta-feira à noite, com uma prostituta virgem nos braços.

Ele está bêbado, é claro. É a única explicação.

— Já falei para não me olhar assim...

— Sua voz é rouca.

— Por quê? — Não consigo conter minha língua solta. Imagino que ele vá ficar furioso ou me mandar não fazer

mais perguntas, mas ele simplesmente sorri.

— Porque você fica parecendo um anjo — responde, exalando álcool. — E que Deus me ajude, mas eu estou morrendo de vontade de foder esse anjo agora.

Sinto o meu coração socar o meu peito e o sangue ser bombeado com muito mais intensidade no instante em que ele rola na cama, ficando por cima de mim. Sua mão afasta as mechas de cabelo insistentes do meu pescoço, e então ele começa a sugar a pele exposta. Seus toques começam a

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar mais exigentes, sua mão mais pesada, eu arfo quando seu peito roça no meu, endurecendo meus mamilos. Desejo que ele faça isso novamente, mas então sou tomada pela onda de medo quando percebo o que está prestes a acontecer aqui.

Droga. Basta ficar quieta. Talvez não seja tão incômodo assim.

Ele aproxima seus lábios dos meus e algo dentro de mim se aquece, mas relembrando das palavras de Lady Mag, intervenho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada de beijos na boca — falo rapidamente, depois acrescento: — Regras da casa.

Sua boca perfeita se curva em um sorriso de lado e eu engulo em seco.

— Eu odeio regras, Moça Bonita — Ele segura o meu rosto com as duas mãos. — E não sei por que as pessoas as fazem, pois elas sempre serão quebradas um dia.

E então, ele me beija. É um beijo lento e sensual, algo que eu nunca experimentei com ninguém em meu pouco tempo de experiência. Ele se afasta alguns

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

centímetros e passa a língua de forma provocante por meu lábio inferior antes de enterrá-la em minha boca. Retribuo, aproveitando para sentir as mechas macias de seus cabelos entre meus dedos.

A mão dele desce mais, até encontrar o fino material rendado da minha calcinha. Quando percebe que algo está atrapalhando, resmunga, levantando-se. Ele tira minhas botas e meias, facilitando a calcinha sair também.

Minha pele se arrepia quando ele começa a tirar sua própria roupa, ficando

PERIGOSAS ACHERON

completamente nu, dando-me a visão daquilo que eu sempre temi desde que pisei na boate da Lady Mag. A imagem de seu corpo definido é de tirar o fôlego, e eu fico feito uma idiota observando-o por mais tempo do que gostaria.

Ele sobe na cama e fica em cima de mim outra vez. Meu primeiro instinto é o de fechar as pernas, mas de nada adianta quando, sem muito esforço, ele se coloca entre elas, suas mãos nada delicadas voltando a passear pelo meu corpo.

Ele suga a pele acima dos meus seios e

PERIGOSAS NACIONAIS

desce os lábios, beijando meu tórax e barriga. Quando alcança a minha pélvis, estremeço. Dedos abraçam minhas coxas, vapor de uma respiração quente se instala em minhas partes íntimas e uma mescla de vergonha e irritação se acopla em mim ao constatar o quanto meu corpo é traidor. Eu deveria estar odiando tudo isso — afinal, estou sendo *obrigada* a fazer —, mas ele não colabora em nada, principalmente quando, sem delongas, leva os lábios até meu sexo. Meu ventre se contrai, minha pele se estica e com a língua, lábios e dedos ele me provoca um

PERIGOSAS ACHERON

orgasmo de tirar o fôlego.

— Eu poderia fazer você me chupar a noite toda com essa boca gostosa... — ele retorna para cima e começa a beijar o meu pescoço. — Mas acho que vou explodir se não entrar em você agora mesmo.

Tudo acontece muito rápido. Vejo-o se levantar, pegar um pacote de preservativos de dentro da gaveta e vestir seu membro. No instante seguinte, ele está em cima de mim de novo, seu sexo pesado e duro contra a minha entrada apertada.

De repente, uma onda de medo e nervosismo me engolfam, mas eu decido mascarar isso. Ele volta a beijar minha boca, seu pau deslizando para cima e para baixo sobre a minha vagina nua, um momento até mesmo interessante, e eu sinto como estou quente e escorregadia.

— Olhe nos meus olhos — Pede, e eu obedeço. — Você parece tensa. Eu assusto você?

Eu permaneço calada por um breve momento, sem saber ao certo que resposta lhe dar. Assustador não seria a palavra

mais adequada para eu descrevê-lo e descrever este momento. Enervante, talvez.

— Você me deixa nervosa — eu digo num fio de voz. — Eu estou nervosa.

Ele abre um sorrisinho, e eu me pergunto se está me achando estúpida, quando ele me surpreende completamente, recostando sua testa na minha e fechando os olhos.

Por um momento, imagino que ele vá desistir de tudo isso e uma certa pontada de decepção me atinge. Mas então ele

PERIGOSAS NACIONAIS

abre os olhos novamente e então está lá todo o fogo e desejo que eu havia visto antes.

Sua língua passa sobre a costura dos meus lábios e então ele murmura:

— Me beije.

Eu obedeco, beijando-o com todo o ardor que se alastra por meu corpo. Sinto minha pele ficar cada vez mais quente, meus mamilos ficarem duros, e então eu gemo sob a pressão gostosa dos seus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele afasta relutantemente sua boca da minha, seu pau surpreendentemente mais duro.

— Pronta? — ele pergunta e, já sabendo ao que se refere, eu me prontifico a acenar freneticamente com a cabeça. Eu não sei exatamente até onde isso irá me levar, mas eu só quero que ele alivie essa sensação insana de desejo que se alojou em mim.

Sem pensar duas vezes, ele investe seus quadris, me preenchendo, me rompendo e nós dois paralisamos.

PERIGOSAS ACHERON

Dói, arde e eu mordo o lábio inferior para reprimir um gemido quando ele se move dentro de mim.

— Droga — ele ofega, totalmente confuso. — Como isso pode ser possível?

Ele, provavelmente, deve achar que eu sou uma garota experiente, afinal sou uma prostituta. Mas até meus treze anos de idade, eu brincava de boneca. Meus namoros foram com garotos mais novos e tão inocentes quanto eu, e devido a isso nunca transei com ninguém. Nem Lady Mag sabe sobre o fato, mas eu tinha que

mentir ou ela não me deixaria ficar.

Viro meu rosto de lado, evitando nosso contato visual e aguardo ele se movimentar novamente. Por que ele não termina com isso logo?

— Olhe para mim.

Eu permaneço na mesma posição, até sentir seus dedos segurarem suavemente meu queixo. Me forçando a fitá-lo.

— Está doendo muito?

Faço que sim com a cabeça, meus músculos rígidos enquanto ele apenas me

PERIGOSAS NACIONAIS

observa. Não sei se ele consegue ver a dor nos meus olhos ou se eu sou estúpida demais para fantasiar isso, mas sua expressão se suaviza.

Ele tenta sair de dentro de mim e se afastar, mas em um gesto talvez impensado, eu o impeço. Sinto a confusão se intensificar em seus olhos.

— Não foi a minha intenção... machucar você.

— Tudo bem — é a única coisa que eu digo em resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez fosse bom fazê-lo se afastar de mim. Talvez fosse bom eu me livrar de tudo isso e dar o fora. Mas eu sei que não é assim que a banda toca. Outros homens virão, homens piores que ele, então eu tenho que me apegar ao melhor que possuo no momento.

— Relaxe... — Surpreendo-me quando sua mão acaricia levemente meus cabelos. Ele beija minha testa, minhas pálpebras molhadas e, por fim, a minha boca. Eu gosto dos seus beijos, gosto muito do que seus toques me causam também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O rapaz em cima de mim não é mais o cara que agiu comigo tão grosseiramente alguns minutos atrás. Esse gesto de ternura é pior do que qualquer agressão física, ao menos para mim. Eu queria odiá-lo e queria que ele terminasse logo com isso, mas não é o que acontece.

Ondas de prazer e um langor se instalam em meu corpo no momento em que ele acaricia meus seios desnudos, com movimentos firmes, mas delicados.

Ao sentir os movimentos do seu membro dentro de mim outra vez, percebo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ainda dói, mas não é totalmente um incômodo.

— Por quê? — ele pergunta e eu entendo de imediato ao que se refere.

— Circunstâncias — respondo, minha voz rouca pelo choro e todas as sensações mistas que a pressão de seu membro deslizando dentro de mim está causando.

Um pequeno sorriso alcança seus lábios quando sua cabeça se inclina e ele enterra o rosto na curva do meu pescoço, bem próximo ao meu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso te contar uma coisa? —
assinto, sentindo seu hálito mentolado
misturado com bebida. — Eu nunca comi
uma virgem antes... esse será o nosso
segredo.

E então ele troca de posição e enfia de
novo. Dessa vez, consigo soltar um
gemido que não seja de dor. Sua pele
friccionando contra o meu ponto mais
sensível me causa sensações
desconhecidas e me faz querer cravar
minhas unhas em suas costas, mas me
contenho.

PERIGOSAS ACHERON

Quando terminamos, ainda me sinto muito dolorida. Ele sai de dentro de mim, arfante, e encosta sua testa na minha.

— Você está bem? — pergunta, desgrudando as mechas de cabelo da minha pele suada.

— Sim.

— Eu ainda não sei o seu nome.

— Valentina — respondo, ainda olhando nos olhos dele. — E o seu?

— Você não gostaria de saber meu nome, Moça Bonita. Acredite.

Decido não dizer mais nada, afinal não estou aqui para fazer perguntas.

Ele se levanta da cama. Quando percebo, já está praticamente todo vestido.

Ah, claro! É assim que as coisas funcionam. Eles se deitam, pagam e vão embora. O que eu estava esperando? Um pedido de namoro e um convite para jantar?

Ele se aproxima da cama novamente, e eu reprimo a vontade que sinto de beijá-lo nem que seja uma última vez. No entanto,

ele nem sequer toca em mim. Joga ao meu lado várias notas de cem reais, o dobro — talvez o triplo — do que eu ganharia com qualquer outro cliente. Então minha ficha finalmente cai, e eu me sinto mal pela milésima vez na mesma noite, mas logo a necessidade sobrepõe meu orgulho. Avanço até o dinheiro que ele me deu e conto as notas quase sem acreditar. Isso dará para pagar o aluguel e os medicamentos.

— Obrigada — falo, mas logo me arrependo. Eu não deveria estar agradecendo. Foi uma troca de favores:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu dei o que ele precisava e ele retribuiu.

— Mas isso é muito dinheiro.

— Considere isso como uma compensação pelo sangue nos lençóis — replica, me fitando de uma forma que eu não consigo decifrar.

— Você vai voltar? — a pergunta sai antes mesmo que eu me dê conta.

O rapaz bonito permanece me olhando, como se estivesse analisando a situação. Por fim, balança a cabeça em negativa e responde:

PERIGOSAS ACHERON

— Eu nunca volto.

Não compreendo muito bem o que ele quer dizer com isso, mas não dá tempo de perguntar, pois ele simplesmente se vira, destranca a porta e sai do quarto.

Imediatamente sou tomada por uma terrível sensação de abandono e me pergunto se será assim sempre. Passo longos minutos ruminando sobre o que acabou de acontecer aqui e sei que foi diferente de tudo o que eu havia imaginado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

Valentina

Aliso pela terceira vez o longo vestido verde-escuro que abraça perfeitamente as curvas desenhadas em meu corpo. Em sua lateral direita há uma fenda que se inicia no meio da coxa e desce em um caimento excelente, expondo somente o necessário da minha pele bronzeada. Não é preciso uma meia-calça, e as sandálias de tiras finas e salto agulha combinam

PERIGOSAS NACIONAIS

perfeitamente com a vestimenta, dando um ar mais elegante, transmitindo a impressão de que minhas pernas são mais alongadas.

A maquiagem é carregada, propícia para a noite: batom *nude*, acompanhado por olhos bem marcados, ressaindo minha íris de um tom curioso de castanho claro. Joias discretas e reluzentes enfeitam minhas orelhas e pescoço, e para finalizar, um coque elegantemente bem trabalhado oculta o comprimento dos meus cabelos escuros.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estou muito nervosa. É a primeira vez, dentro de cinco anos de trabalho na boate da Lady Mag, que irei em um evento como acompanhante.

A boate *Sexy Symbol* (para não dizer “casa de prostituição”) é um bordel de luxo, localizado em Copacabana. As garotas que aqui trabalham são escolhidas a dedo e somente as melhores vão a eventos como acompanhantes. Estas, ganham uma bolada de aproximadamente três vezes mais do que uma garota de programa qualquer conseguiria em uma única noite, chegando a ter o privilégio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de, em algumas das vezes, se livrarem do sexo.

Eu estou torcendo internamente para que não role nada a mais essa noite. Por mais que já esteja há um bom tempo nesse ramo e tenha passado por muita coisa ao longo desses anos, eu simplesmente detesto ter que me deitar com esses homens. Sempre detestei.

Aprendi, ao longo do tempo, algumas táticas. Como, por exemplo, pensar em outra coisa enquanto eles "estão em ação", mas às vezes é difícil, nem sempre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou preparada e chega a doer na maioria delas.

Nesta noite eu serei acompanhante de um homem muito poderoso e influente no meio social. Segundo Lady Mag, um importantíssimo senhor da alta sociedade carioca. Eu já estou acostumada com homens desse tipo — de mais idade — e até prefiro o sexo com eles, que são menos agressivos. No entanto, eu espero com veemência que a sorte esteja do meu lado e faça com que ele, no mínimo, broche bem na *hora H*.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está pronta, Val? — Lady Mag indaga, aparecendo na porta do quarto que usamos para nos preparar.

Magnólia é uma mulher belíssima e que não passa despercebida por onde quer que vá. Seus cabelos loiros vão até as costas em ondas bem formadas. A pele é macia e muito bronzeada, possui um corpo escultural, graças às diversas cirurgias plásticas, e uma beleza facial estonteante. Ela parece uma boneca, mesmo em seus quase cinquenta anos de idade.

— Prontíssima — respondo, dando os

últimos retoques em minha maquiagem.

— Já sabe o que tem que fazer, não é mesmo? Não se esqueça das três regrinhas básicas...

— Nada de beijos na boca, nada de sexo sem proteção e nada de fotos — repito com ela o sermão que já fui obrigada a decorar diversas vezes desde que fui escolhida.

— Certo, o essencial você já sabe — ela sorri. — Boa sorte, querida.

Eu assinto enquanto Lady Mag me

analisa. Ao constatar que está tudo em perfeita ordem, ela me orienta a ir.

Quando entro na bela limusine com motorista particular, fico admirada. O carro é amplo e extremamente luxuoso. Há uma divisória automática separando-me do motorista, a fim de proporcionar mais privacidade aos passageiros. Seja lá quem for esse homem, ele é muito rico.

Já tive minha cota de clientes endinheirados antes, mas nenhum que me tratasse dessa forma. Quando Lady Mag me disse que o homem havia insistido em

mandar uma limusine particular para me buscar na boate, eu mal acreditei. Nós não estamos acostumadas a essas regalias. O máximo que as meninas conseguem é um jantar em um restaurante caro, e isso acontece bem raramente, pois a maioria dos clientes são homens com *esposas troféus* em casa, que estão à procura de um sexo bem feito e não o seu rosto estampado nas colunas sociais ao lado de uma possível amante.

Chego no prédio por volta das 21h00min. Lá em cima, três homens me aguardam. Um deles é alto e parece ter

PERIGOSAS ACHERON

por volta dos trinta e poucos anos. O outro parece ter mais de cinquenta anos, é rechonchudo e seus dedos roliços seguram um copo de uísque. Ele me olha de cima a baixo com uma expressão bastante familiar, mas que mesmo assim me causa asco.

O outro senhor parece ser o mais velho de todos. Ele é alto, tem ombros largos e um porte altivo. Seus olhos são verdes, um verde intenso, e o cabelo é grisalho, num belo tom acinzentado. Ele é esguio e muito elegante. Mesmo que já esteja na casa dos setenta, provavelmente, deve ter

PERIGOSAS ACHERON

sido um homem muito bonito quando jovem.

— Olá, minha querida. Seja bem-vinda — ele me cumprimenta, segurando a minha mão. — Sou Romero Almada.

— Valentina — retribuo com um discreto sorriso.

Ele sorri de volta e se curva para beijar a minha mão, o que me surpreende. Homem nenhum fez isso comigo. Muito menos um de meus clientes.

— É um prazer conhecê-la, Valentina.

Suponho que ainda não saiba aonde iremos.

— Eu já imagino, senhor Romero — provavelmente ele irá me levar em um jantar e me comer no fim da noite, é o plano de todos eles. Forço um sorriso. — Mas adoraria se o senhor pudesse me esclarecer.

— Bem, eu estou planejando levá-la à um leilão beneficente. Não sei se já frequentou um antes, mas acredito que irá adorar.

— Um leilão? — Isso me desconcerta.

Reprimo a vontade de perguntar a ele o que irei fazer em um leilão beneficente e permaneço com a expressão neutra. — Nunca fui. Estou curiosa.

Ele assente e me estende o braço para que eu o enlace com o meu.

— Vamos, detesto atrasos.

E assim, sou guiada para fora. Os homens, que ainda não me foram apresentados, estão logo atrás de nós.

O estacionamento do prédio está abarrotado de automóveis luxuosos que

nem em mil anos vendendo o meu corpo eu conseguiria comprar. Entramos na espaçosa limusine e eu me sento ao lado de Romero, os outros dois de frente para nós.

— Esses são Alex — Romero aponta para o mais jovem, em seguida para o outro senhor — e Estevão. Ambos funcionários importantíssimos de minha empresa e amigos de longa data.

Faço um leve aceno de cabeça para os dois senhores e internamente me pergunto o que um homem como Romero Almada

PERIGOSAS NACIONAIS

faz com uma prostituta inclusa em seu grupo social.

A viagem é rápida e silenciosa, o que não me incomoda nem um pouco. Eu adoro conversar, mas procuro levar as coisas para o lado profissional ao extremo. Eu sei que se envolver emocionalmente com clientes não é uma ideia nada inteligente. Já aconteceu isso com outras meninas antes, e as consequências são as piores que se pode imaginar — desde escândalos nas mídias sociais a suicídio por um amor não correspondido.

PERIGOSAS ACHERON

Minutos depois, já é possível avistar as luzes dos flashes das câmeras de jornalistas e os diversos carros luxuosos ali presentes. Pelo visto, o evento será em um hotel pomposo, localizado em um ponto bastante movimentado da Zona Sul. Fico tensa ao me dar conta do número de fotógrafos que cercam o carro no instante em que a limusine para.

— Algum problema, Valentina? — Romero indaga, provavelmente notando o meu nervosismo.

— Prefiro não ser fotografada, senhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem — ele diz, dando um sinal ao motorista para que dê a volta, de modo que possamos passar pela outra entrada, onde há menos gente. Isso me tranquiliza um pouco mais, e eu deixo um leve sorriso escapar.

Ao sairmos do carro, alguns fotógrafos abusados esgueiram-se no intuito de tirar algumas fotos, mas eu, de cabeça baixa, faço o possível para evitar os flashes, lembrando-me das palavras de Lady Mag:

"As fotos são sinônimo de problemas e devemos estar cientes disto!".

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passamos pelos portões e adentramos o enorme lobby do hotel. Belíssimos casais caminham por ali, todos vestidos elegantemente. Alguns conversam e apreciam a bebida e comida finíssimos, aguardando o evento ser iniciado.

Romero, por ser um homem bastante conhecido, para por diversas vezes para cumprimentar senhores de alta classe e suas esposas. Fico um pouco apreensiva quando sou apresentada, mas, muito educados, ninguém comenta nada.

O leilão começa e nos sentamos em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cadeiras reservadas, destinadas especialmente ao evento. Diante de nós há diversas e, provavelmente, caríssimas garrafas de vinhos, cujos rótulos eu não me arrisco em descrever.

Romero me explica que cada garrafa daquelas carrega vinhos raros e estimados, por isso são muito caros e que o dinheiro do leilão será destinado à uma instituição de caridade chamada Lar Menino Jesus. Não procuro entrar em detalhes e fico calada boa parte do tempo.

No fim, Romero arremata duas garrafas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caríssimas de um rico vinho italiano e, como já era previsto, todo o dinheiro irá para a tal instituição de caridade que antes havia mencionado.

— Minha falecida esposa costumava visitar as criancinhas do Lar Menino Jesus e fazer doações — me explica enquanto nos levantamos para nos juntarmos a um grupo de amigos que bebem e conversam animadamente. — Hoje, faço isso sempre que posso. É uma forma de assegurar que ela fique mais tranquila, onde quer que esteja.

PERIGOSAS ACHERON

— Entendo. É um gesto muito bonito da sua parte — falo, realmente admirada.

E assim, ficamos até o fim do evento, falando apenas banalidades.

No fim da noite, Romero leva-me de volta à cobertura e eu fico tensa. Não que ele seja repulsivo, aliás o homem é muito educado e foi um cavalheiro o tempo todo, mas cada vez que eu tiro a minha roupa para um homem, sabendo o que virá a seguir, em vez de me acostumar, sinto-me pior e mais desconfortável.

— O senhor prefere que fiquemos

onde? — indago, louca para terminar logo com isso e ir embora.

— Aqui na sala está ótimo — ele responde. — Aceita beber algo?

Não estou acostumada a aceitar bebida dos clientes, mas resolvo não recusar esta noite.

— Uísque, por favor.

— Boa pedida — ele se levanta e me serve.

Os outros homens não estão mais conosco. Nos deixaram sozinhos logo que

chegamos ao apartamento.

Ele senta na poltrona e recosta o braço casualmente no apoio.

— Sente-se, Valentina — Faço o que me foi ordenado e me acomodo em um dos imensos sofás.

Ele me olha por alguns instantes, me admirando enquanto eu observo mais atentamente o local. É um apartamento bonito, amplo e sofisticado.

— Gostou? — indaga.

— Sua residência é muito bonita,

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor — assinto, sentindo meu rosto ficar ruborizado.

— Eu não moro aqui, mas venho sempre que preciso espairecer. Tenho muitas outras residências espalhadas não só pelo Rio de Janeiro, como em outras localidades, mas isso não vem ao caso agora — ele faz uma pequena pausa antes de dar um gole em seu uísque e mudar de assunto. — Quantos anos você tem?

— Vinte e três — respondo.

— Tão jovem. O que lhe fez se tornar garota de programa, Valentina?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por um momento, sinto-me como se estivesse em uma entrevista de emprego do que em um ritual *pré-coito*, mas eu estou gostando de apenas conversar e pretendo que ele estenda isso por muito mais tempo.

— Eu ainda era muito jovem quando o meu pai faleceu — explico. — Logo a minha mãe também ficou doente. Eu tinha uma irmã pequena para sustentar e percebi que as coisas não eram como vimos nos filmes. Soube da boate de Lady Mag e resolvi me arriscar.

PERIGOSAS ACHERON

— Compreendo. Deve ser muito difícil sustentar a família sozinha tão nova. Vocês não tinham nenhum tipo de auxílio?

— Nunca tivemos — respondo, me lembrando das diversas vezes em que tentei aposentar a minha mãe por invalidez quando sua doença se agravou, mas de nada adiantou.

— Onde está sua família agora?

— A minha mãe faleceu há alguns anos. Eu tenho uma irmã e uma tia que moram no Espírito Santo. São minha única família no momento. Elas nem sequer

imaginam o que eu faço aqui.

— E você se sente bem trabalhando na boate?

— É um trabalho como qualquer outro, senhor — esquivo-me.

Romero dá um leve sorriso, determinação escrita em seus olhos.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta.

Dou um longo gole na bebida, que desce queimando por minha garganta. Eu sei que não deveria falar mal do que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

faço, nem arriscar que isso caia nos ouvidos de Magnólia, mas não consigo me conter.

— Não é muito confortável ter que se submeter a fazer o que não se quer, com quem não quer — respondo com sinceridade. — Mas hoje é menos complicado. Já passei por coisa pior no começo.

— Como por exemplo...?

— Agressão física, xingamentos... essas coisas — estremeço ao me recordar de coisas tão desagradáveis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você deve ganhar muito bem para ser capaz de suportar esse tipo de coisa, não?

— O que eu ganho não é nada mal, mas grande parte envio para a minha irmã mais nova. Ela precisa custear os estudos e arcar com as despesas, que são muitas.

Ele franze a testa e balança o copo em movimentos circulares. Observo enquanto as duas pedras de gelo se chocam uma na outra, fazendo um leve tilintar.

— Você chegou a estudar, Valentina?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cursei somente até o Ensino Médio, senhor — me remexo em meu assento, perceptivelmente constrangida. Esse homem provavelmente possui dezenas de diplomas e qualificações.

— Você sacrificou os seus estudos em prol do bem-estar de sua família?

— Sim — respondo com firmeza. — E não me arrependo de nada. Eu já estou perdida na vida, tenho que garantir que a minha irmã não termine como eu.

Ele balança a cabeça, fazendo um gesto de compreensão, e coça o queixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é muito bonita — diz. — É diferente... diferente das outras garotas da sua idade que eu conheço. A minha Angélica era muito parecida com você. Determinada, capaz de dar a vida por quem ama. Talvez tenha sido essa qualidade que fez com que eu me apaixonasse.

Sinto minha testa se enrugando, visivelmente confusa, e ele esclarece:

— Angélica era o nome da minha esposa. Ela faleceu no ano passado, de câncer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh — murmuro, sem saber ao certo o que dizer. — Sinto muito.

— Eu sei que sente — pronuncia, me deixando levemente desconcertada. — Você tem coração, diferente de tanta gente por aí. Consigo perceber isso.

Eu estou ficando confusa com essa conversa toda, mas decido concordar. É realmente difícil encontrar alguém de coração bom hoje em dia.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — questiono.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, minha querida.

— Me desculpe se eu estiver sendo atrevida demais, mas... por que convidou uma garota de programa para um evento como aquele? E por que estamos apenas conversando, quando o senhor poderia estar usufruindo do que pagou?

Imagino que ele vá ficar irritado ou, no mínimo, interpretar mal a minha pergunta, mas sou surpreendida quando ele sorri.

— Porque você me parece ser uma moça bastante agradável e eu me sinto muito solitário às vezes. Necessito de

uma companhia para uma boa conversa. E respondendo à sua segunda pergunta: eu sei que não é esse o seu desejo. Por mais que você seja uma mulher lindíssima, tem idade para ser minha neta — ele gargalha e eu não consigo evitar sorrir de volta.

Fico sem saber o que falar. Romero é um homem muito agradável, me deixou confortável e aliviada, mas também muito intimidador, e eu não gosto muito disso.

— Você sonha em sair dessa vida? — ele retorna ao assunto.

— É o que eu mais quero.

— Quem sabe um dia você fique rica.

Eu rio.

— Pouco provável, senhor. Mas, contanto que eu saia dessa vida e encontre um homem de bom coração, já estará de bom tamanho.

— Nada é impossível, Valentina — verbaliza para, logo após, tomar um gole de sua bebida e fixar os olhos em mim intensamente.

Há algo no olhar dele que me traz um sentimento de nostalgia. Me faz lembrar

alguém. Mas... quem?



A semana passa rapidamente. A movimentação na boate é fraca e eu não tenho tantos clientes no decorrer, como de costume. Isso, por uma parte, me deixa aliviada, mas por outra é ruim, pois significa que terei que me virar mais tarde para conseguir o resto do dinheiro que ganharia fazendo meu número costumeiro de programas. Depois de Romero, ainda não fui escalada como PERIGOSAS ACHERON

acompanhante de nenhum cliente e me entristeço com isso. Em um pensamento tolo, desejo que a minha vida como meretriz se resumisse basicamente isso: um evento social acompanhado de uma boa conversa no fim da noite. Mas eu tenho que encarar a realidade, a *minha* realidade, infelizmente.

Dentro do pequeno quarto que Magnólia me cedeu logo após o falecimento da minha mãe, sento-me no puído sofá de segunda mão. Com um prato de pizza requentada no colo, disco ansiosamente o número do celular da

PERIGOSAS ACHERON

minha irmã.

Já faz quase duas semanas que não falo com Melissa e sinto-me muito mais sozinha sempre que isso acontece. Ela tem uma vida acadêmica corrida, estudando dia e noite, e não tem muito tempo para dedicar a mim. Eu não reclamo, pois acho melhor que se preocupe consigo mesma antes de perder seu tempo com uma irmã carente e perdida no mundo.

Depois de vários toques sem resposta alguma, decido ligar para a casa da tia

Eurídice. Talvez ela saiba onde Melissa se meteu.

— Sim? — minha tia atende no terceiro toque. Sua voz rouca, mais pelo cigarro do que pela idade, soa um pouco incomodada.

— Oi, tia Dice. Aqui é a Val.

Eu sempre fico desconfortável quando falo com a minha tia. Ela finge não saber o que eu faço, mas eu sei que ela está ciente de que trabalhando em uma lanchonete — como eu mesma digo — eu não conseguiria arcar com a faculdade de

Melissa e ainda me manter aqui no Rio de Janeiro.

— Oi, Val. Como vai?

— Estou bem, e a senhora?

— Bem, na medida do possível. Minha coluna anda me matando e o que recebo da minha aposentadoria mal dá para pôr comida na mesa — se queixa. — Você sabe que sustentar três bocas não é o mesmo que uma só, não é mesmo, minha filha?

— Entendo, tia Eurídice — respondo

depois de respirar fundo. É sempre a mesma conversa toda vez que me comunico com ela. — O dinheiro que mandei para a senhora não foi o bastante?

— Nós temos muitas despesas, Val. Nunca é o bastante. Para completar, o Bernardo resolveu machucar a perna jogando futebol. Vai ter que fazer uma cirurgia.

Rolo os olhos. Bernardo é o meu primo de vinte e oito anos. Um vagabundo que não quer saber de mais nada na vida além de enfiar o traseiro em um campo de

futebol e jogar com os amigos. Mas quem sou eu para julgá-lo?

Aperto com força o celular e massageio minha nuca, tentando me livrar do desconforto repentino devido à tensão. Eu sei que não estou fazendo o suficiente. Talvez se eu me esforçasse um pouquinho mais, conseguiria muito mais clientes e muito mais dinheiro em uma noite só. Me preocupei tanto em não ter que me submeter mais aos programas constantes, que me esqueci que tinha uma família precisando de mim.

— Eu vou dar um jeito de ajudar o Bernardo com a cirurgia, tia Dice, não se preocupe — Mesmo que eu não concorde com algumas atitudes deles, são minha única família e seria muito egoísta da minha parte me recusar a ajudá-los em um momento de necessidade.

— Oh, Val. Sempre tão boa conosco! — a mulher exclama, animada. — Não sei o que seria da minha vida sem você, menina.

É, eu também não...

— Família serve para essas coisas, tia

PERIGOSAS NACIONAIS

— digo. — A Melissa está em casa? Liguei para o celular dela, mas ninguém atendeu.

— Sim, ela está no quarto. Só um minutinho que irei chamá-la.

Agradeço e aguardo. Em seguida, escuto a voz da minha irmã mais nova no outro lado da linha.

— Oi, Mel — cumprimento, animada por enfim poder falar com ela. — Como você está?

— Estou bem — responde. — E você?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou melhor agora, falando com você. Estava com saudade, já faz um tempinho que não nos falamos.

— Faz só duas semanas, Valentina —
Imagino Melissa revirando os olhos do outro lado da linha.

— Eu sei, mas para mim é muito tempo.

— Certo — murmura, seca. — Val, quando é que você vai mandar o resto do dinheiro que prometeu, hein?

Franzo o cenho. É por isso que ela está tão seca comigo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu enviei ontem — respondo, encolhendo as pernas no sofá.

— Não o dinheiro todo. Eu preciso comprar os livros do novo período, que são caríssimos.

— Bem, não dá para você segurar as pontas até o fim do mês?

— Você sabe que não.

Me remexo desconfortavelmente no sofá e deixo de lado o prato de pizza. Perdi o apetite completamente.

— Tudo bem — respondo, um pouco

PERIGOSAS ACHERON

ressentida com a sua reação. — Eu darei um jeito de resolver isso para você. O movimento aqui não foi tão bom ultimamente.

Ela fica calada. Também desconfio que Melissa saiba sobre o meu trabalho, mas aceita sem titubear quando lhe envio o dinheiro todo mês.

Melissa vai fazer dezenove anos e está cursando faculdade de enfermagem, o que sempre desejei desde pequena e não tive a oportunidade de fazer. Era o sonho da minha mãe nos ver formadas e com um

belo diploma de ensino superior enfeitando a parede da sala. Infelizmente, ela morreu sem ver o seu desejo ser realizado. Ao menos Melissa pôde lhe dar esse orgulho, e sei que ela está feliz, onde quer que esteja.

Mamãe nunca soube o que eu fazia. Ela já estava doente quando comecei a trabalhar na boate, e seria pesado demais ter ciência disso. Ela morreu achando que eu pagava seus remédios trabalhando como garçonete em um bar e com ajuda de economias. Tia Eurídice, logo após a morte da minha mãe, resolveu ficar com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

guarda de Melissa, e agora nós nos vemos raramente. Eu arrumo um tempinho para visitá-las sempre que posso.

— Val, eu preciso desligar — Melissa volta a falar. — O Tito está vindo me buscar para sairmos.

— Quem é Tito?

— Um carinha com quem estou ficando.

— Certo — Eu não estou gostando nada nisso. Melissa é muito nova para sair sozinha com um cara que talvez mal conheça. — Para onde vão?

PERIGOSAS ACHERON

— Cinema.

— Melissa, você está se cuidando...?

— Não começa, Valentina! — ela me corta. — Acho que seria mais válido se você se preocupasse em *se* cuidar, antes de se meter na minha vida. — Ela enfatiza o "se" e, surpreendida, eu fico um bom tempo calada na linha.

Finalmente, limpo a garganta e volto a falar:

— Eu me preocupo com você porque te amo, Melissa — admoesto. — E não é

PERIGOSAS NACIONAIS

porque você já é maior de idade que irei deixar de pegar no seu pé e querer o seu bem.

— Eu sei, me desculpe — ela abrandando o tom. — Preciso desligar agora.

— Tudo bem. Divirta-se.

— Tchau.

Quando ouço o bip, indicando que a ligação foi encerrada, sinto uma vontade imensa de chorar, mas me controlo. Melissa costumava ser mais amável comigo, mas o tempo passou e é

PERIGOSAS ACHERON

perceptível sua mudança de comportamento. Talvez eu mereça isso, afinal deixei ela ser levada para morar com minha tia Eurídice com apenas quinze anos de idade, mesmo ela deixando bem claro que não era esse o seu desejo. Mas eu não podia ficar com Melissa depois da morte da minha mãe. Não tinha nem como sustentar a mim mesma, e não iria suportar ver a minha irmã descobrir, de uma hora para a outra, o que eu fazia todas as noites em que saía para trabalhar. Foi melhor assim. Logo que eu conseguir um emprego melhor, irei

PERIGOSAS NACIONAIS

buscá-la para morar comigo. Tudo vai se resolver.

Suspiro e preparo-me para descansar, lamentando o fato de que agora eu terei que voltar para o pole dance, ao menos até conseguir o resto do dinheiro de que Melissa precisa. Ajeito o alarme do meu celular para às sete da noite em ponto, uma hora antes de a boate começar a funcionar e, perdida nos pensamentos e sonhos de que um dia eu, finalmente, me livrarei desse inferno, eu durmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

Valentina

As potentes caixas de som tremem quando a voz de Cassie entona sensualmente a letra de *Me & U*.

Eu, em minha posição no palco montado para o show diário das *strippers*, me movimento quase que automaticamente entre expressões sensuais e embalo dos quadris.

Não uso nada mais que uma fina

PERIGOSAS ACHERON

lingerie vermelha, meia-calça e um salto que me deixa uns 15 centímetros mais alta. Me enrosco na haste cromada em posição vertical e faço alguns passos de pole dance enquanto um único holofote me ilumina com sua luz incandescente. A fumaça artificial atrapalha um pouco a minha visão, mas não chega a ser um incômodo, visto que já me acostumei com ela.

Fui muito bem treinada ao longo desses anos para saber exatamente do que esses caras gostam. Adquiri experiência suficiente para me dar conta de que um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simples passo de dança sensual, acompanhado de um sorriso safado, quando bem feito, pode desestabilizar os hormônios de qualquer homem, e é para isso que servimos.

Dançamos e os excitamos.

Excitados, eles perdem dinheiro conosco.

Tudo não passa de uma jogada muito bem arquitetada.

Mesmo com todos os prós, essa merda é cansativa. Não que eu não goste de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dançar, afinal eu adoro, mas odeio fazer isso por obrigação, tendo como único propósito seduzir e arrancar algumas cédulas sujas no final da noite.

Quando se entra para o mundo da prostituição você tem que ter ciência de que o seu corpo, a partir do primeiro cliente, não será mais seu. Você tem que aceitar o fato de que será apenas uma máquina programada para o prazer e atender à todas as fantasias libertinas que os homens não conseguem realizar em casa, seja diante de uma relação desgastada ou simplesmente carência

PERIGOSAS ACHERON

física.

Nós, garotas de programa, não somos valorizadas. Nunca fomos. Mal passa pela cabeça dessa gente que temos um coração pulsando por trás dos seios fartos, derramamos lágrimas e borramos a maquiagem pesada. Sentimos dor e sofremos quando algo não está certo com o nosso objeto de trabalho: o corpo.

Conheço muitas meninas da boate que já estavam aqui quando entrei. Muitas trabalham para sustentar um filho ou, até mesmo, bancar os próprios estudos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas namoram, outras são viciadas em sexo e se divertem com o que fazem, tendo isso como única saída. Há até as que se consideravam pudicas na adolescência, como eu, e que não tiveram escolha senão se jogar de cabeça nessa merda.

Todas nós, independentemente do motivo de estarmos nessa situação, sofremos, nos alegramos — mesmo que raramente — sorrimos, choramos, amamos, sentimos.

Eu sou uma das poucas que ainda não

PERIGOSAS ACHERON

aceitou o destino que escreveu para si mesma, cinco anos atrás. Enxergo a minha vida como um rascunho. Um rascunho mal feito que servirá como exemplo para que eu seja capaz de saber o que fazer no final de tudo. Um incentivo que me fará seguir em frente e reescrever tudo corretamente, um dia. Eu sei que irei conseguir. Eles têm meu corpo, mas nunca permitirei que invadam o meu coração.

A alguns metros de distância já é possível notar a expressão de um homem me observando. Casado, provavelmente. Os casados ficam mais distantes, ariscos, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e esses são alvos fáceis, pois na maioria das vezes estão aqui por causa de um conflito na relação e, conseqüentemente, bêbados.

Ele vem até mim e eu respiro fundo antes de congelar uma expressão sensual na cara. Em minha calcinha, ele põe uma nota de cinquenta e me puxa pelo braço. Sinto repulsa imediatamente, mas consigo disfarçar bem. Ele não diz nada, não é preciso. Subimos para um dos quartos e nos trancamos.

Tudo ocorre rápida e automaticamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como sempre acontece, tiramos a roupa, ele me come. Eu simulo alguns gemidos, ele goza, eu não.

No final de tudo, saio do quarto com um bom pagamento em mãos e a sensação horrível do cheiro de sexo embrulhando o meu estômago.

Mais dois clientes me arrastam para o quarto na mesma noite e, ao fim dela, corro imediatamente para o banheiro. Meu corpo convulsiona enquanto me dobro diante da privada e despejo com força tudo o que comi e bebi durante o dia.

PERIGOSAS ACHERON

Fraca, depois do tempo considerável que fiquei vomitando, me levanto e adentro o pequeno box atrás da fina cortina de plástico. Giro o registro do chuveiro até o seu limite e deixo a água escorrer por meu corpo usado. Esfrego com força cada milímetro da minha pele, desejando fazer o mesmo com a minha alma ferida.

Sinto nojo, vergonha e raiva. Nojo do que me tornei por falta de opção, vergonha de que um dia minha família venha a realmente descobrir o que sou e raiva por não poder fazer nada para sair

PERIGOSAS ACHERON

dessa vida.

Durmo já de madrugada, enrolada nos lençóis velhos, com o rosto inchado de tanto chorar e a esperança estúpida de que algum dia isso mude.



— Valentina?! Valentina! — acordo com os gritos e sacolejos de Lady Mag que, desesperadamente, invade o meu quarto.

— O quê? — levanto-me, assustada e

PERIGOSAS ACHERON

atordoadada. — O que aconteceu?

— O que aconteceu? Como assim "o que aconteceu"? Você ainda pergunta?!

Pisco várias vezes até conseguir recobrar meu raciocínio e, por fim, massageio meus olhos tentando ficar mais desperta.

— Eu não sei do que você está falando, Mag.

— Eu estou falando disso, Valentina! — esbraveja, me atirando algo com força.

Baixo o olhar e dou de cara com a

última coisa que poderia imaginar ver. É uma revista comum e bastante famosa, que passaria despercebida por mim se a minha foto não estivesse na capa. E para piorar a situação, ao meu lado está ninguém menos que Romero Almada.

Merda!

— Depois de tanto te alertar, garota — Lady Mag me repreende. — Depois de tanto te recomendar, você me apronta uma dessas?

— Eu... — balbucio — eu não tive culpa, não sabia.

— Como não sabia? Eu avisei para que você não se permitisse ser fotografada e agora o seu rosto está estampado nas colunas sociais como um possível *affair* de um dos maiores empresários do país!

— Magnólia, me desculpe. Eu tomei o maior cuidado, eu juro!

— Não importa, Valentina. Eu não irei permitir que você seja mais acompanhante da próxima vez. É arriscado demais. Se a imagem da minha boate ficar suja, isso pode ferrar não só com a minha vida, mas com a de muita gente aqui dentro, você

me entendeu?

— Eu sei disso, mas você não pode simplesmente me tirar o direito de ser acompanhante. Isso não é justo! — protesto, sendo inundada pelo desespero.

— É claro que posso, sou a chefe — sibila furiosa. — A vida nem sempre é justa, minha querida. Eu lhe dei uma chance e você não soube aproveitar, agora ficará como a maioria das garotas daqui. Fará programas diários e nada de regalias.

— Mas, Mag, eu preciso desse dinheiro. Não... — Eu ia dizer que não aguentava

mais ter que ir para o pole dance, me expondo como uma mercadoria todos os dias, mas engulo minhas palavras, sabendo que não tenho muita opção caso ela resolva me botar para correr daqui.

— Sem "mas", Valentina — diz, se aproximando de mim, seu tom totalmente afiado. — Gosto de você e sempre fui muito boa com as minhas meninas, mas esse negócio é meu e sou eu quem dita as regras aqui, não se esqueça disso.

Sem me dar chances para que eu fale mais nada, Magnólia sai do quarto, altiva

como só ela consegue ser.

E lá vamos nós novamente...

Me enrolo na cama como um feto, recordando-me de quando eu era criança. As coisas eram, em até certo ponto, boas. Lembro-me que meu pai, toda vez que vinha do trabalho, tinha algo de novo para me mostrar. Ele trabalhava em uma fábrica de brinquedos e sempre que algum produto saía defeituoso, apanhava antes que fosse jogado fora e trazia para casa. Melissa nunca gostou dos brinquedos quebrados que papai lhe dava, mas eu

adorava. Adorava pelo simples fato de ter sido um presente seu. Naquela época, minha mãe nem sonhava com sua doença, sempre esbanjando saúde. Meu pai morreu um tempo depois atropelado quando atravessava o sinal de trânsito, perto de onde morávamos. Até hoje não me esqueço da sensação horrível em receber aquela notícia e a expressão de minha mãe, sabendo que teria que suportar tudo aquilo sozinha dali em diante.

Sinto algo vibrando bem debaixo das minhas costelas e me dou conta de que é o meu celular. Viro de lado e olho na tela.

PERIGOSAS ACHERON

Achando estranho o número desconhecido, decido atender. A voz do outro lado da linha é grossa e totalmente formal.

— Senhorita... Valentina Donato?

— A própria — respondo. — Quem deseja?

— Sou Alex Gusmão. Advogado de Romero Almada.

Meu sangue gela no mesmo instante. Quando um problema vem, ele tem que carregar consigo uma tonelada de

PERIGOSAS NACIONAIS

semelhantes, todos dispostos a atormentar de uma única vez. Romero, provavelmente, já viu a nossa foto estampada nas revistas e agora está mais do que disposto a me enfiar numa guilhotina e depois chutar a minha cabeça.

Respiro fundo e indago, com uma falsa tranquilidade na voz:

— Algum problema, senhor?

— Romero deseja falar com a senhorita. Que horário fica mais confortável para marcarmos uma pequena reunião?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Reunião?

— Exatamente. Amanhã às onze, que tal?

— Pode ser, mas... sobre o quê o senhor Romero deseja tratar?

— Tudo será esclarecido amanhã, senhorita Valentina. Te passarei o endereço e aguardaremos — fala. — Passar bem.

Logo após me informar o endereço do escritório de Romero, o homem desliga o telefone. Fico pasma. Não quero pensar

PERIGOSAS ACHERON

muito nisso, mas é inevitável ignorar a mescla de medo e nervosismo que se alojam em mim. O que farei de hoje em diante caso Romero venha a me ameaçar? Homens como ele têm uma forma diferente de lidar com determinadas coisas, e eu não sei se estou preparada para isso. Sou apenas uma garota de programa órfã que tem uma irmã mais nova para sustentar.

Volto a pensar nas palavras de Lady Mag. A ideia de ter que continuar como uma puta qualquer e a possível ira de Romero duelam em minha mente, me

PERIGOSAS ACHERON

deixando em dúvida sobre qual delas é a pior.

À noite, vou para o salão e para o pole dance, como sempre. Faço alguns programas e consigo não vomitar nem chorar dessa vez.

No dia seguinte, amanheço com o coração palpitante e o endereço em mãos, me preparando para ir a essa tal reunião.

O escritório de Romero fica em uma avenida bastante conhecida do Rio de Janeiro. É um prédio elegante e imponente, onde no topo está escrito com PERIGOSAS ACHERON

letras enormes "Almada Construtora". É uma empresa de grande porte e bastante reconhecida. Não que eu me interesse nesse tipo de coisa, mas costumo ler muitos jornais e já vi o nome da empresa estampado em diversas colunas sociais.

Ao adentrar a recepção, sinto como se todo mundo já soubesse que eu viria. No andar da diretoria, não tenho problemas com a secretária — que se mostra muito simpática — nem quando adentro a sala de Romero, que já me aguarda com um homem em seu encalço. Reconheço de imediato o tal senhor que estava conosco

PERIGOSAS ACHERON

na noite do leilão.

— Sente-se, Valentina — Romero me sugere. — É um prazer revê-la.

Faço o que ele diz e o fito nervosa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Muitas coisas acontecem o tempo todo, minha querida, e nós não temos controle sobre nada — divaga. — Deseja beber algo?

— Não, obrigada — recuso, indo direto ao ponto: — Olha, se o senhor me chamou aqui para falar sobre a confusão das

fotos, eu peço mil desculpas. Sei que todo esse negócio é bastante incômodo e talvez o senhor não se sinta confortável. Eu entendo perfeitamente, mas não tive culpa.

Sua testa se enruga.

— Como?

— As fotos — esclareço. — Toda essa confusão e especulações da mídia.

— Ah, sim — ele ri. — Devo admitir que nossa breve conversa há algum tempo foi bastante interessante e me deixou

encabulado. Me fez enxergar alguns pontos por ângulos diferentes. Não me importo com o que essas pessoas falam ou deixam de falar, minha cara. O importante é ter a consciência limpa, não concorda?

— Bem... sim, mas o senhor é um homem muito rico e influente. Eu imaginei que isso fosse ser um empecilho nos seus negócios. É óbvio que eles estão me tachando como uma *ninfeta* aproveitadora. Eu não gosto disso.

— Eu também não, Valentina, mas nem tudo é do jeito que desejamos.

E eu que o diga...

Quando ele retorna a falar, sua voz sai serena, o que é um contraste gritante para a turbulência que é o meu estado emocional nesse momento:

— Na verdade, o motivo de eu ter lhe chamado até aqui é porque gostei muito de conversar com você e adoraria conhecê-la melhor.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Quero sua companhia, minha querida
— responde, de modo pacífico.

— O senhor quer que eu seja sua... —
baixo um pouco o meu tom de voz, como
se estivesse envergonhada das palavras
que virão a seguir — acompanhante fixa?

Ele ri e balança a cabeça.

— Oh, não. Eu já falei que você tem
idade para ser minha neta, e nunca trairia
a memória da minha Angélica — seu
sorriso desaparece. — Eu lhe chamei
aqui, pois estou precisando muito de
alguém de confiança, Valentina.

— Alguém de confiança? — repito,
confusa. — O que deseja de mim então,

senhor?

— Quero lhe ajudar e, em troca, você me ajudará também.

Certo. Eu, definitivamente, estou bastante confusa e não preciso nem mencionar o fato de que isso não me agrada nem um pouquinho, não é?

— Eu ainda não sei se entendi, senhor Romero — minha garganta está seca, e eu já me arrependi de não ter pedido uma água logo que cheguei. — De que forma poderei ajudá-lo?

— Vindo morar comigo.

Fico imóvel enquanto as palavras de Romero Almada ainda reverberam em minha mente. Na verdade, elas quicam como uma tremenda e pesada bola de basquete.

Tentando assimilar melhor a informação, eu limpo a garganta e arregalo os olhos, como uma tentativa de me manter mais atenta.

— O que disse?

— Eu disse que quero que você venha

morar em minha casa. Ao meu lado — ele sorri.

Minhas pernas fraquejam e a minha respiração se dificulta.

Romero Almada: um homem rico que poderia ter — e tem — tudo e todos aos seus pés, me pedindo para morar com ele.

Surreal.

— Isso é alguma brincadeira? Se o senhor não se lembra, eu sou... eu sou uma garota de programa — solto com voz baixa. — Não deveria colocar alguém que

não conhece, do nada, em sua casa.

— Eu sei — ele fala. — E eu não estou fazendo isso por um simples impulso, nem estou ficando louco. Eu sou um homem velho que tem suas necessidades e exigências, Valentina. Na verdade, eu estou precisando urgentemente de alguém que me acompanhe. Uma assistente, por assim dizer. Não será necessário que você venha até a Construtora. Eu tenho um escritório em casa e necessito urgentemente de alguém que me auxilie quando eu não estiver aqui.

— Entendo — digo, ainda desconfiada.

— Mas por que eu?

— Por que não você? — responde, com um sorriso enigmático. — E eu estou lhe dando a chance de, enfim, ser livre. De recomeçar e viver a vida que você sempre quis. Gostei muito de você e quero o seu bem, menina.

— O senhor está sendo muito bom para mim, mas eu não sei se posso aceitar sua proposta. Não quero explorar da sua boa vontade. Eu nem sequer tenho experiência.

— Isso nós resolveremos. Posso agora mesmo conversar com uns contatos meus e providenciar uma matrícula para você na melhor universidade particular do Rio de Janeiro, em algum curso no ramo do Secretariado — ele não espera a minha resposta e prossegue: — Isso irá ajudá-la a se qualificar. Com o tempo, você saberá o que fazer. Pagarei seus estudos e, em troca, você trabalhará para mim. Que tal?

— Está falando sério?

— Ainda não deu para acreditar? — Ele se vira para o advogado. — Alex, traga-

me a papelada.

O homem se dirige até a mesa e puxa uma gaveta. Quando retorna, carrega uma pasta e vários papéis na mão.

— Bom, Valentina eu sou um homem muito prático e não gosto de enrolação quando o assunto é "negócios" — ele me estende uma folha. — Aqui está o contrato que eu mandei fazer. Quero que leia e, se estiver de acordo, assine. Começaremos quando você desejar.

Seguro o papel com mãos trêmulas. Meu coração incapaz de se conter no

PERIGOSAS ACHERON

peito. Eu não sei por que esse homem está fazendo isso, mas com certeza irá favorecer a nós dois. Olho para Romero, sem sequer acreditar que, pela primeira vez em toda a minha vida, terei um emprego *decente*. Pela primeira vez, poderei realizar meu sonho de cursar uma faculdade e arcar com as despesas da minha irmã, sabendo que o meu dinheiro veio de um trabalho limpo, do qual terei orgulho de exercer. Poderei me livrar dos homens nojentos da boate, sem ter que me preocupar em fingir gostar do sexo que faço com eles. Eu poderia até trazer

Melissa para morar comigo depois de um tempo...

Pisco meus olhos marejados. Romero observa o enorme sorriso que sou incapaz de conter e não sei há quanto tempo estava estampado em meu rosto.

— Obrigada! — é a única coisa que consigo dizer a ele antes de, num impulso, me jogar em seus braços e abraçá-lo com força.

Não sei se ele vai me repreender por isso, mas não me importo. Estou feliz demais para pensar em qualquer outra

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

Erick

Se você me perguntasse onde a minha cabeça se encontra neste exato momento, eu não saberia lhe responder, afinal pareço tê-la perdido em algum lugar naquela festa de merda para a qual fui ontem à noite.

Qual era mesmo o nome do cara que me convidou? Não me lembro ao certo, mas sei que ele me disse algo sobre ser meu

ex-colega de faculdade e que teria uma festa, onde rolaria bebida. *Ah, sim, muita bebida.* Eu queria era encher a cara até que não me lembrasse de mais nada. Até que não fosse mais possível enxergar aquele par olhos na minha frente.

Sinto uma pontada bem no âmago do meu subconsciente, como um sinal de que eu não estava sonhando quando vi aquilo. Não fantasiei, foi real, e a minha cabeça está totalmente fodida agora.

— Erick... — a voz rouca e forçadamente melosa de Giovana ronrona

em meu ouvido, me deixando ciente de que há uma mulher nua ao meu lado na cama. — Erick? — ela repete, um pouco mais alto, passando em minhas costas as unhas compridas pintadas de preto, enquanto tenta, em vão, me fazer lhe dar atenção.

Como cheguei a este ponto?

A festa, claro.

Giovana também estava lá. Bastou a merda da revista jogada em algum canto no sofá, umas boas doses de *Johnnie Walker*, suas inúmeras tentativas — um

PERIGOSAS NACIONAIS

tanto quanto insistentes — de arrancar a calcinha para mim, e *bang!* Sinto como se houvesse uma orquestra sinfônica ensaiando bem no centro do meu cérebro. E a voz de Giovana do meu lado não ajuda em nada a minha situação.

— Droga, Erick, eu estou falando com você!

Ela me empurra, sem muito sucesso. Enfio minha cabeça debaixo do travesseiro, reprimindo um palavrão.

Maldita.

PERIGOSAS ACHERON

Não é a primeira nem será a última ressaca que eu enfrento, mas ter Giovana do lado, com sua voz estridente gritando no pé do meu ouvido, é um bônus nada agradável e que me dá nos nervos.

Ela é legal, até. Eu que sou um grande babaca, que não é capaz de dar um fora decente na garota que está prometida para mim desde os meus quinze anos de idade — pelo motivo, o qual eu ainda não me dei ao trabalho de tentar descobrir.

Mas já era para todo mundo ter se dado conta, desde o começo, de que essa coisa

toda já está ficando ridícula. Se eu não me casei com ela ainda é porque nós não temos chances juntos. Somos bons amigos, e o sexo — que não deveria ter acontecido — foi legal, mas eu não sou o melhor cara para ela.

Eu não me sinto o melhor cara para *ninguém* ultimamente.

Giovana tinha apenas treze anos, e eu quinze, quando nossos pais inventaram de que formaríamos um belo par ou sei lá que merda se passou na cabeça deles naquela época. Eu era apenas uma

PERIGOSAS NACIONAIS

marionete que servia como troféu para ser exibido a todos aqueles babacas *almofadinhas* que se sentavam ao redor da nossa mesa nas reuniões de domingo.

Os Almada eram a família perfeita, com o filho e neto perfeitos. Até tínhamos uma foto gigante ridícula, digna de propaganda eleitoral, presa na parede da sala. Eu era o garoto prodígio, o herdeiro de ouro, e isso me rendia muitas menininhas, todas dispostas a abrirem as pernas para o único filho de Hugo Almada.

PERIGOSAS ACHERON

É grosseiro, eu sei, mas essa é a realidade. Se isso te conforta, eu era panaca o suficiente para não comer nenhuma delas. Se fosse hoje, eu me divertiria com a situação toda sem medir as consequências. Não sirvo para exemplo mesmo.

Eis que dentre muitas, surgiu a escolhida: Giovana, a princesinha do trono de diamantes. E isso eu falo em um sentido literal, pois os pais de Giovana são grandes empresários no ramo das joias, e ela não era nada menos do que um golpe de marketing para atrair a clientela

PERIGOSAS ACHERON

endinheirada e todas aquelas peruas fúteis sem um grama de cérebro e litros de silicone por baixo da blusa. A garota até serviu como modelo em muitas divulgações da maldita empresa, e eu bem que senti pena dela na época. Aquilo provavelmente seria a gota d'água para mim. Mas com ela era diferente. Ela parecia querer aquilo tanto quanto seus pais. Tão influenciável quanto um poodle bem adestrado.

Giovana sempre foi a típica garota popular do colégio: linda, loira, rica e totalmente fútil. Muitos a intitulavam de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"A Sortuda". Bem, ela era sortuda até onde a sua fantasia de um futuro promissor ao meu lado permitia, pois na época eu até aceitava essa merda toda calado, mas agora, não mais.

Frustrada, ela se levanta da cama e começa a se vestir.

Consigo erguer meu tronco e me sento na cama com os cotovelos apoiados nos joelhos. De olhos fechados, planto os pés no chão e repasso tudo o que consigo lembrar dos acontecimentos da noite anterior. Pouca coisa me vem à mente, e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

única em que consigo focar é na maldita revista com a foto *dela*. Como isso pode ser possível?

Ah, o destino. Maldito destino. Eu não gosto disso.

— Eu não sei por que ainda me iludo com a esperança de que a gente se dê bem um dia — Giovanna ralha, enquanto põe o vestido curtíssimo, que ela usava na noite anterior.

— Nós nos damos bem — De cabeça baixa, encaro um ponto qualquer no felpudo tapete branco.

PERIGOSAS ACHERON

— Não da forma que deveríamos, Erick. Você passa anos me tratando como uma simples amiga, e quando enfim a gente fica junto, você me ignora no dia seguinte — ela se queixa furiosa. — Caramba, eu sou sua noiva! A gente tem tudo para dar certo e você insiste em me tratar assim?

Droga! Minha cabeça começa a palpitar novamente.

— Erick, será que dá para você dizer alguma coisa?

— Eu não mandei você abrir as pernas para mim, Giovana. Eu estava bêbado e

perturbado, não foi exatamente uma coisa pensada. Estou morrendo de dor de cabeça, e essa conversa desnecessária só está piorando a minha situação. Será que dá para colaborar?

Eu não sei a expressão que ela faz, pois não faço questão de olhar em seu rosto, mas pelo som esganiçado que sua garganta produz, ela está a um passo de me fuzilar.

Eu não me importaria.

— Seu grande babaca! — ralha, prendendo em um coque os compridos

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos loiros. — Você é um idiota, Erick. Eu quero que você vá para o inferno, ouviu bem? Pro inferno! — E pegando a bolsa jogada no chão, ela empina o nariz. — Vou embora!

— Ok, só não bate a porta.

— Vá se foder! — é o que ela diz antes de eu começar a ouvir seus passos apressados em direção à saída. Consigo escutar claramente a batida estrondosa que ela dá na porta propositalmente.

Massageio minhas têmporas. Por que ela tem que tornar as coisas mais

PERIGOSAS ACHERON

difíceis?

Reunindo forças, rumo em direção ao banheiro e ligo o chuveiro, deixando a água gelada cair por minhas costas e me despertar por completo. Aproveito o jato de água para escovar meus dentes e tirar esse gosto ruim de bebida da minha boca.

Quando saio do banheiro, com apenas uma toalha enrolada na cintura, ouço a porta da sala bater novamente e uma voz feminina conhecida me chamar:

— Erick? — *Ótimo*. Era só o que faltava para completar o meu dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou aqui — respondo sem esconder o desagrado em meu tom de voz.

Desconfio veemente de que há um inferno na Terra e que ele, com certeza, tem curvas invejáveis e atende por Ariela Almada.

Ela aparece da porta do meu quarto. Seus cabelos loiros estão reluzentes, como sempre. Piscando os olhos emoldurados por longos cílios carregados de maquiagem, ela faz uma careta.

— Meu Deus, Erick, o que houve com o seu quarto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sai chutando as peças de roupas espalhadas pelo chão com seus saltos caros e me lança um olhar de reprovação quando a ignoro.

Vou até meu closet e pego uma camisa branca de mangas compridas que cobre boa parte das tatuagens em meus braços. Visto uma boxer preta, sem me importar por não estar sozinho no quarto e, em seguida, um jeans escuro. Termino de me vestir e procuro minhas botas enquanto ela volta a falar:

— Eu vi quando Giovana saiu daqui

PERIGOSAS ACHERON

furiosa. O que você fez para irritar tanto a sua noiva?

— Eu não tenho noiva — respondo, calçando minhas meias e sapatos.

— Erick, você precisa aceitar que Giovana foi feita para você, querido — ela começa, e eu desejaria ter um abafador auricular por perto. — Se conhecem desde a adolescência, ela é filha de um dos maiores empresários do país, sou amicíssima de sua mãe e, para completar, a menina é completamente apaixonada por você! — ela fica séria. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Já está na hora de você decidir ter um futuro, não acha?

— Não estou interessado no futuro que você pretende impor para mim, Ariela.

— Erick, você já tem vinte e cinco anos. Precisa arrumar um emprego decente, se casar e viver como um homem da sua classe social vive.

— Eu já tenho um emprego — rememoro, pegando uma aspirina da gaveta do meu criado mudo e tomando de uma só vez com a água da garrafinha que apanho do meu frigobar.

PERIGOSAS ACHERON

— Aquele estúdio de tatuagem não é emprego — bufa. — Você não frequentou uma das melhores universidades do Rio de Janeiro, para jogar o seu diploma por água abaixo e morrer desenhando no corpo dos outros.

Respiro fundo. Ignorar a minha mãe, assim como a minha suposta noiva, já se tornou um desafio que eu consigo executar com maestria. Mas da mesma forma que Giovana, Ariela não se aquieta quando é ignorada. Ela tende a falar ainda mais, e se eu fosse alguém que realmente se importa com essa merda toda que ela

PERIGOSAS ACHERON

vive jogando na minha cara desde que eu me entendo por gente, já teria surtado.

— Eu não reclamo do que ganho no meu estúdio de tatuagem, Ariela. Faço o que gosto e assim está ótimo. Agora, se me der licença, preciso trabalhar.

Saio do quarto e ela me segue, ainda tagarelando. Encontro uma bola branca de pelos em cima do sofá e dou um jeito de tirá-la de lá imediatamente.

— Já falei que não quero essa coisa em cima do meu sofá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, Erick, não fale assim com a Sissy. Ela é muito sensível.

— É só um gato — desdenho. — Um gato gordo e preguiçoso.

Ela faz uma cara de ofendida e pega o bicho no colo.

— Não ligue para o seu irmão, querida — Rolo os olhos enquanto ela se comunica com o bicho, como se estivesse lidando com uma criança. Em seguida, se vira para mim: — É dessa forma que você trata a sua mãe quando ela vem te visitar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alguma coisa você quer — disparo, sem cerimônia.

Ela estreita os olhos e sua pele nem sequer se enruga depois de tantos tratamentos faciais que já deve ter feito.

— Eu quero falar sobre o seu avô, Erick — *Ah, claro.* — Você viu a foto que saiu nas revistas, com uma moça que até agora ninguém sabe quem é?

De repente me vejo muito mais incomodado do que gostaria. Dou de ombros, fingindo indiferença:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E daí? Se o meu avô resolveu ter uma namorada, isso não é problema nosso.

— Como não!? — exclama, como se eu fosse um idiota alienado que não consegue enxergar os fatos. — Erick, uma paixonite a essa altura do campeonato atrapalharia radicalmente os nossos planos!

— Quais planos?

— Não se faça de desentendido, meu filho. Você sabe muito bem do que eu estou falando.

PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo, me lembrando de que se trata da minha mãe, e seu cérebro parece ter uma forma diferente de funcionar em relação ao resto da humanidade. Já me perguntei por diversas vezes se eu realmente sou filho dela. Nós somos completamente diferentes. E não estou falando das características físicas.

— Não, Ariela. Você que parece não entender nada do que eu digo. Já falei que não tenho nada a ver com a vida amorosa do meu avô, nem com a fortuna que você está esperando a primeira oportunidade para se apossar.

— Estão comentando que ela pode ser uma garota de programa — divaga, nem um pouco ofendida com a minha acusação. — Imagine só, Romero Almada se engraçando com prostitutas.

Aperto o maxilar.

— Se é prostituta ou não, aposto que o meu avô sabe o que está fazendo — corto, já farto desta conversa. — Mais alguma coisa?

— Tem mais uma coisinha que preciso te lembrar — diz, apontando uma unha vermelho-sangue bem-feita para mim. —

O aniversário de Romero está chegando e queremos você lá.

Não respondo de imediato. Ela sabe o quão difícil é, para mim, voltar àquela casa depois de tudo o que ocorreu. No entanto, o seu olhar não me deixa escolha. Ou concordo com ela, ou minha mãe fará de tudo para me atormentar até eu ceder.

— Verei o que posso fazer quanto a isso
— Abro a porta. — Agora, eu preciso sair, Ariela. Vai querer carona?

— Eu vim de motorista — recusa,

PERIGOSAS NACIONAIS

acariciando o gato. Eu desconfio de que ela gosta mais dessa coisa do que de mim, seu único filho. — Pense no que eu te disse, querido — Me dá um beijo na bochecha, manchando a minha pele com seu enjoativo *gloss* labial.



Ligo o motor do meu *Maverick* no mesmo instante em que a voz de Paul Stanley, acompanhada pelas guitarras potentes, preenche meus ouvidos com *Heaven's on Fire*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao som do clássico hard rock, pego a rota principal em direção ao estúdio de tatuagem onde eu trabalho, que não fica muito longe do meu prédio.

Desde que meu pai morreu, muita coisa mudou em minha vida. Principalmente o fato de que eu finalmente me vi livre das amarras da família Almada e resolvi criar asas. Montei o meu próprio negócio: um estúdio para tatuagens, fazendo aquilo que sempre gostei, que é desenhar.

A minha mãe odeia o meu trabalho, diz que é coisa de vagabundo, e o meu avô...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem, o meu avô evita ao máximo opinar em minha vida. Ele sabe como eu fico quando relembro do passado e tenta apaziguar a situação sempre que é possível. Eu gosto daquele velho. Gosto muito.

No caminho, paro em uma cafeteria e peço o de sempre: café puro, sem açúcar. Retorno para o carro, e dez minutos depois, estou diante de um prédio de dois andares, com *Soul Tattoo* estampado em um letreiro no topo.

Atravesso a porta de vidro automática

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o meu café em mãos e cumprimento Aline, a nossa recepcionista, com um aceno breve de cabeça. Não sou muito bom em socializar e os meus funcionários sabem muito bem disso. Nick diz que eu amedronto as pessoas com as minhas tatuagens e o meu jeitão de "não me toque", mas não é bem assim. Eu simplesmente não sou o tipo de pessoa adequada para se criar um laço, então poupo quem quer que seja de ter que se submeter a tentar algo além comigo.

No andar de cima, temos cinco salas especializadas para que os tatuadores

PERIGOSAS ACHERON

exercçam seu trabalho. As paredes são todas revestidas com papéis de parede personalizados. Temos um escritório também, onde eu fico quando não estou tatuando.

Vou até minha sala e tomo metade do meu café, preparando-me para começar a atender os clientes. Nicolas, ou Nick — como prefere ser chamado — aparece logo em seguida, mordendo o *piercing* de argola preso no lábio. Ele tem mania de fazer isso e eu me pergunto se é alguma reação relacionada à abstinência das drogas, afinal me parece que ele está há

PERIGOSAS ACHERON

um bom tempo limpo.

— E aí, cara — me cumprimenta, passando por mim e se sentando.

Começo a esterilizar os equipamentos e preparar tudo para o início do expediente enquanto aguardo ele continuar. Eu sei que está querendo alguma coisa:

— Preciso de dinheiro, Erick — dispara, sem delonga. Mesmo não estando olhando para ele, sinto que seus olhos estão fixos em mim.

— Posso saber para quê?

— Eu... eu tenho umas paradas para pagar.

Me viro para ele e recosto minhas costas no armário, cruzando os braços enquanto o observo tranquilamente.

Seus olhos estão fundos, a cabeça raspada e a pele branca totalmente coberta por tatuagens e *piercings*. O cara é muito diferente de mim, a começar pelo fato de ele ser um filho da puta irresponsável e totalmente imaturo.

Saiu de casa aos dezesseis anos e conseguiu sua emancipação sob ameaça

PERIGOSAS NACIONAIS

ao próprio pai. Fumou seu primeiro baseado aos treze, e hoje ele é viciado em cocaína. Nunca frequentou uma universidade e terminou contra a própria vontade o ensino médio.

Eu cursei a faculdade de Engenharia Civil, por incrível que pareça, e exerci por um ano a profissão. Não durou muito porque aquilo era um desejo dos meus pais, não meu.

Mesmo não concordando com o que fui praticamente obrigado a fazer, terminei minha faculdade e adquiri ótimas notas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois nunca soube qual seria o meu futuro e não queria, de jeito algum, virar dependente do dinheiro do meu pai ou do meu avô só porque não tinha capacidade de fazer minha própria grana.

Nicolas é filho de um dos políticos mais influentes do país. O seu pai era amigo do meu pai na faculdade e foi por meio dessa relação que eu acabei conhecendo o cara. Não digo que ele é meu melhor amigo, pois não confio em ninguém a esse ponto, mas ele é legal do jeito dele. Não o julgo, pois quem sou eu para fazer isso?

PERIGOSAS ACHERON

— Sem chance — respondo, impassível.

— Ah, cara, qual foi? — ele se inquieta. — Eu vou te pagar, eu juro!

— O problema não é esse — rebato. — Se quer foder com a sua vida, faça isso bem longe de mim e esqueça a minha ajuda.

Posso não ser o cara mais responsável do mundo, mas também não vou ser idiota a ponto de colocar a cabeça desse imbecil na *boca do leão*. Não que eu me importe com ele, afinal cada um tem a capacidade de responder pelos seus atos desde que

PERIGOSAS NACIONAIS

esteja em plenos poderes de suas faculdades mentais, mas de forma alguma irei compactuar com suas intenções de merda, colocando sua vida em risco.

— Erick, não é nada do que você está pensando, está legal? — tenta me convencer. — Olha, só estou te pedindo porque não tenho mais a quem recorrer. Meu pai não quer saber de mim e você sabe que não vai adiantar nada se eu for falar com ele.

— Já falei que não — inflexível, me viro, voltando a minha atenção para o que

PERIGOSAS ACHERON

eu estava fazendo. Ouço Nick soltar uma série de palavrões.

— Porra, Erick! É sério, cara — persiste. — Não vou te pedir mais nada, só me dá essa força.

A minha cabeça, que já estava quase que voltando completamente ao normal, retorna a latejar e eu sinto vontade de socar a cara dele por isso.

Quando nota que o ignoro, Nick se dá por vencido e sai da sala, pisando duro feito um adolescente fazendo birra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Termino o que estava fazendo e percebo que a maioria dos tatuadores já chegaram — ao todo, somos cinco. Alguns minutos depois, já recebo meu primeiro cliente. Ele é popularmente conhecido como PH e estou perto de finalizar uma tatuagem superbacana em seu braço esquerdo: um dragão tribal sombreado, que se enrosca desde o início do seu antebraço e finaliza um pouco acima do pulso.

Depois de algumas horas, me afasto e admiro o meu trabalho. Realmente ficou muito bom. Ele também parece ter gostado, pois me enche de elogios.

PERIGOSAS ACHERON

Estou atendendo minha segunda cliente, quando um par de pernas bronzeadas para bem ao meu lado e começa a bater o pé coberto por um coturno preto que eu acharia super sexy se não fosse em alguém tão insuportavelmente chata.

— O que você quer aqui, Giovana? — pergunto, sem precisar olhar em sua direção para perceber quem é.

— Eu deixei o meu celular no seu apartamento — responde, cruzando os braços.

— Estou ocupado agora — falo, focado

na tatuagem que tento concentradamente desenhar nas costelas da garota deitada diante de mim. — Para começo de conversa, você não deveria nem ter entrado aqui.

— Erick, eu não posso ficar sem o meu celular! — insiste em tom irritado.

Fico ereto e olho para ela.

— Pego para você na hora do almoço.

— Não estou a fim de esperar, Erick. Me dê as chaves, eu pego meu celular e vou embora. Não vou roubar nada, se é

isso o que está pensando.

Não confio em Giovana a ponto de ceder as chaves do meu apartamento para ela. Não por medo de que ela roube alguma coisa, mas Giovana é muito instável e às vezes é bem difícil saber quais são as suas intenções por trás daquele par de olhos azuis.

No entanto, sei que ela vai criar um inferno nesse lugar se eu não der o braço a torcer, então peço à cliente que aguarde alguns minutos enquanto a puxo pelo braço em direção ao meu escritório.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estendo o molho de chaves para ela, enquanto observo seu comportamento mudar com a nossa proximidade. É uma pena que ela tenha tido a infelicidade de se interessar por mim. Sério, que garota em seu juízo perfeito se apaixonaria por um cara como *eu*?

Se recompondo ela pega as chaves e sai, dizendo que logo estará de volta.

Quarenta minutos depois, vejo-a cruzar a porta. Sua expressão é totalmente diferente da que eu vi quando saiu daqui. Tranquilamente, me entrega as chaves. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrisinho malicioso em seus lábios rosados me diz que algo está errado, mas procuro não pensar muito nisso.

Então, sem muita chance para conversa, ela se despede e sai.

À noite, Nick já está mais tranquilo e avisa que vai sair mais cedo pois tem umas "paradas" para resolver. Já imagino o que seja e não faço nem questão de saber como ele conseguiu o tal dinheiro do qual precisava. Não é da minha conta.

No fim do expediente, ajunto tudo e me preparo para fechar o local.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No caminho para casa, minha mãe me liga, me lembrando pela milésima vez do aniversário do meu avô, que será daqui a alguns dias e que não posso faltar.

Chego em casa depois das oito da noite e sinto que há algo de diferente. O forte perfume de Giovana ainda rescende no ar. Sigo até meu quarto e não preciso nem dizer que o que eu vejo não me surpreende:

Na porta do meu closet, impecavelmente branco, está escrito de batom vermelho com letras garrafais a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

palavra BABACA.

De imediato eu já sei quem fez aquilo.

Que vadia louca.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

Valentina

Pouco tempo se passou desde a última vez em que falei com Romero. Para ser mais exata, três dias se sucederam desde a minha decisão de largar tudo na boate e ir trabalhar para ele.

Estou um tanto quanto nervosa e totalmente insegura, pois não sei como vai ser daqui em diante. Nunca tive nada fácil na vida e essa proposta, que caiu de

paraquedas, ainda me deixa com uma pulguinha atrás da orelha. Mas, como dizia a minha mãe, quem não arrisca não petisca, portanto, decidi mergulhar de cabeça nessa. Se eu quebrar a cara, paciência. Não será a primeira vez.

Acordo cedo e visto uma calça jeans, camiseta simples e calço sapatilhas confortáveis. Já acertei minhas contas com Magnólia, que me deu esses três dias para eu me preparar até me mudar definitivamente. Ela ficou relutante, pois sabe que sou bastante procurada pelos clientes dentro da boate. Até decidiu

PERIGOSAS ACHERON

esquecer o lance das fotos, dizendo que eu poderia ser apenas acompanhante de hoje em diante.

Nem ferrando!

Depois de arrumar a minha pequena mala com pouquíssimas coisas — afinal, maioria das roupas que eu tinha me foram cedidas por Magnólia, para o uso dentro da própria boate e em nada me serviria para o meu dia-a-dia — tranco o quartinho que usei nos últimos anos e vou até o escritório da minha ex-chefe.

Ex-chefe. Essa palavra nunca soou tão

bem como agora.

Encontro Magnólia sentada em sua cadeira, diante de uma mesa abarrotada de papéis, entre eles exames médicos e contratos dos funcionários.

— Tem certeza de que é isso o que você quer para a sua vida, Valentina? — questiona, mal aguardando eu adentrar a sala.

— Nunca tive tanta certeza, Mag — respondo, firme. — Você foi uma ótima pessoa, me ajudou quando mais precisei. Saiba que nunca vou me esquecer disso.

Ela foca seus olhos claros em mim e suspira, lançando-me um sorriso terno.

— Ah, menina, você sabe quantas garotas saíram daqui com a ilusão de um futuro promissor e quebraram a cara lá fora?

Eu já parei para pensar nisso também. Mas não tenho muita coisa a perder, convenhamos.

— Eu nunca irei saber o futuro que me espera, se não arriscar, Mag — respondo.

— Muito obrigada por tudo, mas preciso descobrir o que me aguarda lá fora. Uma

chance dessas a gente não deixa descer pelo ralo.

Deixo em cima da sua mesa as chaves do quartinho. Ela me encara por um instante antes de se erguer e me dar um abraço. Não é um abraço apertado, está bem longe disso, mesmo assim me desconcerta. Passei tanto tempo sem afeto, que ainda não sei muito bem lidar com a situação.

— Boa sorte, Valentina — ela diz, se afastando de mim. — Aqui sempre terá um lugarzinho reservado para você, caso

mude de ideia.

— Eu não vou voltar, Mag — afirmo, olhando em seus olhos. — Mesmo que dê tudo errado, darei um jeito de me virar, sempre fiz isso. Mas voltar para cá não está nos meus planos.

Ela apenas dá de ombros e me deseja boa sorte mais uma vez.

Passo onde estão as outras meninas, para me despedir delas, e sou abraçada por todas. Algumas me desejam sorte, outras apenas dizem que nem tudo é como nos filmes, e que mais cedo ou mais tarde

PERIGOSAS NACIONAIS

acabarei voltando. Procuro ignorar o fato de elas talvez estarem certas e respiro fundo antes de sair da boate e lançar o meu último olhar para ela.

Romero insistiu em mandar um carro para vir me buscar, mas eu não sabia como faria para pegar meu próprio carro depois, portanto recusei e pedi apenas o endereço dele, dizendo que me viraria para encontrar.

No porta-malas da minha lata velha (que comprei de segunda mão e não sei como ainda está aguentando o tranco)

PERIGOSAS ACHERON

coloco minha mala. A porta faz um barulho irritante, porém familiar, quando a fecho em um único impulso.

No GPS do meu celular, digito o endereço que Romero me passou e, quase duas horas depois, avisto a entrada do luxuoso condomínio no qual que ele reside.

Fico nervosa ao atravessar o imenso portão que me separa da área externa. A mansão de Romero é um casarão moderno, com fachada toda branca e janelas de vidro. Consigo perceber as

inúmeras câmeras de segurança que acercam o local enquanto sigo o caminho curvilíneo até a entrada. Como ainda não sei como fazer para chegar até a garagem, estaciono o meu carro logo na entrada da casa mesmo. Apanho minha mala e toco a campainha.

Segundos depois, a porta se abre e o sorriso que eu vejo nos lábios da senhora do outro lado é contagiante. A mulher parece ter por volta dos sessenta anos, é negra e gordinha, de belos cachinhos grisalhos. Traja um uniforme de governanta, daqueles que eu só havia

PERIGOSAS ACHERON

visto em programas de TV.

— Oh, você chegou! — ela me puxa pelo braço e eu quase me desequilibro, com a minha mala ainda grudada na outra mão. — O Sr. Romero me disse que você era bonita, mas não imaginei que fosse para tanto.

— Obrigada — respondo com um sorriso, notando mais três criados prostrados, um ao lado do outro, aos pés da escada.

Sorrio para eles também, que retribuem de forma tímida. Há duas moças mais

jovens, de aproximadamente vinte e poucos anos, e o outro é um rapaz que aparenta estar na casa dos trinta.

— Eu me chamo Edith — a senhora simpática diz. — Sou governanta da casa. A morena se chama Dóris e é arrumadeira, junto com Amélia, a loirinha. E o cara de sapeca é Pietro, o nosso cozinheiro folgado.

O homem resmunga alguma coisa e as outras meninas riem. Gostei de todos eles.

— Sou Valentina — me apresento,

PERIGOSAS NACIONAIS

apesar de já desconfiar que eles saibam quem sou. — É um prazer conhecer vocês.

Edith abre a boca para dizer mais algo, no entanto é interrompida:

— O que essa moça está fazendo aqui?
— Me viro ao ouvir a voz feminina.

A mulher que acaba de adentrar a sala é uma das mais bonitas que já vi. Tem cabelos loiros, lisos e compridos, olhos azuis muito reluzentes, uma pele de boneca e exala elegância. Abro um sorriso para ela também, que logo desaparece quando não é retribuído.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que nem todo mundo aqui é simpático.

Ela me olha de cima a baixo e arqueia uma das sobrancelhas loiras.

— Eu perguntei o que ela está fazendo aqui — repete lentamente, acariciando o gato peludo que só fui perceber que estava em seus braços agora.

Noto Edith ficar tensa ao meu lado. Os outros criados pedem licença e saem de fininho, alegando terem algo de importante para fazer na cozinha.

— Ela é a Valentina, senhora — a governanta informa.

— Hum... — a loira murmura com indiferença. — Já avisou a ela que nesta casa não damos esmolas?

Como é?

Me controlo para manter a calma e aguardo Edith retornar a falar, com uma serenidade forçada:

— Ela é a nova assistente do Seu Romero. A moça que ele fez questão de avisar que viria, e que tratássemos bem —

ela enfatiza as últimas palavras, mas a outra não parece se abalar com as recomendações deixadas por Romero.

— Ah, claro. Agora me lembrei — Dá para sentir anos luz de distância a falsidade que satura suas palavras. É óbvio que ela sabia desde o começo quem eu era. — Eu sou Ariela Almada, nora de Romero.

— É um prazer conhecê-la, Ariela.

— *Dona* Ariela — corrige-me. — Não permito informalidades entre mim e meus criados.

— Ela não vai ser exatamente uma criada, senh...

— Edith, você não deveria estar fazendo o seu trabalho? — ela corta a mulher ríspidamente. — Deixe o ritual de boas-vindas com os patrões. O que está esperando, mulher? Anda!

Edith pede licença e se retira. Não sem antes fuzilar Ariela disfarçadamente com o olhar.

Que bruxa.

Ao ficarmos a sós no enorme hall, ela

se aproxima de mim lentamente. Consigo ouvir apenas o barulho que os seus saltos fazem no piso e o miado preguiçoso produzido pelo gato enorme aconchegado em seu colo.

— Quanto a você... — começa em tom afiado — só tenho uma coisa a dizer...

— Pois diga, porque estou bastante curioso para saber o que é, Ariela — minha garganta volta a dar passagem ao precioso oxigênio quando ouço a voz de Romero, que vem em nossa direção.

Ariela fica branca feito cera e

pigarreia, tentando disfarçar o nervosismo. Ela não termina a frase, em vez disso, abre o sorriso mais fingido que já vi e diz, mudando completamente o tom de voz:

— Quero que seja bem-vinda nesta casa, minha querida. Sinta como se esse fosse o seu lar.

Sério? Mais falso que isso, só os peitos enormes e firmes que ela está fazendo questão de esbanjar por baixo dessa blusa cara.

— Obrigada — abro um sorriso

PERIGOSAS NACIONAIS

dissimulado, igualzinho ao dela, e me animo quando Romero segura em minhas duas mãos, depois me puxa para um abraço.

— Eu sei que já te disseram isso o suficiente hoje, mas quero que seja bem-vinda, Valentina.

— Eu fico grata, senhor.

Ele se afasta de mim e segura em meus ombros.

— Nada de *senhor*, esqueça isso. Serei somente Romero para você.

PERIGOSAS ACHERON

Um som estranho sai da garganta de Ariela e ela engasga, iniciando uma crise de tosse no mesmo instante.

— Algum problema, Ariela?

— Eu estou bem, meu sogro — ela responde, tentando se recompor. — Com licença.

Logo que a mulher se retira, Romero se vira para mim novamente:

— Venha, irei lhe mostrar a casa. Quero que escolha um dos quartos para que você possa ficar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assinto e ele me direciona até as escadas.

Logo que cheguei não tive muito tempo para admirar a mansão, mas olhando mais atentamente, vejo que é extraordinária. Essa seria a palavra mais adequada para definir: extraordinária.

Romero me mostra diversos quartos desocupados e quando chegamos no último, que fica no final do corredor, eu tenho a exata certeza de que é esse o que eu quero. Talvez seja por ele ser diferente de todos os outros. Mais simples, até. Sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

decoração se resume ao preto e branco, alguns móveis essenciais e uma estante abarrotada de livros.

— Gostou? — Romero pergunta enquanto me observa admirar.

— É maravilhoso — respondo, respirando fundo para captar o cheiro bom de sândalo que rescende no ambiente. Há uma porta de vidro enorme que dá acesso a uma sacada.

— Bom, então acho que já decidimos qual será o seu quarto — ele sorri.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, senh... Romero — corrijo-me enquanto agradeço pela milésima vez.

Acho que nem se eu passasse a minha vida inteira dizendo isso, seria o suficiente. Eu não sei se Romero imagina o quanto eu fico grata por ele ter feito tudo isso por mim. Sinto como se tivesse ganhado na loteria.

— Não foi nada, Valentina — responde.
— Agora descanse, se habitue à casa. Depois resolveremos os trâmites sobre a sua faculdade e trabalho.

Sorrio para ele e balanço a cabeça em

PERIGOSAS ACHERON

concordância.

Quando ele se despede e sai, eu dou mais uma esquadrinhada no quarto, me perguntando se alguma vez Romero proporcionou essas regalias aos outros funcionários. É óbvio que os criados da casa não dormem nos quartos de hóspedes como eu, e isso me deixa, além de constrangida, um pouco desconfiada.

Abro minha mala e começo a retirar minha roupa de dentro dela, tencionando guardá-las. Acho estranho quando vejo algumas camisas masculinas dentro do

closet, todas brancas ou pretas. Deve ter sido de algum hóspede que esqueceu aqui, então dando de ombros, arrasto os cabides das camisas para o canto na haste horizontal e coloco minhas poucas coisas nela.

Me afasto e analiso o armário. Terei que comprar mais roupas o quanto antes. O que eu trouxe coube em menos da metade do closet, sobrando muito espaço.

Depois que arrumo tudo, decido tomar um banho e relaxar. Deito no colchão macio e meu maxilar chega a doer de

tanto sustentar o sorriso gigante que coroca meu rosto.

Ainda sorrindo feito boba, eu durmo.



Acordo por volta das seis da noite, com batidas leves na porta. Abro e vejo Edith com um sorriso cuidadoso em minha direção.

— Hora do jantar, Valentina — ela diz.

Quando meu estômago se manifesta,

fazendo um som desconcertante, me dou conta de que não comi praticamente nada o dia todo e que estou faminta.

— Obrigada por avisar, Edith. Já estou descendo — agradeço à mulher, que faz um aceno de cabeça e desaparece.

Fico meio receosa ao imaginar como será a refeição. Se Romero permitiu que eu usasse um dos quartos da casa, isso não quer dizer que ele irá permitir que eu coma na mesa com os patrões.

Chego no andar de baixo, já pretendendo rumar para a cozinha. No

entanto, Dóris me avisa que Romero está me esperando na sala de jantar. Sigo até o local e encontro o homem sentado diante da mesa. Ao seu lado, está Ariela.

— Olá, Valentina — ele me cumprimenta. — Como foi o descanso?

— Ótimo — respondo, envergonhada por ter dormido por tanto tempo.

O olhar de Ariela está fixo em mim, o que me causa uma sensação desagradável.

— Sente-se, minha filha — Romero sugere e, relutantemente, eu o faço.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu prato já está posto. Eu olho para a refeição diante de mim e o meu estômago se agita. O cheiro está ótimo.

— Espero que goste da comida de Pietro — o homem me tira do pequeno transe causado pela necessidade de saciar minha fome. — Ele é o melhor.

Engulo a vontade de perguntar por que não estou jantando na cozinha com os outros criados (afinal, me sinto mal por estar tendo esse tipo de regalias, sendo que cheguei agora na mansão) e começo a comer.

PERIGOSAS ACHERON

Faz tempo que não tenho um orgasmo — na verdade, eu nem me lembro direito se já tive um —, mas aposto que a sensação é exatamente igual à essa, pois a comida está divina.

— Então, Valentina... — ouço a voz de Ariela e, de má vontade, foco nela — Romero não me falou muito sobre você. Gostaria de conhecê-la melhor.

— O que a senhora deseja saber, exatamente?

Ela cruza os dedos sobre a mesa e muda de posição, direcionando sua atenção

totalmente a mim.

— Onde você trabalhava antes de conhecer Romero?

Me remexo na cadeira, sentindo-me desconfortável com essa situação. Percebo que Romero também não está gostando nada disso.

— Bem, eu... trabalhava em uma lanchonete — minto, reunindo o máximo que consigo de firmeza em meu tom de voz. — Como garçõete.

— Hum, interessante. Você tem alguma

boa referência? Romero não contrataria qualquer um para pôr sob responsabilidade os seus negócios — Ela toma um gole do suco em sua taça, aguardando pacientemente eu me livrar da teia que acabou de tecer para mim.

Ariela pode aparentar o tipo de mulher inofensiva, com sua aparência angelical, mas seu olhar frio e totalmente calculista não oculta a espécie de pessoa que é.

Nota mental: *tomar cuidado com Ariela Almada de hoje em diante.*

— Na verdade, ela está cursando a

faculdade, Ariela — Romero omite, quebrando o silêncio perturbador e eu sinto vontade de abraçá-lo por isso.

— *Você* dando chances para funcionários sem qualificações, Romero? Está pretendendo ganhar um prêmio Nobel, meu sogro? — alfineta de forma sutil, soltando uma leve risada.

Nós permanecemos sérios. Sem se abalar, ela continua:

— Só me tire uma dúvida, Valentina: o que você fazia naquele leilão beneficente? Estava acompanhando

Romero ou se conheceram por lá? — Acompanho com o olhar quando ela passa casualmente o dedo sobre a borda da taça. — As fotos que vazaram de vocês dois foram as mais comentadas dos últimos dias. O que acha disso?

— Eu...

— Ariela, já chega! — Romero intervém em um tom tão gélido que eu tenho um sobressalto. — A moça acabou de chegar, dê um tempo a ela. Não permitirei que você a bombardeie com perguntas logo no seu primeiro dia aqui

em casa. Já conversamos sobre as fotos, aquilo foi um terrível engano, e eu já dei um jeito de tirá-las de circulação.

Os lábios de Ariela formam uma linha fina e ela não diz mais nada.

No fim do jantar, agradeço aos céus por já ter acabado. A comida estava ótima, mas a presença de Ariela é demais para a minha cabeça. Quando chego no quarto, tranco-me nele e me jogo na cama logo em seguida.

Fito o teto branco, perdida em pensamentos. Eu pensei que quando saísse

PERIGOSAS NACIONAIS

do bordel, fosse me livrar de todo o meu passado e toda a merda que aquelas lembranças tempestuosas me causavam. Mas hoje tive a comprovação que não será bem assim. Terei que conviver com isso e mentir sobre cinco anos da minha vida. Um pedaço de mim terá que ser esquecido, caso eu queira seguir em frente sem me preocupar em ser atormentada.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

Valentina

No dia seguinte, ligo para Melissa, no intuito de avisar sobre as mudanças em minha vida. Como na maioria das vezes acontece, a chamada acaba caindo na caixa postal.

Desço e tomo o café da manhã na cozinha com o resto dos empregados. Não vejo Romero nem Ariela e acho melhor assim. Conversando com os criados,

descubro que Edith tem sessenta e dois anos, é mãe de um casal e possui uma netinha de três. Ela trabalha na mansão desde que tinha a minha idade e não pretende ir embora tão cedo. Descubro também que a esposa do Sr. Romero era uma mulher excelente e faleceu muito recentemente, de câncer. Eles também tiveram um filho — o marido de Ariela — que morreu há alguns anos em um terrível acidente de carro. Percebi que Edith não quis aprofundar no assunto, portanto não insisti.

Já se passa das dez da manhã quando
PERIGOSAS ACHERON

uma das criadas vem até mim, informar-me que Romero está me aguardando em seu escritório. Me despeço de Edith e sigo até o local indicado, encontrando meu chefe sentado em uma espaçosa e aparentemente confortável cadeira atrás de uma mesa enorme. O local é incrível. Eu moraria no escritório dele sem problema algum.

— Bom dia, Valentina. Já tomou seu café da manhã?

— Bom dia, senhor — respondo, me sentando diante dele. — Sim, eu costumo

acordar cedo.

Aguardo enquanto ele tira alguns papéis de uma das pastas sobre a mesa.

— Bom, vamos começar falando sobre o trabalho — Ele me estende uma agenda e mais duas caixas. — Estes serão seus objetos de trabalho a partir de hoje. Providenciei para você um *laptop*, um *tablet* e, embora eu ache antiquado, porém indispensável, uma agenda para que também anote tudo a respeito dos meus horários, reuniões, entre outros — Assinto, e assim ele prossegue: — Não

exigirei muito de você, pois a maioria dos meus assuntos relacionados à Construtora, a minha secretária, Beatriz, quem resolve. Você acha que é muita coisa para lidar?

Olho por uns instantes para os aparelhos que ele empurrou em minha direção. Dizer que é diferente de tudo o que eu já fiz nem é preciso, mas de toda forma me parece bem mais fácil do que eu imaginei. Portanto, apenas balanço a cabeça e abro um sorriso.

— Por mim, está ótimo. Quando

começo?

— Calma, calma. Adorei seu espírito proativo, e isso fez com que ganhasse pontos comigo, mas, caso você tenha se esquecido, temos que falar sobre a sua faculdade. Você tem domínio em algum outro idioma, além da Língua Portuguesa?

— Nego com a cabeça, meio envergonhada. Ele continua: — Certo, eu optei por matricular você em um curso no ramo de Secretariado. Isso influenciará grandemente em sua profissão, e quem sabe você cresça na carreira futuramente, caso se identifique com o cargo, é claro.

Você, posteriormente, poderá fazer um cursinho de inglês por fora também, para se aprimorar mais. Eu pagarei tudo.

Estou estática.

Se não fosse *Romero Almada* diante de mim, eu juro que pediria a ele para me dar um beliscão.

— Valentina? — ele chama minha atenção. — Está tudo bem?

— Sim — balbucio. — Está tudo ótimo, na verdade. Muito obrigada.

Ele sorri.

— Não há de quê, menina — faz uma pausa e depois prossegue: — Bom, eu conversei com o William, um velho conhecido. Ele é reitor de uma ótima universidade, a Pacheco Soares. Está tudo acertado para que você comece as aulas na semana que vem, está bem?

— Sim, senhor.

— Ótimo, agora preciso falar a respeito de algo que quase havia me esquecido completamente. — Ele muda a postura, como se não estivesse muito satisfeito com a notícia. — Ariela está planejando

uma festa de aniversário para mim no próximo fim de semana e teremos muitos desconhecidos na mansão, maioria colegas de trabalho que, provavelmente, irão lhe bombardear com perguntas, afinal é o que essa gente mais adora fazer. Portanto, quero que esteja preparada, caso algo desse tipo aconteça.

— Tudo bem — respondo. — Eu não sabia que teríamos uma festa tão recentemente. Você quer ajuda com os preparativos?

— Oh, não. Para falar a verdade, não

estou tão animado assim. Desde que Angélica morreu, não venho tendo tanto entusiasmo para comemorações, mas Ariela insistiu, e eu resolvi ceder. Aquela mulher sabe ser chata quando quer.

Não brinca.

Me seguro para não fazer um comentário e fico atenta quando Romero faz menção de dizer algo mais.

— Bom, Valentina. Você poderá começar a trabalhar quando quiser — me informa. — Há alguns arquivos no *laptop* e no *tablet* sobre as minhas agendas. Caso

PERIGOSAS NACIONAIS

algum horário mude, é só acertar e me manter informado. Fora isso, você estará livre para fazer o que quiser. Não terá uma carga horária definida, nem exigirei que use uniformes aqui dentro. Providenciarei algumas roupas caso ocorra uma reunião aqui em casa. No mais, sinta-se livre.

— Certo, senhor. Algo mais?

— Não, não. Já pode ir, querida.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A semana passa rapidamente e eu consigo levar muito bem o trabalho. Ligo para Melissa na quinta, dois dias depois de ter chegado na mansão, e falo para ela sobre meu novo emprego. Ela, do seu jeito distante, me parabeniza e desliga logo em seguida. Não dá nem tempo de falar sobre meu plano de trazê-la para morar no Rio.

O fim de semana chega e, conseqüentemente, o aniversário de Romero também. Ariela está uma pilha de nervos, como se a festa fosse dela. Por sorte, não nos deparamos muito ao longo

PERIGOSAS ACHERON

da semana, mas nada que a impedisse de me alfinetar sempre que pôde durante as refeições (já que Romero insistiu que eu comesse na mesa com eles todos os dias).

É sábado, o Grande Dia. Eu queria poder sair e comprar alguma coisa para Romero, mas acho que os presentes que um homem como ele está acostumado a receber não se encaixam nem no dobro do meu orçamento, portanto decido recompensá-lo sendo eficiente. Ele me elogia pela manhã ao constatar que ajeitei sua agenda e ainda resolvi muita coisa relacionada à empresa, o que foi um

PERIGOSAS ACHERON

alívio e tanto para sua secretária, Beatriz.

À noite, ao me preparar, enfrento um pequeno conflito com o meu guarda-roupas. Não tenho muitas roupas de festa, pois a maioria eu usava para o trabalho na boate e devolvi a Magnólia, mas tenho comigo um vestido preto, sem alça, que vai até as coxas. Não é a vestimenta mais bonita e atraente do mundo, mas o tecido dele é, ao mesmo tempo, elegante e despojado, o que me agrada.

Nos pés, ponho uma sandália de salto médio, com tiras finas que abraçam

confortavelmente os meus tornozelos.

Eu não sei se já mencionei o fato de que os meus cabelos me causam sérios problemas. Eles são volumosos demais e armam muito facilmente. Mesmo assim, dou um jeito de escová-los e decido deixá-los soltos, fazendo uns cachos nas pontas.

No rosto, passo uma maquiagem leve, e ao fim de tudo, me olhando no espelho, percebo que estou completamente diferente da garota que se arrumava de forma tão extravagante na época em que

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalhava na Sexy Symbol. Isso, de alguma forma, me deixa bem: saber que estou conseguindo me livrar, mesmo que aos poucos, do que um dia eu fui.

Desço as escadas. A casa está toda decorada, com uma música ambiente leve e requintada. Garçons uniformizados perambulam de um lado a outro com bandejas redondas, carregando bebidas e aperitivos dos mais variados tipos. Não encontro Romero, mas sei que ele está em algum lugar, atendendo aos convidados.

Edith passa por mim feito um furacão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo atrás, avisto Ariela. Ela me olha de cima a baixo, sem sequer disfarçar quando torce o nariz. Está usando um vestido vermelho elegantíssimo, saltos mais elegantes ainda, maquiagem e penteado dignos de uma atriz de Hollywood.

— O que você ainda está fazendo aqui?
— pergunta. — Os criados estão precisando de ajuda.

— Eu sou *assistente* do senhor Romero,
— informo no mesmo tom de voz, enfatizando a palavra — não garçonete.

PERIGOSAS ACHERON

— É mesmo? — ela arqueia uma das sobancelhas e debocha. — Mas você já fez isso antes, se não me engano.

Me controlo para não a mandar para o quinto dos infernos e abro um sorriso cínico.

— Exatamente, Ariela. *Fazia*, não faço mais.

— Então veremos o que o seu chefe vai achar quando descobrir que você é uma péssima funcionária, insensível e egoísta.

Do que essa louca está falando?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se aproxima mais.

— Edith e os outros estão precisando de uma ajudinha lá na cozinha, Valentina. Não seja má com seus amigos — ela pronuncia a última palavra com nojo. — Não custa nada ajudar, não é mesmo?

Em vez de lhe responder, apenas continuo a encarando, pensando em como Edith e os outros estão. Eu não posso ser egoísta agora, afinal eles não têm culpa se, mesmo com um buffet de primeira trabalhando na festa, Ariela decidiu escravizá-los.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Notando meu olhar, ela sorri, percebendo que conseguiu o que tanto queria. Em seguida, se afasta.

— Que vaca.

— Esse, com certeza, é o nome do meio de Ariela Almada — uma voz masculina faz a minha pulsação acelerar e, quando me viro, constatando de quem se trata, libero o a respiração que estava presa.

— Pietro — murmuro, levando a mão ao peito. — Você me assustou!

Seus lábios finos se curvam em um

PERIGOSAS ACHERON

meio sorriso e ele revira os olhos.

— Se for xingar os patrões, nunca verbalize isso em voz alta — ele chega mais perto. — Ariela parece ter ouvidos por toda parte.

— Me lembrarei disso da próxima vez. Quer ajuda? — mudo de assunto, apontando para uma das bandejas redondas que ele está, com maestria, conseguindo equilibrar com as duas mãos.

— Adoraria — confessa, encolhendo os ombros. — Mas... tem certeza? Você é assistente do anfitrião. Não vai pegar bem

PERIGOSAS NACIONAIS

sair por aí servindo bebidas com esse vestido. — Ele aponta com o queixo para a minha vestimenta.

— Tudo bem, Pietro. Não vou conseguir me enturmar com essa gente mesmo — declaro com um sorriso. — Me dê isso aqui.

Ele solta um suspiro de alívio quando tomo uma das bandejas.

— Equilibrismo não é muito a minha praia — comenta, e eu rio. — Bom, estou indo nessa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pietro ruma na direção de onde está a maioria das pessoas e eu parto para o lado de fora, onde tem menos gente.

Ariela resolveu decorar extravagantemente em torno da piscina também, e eu me pergunto como cabe tanta futilidade em uma mulher só.

Ainda equilibrando a bandeja com as taças de champanhe, paro diante de um grupo de senhores que conversam e ofereço a bebida. Alguns me olham de cima a baixo, por um tempo longo até demais para o meu gosto. Isso me

PERIGOSAS ACHERON

incomoda, pois me remete a relembrar da época em estava na boate e meu estômago se revira.

Disfarçando com um sorriso, me retiro e ofereço a um casal de meia idade. O homem, dessa vez, nem sequer me olha. Agradeço secretamente por isso.

Há poucas pessoas na piscina, e quase que automaticamente sirvo grande parte. Resta apenas algumas taças quando faço menção de rumar para buscar mais na cozinha, mas então eu paro.

Todos os meus sentidos, em questão de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

milésimos de segundos, ficam em alerta. Meus hormônios entram ebulição e parece que o meu encéfalo está em transe, toda sua energia sendo sugada para uma única direção.

Meus pés parecem estar enraizados no chão e minha respiração começa a se dificultar. Muito. A ponto de eu entreabrir meus lábios em busca de oxigênio, mas de nada adianta, pois a droga do órgão que ocupa espaço dentro do meu crânio parece ter dado um curto e virado nada mais que um monte de fumaça.

PERIGOSAS ACHERON

Não é possível que eu esteja tendo alucinações ou confundindo-o. Tudo bem que já sonhei com *ele* o suficiente para reconhecer exatamente cada poro do seu corpo, mas é meio que inacreditável vê-lo por aqui, em uma festa como essas.

Ele está diante de mim, sentado em uma das cadeiras. Seu tronco inclinado e os cotovelos apoiados nas coxas. Em sua mão direita há uma garrafa de Corona. Os cabelos continuam no mesmo comprimento que me lembro desde última vez em que o vi. Agora, porém, há um topete dourado muito bem armado, e a

PERIGOSAS ACHERON

barba um pouco mais espessa. Contudo, não posso deixar de notar as diversas tatuagens que antes ele não possuía e agora são visíveis em todo o seu braço. A blusa é preta, de forma que me impede a visão de algumas demais localidades.

Fico mais alguns segundos inerte e, quando dou por mim, estou com pernas trêmulas, rumando em sua direção.

Lembra quando eu mencionei sobre o meu cérebro ter virado fumaça? Pois é, deve ser este fato que está fazendo com que eu aja dessa forma. Eu não deveria

PERIGOSAS NACIONAIS

me aproximar dele. Não mesmo. Isso é demais para o meu pobre subconsciente, que parece estar calado, retraído. Ou furioso o suficiente para sequer chamar a minha atenção e informar que o que eu estou fazendo é uma tremenda de uma burrice. Talvez a maior burrice que já fiz em toda a minha vida.

Mas já é tarde demais. Estou a, aproximadamente, um metro de distância dele.

Tento colocar minha garganta para funcionar e pigarreio antes de falar:

PERIGOSAS ACHERON

— Champanhe?

*Sério que isso é a melhor coisa que
você consegue formular para dizer,
Valentina?*

Ah, o meu subconsciente acordou. Mas não dou ouvidos a ele, pois a cabeça do cara sentado diante de mim se ergue lentamente. Me sinto queimar por dentro quando seus profundos olhos verdes se fixam em minhas pernas, meu tronco e, por fim, meu rosto, dando-me novamente a impressão de que ele talvez seja capaz de ler minha mente. E por alguma razão

estranha eu gostaria que ele pudesse fazer isso agora.

Antes mesmo que ele possa responder, alguém — ou melhor dizendo, Ariela — se esbarra em mim, e a última coisa que eu pensei ou desejei que ocorresse, acontece:

Acabo me desequilibrando e derrubando todo champanhe na bandeja em cima dele.

Merda.

Ele se levanta, descolando a camisa do corpo, sem mudar muito a expressão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ariela logo se manifesta:

— Valentina, como você é desastrada!

— Eu juro que ainda esbofeteio essa perua.

— Desculpe — eu não estou falando com ela. Meus olhos estão descaradamente fixos nele. É somente ele.

— Eu... eu posso dar um jeito de limpar isso...

— Mas é claro que não pode! — Ariela vocifera, fazendo um verdadeiro show na beira da piscina. — Erick, filho, você está bem? Vá trocar essa camisa.

PERIGOSAS ACHERON

Erick?

Filho?

Certo. Eu *definitivamente* preciso mais de ar agora.

— Está tudo bem, Ariela — ele diz com voz neutra. — Eu devo ter alguma roupa lá em cima. Com licença.

Eu juro que ele me deu uma última secada antes de sair em direção à entrada da casa. Mas estou nervosa demais para ter certeza disso. Ariela ainda cacareja, quero dizer... *tagarela* alguma coisa, mas

não dou muita atenção a ela. Sinto minha garganta seca e, por mais que eu esteja do lado de fora, o oxigênio não parece estar sendo um bom companheiro agora.

Deixo a bandeja em cima de uma mesa e dou as costas a Ariela, procurando me recompor ao menos enquanto passo pelo hall, onde está a maioria dos convidados.

Baixo a cabeça, tentando passar despercebida, mas não obtenho muito sucesso.

— Valentina! — Ao escutar a voz de Romero, eu paro. Forçando um sorriso,

PERIGOSAS ACHERON

me viro para ele.

— Sim, senhor?

— Venha aqui, menina. Quero lhe apresentar a uns companheiros meus. — Ele ruma em direção a dois homens parados de frente a escada e aponta primeiro para um rapaz aparentemente tão jovem quanto eu. — Este é Alessandro. Ele começou na empresa como office-boy... — depois para o mais velho — e Everaldo era um simples copeiro. Hoje, ambos ocupam cargos muito importantes dentro da Construtora.

— É um prazer conhecer vocês —
cumprimento os dois senhores e
conversamos por longos e sufocantes dez
minutos até que eu finalmente consiga me
livrar da conversa e subir as escadas. Ao
alcançar o corredor, olho meu reflexo no
espelho da parede e me assusto. Estou
horrível, muito pálida e sinto que as
minhas mãos tremem.

Corro para o meu quarto e, quando
percebo que estou segura de toda a
turbulência externa, solto um longo
suspiro, batendo a porta atrás de mim.
Apoio minhas costas nela e fecho os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos, tirando alguns segundos para estabilizar a minha respiração.

No entanto, quando eu os abro, o que aparece no meu campo de visão é *arrebata-doramente* de tirar o fôlego.

Eu vejo costas e ombros largos.

Não são ombros comuns. São ombros tatuados. Quando ele se vira para mim, consigo ter a visão de um peito firme e definido e um abdômen que me faria dedicar toda a minha maldita vida contando cada gominho.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe... — *Ah, que maravilha. Ficar se comunicando em monólogos já se tornou a minha especialidade.* Tentando parecer menos tonta, eu acrescento: — Esse é o meu quarto.

Sua expressão não muda. Ele apenas dá de ombros e diz:

— É o meu também.

Então vejo-o abrir o closet.

O *meu* closet.

E remexer nele sem o mínimo constrangimento por estar fuçando nas

minhas coisas.

Depois de alguns segundos de busca, ele tira uma das camisas que eu isolei no canto. Ela é da mesma cor que a anterior e eu me pergunto se todo o seu vestuário se resume ao branco e preto.

— Esse era o meu quarto na época em que eu ainda morava aqui — me explica casualmente enquanto se veste.

— Você só usa a mesma cor? — essa pergunta sai antes mesmo que eu me dê conta. Me arrependo imediatamente.
Como eu sou inconveniente.

Ele não responde e eu desvio o olhar, tentando focar em outra coisa. Quando já o tenho totalmente coberto, arrisco direcionar meus olhos para ele novamente. Então, no momento em que ele está prestes a fechar a porta, algo cai de dentro do armário.

Só tenho uma coisa a dizer sobre isso: constrangedor.

Constrangedor para caramba.

Ele se agacha para apanhar o sutiã preto e o estende. Meu rosto se ruboriza e, na penumbra do quarto, reparo algo

semelhante a um meio sorriso surgir em seus lábios.

Após colocar a peça de volta no armário, ele vem até mim. Meu sangue parece gelar e ferver ao mesmo tempo. Um turbilhão de sensações para as quais eu não estava preparada. Lembranças me vêm à mente. Lembranças da única noite que valeu a pena desde que eu botei os pés naquele lugar. Lembranças que, em um pensamento totalmente burro, eu desejaria que se repetissem.

— Gosto de preto — sinto meu rosto

esquentar ao ouvir aquilo.

— Achei que lingerie vermelhas fossem a preferência masculina — *Que merda você está dizendo, Valentina?*

— Eu estava me referindo às minhas roupas, não as suas — *Por que eu não mantive a minha boca fechada?* — Até porque, eu não tenho preferência. — O sorriso malicioso alcança novamente os seus lábios, fazendo as covinhas se evidenciarem e eu quase perco o foco. — Na verdade, eu prefiro as que são mais fáceis de tirar.

Doce Jesus!

Engulo em seco.

— Concordo... quero dizer, eu entendo.
Acho que entendo, mas eu não estava... —
Cala essa boca. — Não foi a minha
intenção dizer aquilo, me desculpe.

Ele cruza os braços e não tira os olhos
de mim. É óbvio o fato de que está se
divertindo com o meu constrangimento.

— Valentina, certo?

Eu não respondo de imediato. Estou
mais preocupada em tentar respirar. De

repente, volto a analisar o que ele disse e uma pontada de esperança me surge. *Ele sabe meu nome.*

— Você *sabe* quem eu sou?

Ele está me observando. Como se analisasse com afinco cada traço em meu rosto, cada detalhe. Ou simplesmente está considerando se seria vantajoso ou não me dar uma resposta positiva.

— Eu ouvi Ariela falando seu nome lá embaixo — responde, por fim, optando por fingir não me conhecer. Mas talvez ele esteja sendo sincero. Cinco anos se

passaram, afinal.

— Ah, claro — um tanto quanto decepcionada, procuro me recompor. Mas, sinceramente, está ficando difícil.

Como se não bastasse, ele chega mais perto. Se encontra a centímetros de distância agora, e eu posso dizer que estou sendo *muito* capaz de sentir sua respiração quentinha contra minha pele. Ele tem um cheiro bom, também. Seja qual for o perfume que usa, está de parabéns.

— Bom, Valentina... — ele diz com o

rosto sério, levando a mão até a parede, ao lado da minha cintura, e eu juro que senti a eletricidade me percorrendo o corpo com o leve roçar da sua pele na minha. Mas esse êxtase dura por apenas alguns segundos. Pois logo em seguida, é como se houvessem me jogado um balde de gelo na cabeça, quando ele finaliza: — Você está atrapalhando a passagem.

Oh, merda.

Desejo veementemente que um buraco se abra e me engula neste exato momento. Meu rosto se aquece e eu fico irritada,

muito mais do que deveria.

— Desculpe. Pode sair. Eu preciso de um pouco de privacidade mesmo — replico, sem me importar por estar sendo ríspida.

Atentando para não tocar nele, nem olhar para ele, me afasto da porta, dando-lhe passagem. Ele para por um instante, como se fosse dizer mais algo, mas desiste e volta sua atenção para a porta, abrindo-a e saindo do quarto. Corro para o banheiro e lavo meu rosto, apoiando-me na pia.

Por essa eu não esperava.

Saio apressadamente do quarto e desço as escadas. Ainda consigo vê-lo enquanto ruma em direção à garagem, sumindo de vista.

— Admirando a paisagem? — alguém pergunta atrás de mim e quando me viro, dou de cara com Dóris sustentando um sorriso maroto nos lábios.

— O quê?

Ela aponta com o queixo na direção em que ele seguiu.

— O neto do Seu Romero — fala. —
Ele é tão bonito, mas é tão... esquisito
também.

— Você realmente acha isso?

— Bonito ou esquisito? — questiona
com um risinho.

— Estou me referindo às duas coisas.

— Bom, beleza não é tudo... e ele me
assusta — ela confessa com um encolher
de ombros. — Não é o tipo de homem que
eu procuro. Prefiro os mais românticos.

— Talvez ele seja um cara romântico —

me pego pensando alto.

Ela ri como se eu houvesse dito a coisa mais improvável do mundo.

Volto a minha atenção para o lado de fora e observo um *Maverick* vermelho seguir o caminho até o portão de saída e desaparecer.

— Faz quanto tempo que ele não mora mais aqui? — pergunto a Dóris.

— Desde que o pai morreu — ela responde com um tom de voz cauteloso.

— E depois disso não apareceu mais

por aqui? — Ela nega com a cabeça. Me arrisco a perguntar: — Você sabe como *exatamente* aconteceu o acidente?

— Ele...

— Dóris, quantas vezes já falei para não comentar sobre a vida dos patrões? — Edith a censura, aparecendo de repente.

— A culpa foi minha, Edith — defendo a moça. — Eu que perguntei.

A mulher suaviza a expressão, mas permanece séria.

— A morte do Hugo ainda mexe com o

Sr. Romero. É um assunto proibido nesta casa.

Me pergunto internamente se o porquê disso tem apenas relação com a intenção de Romero em não lembrar de um assunto doloroso e decido não dizer mais nada. Despeço-me de ambas e subo as escadas novamente.

Ao adentrar o quarto, me parece que o cheiro de Erick está em todos os lugares. Feito uma adolescente apaixonada, pego uma das camisas de dentro do closet e inalo o tecido, tentando captar mais

PERIGOSAS NACIONAIS

intensamente o aroma, mas o único odor que consigo sentir é o do amaciante de roupas que a lavadeira de Romero usa.

Frustrada e irritada comigo mesma por estar agindo tão infantilmente, retiro minha roupa e deito só de lingerie na enorme cama que um dia foi dele.

Merda, todos os outros objetos dentro deste quarto foram dele, e eu me pego imaginando isso meia hora depois, quando não consigo dormir.

Olho para a estante cheia de livros empilhados um ao lado do outro. A

PERIGOSAS ACHERON

maioria, consigo perceber, é sobre Engenharia Civil. Algumas matérias, para mim, desconhecidas. Difícil imaginar alguém como ele cursando Engenharia.

Estou em seu quarto, descobrindo seus gostos e um pouquinho do seu passado, desejando saber bem mais sobre ele.

Mas que merda estou pensando? O cara nem sequer se lembra de mim, e eu fico feito tonta me preocupando até com o que ele deve gostar?

Solto um longo suspiro enquanto rolo na cama. Um tempo depois, o qual eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

faço a menor ideia do quanto se passa, consigo dormir. Só que dessa vez, quando, inevitavelmente, sonho com ele e seus intensos olhos verdes, chamo seu nome. E o som soa como uma sinfonia das sereias, acariciando docemente entre os meus lábios.

Erick...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Valentina

Na segunda-feira me preparo para o meu primeiro dia como uma universitária. Estou mais do que ansiosa com tudo isso, pois não sei como vai ser. Nunca pisei em uma universidade antes e me pego imaginando se eles irão me aceitar bem, se farei amigos, se darei conta das matérias, se conseguirei segurar as pontas ou... ah, é tanta coisa que eu fico

praticamente louca!

Romero insistiu em me levar à faculdade, o que me fez lembrar do meu primeiro dia de aula no fundamental, quando meu pai havia feito isso. O carro para em frente a um prédio antigo, mas muito bem conservado. A Universidade Pacheco Soares é enorme e tem três andares, com setores muito bem distribuídos. Após resolver os últimos detalhes, apanho meus horários e sigo em direção à sala de aula para a primeira aula do dia.

Quando alcanço a sala, noto que está bastante cheia e a maioria das carteiras ocupadas. Sento-me em um dos poucos lugares vazios, ao lado de uma garota loira e muito bonita. Ela sorri para mim e se inclina em minha direção.

— Caloura? — Eu confirmo com a cabeça e, com isso, ela prossegue. — Certo, eu sou a Vanessa. Você vai gostar daqui, é só não dar muita atenção para aquele grupinho ali.

Ela aponta para um grupo onde há um rapaz e duas garotas, que mais parecem

PERIGOSAS NACIONAIS

modelos reais de boneca importada: uma é ruiva e a outra possui longos cabelos dourados. Consigo perceber de imediato o porquê da recomendação de Vanessa, quando a última me olha com indiferença. Os demais apenas observam curiosos.

— Mas esse pessoal aqui... — Vanessa aponta para seu lado esquerdo, onde há mais um grupo de jovens — são os melhores. Aquele ali é o Tiago, meu namorado; a morena é Cristina; e o bonitinho ali se chama Danilo, ou Dan, o babaca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa, muito engraçado — Danilo ironiza perante o comentário da amiga. — Para sua informação, eu sou o galã do grupo. Prazer.

— Menos... *Bem* menos. — Cristina adverte, atirando uma bolinha de papel em sua direção.

Mordo o lábio para não rir. Até que eles são legais.

— Eu me chamo Valentina — cumprimento-os. — É um prazer conhecer vocês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostei do nome — Danilo elogia, abrindo um sorrisinho de conquistador barato. — Tão bonito quanto a dona.

— Deus, alguém faz o favor de calar a boca desse moleque? — Cristina suplica. Ela é uma garota bonita, com cabelos pretos em corte chanel e uma franja reta. Seus olhos são de um tom de azul muito claros, grandes e expressivos. Parece uma boneca.

— Vocês dois se amam, não é mesmo? — Vanessa comenta e Cristina revira os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não começa.

— Ela sente tesão por mim, só não tem coragem de admitir — Danilo rebate.

— Vá se ferrar.

— Bom dia, pessoal! — Uma voz masculina interrompe o burburinho dos demais, e então eu me viro para encarar o meu mais novo professor, me arrependendo imediatamente.

Seguro com força a borda da carteira em que estou acomodada, tentando ignorar a aceleração em meu pulso

PERIGOSAS ACHERON

quando o avisto.

O destino só pode estar de gozação com a minha cara. Não é possível!

— Me parece que o professor Mendes teve outra crise de prisão de ventre — Vanessa cochicha, escondendo uma risada.

— O que? — questiono, ainda muito nervosa.

— Ele é só o nosso professor substituto — ela me explica. — O professor Mendes, às vezes, tem um sério probleminha com o

PERIGOSAS NACIONAIS

intestino e necessita faltar ao trabalho, então o filho do reitor da faculdade, quebra esse galho pra ele.

Eu franzo o cenho.

— Ele é o filho do reitor? — Oh, isso está ficando cada vez pior.

— Fica tranquila, porque ele tem diploma e está mais que apto a nos dar aula, ok? — ela ri, interpretando erroneamente a minha apreensão.

— Ah... ok — murmuro, tentando disfarçar o real motivo, em contrapartida.

PERIGOSAS ACHERON

Com que frequência o professor Mendes costuma passar mal? Eu terei que encarar a presença desse homem todos os dias aqui na faculdade? E o pior: se ele resolver espalhar para todo mundo como me encontrou pela primeira vez?

Sinto como se ainda fosse capaz de ouvir sua voz serena e seus olhos doces me encarando com compaixão naquela noite, tentando me livrar das garras de seus dois amigos. Ele foi o cara que tentou amenizar a minha situação naquela noite, e para quem eu agradeci internamente um milhão de vezes. Não sei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se me reconhece, mas me sinto incomodada quando ele fica longos segundos me encarando antes de retornar a falar:

— Percebi que temos uma aluna nova.

— Ai, merda! Ele está olhando diretamente para mim. — Pode se apresentar, por favor?

Com certa relutância, fico ereta e limpo a garganta antes de me apresentar.

Assim que termino, volto para a minha posição na cadeira e percebo o professor ainda olhando fixamente para mim. Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele não diz nada? Isso me parece bem pior do que tê-lo tagarelando qualquer merda sobre a aula. Não sei se ele ficou satisfeito com a minha breve apresentação, mas, felizmente, ele se apressa em me dar as boas-vindas e prepara o seu material.

Ao decorrer da aula, descubro que seu nome é Frederico, mas todos o chamam de Fred. Sua presença pode ser inquietante, ao menos para mim, mas ele é educado, divertido e sabe muito bem o que faz.

As demais aulas são tranquilas e eu

PERIGOSAS ACHERON

consigo captar boa parte das informações passadas. Na hora da saída, sigo com Vanessa e seus amigos pelo corredor, enquanto conversamos e nos conhecemos um pouco mais.

— Valentina! — Já estou quase alcançando o pátio, quando ouço alguém me chamar. Me viro e fico tensa ao notar o professor Frederico vindo em minha direção.

Vanessa alterna o olhar entre nós dois, mas não comenta nada.

— Tenho que ir — ela diz. — Você tem

meu número. Qualquer dúvida que tiver, só me mandar uma mensagem.

— Ok — sorrio.

Após me despedir, observo enquanto meus novos amigos se afastam, tentando não focar muito no sujeito de aparência angelical que está se aproximando cada vez mais, e me arrependendo amargamente por não ter fingido não ouvir quando fui chamada.

— Ei — ele diz, abrindo um sorriso amigável.

— Olá.

— Então, você é a moça que o Romero disse que viria, certo? — Ele põe as mãos nos bolsos da frente de sua calça. — Seja bem-vinda.

— Obrigada — repondo. — Você... conhece Romero?

— Eu... meio que sou amigo do neto dele.

Mesmo lutando para não pensar muito nisso, Erick me vem à mente. Pela expressão dele, os dois não são mais tão

amigos assim.

— Compreendo — fico sem saber ao certo como levar essa conversa. — Eu nunca imaginei que fosse ter um professor tão jovem — por fim, comento, com a única intenção de quebrar o silêncio constrangedor.

— Bom, eu já tenho quase vinte e sete — ele abre um sorriso largo —, mas muito obrigado.

— Ainda assim, é jovem. Acredite. — Fito minhas sapatilhas antes de erguer minha cabeça e tomar um gole de coragem

— Bom, eu preciso ir agora, professor.
Até quinta.

— Talvez o Mendes dê aula para vocês na quinta-feira, em vez de mim — ele me informa — Mas, de qualquer forma, nos veremos por aí, Valentina. Ah! E por favor, me chame de Fred. Isso faz eu me sentir menos velho.

— Ok, Fred — abro um sorriso. — Com licença.

E, disfarçando o máximo possível para não parecer rude, me retiro o mais rápido que posso.

A semana decorre de forma agitada, mas eu consigo conciliar muito bem o trabalho com a faculdade. Na segunda semana na Pacheco Soares, começo a perceber algumas coisas: A garota loira — cujo nome descobri ser Giovana — me odeia. A ruiva também, e da mesma forma ocorre com todo o pessoal que anda com ela e provavelmente já ouviu todo o tipo de merda que ela, com certeza, já deve ter inventado sobre mim.

Dan é um tremendo de um aspirante a Casanova, do tipo que atira para todos os lados, mas ele tem a infelicidade de não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir acertar em ninguém.

Fred ainda faz questão de me cumprimentar todas as vezes em que passa por mim, o que sempre me deixa tensa. Ele é um cara bacana e eu me sinto mal por achar sua presença inquietante, mas é algo inevitável.

Com o tempo, percebo que as únicas pessoas com as quais realmente vale a pena fazer uma amizade são as do “grupinho” da Vanessa. Na sexta, sou convidada pela loira a frequentar uma boate no fim de semana que, segundo ela,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

é “muito maneira”. Eu, com toda sinceridade, não estou nem um pouco a fim de ir, mas ao constatar sua expressão esperançosa sem me dar muito espaço para recusas, prometo que irei pensar.

Romero me dá um adiantamento, que eu consigo enviar para Melissa no sábado. O restante do dia passo estudando para as provas que serão daqui a algumas semanas.

É domingo. Estou tão entretida com os temas do meu estudo que até me assusto ao perceber meu celular tocando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mordo o lábio e faço uma careta ao ver o número de Vanessa.

— Oi, Van — atendo.

— Valentina, onde você se meteu? — ela praticamente berra do outro lado da linha. — Esqueceu que nós temos uma festa para ir, gata?

— Bem... eu pensei melhor e acho que não vai dar. Preciso estudar.

— Ah, por favor! — ela protesta. — Caramba, um dia de diversão não vai te deixar menos inteligente, amiga.

PERIGOSAS ACHERON

Aproveita.

— Você diz isso porque tem uma das melhores notas na turma. Eu ainda estou me adaptando, você sabe. E de qualquer forma, eu não vou fazer muita falta. Divirtam-se por mim, na próxima eu apareço.

— Valentina, qual a parte do "aproveita" você não entendeu? — Caramba, ela é boa no quesito persistência. — Você tem meia-hora. Se vista para *matar* porque eu aposto que vão ter muitos gatinhos quentes por lá.

Me calo por alguns instantes, tentando encontrar um outro meio de recusar, mas desisto quando percebo que não tem jeito.

— Tudo bem — solto um suspiro e recebo um gritinho animado de volta.

Deixo meu material de lado e arrasto meus pés até o armário em busca de algo adequado para usar. Depois de tudo pronto, tomo um banho demorado, ainda tentando me convencer de que essa festa será legal, e quase uma hora depois, fico pronta.

Quando o táxi para em frente a uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boate, ao meu ver, com uma aura um tanto quanto pesada demais, eu começo a me arrepender de ter vindo.

Não que eu tenha ido a boates o suficiente ao longo da vida para julgar, mas a *Sexy Symbol* era o nítido exemplo de ambiente pesado, onde rola muita coisa ilícita. Sinto-me totalmente desconfortável com essa situação, mas como decidi vir até aqui, e sem carro — para piorar — me apresso em direção à fila enorme para comprar a entrada.

Depois de alguns minutos, entro na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boate. A imagem da fumaça e o cheiro da bebida e cigarro mexem com os meus sentidos. A música está muito alta também e há muita gente, bem mais do que eu esperava. Imediatamente, passo a desejar estar usando algo diferente dessa saia preta e blusa justa que estão chamando mais atenção do que eu gostaria.

— Uau, como você está gata! — Danilo diz, aparecendo ao meu lado, sua voz um pouco alta devido ao barulho ensurdecedor do local.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada — Sorrio para ele. — Onde está o resto do pessoal?

— Ali atrás — Aponta para uma mesa diante de um pequeno sofá vermelho de couro, onde Vanessa está aos beijos com o Tiago. Logo após, Cris aparece e se senta ao lado deles, atrapalhando a interação do casal.

Sigo com Danilo até a mesa deles. Vanessa abre um sorriso largo ao me ver.

— Ei, vocês chegaram! Vieram sem carro, certo? Todos nós vamos beber muito hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Faço uma careta.

— Nem adianta fazer essa cara, Valentina. Vamos curtir como se esse fosse o último dia de nossas vidas!

— Não liga para ela, a Vanessa é louca
— Cris tenta me tranquilizar, notando a minha expressão estarecida. — Nós achamos que você não viesse.

— A Vanessa praticamente me obrigou
— acuso, fazendo todos rirem.

— Ah, amiga, eu estou feliz por ter aparecido! — a loira diz. — Vou chamar o

PERIGOSAS ACHERON

garçom para trazer algo para vocês beberem.

Eu me sento e Dan se acomoda ao meu lado, parecendo ter perdido totalmente a noção de espaço, pois praticamente está sentado em meu colo.

Minutos depois, um garçom vem nos atender. Sua vestimenta é justa e dá para perceber os músculos exagerados bem evidentes sob o uniforme branco.

— O que vão querer? — questiona, estendendo o bloquinho de notas. Seu olhar paira em mim por um bom par de

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes.

— Caipirinhas bem fortes — responde Vanessa, exageradamente animada. — Queremos nos embriagar hoje!

— Um refrigerante, apenas — digo, fazendo com que meus amigos olhem para mim de cara feia. Dou de ombros e aguardo enquanto ele anota meu pedido.

— Okay — o garçom fala. — Trarei caipirinhas bem caprichadas para os quatro e um refrigerante para a gatinha aqui — Uma piscadela e um sorriso, que eu finjo não notar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha nossa, o cara estava praticamente tirando sua roupa com os olhos! — Vanessa comenta depois que o garçom se afasta.

— Ele é só um gigolô barato — Dan desdenha. — Dá em cima de todas as clientes. A Valentina não iria querer ter algo com gente desse tipo.

— Por que não? — Cris pergunta.

— Ela parece ser "certinha" demais para essas coisas.

— Eu aparento ser "certinha"? —

PERIGOSAS ACHERON

Franzo o cenho.

Ele afirma com uma convicção invejável.

— Nada a ver — Cristina se manifesta.
— Que tipo de porcaria você andou bebendo antes de vir para cá?

— Ah, vocês não entendem! Olhem só para ela.

Eu enrugo ainda mais a testa e Cristina começa a rir, o que deixa Danilo irritado.

— Esquece. Vocês mulheres não têm o dom de identificar esse tipo de coisa, mas

eu sei, ok? E aposto que o Tiago também percebeu — Em seguida, ele olha para o amigo, em busca de apoio.

— Eu não vi nada não, cara — Tiago já se adianta. — Eu só tenho olhos para a minha loirinha aqui.

Quando o casal se beija, Cris e Dan provocam, simulando vômito ou fazendo comentários zombeteiros. Eu apenas observo-os com um sorriso bobo.

Tiago tem um cabelo castanho bem cortado, olhos claros e um corpo atlético. Vendo os dois juntos, são o exemplo

PERIGOSAS NACIONAIS

perfeito de Ken e Barbie. Me pego imaginando como seria caso eu tivesse um namorado de verdade.

Quando o garçom reaparece, trazendo as bebidas, afasto meus pensamentos. Ele se retira rapidamente, mas logo noto que junto ao meu copo há um papel com um número de telefone escrito.

— Que tática mais clichê — Danilo volta a alfinetar, meneando a cabeça. — Caras com falta de criatividade são péssima companhia. Não caia nessa, Valentina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo menos ele tem uma bunda bonita — essa afirmação vem de Cristina, e isso é o suficiente para que todos, até mesmo Danilo, caiamos na risada.

Com o tempo, mesmo com o meu refrigerante esquentando, consigo me soltar mais. Dan, vez ou outra, se vira para mim e chega perto demais. Quero impor um limite. Não sou "certinha", como ele me intitulou, mas também não estou a fim de um bêbado no meu pé, lançando farpas em todo cara que cogita se aproximar de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Val, você não bebeu hoje, mas pelo menos dançar você tem que aceitar! — Para a minha felicidade, as meninas me puxam e eu consigo me desvencilhar das investidas de Danilo.

Uma música internacional que eu conheço muito bem está tocando e isso logo me anima. Se existe uma coisa que eu sempre gostei de fazer, foi dançar. Não em cima do palco, mas da forma que eu fazia quando estava sozinha em casa, arriscando alguns passos diferentes.

A canção é lenta, com um quê de

PERIGOSAS NACIONAIS

sensualidade. Meus quadris trabalham no ritmo contagiante. Sorrio quando as outras duas me imitam.

Quando as batidas começam a ficar mais intensas, eu me deixo levar ao balanço compassado.

De repente, a expressão de Vanessa muda. Seus olhos se expandem e, por um instante, imagino que tenha algo de errado comigo quando ela segura em meus ombros, cessando meus movimentos.

— O que foi? — pergunto, confusa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caramba, Valentina... — ela morde o lábio para esconder um sorrisinho. — Não olha agora, mas aquele cara definitivamente está comendo você com os olhos. E, meu Deus, ele me parece *quente*.

Franzo o cenho. Era por causa disso que ela estava fazendo tanto alarde? Sinceramente, não tenho interesse algum em flertar com ninguém hoje, muito menos ser o foco da atenção de algum bêbado com segundas intenções. Quero apenas me divertir.

PERIGOSAS ACHERON

— Há dezenas de caras aqui, Vanessa, e eu acho que essa minha roupa não é folgada o suficiente para evitar que me observem. Vamos dançar e ignorá-los.

Ela balança a cabeça euforicamente, influenciada pela quantidade de bebida que ingeriu, e volta a falar:

— Amiga, eu não estou brincando quando digo isso — Umedece os lábios.
— Que o Ti não me ouça, mas ele é o cara mais gostoso que eu já vi.

Influenciada pela curiosidade em saber quem é esse tal sujeito, me viro e me

PERIGOSAS ACHERON

arrependo no mesmo instante.

"Quente" é um puta eufemismo em se tratando do homem sentado próximo a uma mesa, apenas alguns metros de distância de nós.

Em sua mão há uma garrafa de cerveja, que dessa vez não consigo identificar o rótulo. O outro braço está estirado no encosto do assento, relaxadamente, deixando expostas as diversas tatuagens que fazem um belo conjunto com a sua personalidade.

Como da última vez, ele usa preto. Mas

PERIGOSAS NACIONAIS

para a minha glória, ou perdição, o cara está com uma regata que deixa pouco para a imaginação. Mesmo assim, eu tenho total certeza que a maioria das mulheres daqui, inclusive eu, dariam o fígado para poderem ver aqueles magníficos gominhos em seu abdômen, nem que fosse por uma fração de segundos.

Imediatamente, sinto minha pele esquentar. Como alguém que eu vi pouquíssimas vezes na vida pode ter tanta influência sobre o meu cérebro e corpo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

Erick

— Resolveu me perseguir agora? —
interrogo, sem sequer me dar ao trabalho
de dirigir minha atenção a Giovana.

Ela acabou de se sentar do meu lado, e
se dentro de dois minutos não me disser
que merda quer aqui, vou dar o fora e
deixá-la falando sozinha.

— Claro que não, seu idiota — ela
retruca. — Não seja tão presunçoso.

— Está fazendo o quê aqui, então?

— O mesmo que você. Me divertindo.

— Então por que não aproveita para dar uma volta, hein? — sugiro. — Estou a fim de encher a cara sozinho.

Ela faz um biquinho infantil.

— Eu quero conversar com você, Erick. Quero fazer as pazes. Sei que acabei com a porta do seu closet e me arrependo muito.

Ora, ora.

Me limito a olhar para ela. Não esboço

PERIGOSAS ACHERON

nem um tipo de reação e, quando não respondo, Giovana parece explodir por dentro, mas se controla.

— Erick, é sério! Fala comigo.

— Se está achando que vou cair nesse seu papinho fingido, pode ir tirando seu cavalo da chuva — comunico. — E você vai ter que aguçar essa sua mente, pois manchar a porta de um armário de batom não é o plano mais inteligente para quem está querendo se quer vingar de alguém.

— Você merece coisa bem pior! — ameaça furiosa. — Eu deveria ter ferrado

com o seu carro.

— Você não estaria mais aqui se tocasse no meu carro.

— Não é justo você ficar bravo comigo por isso! — Ela se aproxima mais, e seu cheiro, uma mistura de bebida com perfume exageradamente adocicado, golpeia minhas narinas. — Que tipo de garota aceitaria transar com o cara para quem esteve prometida desde a adolescência e ser enxotada por ele no dia seguinte, Erick?

— Quanta hipocrisia... — caçoo, sem

PERIGOSAS ACHERON

um pingo de emoção em meu tom de voz.
— Você não era nenhuma garotinha virgem e inocente quando foi para minha cama, Giovana, então não venha com esse drama todo para cima de mim, porque comigo não cola.

Dou outro gole na cerveja e procuro me afastar dela, enquanto volto a minha atenção para o que estava focando inicialmente.

Uísque. É a primeira coisa que açoitava a minha mente toda vez que encaro os olhos dela. Eles são *diferentes*, de alguma

PERIGOSAS NACIONAIS

maneira. Além dessa curiosa tonalidade acobreada, são doces, expressivos e prendem a atenção, coisa que pouca gente consegue.

Ela não tira esses malditos olhos de mim e isso me irrita um pouco. Eu preferia apreciar sem ser descoberto, admirar minuciosamente cada detalhe, mas aí apareceu aquela maldita amiga. Por que sempre tem que haver uma amiga fofoqueira para estragar tudo? Ela estava dançando tão *malditamente* bem. Mesmo com essa bosta de música, ela estava... divina?

PERIGOSAS ACHERON

Desde quando esse tipo de merda se encaixa no meu vocabulário?

Que patético, Erick.

É curiosa a forma como essa garota reage em relação a mim. A maioria das pessoas tem medo de mim ou se sentem, no mínimo, intimidadas com a minha presença, mas ela não. Ela parece querer testar os meus limites. Em outra situação, eu já teria caído fora antes de fazer algo que me deixe arrependido depois, mas eu volto a me lembrar do passado e em seus malditos olhos cor de uísque, e toda a

minha força de vontade se esvai.

Putá merda. Estou fodido.

Giovana chama minha atenção, reclamando de alguma merda para a qual eu não dou a mínima. Eu me viro para ela, já farto.

— Ainda aqui? — Arqueio uma sobrancelha para enfatizar meu tom grosseiro, mas ela apenas repete o meu gesto e aponta com o queixo para o ponto que eu estava observando segundos atrás.

— Sério que *ela* é quem está roubando

PERIGOSAS NACIONAIS

sua atenção? Meu Deus, Erick você deve estar muito bêbado.

— Não tanto quanto gostaria — replico.
— E por falar nisso, esse tempo todo que estou perdendo dando atenção a você, eu poderia estar bebendo mais. Portanto, faça o favor de se mandar daqui e não enche a porra do meu saco.

— Eu não vou fazer isso!

— Estou começando a me irritar com você, Giovana. Dá o fora.

— Não antes de você me ouvir, Erick.

PERIGOSAS ACHERON

Caramba, que carma.

— Se você fizer barraco nessa mesa, eu não responderei por mim.

— Você não me machucaria — ela desafia.

— Quer tentar a sorte?

Ela me olha por um longo instante, provavelmente tentando descobrir se estou blefando. Mas eu sou um ótimo jogador também, portanto seguro seu olhar por tempo suficiente para que ela opte pela decisão mais sensata, que é me

deixar sozinho. Não sem antes direcionar um olhar feio para a garota de volumosos cabelos escuros que, a apenas alguns metros de distância, está fazendo com que o meu amigo lá embaixo dê o ar da graça.

Santo Deus! Eu já falei que estou fodido?

Valentina

— O que aquela garota está fazendo ali? — Vanessa interpela ao reparar na loira que se senta junto a Erick.

Ele, no entanto, não parece dar muita relevância a isso, já que seu olhar ainda está voltado para mim. Ele nem sequer tenta disfarçar, e isso me faz ficar ainda mais pilhada. É como se ele fosse um grande livro aberto, mas totalmente criptografado, desafiando quem quer que seja a desvendá-lo.

— Eu não sei — Respondo, também querendo saber o que Giovana está fazendo grudada em Erick. Eu não sabia que se conheciam.

— Os dois parecem estar discutindo —

minha amiga comenta, observando-os iniciarem um diálogo, supostamente, nada amigável.

Tento disfarçar minha espionagem descarada, mas não consigo parar de olhar para ele. O cara dificulta ainda mais a minha situação, quando nem sequer faz menção de quebrar o contato visual.

Irritada, Giovana enfim sai de perto de Erick. É impressão minha ou ele parece, até mesmo, aliviado depois que isso acontece?

— Preciso beber alguma coisa — digo

para Vanessa, percebendo que a minha garganta está seca demais.

Seu sorrisinho retorna. Por que ela tem que disfarçar tão mal?

Eu juro que Erick percebeu o que estava rolando no instante em que eu olhei para ele. Merda, por que fui fazer aquilo? Não seria mais fácil se eu estivesse totalmente alheia à sua presença nessa droga de boate?

Mas é claro que não. A quem você está querendo enganar, Valentina? É do Erick que estamos falando. O cara que povoa

seus sonhos mais sórdidos desde os seus dezoito anos de idade.

Vanessa me segue enquanto eu rumo até o balcão. Do outro lado, está o tal cara da bunda bonita que chamou a atenção de Cristina. Eu até riria da situação agora, ao pensar nisso, mas estou nervosa o suficiente para não conseguir focar em qualquer outra coisa.

— Então, gatinha — Ele vem até nós... até mim, para ser mais exata. — Mais um refrigerante?

Considero sua pergunta e percebo que

PERIGOSAS ACHERON

eu, definitivamente, preciso de algo mais forte. Portanto, peço uma dose de tequila pura.

— Por conta da casa — Ele pisca ao me entregar o copinho. Agradeço e trato de tomar o drink de uma só vez, fazendo minha garganta pegar fogo. Eu deveria estar menos nervosa, certo? Sim, mas não é o que acontece.

Peço mais uma bebida e, dessa vez, quando o líquido desce queimando, não é tão estranho. Sinto-me mais relaxada e começo a bolar um plano para dar o fora

daqui sem que minha amiga inicie sua tonelada de objeções, quando uma mão segura meu ombro.

— Vem aqui, Val, vamos dançar.

Droga!

Me viro e dou de cara com um Danilo bêbado, lançando seu bafo de vodca em minha direção. Tento me desvencilhar dele, mas as suas mãos seguram minha cintura com força.

O pior de tudo é quando eu consigo me virar para Erick. Sua expressão parece ser

PERIGOSAS NACIONAIS

a mesma máscara de indiferença que ele vestiu desde a última vez em que nos vimos. Mas, contestando o que ele tenta demonstrar, em seus olhos há algo quase mortal. É estranho eu dizer isso, considerando os metros de distância entre nós, mas eu sou capaz de sentir isso. E eles queimam os meus.

Sinto um aperto no peito quando ele quebra nosso contato visual, se levanta meio cambaleante, e sai sem me dar mais atenção.

Para onde ele vai?

PERIGOSAS ACHERON

Olho para a garrafa de cerveja que ele deixou em cima da mesa e solto um palavrão baixinho.

Com muito esforço, consigo me livrar de Danilo, que fica feito louco me chamando, e sigo em direção à saída.

Não demora muito para eu avistar Erick parado em frente ao seu Maverick vermelho, tentando pegar algo do bolso de trás da calça. Ele resmunga alguma coisa e tira um molho de chaves de dentro dele. Apoiando um braço na lataria do carro, ele destrava a porta com a outra

mão, então eu me dou conta de que merda ele está prestes a fazer.

— Erick!

— O que foi? — pergunta quando o alcanço, ainda sem olhar para mim.

— Eu sou a Valentina...

— Eu sei quem você é — ele me corta.

— Para onde você pensa que vai nesse estado?

— Para casa? — Dá para sentir a ironia em seu tom de voz, como se eu fosse uma estúpida fazendo uma pergunta mais

estúpida ainda. Não gostei disso.

— Você está bêbado, mal consegue abrir a porta do carro. Acho que não é uma boa ideia você sair daqui assim.

— Não enche — Ele, enfim, consegue destravar a porta. Não sei por que faço isso, mas o detenho ao segurar seu pulso.

Erick olha para as nossas mãos estão unidas e depois sobe o olhar para meu rosto.

— Me deixa em paz — Isso sai mortalmente afiado, e eu estou

começando a me sentir como aquelas formiguinhas burras que, mesmo sabendo que é imprudente e errado, insiste em se lançar no fogo.

— Não — eu falo. — E não venha me dizer que eu mal te conheço, ou que não tenho nada a ver com a sua vida, pois eu não estou fazendo isso por você — minto. — Estou fazendo pela sua família. Pense no seu avô e na sua mãe, Erick.

Ele dá uma risada sem humor.

— Minha mãe? — caçoa. — Você definitivamente não me conhece e não

sabe merda nenhuma sobre a minha família.

Eu imagino o que ele queira dizer, e isso me corta por dentro. Ariela realmente não parece ser o tipo de mulher mais amorosa do mundo.

De repente, sinto como se o ambiente houvesse ficado quente demais, então eu o solto imediatamente, como se aquilo estivesse me queimando a ponto de deixar minha palma em carne viva.

Ele abre a porta do carro e consegue se acomodar no banco do motorista, prestes

PERIGOSAS NACIONAIS

a ir embora. Mas se ele está pensando que essa sua grosseria toda conseguiu me intimidar, está muito enganado. Explano minha mão sobre o capô do veículo e ele amaldiçoa antes de abaixar o vidro.

— Que porra você está fazendo agora?

— Você não vai sair daqui nesse estado — afronto. — Nem que, para isso, eu tenha que chamar o seu avô até aqui.

Ele resmunga e sai do carro. Seus olhos são puro fogo agora, ainda mais intensos e me queimam com muito mais facilidade.

PERIGOSAS ACHERON

Estou perdida.

— Sai da minha frente.

— Ou o quê?

— Ou eu irei passar por cima de você.

— É mesmo? — debocho, cruzando os braços sobre o peito, tentando disfarçar a forma como sua presença mexe assustadoramente comigo. — O que está esperando, bonito?

Ele solta uma respiração pesada. Sinto que está se controlando para não soltar outro palavrão.

— Ninguém dirige o meu carro — Diz, e sua voz sai mais calma do que eu imaginava. Suponho que seja a hora de baixar a guarda também.

— Eu dirijo, te deixo em casa e ninguém comenta nada. Vamos fingir que nada aconteceu. Vai ser nosso segredo.

Ele me olha por um instante bem longo, mas é difícil decifrar seus sentimentos por trás da expressão neutra. Desejo que ele comente algo, ou apenas demonstre que ele se lembra de mim, mas não vejo nada. Quando volta a falar, a voz volta a

ser fria:

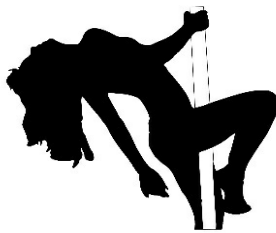
— Se você bater com o meu carro e a gente sair dessa, eu juro que te mato na primeira oportunidade que tiver.

A probabilidade de *ele mesmo* fazer isso é bem maior, mas eu resolvo não o contrariar. Eu sei que deveria me sentir ao menos um pouco assustada com tudo isso, afinal o cara está bêbado, a gente mal se conhece e ele está me ameaçando, mas por uma razão bem estranha não consigo sentir medo dele.

Erick parece se desconcertar quando

abro um sorriso, concordando com o que acabou de decretar e estendo a palma. Ele hesita, mas não deixa de depositar as chaves em minha mão.

Um ponto para Valentina.



Erick dá a volta no carro e senta no banco do carona, enquanto eu assumo o do motorista. Tudo bem que eu tomei aqueles dois drinques e não deveria estar agindo com ele assim, quando eu mesma

ingeri álcool, mas ao menos tenho mais condições de dirigir do que ele.

Pergunto qual o seu endereço e ele me responde, de má vontade. Passamos a metade do trajeto em silêncio, até o meu celular tocar. Olho no visor e vejo o número de Vanessa nele. Quando atendo, afasto o telefone do ouvido instantaneamente, sua voz aguda acertando em cheio os meus tímpanos.

— Garota, onde você está!? — As palavras enroladas deixam claro o seu estado de embriaguez. — Procuramos

PERIGOSAS NACIONAIS

você por toda parte, Val. Onde se meteu?

— Bem, eu... tive que ajudar um amigo

— Erick produz um gesto de escárnio ao meu lado, e se eu não estivesse atenta na estrada, daria um empurrão nele.

— Hum... ele é gato?

— Ele... bem, é o neto do meu chefe — desconverso.

— Tá, mas você ainda não me disse se é gato! — ela grita, e nem espera pela minha resposta quando emenda: — Uh, esqueça. Deve ser um desses

PERIGOSAS ACHERON

almofadinhas com cara de virgem. O que houve, hein? O garoto está bêbado?

— Acertou em cheio — contendo uma gargalhada diante do comentário dela. Acho que ela morreria se descobrisse que estou sozinha dentro do carro do "cara gostoso" rumo ao seu apartamento.

— Entendi — fala. — É uma pena que não esteja aqui. Você não sabe o que está perdendo, Val. Estou muito embriagada!

Eu sinto vontade de rir.

— Acho melhor você dar um tempo no

PERIGOSAS NACIONAIS

álcool — recomendo. — Vá para casa e não faça besteiras.

— Você vai voltar?

— Eu não sei. Talvez vá direto para casa. Está tarde.

— Tudo bem, então — diz, enrolando a língua. — Usem camisinha!

Isso me faz olhar para Erick automaticamente. Ele parece muito entretido, focado na paisagem através da janela aberta ao seu lado, para ter escutado o que Vanessa acabou de dizer

PERIGOSAS ACHERON

do outro lado da linha. Solto a respiração.

— Preciso desligar agora — digo. —
Não se preocupem comigo, divirtam-se.

E ao receber uma despedida curta,
desligo o telefone.

— Dirigir e falar ao telefone ao mesmo
tempo é um ato um tanto quanto
irresponsável para alguém tão moralista
como você — Erick provoca, chamando
minha atenção.

— E você é muito debochado para um
bêbado — replico.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vejo algo semelhante a um sorriso desenhando seus lábios perfeitos, mas é apenas por uma fração de segundos. Logo ele veste a máscara de garoto mau novamente e me ignora por todo o restante do trajeto.

Quando chegamos ao seu prédio, ele me indica a chave do portão automático da garagem e eu estaciono o carro antes de dar a volta para abrir a sua porta.

— Não precisa — recusa a minha ajuda, mal-humorado. — Eu consigo andar sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No mesmo instante, ele cambaleia e se apoia no carro para se reequilibrar. Cruzo os braços e levanto uma sobrancelha para ele.

— Certeza?

— Você é chata — ele diz com voz trôpega, o que me arranca uma risada. — Não ri, eu tô falando sério.

— Okay — levanto as mãos em sinal de rendição. — Mas a chata aqui tem quase certeza de que você não irá nem até metade do caminho sem a ajuda dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Além de chata é equivocada —
resmungando e se afasta, tentando provar que
estou errada, mas vacila e,
automaticamente, seus pés param. —
Caralho.

Mordo o lábio para não rir e deixá-lo
ainda mais irritado e me aproximo. Ele
não parece se incomodar quando coloco
seu braço pesado sobre os meus ombros.
Nem quando fecho o seu carro e rumamos
em direção ao saguão.

Tento não focar no calor aconchegante
que emana dele, e o auxílio com o

máximo de forças que consigo. Não preciso nem dizer que o cara é uns bons centímetros mais alto que eu, né? E que ele pesa como um touro.

Putá merda.

Cumprimento educadamente o porteiro, que lança um olhar inquiridor na direção de Erick e logo se retrai, como se estivesse com medo da sua reação caso seja pego observando.

— Qual o seu andar? — pergunto, já em frente ao elevador.

— Décimo — ele responde.

Quando a porta do elevador se abre, entramos. Apoio Erick em uma das paredes, liberando meus ombros enquanto aperto o botão do seu andar. Ele recosta a cabeça na parede atrás de si e mira seus olhos no marcador digital, evitando fazer contato visual comigo.

Eu não tento chamar sua atenção, no entanto. Acho que é melhor eu ter seu olhar e o seu toque bem longe de mim.

Um ano parece ter se passado quando chegamos no décimo andar. Ele recusa a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha ajuda quando parto para tentar auxiliá-lo, como se já estivesse acostumado a perambular bêbado pelo corredor do prédio. Para em frente à sua porta, me olhando, e eu fico meio sem entender o que ele está fazendo, quando seus olhos me queimam novamente.

— As chaves — fala impacientemente.
— Estão com você.

— Oh! — murmuro, feito uma idiota.
— Claro, as chaves.

Busco o molho de chaves, que a essa altura já pus em meu bolso e nem havia

PERIGOSAS ACHERON

percebido.

Tento inserir a chave na fechadura, mas não obtenho muito sucesso. Existem várias. Ele faz um gesto de impaciência e puxa o molho da minha mão. Quando irrompe para dentro do apartamento, faço o mesmo, sem saber se é a atitude mais correta a se tomar.

O local cheira bem. Cheira a Erick.

Luto contra os meus instintos enquanto, sem dizer nada, ele parte para o corredor, seguindo em direção ao quarto. Mas que merda ele pensa que está fazendo?

— Ei? — chamo, mas sou ignorada. —
Erick? — repito, indo atrás dele. O
encontro dentro do quarto amplo e
masculino. Ele acende a luz do abajur ao
lado da cama e tira a camisa. Eu levo as
mãos à cintura enquanto observo as suas
ações.

Em momento algum ele olha para mim.

Em momento algum ele me dirige a
palavra.

Em droga de momento algum o imbecil
me dá atenção.

Ele simplesmente tira a calça e se joga de bruços em cima da cama.

Oh, não. Ele não vai fazer o que estou pensando. Não mesmo!

Mas percebo que já é tarde demais quando ele começa a roncar. Puta merda.

— Erick, acorda — o chacoalho desesperadamente, mas a única resposta que obtenho é um resmungo. — Acorda, seu imbecil. Eu preciso ir embora!

Ele solta um palavrão e muda sua cabeça de posição, me ignorando

completamente.

*Mas que maravilha, hein, Valentina.
Como você irá fazer para ir embora
agora?*

Merda, eu não pensei nisso antes de vir.
Será que ele ficaria muito bravo se eu
fosse para casa com o seu carro? Eu
poderia devolvê-lo quando amanhecesse,
afinal ele sabe onde moro.

Volto a pensar em todas as suas
recomendações e ameaças a respeito do
carro e mudo de ideia. Talvez se eu fosse
capaz de fugir para a Groelândia em um
PERIGOSAS ACHERON

prazo máximo de três horas, poderia até me arriscar. Caso contrário, sem chance. Afinal, é um *Maverick*, e se alguma coisa acontecer com aquela belezinha, eu não teria como pagar um automóvel desses nem se vendesse a minha fodida alma.

Chamar um taxi a essa hora também não me parece uma opção viável e segura, portanto decido dormir por aqui mesmo. No dia seguinte, irei embora cedo.

Volto para a sala e tranco a porta antes de analisar o local mais detalhadamente. É um apartamento bonito, prático e

PERIGOSAS NACIONAIS

masculino. Como eu já previa, a decoração também se resume ao branco e preto. O conjunto de sofá é espaçoso e eu me sento em um deles antes de tirar os meus sapatos. É macio também. Talvez sirva para que eu descanse um pouco, então poderei pedir para que um dos motoristas de Romero venha me buscar quando o sol raiar.

Tento me forçar a dormir, mas não consigo. Estou inquieta e não sei exatamente o porquê. Talvez pelo fato de haver diversos "porquês".

PERIGOSAS ACHERON

Me levanto e começo a perambular pelo local. Percebo que o apartamento não possui quarto de hóspedes, o que significa que Erick não é do tipo de pessoa que costuma receber visitas. Sua cozinha é espaçosa, os eletrodomésticos de última geração. Há um comprido balcão de granito escuro no centro. Banquetas altas o circundam.

Encontro alguns pratos sujos na pia e, quando me dou conta, já estou lavando-os e secando. Nunca gostei de ver louça suja, aliás, sempre gostei de tudo muito bem organizado. Desconfio que seja um

PERIGOSAS ACHERON

hábito que criei desde pequena, quando a minha mãe me encarregava de limpar a casa.

Sentindo-me mais habituada e tranquila, volto para a sala. Ajeitando uma das confortáveis almofadas, ponho minha cabeça em cima dela e me deito no sofá.

Não demora muito para que eu, enfim, consiga cair no sono.

CAPÍTULO 8

Valentina

Sinto algo macio debaixo do meu corpo e um cheiro maravilhoso agradar de imediato o meu olfato. De olhos ainda fechados, espreguiço-me e sorrio, sem saber ao certo por que estou fazendo isso. Junto as mãos e deito meu rosto de lado sobre elas, aguardando mais alguns segundos para, enfim, me levantar. Só então, me dou conta de que não estou na

cama que uso no quarto da mansão. Eu nem sequer estou na mansão.

Droga!

Abro os olhos e os expando automaticamente. Erick está no sofá do lado oposto ao meu. Seus cotovelos estão apoiados sobre a coxa, seu tronco inclinado enquanto ele me observa. Usando essa camisa branca, ele não me parece em nada com o bêbado mal-humorado da noite anterior. Ele está bem sexy, até. *Para variar.*

Ajeito a minha blusa, à medida que me

PERIGOSAS NACIONAIS

sento no sofá. Estou um trapo. Não posso visualizar os meus cabelos, mas aposto que se transformaram em um ninho de guaxinins, minha maquiagem está provavelmente borrada e eu devo parecer uma boneca de decoração de alguma festa de Halloween.

E logo ele, que tomou o maior porre na noite passada, aparenta impecável. Isso não é justo!

— Acordou cedo — aponto o óbvio, me erguendo. — Nada mal para quem mal se aguentava em pé ontem.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu disse a você para não se preocupar comigo — fala, ainda na mesma posição. — Eu sei me cuidar.

— Um "obrigado" seria bem mais adequado para se dizer, sabia? — reclamo. — Eu o liberei de um possível acidente ontem.

Reparo algo em seu olhar mudar, mas ele não deixa transparecer muito. Erick é bom em mascarar os sentimentos, se é que ele tem algum.

— Esteja pronta em breve — ele muda o rumo da conversa. — E venha tomar

café.

E assim, ele se levanta do sofá.

— Eu preciso ir ao banheiro primeiro
— comunico.

— Primeira porta ao final do corredor
— Já de costas para mim, ele segue em
direção à cozinha.

Me levanto do sofá e sigo as
coordenadas de Erick. Embora eu tenha
vasculhado o seu apartamento na noite
anterior, não tive a curiosidade de visitar
seu banheiro. A primeira coisa que

percebo é que ele está intocável. Provavelmente, esse não é o que ele usa.

Após fazer o possível para ajeitar o meu cabelo, prendendo-o em um coque, abro o armário em busca de uma escova nova. Pelo pouco que pude notar, Erick não me parece ser o tipo de cara que recebe visitas, portanto me surpreendo quando acho uma escova de dentes, ainda na embalagem, disponível dentro do armário.

Após escovar meus dentes — duas vezes — faço o que posso para ficar com

PERIGOSAS NACIONAIS

a melhor aparência possível. *Caramba, qual o meu problema?* Me pergunto enquanto ajeito pela terceira vez o meu cabelo. Eles são volumosos demais e embaraçam muito facilmente. Decidida a deixá-los soltos, saio do banheiro e rumo em direção ao cheiro maravilhoso de café fresco.

Erick está sentado diante do balcão, os antebraços apoiados no mesmo. Seu olhar sempre me penetrando.

Me sento diante dele e pisco, admirada ao constatar a quantidade de iguarias

PERIGOSAS ACHERON

frescas disponíveis para o café da manhã.

— Você quem fez tudo isso?

— Não.

— Então quem fez?

— Liguei para uma padaria próxima logo cedo.

Faço um aceno com a cabeça e não digo mais nada. Apenas aguardo ele começar a comer, mas em vez disso, ele permanece me olhando.

— Qual o problema? — indago, constrangida.

— Como? — ele parece confuso.

— Você me olha como se houvesse uma tarântula sapateando na minha cabeça, isso não é nada confortável.

Um meio sorriso alcança seus lábios.

— Quer que eu feche os olhos enquanto você come?

— Se isso fizer você parar de me olhar, sim.

— Você é esquisita — O sorriso se alarga um pouco mais, fazendo com que as covinhas em suas bochechas se

evidenciem. É difícil ver Erick sorrir, e isso faz eu me agarrar a esse momento como se fosse a última coisa boa da face da Terra. Acabo sorrindo de volta.

O cara me chamou de esquisita e eu sorrio de volta.

Sim, eu sou bem esquisita.

— Coma — ele diz. — Precisaremos sair daqui a vinte minutos.

— Você não vai comer? — Pergunto.

— Eu não tomo café da manhã.

— Por que não?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisa haver um motivo?

— Não, necessariamente. Mas por que você providenciou o café, se não toma café?

— Estamos *mesmo* discutindo isso? — Ele arqueia a sobrancelha, aparentemente impaciente.

— Sim — bato de frente.

— Não interessa — responde, sisudo.
— Agora tome o seu café. A esperarei na sala.

E como se a estranha aqui fosse

PERIGOSAS ACHERON

somente eu, ele sai, me deixando sozinha.

Depois de tomar o café da manhã, lavo a louça que sujei e limpo o balcão.

Quando chego na sala, Erick está ao telefone.

— Eu sei — ele diz. — Mas não dá para segurarem as pontas até eu chegar aí? Não, Rosa, não faça isso. Eu não confio nele para isso. Certo... valeu. Eu tenho umas coisas para resolver antes disso. Logo estarei aí. Até.

Ainda estou parada feito uma estátua,

admirando-o silenciosamente, quando ele se dá conta da minha presença e se vira.

— Pronta? — sou tirada dos meus devaneios e balanço a cabeça em afirmativa.

Saímos em silêncio do apartamento. Erick evita ao máximo nosso contato visual, e eu evito o contato físico. Não sei o que diabos está havendo comigo, mas ultimamente ando muito inquieta (principalmente quando estou perto dele) e não sei se gosto disso.

Eu queria ter essa minha nova fase

PERIGOSAS ACHERON

totalmente organizada, mas algo me diz que a presença de Erick nesta recente etapa não é algo que signifique ordem. Muito pelo contrário, prevejo confusão.

Já estamos há exatos vinte e cinco minutos dentro desse carro. Imaginei que ele fosse, ao menos por educação, iniciar uma conversa comigo, mas não é o que acontece. Talvez ele não tenha tanto interesse em saber sobre mim. Ou não tem paciência mesmo para falar comigo.

Meu plano era espelhar o gesto De Erick e permanecer em silêncio até

chegarmos em nosso destino, mas então ele resolve ligar o som do carro e *So Far Away* começa a tocar.

Não consigo me conter e lhe encaro.

— *Dire Straits?*

Ele abre um sorriso ínfimo ao notar que eu conheço a música.

— Você gosta?

— Sim — respondo. — Na verdade, eu adoro.

Erick me encara, como se houvesse nascido um chifre em minha testa. Noto

PERIGOSAS ACHERON

aquele famoso esboço de meio sorriso surgir em seus lábios, mas logo ele volta a focar na direção.

— Agora eu tenho a total certeza de que você é esquisita — ele está tentando me provocar.

— Na verdade, eu só gosto de ouvir música — digo. — Curto hard rock, mas as latinas são as melhores.

— Me dê um exemplo de boa música latina, então — Ele está tentando puxar assunto comigo agora? Eu *definitivamente* preciso de um manual para compreendê-

PERIGOSAS NACIONAIS

lo.

— Enrique Iglesias, Ricky Martin, Shakira... — Ele faz uma careta, à medida que eu vou listando, e sinto vontade de rir. — Sem contar os cantores nacionais. Adoro todos eles.

Ele passa um tempo em silêncio, o que me faz imaginar que já esteja farto de ouvir minhas preferências musicais, mas então ele retorna a falar:

— Já vi que precisarei ensiná-la a ouvir música boa, não é?

PERIGOSAS ACHERON

Eu acabo sorrindo ante seu comentário, o que o deixa desconcertado. Talvez ele não tenha calculado suas palavras antes de proferi-las, mas não vejo motivo para que se sinta desconfortável. Isso é algo normal que um amigo diria para o outro. Mas então eu me lembro que entre mim e Erick não há amizade. Entre mim e Erick não há absolutamente *nada*.

A música finaliza e mais alguns clássicos do Rock tocam durante o restante do trajeto. Quase uma hora depois, ele para em frente ao portão da mansão e me encara. Já farta de sua

PERIGOSAS ACHERON

mania de ficar me observando, o encaro de volta. O silêncio flutua entre nós.

— Já chegamos — salienta ao me ver demorar para dar o fora.

— Você não vai entrar? — indago.

— Por que eu entraria? — Estou começando a odiar quando ele faz isso.

— Talvez porque essa seja a casa do seu avô?

— Tenho coisas para fazer, Valentina — responde.

— Tudo bem — eu digo. — Obrigada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela carona. Avisarei ao seu avô que você mandou lembranças.

— Eu não mando lembranças — responde, tirando meu fôlego ao pôr no rosto um incrível par de óculos escuros.

Em seguida, ele se afasta.

Quando cruzo a porta de entrada da mansão, sou brindada com a presença odiosa de Ariela. O gato branco não está em seu colo, o que eu acho estranho. Já estava acostumada a vê-la com o animal na maioria das vezes.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde você estava, vestida assim? —
ela dispara.

Que mulherzinha mais enxerida!

— No Polo Norte — respondo. —
Lavando o traseiro de ursos polares.

Ela faz uma careta diante da minha
resposta malcriada.

— Está bêbada? — Pelo visto, não
entendeu muito bem a ironia. Mas logo
seu raciocínio parece começar a funcionar
quando, furiosa, ela sibila: — Sua
pequena ordinária arrogante. Aposto que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava por aí cometendo todo tipo de atrocidades.

— Como você adivinhou, Ariela? — sorrio cinicamente. — Só na madrugada passada eu arranquei os dentes de três loiras. Elas são as minhas vítimas prediletas.

Ela arregala os olhos e começa a dramatizar.

— Deus, Romero pôs uma maluca dentro de casa! Pois fique você sabendo que irei contar tudo a ele, sua imunda!

PERIGOSAS ACHERON

— Romero não tem tempo para ouvir fofocas, Ariela. Gaste o seu precioso tempo fazendo uma visitinha a sua esteticista. Está precisando.

Me divirto quando ela arregala os olhos e leva as mãos ao rosto, utilizando um dos itens de decoração do hall para ver seu reflexo.

Como alguém pode ser tão frívola?

Rolo os olhos e lhe dou as costas, fazendo questão de subir para o meu quarto. Preparo tranquilamente um banho e cantarolo debaixo do chuveiro enquanto

me ensaboo. Quem diria que um dia eu estaria nessa posição, vivendo dessa forma? É uma pena que os meus pais não estejam mais vivos. Eles sentiriam orgulho de mim agora. Bom, tirando o meu lado burro que insiste em sentir atração pelo idiota do Erick, eles talvez tivessem motivos de sobra para se orgulharem.

Assim que termino o banho, o telefone ao lado da minha cama toca. Corro para atender e ouço a voz de Romero:

— Bom dia, Valentina — Saúda

PERIGOSAS NACIONAIS

gentilmente. — Você pode dar uma passadinha em meu escritório o mais rápido possível?

— Claro. Já estou descendo.

Será que ele descobriu que dormi fora? Ou Ariela me odeia o suficiente a ponto de inventar asneiras sobre mim? *Eu não duvido nada.*

Desço e dou uma batida de leve na porta antes de entrar no escritório. Meu chefe, que está diante de sua mesa, abre sorriso ao me ver chegar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como vai?

— Bem, obrigada — respondo, me sentando diante dele. — Aconteceu alguma coisa?

— Para ser sincero, sim. A Beatriz teve que sair da cidade urgentemente para visitar um parente que se encontra muito mal de saúde, e irá ficar por algumas semanas fora.

— Minha nossa... Espero que não seja algo grave.

— Eu também — ele responde. — Mas

PERIGOSAS ACHERON

o problema não é somente isso. Eu necessitarei urgentemente de uma secretária executiva agora. E como você já está há algumas semanas comigo, imagino que seja a melhor pessoa para substituí-la.

— Eu? — começo a ficar tensa. — Mas, Romero... eu não sei se vou ser capaz de substituir a Beatriz. Ela está há tanto tempo nesse ramo e é sempre tão eficiente.

— Você é muito boa com o que faz também, não duvide disso — ele tenta me

tranquilizar, mas eu sei que não é bem assim que as coisas funcionam. Romero é exigente e impecável. Eu sei que trabalhar com ele dentro da própria empresa irá exigir bem mais de mim.

Levo uma mecha de cabelo molhado atrás da orelha antes de voltar a falar:

— Muito obrigada pelo voto de confiança, mas eu ainda tenho algumas dificuldades — confesso. — Me desculpe, mas eu tenho receio de fazer besteira.

— Eu te entendo, Valentina. No que você tem dificuldade, exatamente?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem... a começar pelo fato de que eu não entendo nada a respeito da empresa. Eu posso dar o meu melhor, mas não sei como irei me sair.

— Eu posso dar um jeito de escalar algum funcionário para treiná-la ao menos por alguns dias, o que acha?

— Eu acharia ótimo — respiro mais aliviada. — Se não for incômodo, é claro.

— Irei ligar para Everaldo e ver se ele está disponível. Aquele homem tem uma paciência enorme para lidar com novatos.

PERIGOSAS ACHERON

Aguardo enquanto ele liga para o homem, e o pouco que consigo captar conforme se comunicam é "Ah, claro", "Eu entendo perfeitamente", "Não se preocupe, irei falar com Tomás."

Após encerrar a ligação, Romero balança a cabeça em negativa. Um sinal de que Everaldo está fora de cogitação.

Após quarenta minutos e Romero ter ligado para meia dúzia de funcionários da construtora, chegamos à conclusão de que não há ninguém naquela empresa disponível para me treinar. Mas é claro.

Quem em seu juízo perfeito vai deixar de fazer o seu trabalho para auxiliar uma novata que praticamente nunca pisou em uma multinacional?

— Não se preocupe comigo, Romero — eu digo. — Darei um jeito. Não vou deixar você na mão.

Já estou começando a me sentir culpada por ter inventado isso. Ele me contratou, mesmo sabendo que eu não tinha experiência alguma. O mínimo que eu poderia fazer para recompensar seu voto de confiança seria me virar para fazer

com que isso dê certo.

— Não acabamos ainda, Valentina —
ele me informa, abrindo um sorriso largo.
— Já sei quem poderá nos ajudar e não se
negará em nos fazer esse favor. Aguarde
um minutinho.

Aguardo enquanto ele apanha
novamente o telefone e disca o número.
Não sei qual sua pretensão, mas pelo
sorriso estampado em seu rosto, eu temo
pelo que está por vir.

CAPÍTULO 9

Erick

— Como é? — esse velho só pode estar ficando louco.

— Erick, eu preciso de sua ajuda, filho
— Romero responde do outro lado da linha. — Será só por um tempo. A Valentina é uma moça muito inteligente e eu sei que aprende rápido. A experiência que você adquiriu trabalhando na empresa será suficiente para que consiga ajudá-la.

De fato, ele ficou louco.

— Você sabe qual a minha resposta, certo?

— Erick, não seja tão inflexível, garoto. O que custa atender um pedido desse velho?

Começo a andar de um lado a outro. Faz pouco tempo que cheguei no estúdio e desejaria não ter atendido o telefone. *Eu desejaria nem ter um telefone, porra.*

— Por que está fazendo isso, Romero?

— Não entendi. Seja mais claro.

— Não se faça de tonto, você sabe do que eu estou falando — replico. — Eu não estou interessado em criar nenhum tipo laço com ela, Romero. Então não tente forçar a barra.

— Erick, eu estou tratando de assuntos estritamente profissionais. Se eu a contratei é porque vejo potencial nela, e nada além disso.

— Nós dois sabemos que não —
Rebato, apesar de a minha vontade nesse momento seja soltar um palavrão em voz alta. Mas me lembro que é o meu avô do

outro lado da linha, então me contenho.
— Você não vai mudar a minha situação trazendo-a para a minha vida, Romero. Não complique mais as coisas.

O silêncio que se estende é longo. Valentina provavelmente está perto dele, e só em pensar nisso fico ainda mais inquieto. Durante a noite passada foi demais para mim. Tudo bem que eu apaguei e não me lembro de praticamente nada, mas tê-la por perto é um tanto quanto perturbador, inquietante, confuso.

— Eu não sei aonde você está querendo

PERIGOSAS NACIONAIS

chegar com essa conversa — Romero retorna a falar, e seu tom é neutro, despreocupado, mas eu sei que ele está ciente do que estou falando. — Seria de grande ajuda se me desse essa força. Será apenas por uma semana. Depois disso, você estará livre para extravasar toda a sua irritação por receber ordens minhas.

Por mais que eu esteja puto da vida e com receio da merda em que isso provavelmente irá resultar, não sou capaz de negar um pedido do meu avô.

— Tudo bem — Dou o braço a torcer,

PERIGOSAS ACHERON

ciente de que estou fazendo uma burrada.

— Como isso irá funcionar?

Valentina

Fico tensa enquanto ouço Romero ao telefone com Erick. E fico mais tensa ainda ao notar que seu neto *realmente* topou em me dar as tais aulas. Por que ele fez isso? E por que diabos eu fui inventar de que não conseguia segurar as pontas sem uma ajuda extra? Quer dizer, é óbvio que eu não consigo, mas com certeza seria menos constrangedor do que ter que

passar sei lá quanto tempo ao lado de Erick, ouvindo ele falar sobre Construção Civil. Caramba, eu nem consigo imaginá-lo fazendo algo do tipo.

— Valentina?

— Sim? — Jogo os meus pensamentos para o alto e foco em Romero e no que ele tem a dizer.

— Está tudo certo — ele me informa.
— As aulas poderão ser no apartamento do Erick, à tarde, após suas aulas na faculdade, em dias alternados. Nos dias que sobrareм você aproveita para

conhecer melhor a construtora e se adaptar a ela. Fora isso, acho que se sairá muito bem.

— Eu não quero incomodar seu neto — digo imediatamente. — Pensando bem, talvez eu consiga me virar sozinha.

— Nada disso, você nunca incomoda, Valentina. O Erick é um pouquinho mal-humorado, mas tem um enorme coração.

Um enorme coração congelado — penso.

— Certo — eu forço um sorriso,

PERIGOSAS NACIONAIS

procurando não surtar com toda essa situação. — Quando começo com as aulas?

— Amanhã, depois da faculdade. Passarei a você o endereço de Erick. Só um minuto.



— Não há dúvidas de que eu odeio essa espécie de romantismo e suas variações. — Vanessa resmunga, fazendo uma careta enquanto encara o livro diante de si como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se fosse um passaporte para o inferno.

— Por quê? — pergunto.

— Ela tem aversão a tudo que envolva histórias tristes de amor — Cristina responde, revirando os olhos.

— É uma pena, pois, além de ser um livro muito bom, nós temos que ler em aproximadamente uma semana. Não se esqueça disso.

— Eu te odeio por me lembrar disso, Valentina — a loira choraminga atirando uma batata frita em mim, o que me faz rir.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou procurar um resumo por aí, ou *sei lá*. Não seria mais fácil se houvesse um filme?

— Pare de reclamar.

Estamos no intervalo. Eu não estou com tanta fome assim, portanto decidi tomar apenas um suco enquanto devoro o mais depressa possível o tal livro que nos foi indicado para o próximo seminário de Língua Portuguesa. Ele chama-se Inocência e, parando para pensar, parece-me uma versão brasileira de Romeu e Julieta. Espero que o casal fique junto no

final.

Vanessa ainda resmunga sobre a obra, enquanto Cris não tira os olhos do seu celular.

— Vocês acreditam que a vaca da Giovana fez questão de mudar o status no Facebook para *noiva*? — Cristina comenta, com os olhos atentos na tela de seu aparelho.

— Como assim? — Vanessa arregala os olhos. — Quem seria idiota o suficiente para cair na conversa daquela entojada?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, eu não sei, mas ela não marcou ninguém. Vai ver o cara nem existe.

Minhas amigas começam a rir. Eu apenas as observo.

— Deus, ela é tão patética! — Cristina ergue a cabeça. — Ei, Val, eu ainda não adicionei você no Facebook.

— Eu não tenho.

— Como não? — Vanessa me olha como se eu fosse um E.T. — Que ser humano do século 21 não tem uma conta no Facebook?

PERIGOSAS ACHERON

— *Eu* não tenho, ok? Falem o que quiser, eu não me importo.

Ignoro a careta que elas fazem e volto a focar no livro que estou lendo. Não ter nenhum tipo de contato com as redes sociais não foi exatamente uma escolha. Na boate nós tínhamos coisas muito mais sérias com as quais nos preocupar, portanto eu não dava muita importância para isso. Além do mais, é algo que não faz falta no meu cotidiano. Consigo manusear muito bem aparelhos eletrônicos e entendo algo a respeito de suas funções básicas, mas é apenas isso.

PERIGOSAS ACHERON

Não preciso de mais nada.

Na hora da saída me despeço das meninas e meu coração palpita ao imaginar (pela décima vez, dentro de cinco minutos) que estou prestes a ir para a casa de Erick.

No carro, jogo meu celular no portaluvas e repito um mantra comigo mesma, tentando ficar menos nervosa. Eu nem sei por que estou nervosa, caramba!

Às vezes, eu acharia mais interessante se não fosse desse mundo. Se eu tivesse superpoderes, ou sei lá. Eu poderia ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma espécie de mulher-maravilha. Bonita, segura de si e que não fica nervosa apenas com o pensamento de que em menos de meia-hora estará no apartamento de um cara. Por mais que esse cara seja a coisa mais *quente* que já pisou na Terra. Infernos!

Chego no prédio de Erick por volta das 14h00min.

Enquanto aguardo o elevador chegar, faço o máximo para domar o meu cabelo e parecer o mais apresentável possível. Não que eu esteja tentando ficar bonita para

PERIGOSAS ACHERON

ele, nada disso, mas de alguma forma me inquieta saber que outra pessoa estará me observando.

— Pode segurar para mim, por favor?
— ouço uma voz rouca atrás de mim, logo que irrompo para o cubículo de metal. Mantenho a porta aberta e espero a velha senhora que caminha esbaforida em minha direção. — Muito obrigada, minha filha.

Sorrio para ela e ficamos em silêncio. Ao alcançarmos o décimo andar, a senhora me acompanha e não tira os olhos de mim. Talvez não seja muito comum

peessoas estranhas perambularem pelo prédio. *Assim imagino.*

Paro diante da porta de Erick e a mulher se encaminha para a porta oposta. Ainda sem tirar os olhos de mim, ela questiona:

— Vizinha nova?

— Ah, não, eu só... — me interrompo quando ouço a porta do apartamento de Erick se abrir e ele surgir como um deus do Rock deliciosamente bagunçado.

O que eu estava prestes a dizer mesmo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa tarde, rapaz — a velhinha o cumprimenta sorrindo. — Está um dia muito bonito lá fora, não? Por que não aproveita para fazer um passeio na praia com a sua namorada? — Seu sorriso se esvai com os segundos em que ela fica aguardando a resposta dele que não vem.

— Eu não tenho namorada — por fim, ele diz. — E não gosto de passear na praia.

Sem dizer mais nada, ele abre espaço para que eu passe pela porta, fechando logo em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que você tinha que ser tão grosso? — eu pergunto, indignada. — Ela é só uma *velhinha*.

— Uma velha enxerida, você quis dizer — rebate, rumando em direção à mesinha de centro, onde há um monte de papéis e um notebook. — E eu não sou obrigado a ser simpático com os meus vizinhos.

— *Você não seria simpático nem se tentasse.*

Sua cabeça se ergue.

— O que disse?

— Nada — me dou conta de que acabei pensando em voz alta. — Podemos começar?

— Você não está com fome? — Erick e sua mania em querer me alimentar. De alguma forma isso dissipa a minha irritação com ele.

— Eu estou bem — respondo. — Obrigada.

— Certo. Sente-se. — Faço o que me sugere e ele continua: — Eu andei fazendo algumas pesquisas e separando alguns papéis. Acho que poderíamos

começar com a história da construtora primeiro. Eu não sei se isso vai servir para você, mas Romero adora mencionar esse tipo de coisa nas reuniões, então já quero te deixar preparada.

— Tudo bem — aquiesço.

Talvez essas aulas particulares não sejam tão ruins assim — penso.

Bom, é ao menos o que eu espero.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10

Valentina

Confesso que antes de hoje, não havia conseguido imaginar Erick atuando na área executiva, mas posso afirmar agora que o cara sabe o que faz. E ele deve ter sido um ótimo funcionário na época que trabalhou na Almada Construtora. Não por ser o herdeiro, mas porque ele se esforçou para estar ali. Isso me faz admirá-lo e aquela centelha de atração que eu sentia

por ele, se intensificar. Mau sinal, no entanto.

— Valentina, você está conseguindo me compreender? — ele pergunta de repente, me tirando dos meus pensamentos.

Olho no relógio e já se passaram quarenta e cinco minutos. Metade do que ele disse, eu não consegui prestar atenção.

Parabéns por isso, Valentina!

— Estou, sim — minto, balançando a cabeça. — Então quer dizer que a Almada

PERIGOSAS NACIONAIS

Construtora foi fundada pelo seu bisavô, certo?

— Exatamente — ele assente. — O que mais você conseguiu captar?

— Muita coisa — minto novamente.

Eu não sou boa nisso e ele parece perceber, pois me encara como se não estivesse acreditando em nada do que digo.

— Sabe, Erick... eu acho que estou com fome agora — me antecipo em dizer. Qualquer coisa para fazê-lo parar de me

PERIGOSAS ACHERON

olhar desse jeito.

— Certo — ele diz. — Eu não sei cozinhar muito bem, mas deve ter alguma coisa na minha geladeira. Espere aqui.

Eu assinto enquanto ele se levanta e rumo para a cozinha. Aproveito sua ausência para analisar melhor os papéis e as pesquisas. Aqui conta boa parte da história da empresa e os funcionários mais importantes que já passaram por lá.

Abro uma outra aba no navegador e no campo de pesquisa digito "Almada Construtora". Várias páginas aparecem,

maioria notícias de revistas, jornais e coisas desse gênero.

Rolo a página para baixo e algo chama a minha atenção. É uma foto em especial. O homem é muito bonito, tem cabelos escuros, os olhos verdes de Erick e a construção facial também é muito parecida. Usa um terno elegantíssimo, porte altivo e ao seu lado está Ariela. Não preciso de muito para me dar conta de quem é.

O pai de Erick.

Vencida pela curiosidade, abro o link. A

PERIGOSAS NACIONAIS

foto faz parte de uma notícia não muito antiga, de alguns anos atrás. Nela, fala vagamente sobre o acidente de carro que culminou na sua morte.

Olho para a direção em que Erick seguiu. Ele ainda me parece bem ocupado na cozinha, então faço a besteira de tentar outra pesquisa. Dessa vez, indo direto ao ponto: *Hugo Almada*. Não demora muito para a página recarregar. Em outra notícia, há a foto do carro totalmente destruído de Hugo e uma versão mais detalhada sobre o acidente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aqui diz que ele faleceu há alguns anos, em um acidente de carro. A polícia declarou que a vítima se encontrava alcoolizada e que, de acordo com testemunhas, o carro estava acima da velocidade permitida. Foi morte instantânea. Fico horrorizada e sinto uma pontada de compaixão por Erick. Deve ter sido muito difícil para ele, passar por tudo isso ainda tão jovem. Eu entendo como ninguém a dor de perder um pai.

— O que você está fazendo? — Meu coração dispara e fecho a tela do computador imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Erick está olhando para mim, com um semblante sério e olhar desconfiado.

— Eu... — gaguejo. — Eu estava fazendo umas pesquisas.

— E por que se espantou quando cheguei? — Ele se senta ao meu lado no sofá, e eu automaticamente seguro com ainda mais força o computador em meu colo. Agora eu sei como se sentem os criminosos quando são pegos fazendo algo de errado.

— Você me assustou, eu estava entretida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E você já terminou com essas pesquisas?

— Sim.

— Então, por que está grudada no meu computador como se ele fosse criar pernas a qualquer instante?

— Estou? — Olho nervosa para o aparelho em meu colo e finjo indiferença
— Nossa, nem notei.

Então acontece. Antes que eu possa protestar, ou ao menos dar um jeito de desligar, ele já está com o notebook no

PERIGOSAS ACHERON

colo, prestes a descobrir o que eu estava fazendo.

A foto de Hugo aparece na tela, assim que ele a desbloqueia, e eu prendo a respiração. Ou eu perdi a capacidade de adquirir oxigênio mesmo, não sei ao certo.

Por um breve instante, vejo flashes de Erick gritando comigo e soltando em cima de mim os maiores palavrões possíveis, mas o olhar vazio que ele me lança é pior do que qualquer agressão verbal.

— O que você estava tentando saber?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu... só estava...

— Bisbilhotando.

A culpa me corrói.

— Não foi isso, só fiquei curiosa.

— Para saber sobre a morte do meu pai? — Ele parece dividido entre triste e irritado. — Ok, você quer realmente saber como o meu pai morreu? Bem, deixe-me lhe dizer...

— Erick, não precisa...

Mas ele não me escuta:

PERIGOSAS ACHERON

— Era aniversário dele. A gente tinha brigado por causa de uma ideia idiota que eu tive de sair com o Nick e os outros caras. Ele não gostava que eu me metesse com essa gente, e eu sempre fazia isso como uma forma de me vingar dele... sei lá, eu queria irritá-lo, entende? Por tudo o que ele me obrigava a fazer. Por eu ser um fraco.

— Eu entendo.

— Então... nesse dia, logo após brigarmos feio, eu saí de moto. Meu avô havia me dado uma moto alguns meses

PERIGOSAS NACIONAIS

atrás e meu pai não gostava da ideia, dizia que era perigoso. Aquele foi mais um motivo de eu ter saído com a moto. Ele foi atrás de mim e, então, aconteceu o acidente. Ele morreu. A culpa é minha. Está satisfeita agora?

Eu arregalo meus olhos, incapaz de dizer algo por um bom instante. É evidente que esse acidente lhe causou feridas que jamais se fecharão.

— Você não teve culpa pelo que aconteceu, Erick — é a única coisa que consigo dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, Valentina. Eu tenho. Eu disse que queria que ele morresse durante a nossa briga. Foi a última coisa que falei antes de me virar. E foi exatamente isso o que aconteceu. Ele morreu.

— Mas... os jornais diziam que seu pai estava alcoolizado...

— Sim, ele havia bebido, mas isso não justifica. Se eu não tivesse saído, ele não teria ido atrás de mim. Ele não teria morrido.

— Eu sinto muito.

PERIGOSAS ACHERON

Ficamos longos instantes em silêncio, ouvindo apenas o som das nossas respirações pesadas. Sinto meus olhos arderem e respiro ainda mais fundo.

— Acho que já terminamos por hoje — sua voz sai neutra.

— Sim, bem... eu entendo — digo. — Eu... não vou contar a ninguém o que você me falou hoje, ok? Eu não vou... e... bem, me desculpe.

Ele não diz nada, mas eu noto a tensão de seus músculos. Seus olhos estão voltados para o tapete alvo no chão,

evitando manter contato com os meus. Começo a me sentir uma enxerida. Eu não deveria ter feito isso. Não deveria desenterrar algo provavelmente muito doloroso para essa família. Que tipo de pessoa eu sou?

— Eu sinto muito, Erick — Repito. É a última coisa que eu digo a ele antes de abrir a porta e deixá-lo sozinho no apartamento.

CAPÍTULO 11

Valentina

Está chovendo quando piso no pátio da Pacheco Soares, logo depois da aula. Me encolho um pouco e esfrego meus braços, a fim de amenizar o frio. Paro imediatamente quando avisto Fred recostado em uma das pilastras, sorrindo para mim. Sua expressão gentil sempre presente.

— Olá, Valentina. Que bom ver você

PERIGOSAS NACIONAIS

por aqui — Seus olhos azuis têm um brilho tão intenso que automaticamente sinto vontade de sorrir de volta. — Como vai?

— Estou ótima, e você?

— Estou muito bem também — diz. — Senti sua falta.

Ele sentiu minha falta?

Antes mesmo que eu tenha tempo de raciocinar sobre isso, ele continua, como se tivesse a necessidade de explicar sua frase anterior, o que torna a situação

PERIGOSAS ACHERON

embaraçosa:

— É que não temos nos visto muito, ultimamente — Encolhe os ombros. — E você é uma ótima aluna, nunca me dá trabalho. Senti falta da sua presença. Só isso.

— Oh, sim, isso é verdade — Lanço um sorriso complacente. — Eu tive muito trabalho na faculdade, e fora dela também. Então... não tive muito tempo para perambular por aí.

— Bem, você quer... tomar um café comigo? Para ajudar a amenizar o frio e

PERIGOSAS NACIONAIS

para conversarmos um pouco antes de você ir embora?

Penso em recusar, mas quando avisto seus olhos esperançosos, decido checar o meu relógio para saber se ainda tenho algum tempo antes da hora marcada com Erick. Em seguida, sigo Fred até a cantina enquanto ele me fala sobre o prédio e algumas banalidades. De uma forma interessante, percebo que sua conversa não é enfadonha. Pela primeira vez, consigo me sentir confortável perante ele. Talvez não seja tão ruim assim a sua presença.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, como está sendo a vida acadêmica? — ele pergunta enquanto põe açúcar no café que acabou de ser entregue.

Eu optei por um capuchino, intocado durante os dez minutos em que estamos aqui.

— Um pouco puxado, mas eu estou gostando — respondo. — No fim de tudo, sempre compensa.

Ele inclina a cabeça e toma um gole do café.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso é verdade. Me lembro da época em que eu ainda estava na faculdade. Era pressão de todos os lados, e eu ainda tinha que pensar em um bom emprego. Mas consegui me sair muito bem, modéstia à parte.

Abro um sorriso antes de limpar a garganta:

— Sei que essa pergunta pode soar idiota demais, mas... você gosta do que faz?

— Eu adoro — ele não hesita. — Meus pais queriam que eu seguisse o ramo da

PERIGOSAS ACHERON

Administração, mas isso não é para mim.

— Entendo. Acho que isso é o certo a se fazer — comento. — Optar por aquilo que mais nos faz feliz.

— E você? Gosta do que faz?

— Bem, eu nunca fiz algo desse tipo antes. Está sendo um desafio para mim, mas estou adorando.

— Aposto que você vai se sair bem. Romero é um homem excelente.

— Sim, ele é — baixo a cabeça e, enfim, tomo um gole do capuchino. O

PERIGOSAS NACIONAIS

líquido quente e saboroso satisfaz o meu paladar. Olho para além de Fred e avisto Giovana. Pela forma como ela me encara, aposto que me esfaquearia neste exato momento, caso tivesse a oportunidade.

Eu nunca entendi o porquê de ela me odiar tanto. Eu nem sequer cheguei a trocar alguma palavra com ela. Será que é esse o motivo? Pouco provável. Envolta pela distração, acabo não percebendo quando deslizo meu braço sobre a mesa e a xícara de capuchino diante de mim entorna todo o seu líquido.

PERIGOSAS ACHERON

Salto da cadeira e noto o olhar de algumas pessoas sobre mim, inclusive o de Giovana, que parece se divertir com a situação.

— Minha nossa! — Fred demonstra preocupação. — Está tudo bem?

— Sim, eu só... me distraí.

Aceito o punhado de guardanapos que ele me entrega e trato de limpar meu braço — por sorte, a única parte do meu corpo que conseguiu ser atingida.

— Ainda bem que não se queimou —

ele comenta, parecendo mais aliviado.

— Acho que já está na minha hora —
eu me apresso em dizer, apanhando minha
bolsa.

— Mas... já?

— Sim, eu fiquei de tomar umas aulas
sobre a Construtora com o Erick.

— Erick... o neto de Romero?

— Sim.

— Ah... então vocês... estão se vendo.

Eu sorrio.

— Não, exatamente. Nós... só estamos tomando aulas juntos. Ele está me ajudando.

— Fico feliz que estejam se dando bem — ele diz. — Bom, então eu te vejo por aí. Obrigado pelo café.

— Eu que agradeço — sorrio para ele.
— E me desculpe por isso. Com licença.

Erick

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a porta e encontro Valentina do outro lado, vestindo calça jeans e uma regata branca por baixo de um casaco de lã azul com botões.

— Oi — ela diz, apertando para si a bolsa ensopada.

Faz dois dias desde a última vez em que vi Valentina. O mesmo período que levei para esfriar minha cabeça. E dois dias de uma chuva incessante.

— Entre — falo, dando espaço para que ela passe por mim.

PERIGOSAS ACHERON

Ela faz isso em silêncio, para no meio da sala e percebo o quanto está desconfortável. Será que eu sou um cara tão intimidador assim?

— Está terrível lá fora — ela comenta, passando a mão no cabelo úmido. — A chuva não está dando trégua.

— Pois é — Ponho as mãos nos bolsos da minha calça. Eu não sei muito bem por onde começar, portanto falo a única coisa que sei que não seria desconfortável dizer, e eu sei que ela não hesitaria em me responder com sinceridade: — Você já

almoçou?

— Sim — ela força um sorriso.

— Entendo. E como foi na Construtora?

— Eu fui bem, eu acho — responde, se sentando. Dá para perceber a empolgação em seu tom de voz e em seus gestos. A forma como ela pronuncia as palavras tão firmemente, a curva que seus lábios fazem quando ela sorri ou quando sua voz fica mais aguda ao comentar sobre algo que lhe agradou. — Romero me disse que eu vou conseguir aprender tudo muito rápido. Espero que ele esteja sendo

sincero quanto a isso.

Ela desvia o olhar quando percebe que estou há tempo demais a observando.

Ótimo, Erick, agora você está parecendo a porra de um adolescente.

Essa situação está bem estranha. É como se quiséssemos dizer bem mais que isso, mas estamos respeitando a linha tênue da sensatez que nos separa. Por parte, eu acho isso bom. Preciso manter minha cabeça fria.

— Acho que podemos começar — eu

digo e me sento ao seu lado, aproveitando para quebrar esse silêncio.

Na maior parte do tempo, tudo ocorre tranquilamente. Nada de pesquisas indevidas, nem perguntas desconcertantes. Eu sei que ela está se controlando para não me pedir desculpas mais uma vez, como se já não fosse o suficiente o número de vezes que fez isso, mas eu não me importo muito com isso. O que me incomoda é o fato de ela parecer não saber ao certo como agir. Eu sei que vou me odiar por estar admitindo isso, mas até me sinto mal por fazê-la se sentir

PERIGOSAS ACHERON

tão desconfortável.

— Eu acho que não conseguiria ir muito adiante, caso tentasse embarcar na área de Construção Civil — ela comenta.
— Isso me parece tão complexo.

— Você se acostumaria com o tempo.

— Você se acostumou? — Sua cabeça se ergue conforme ela me encara, aguardando que eu responda.

Ela prendeu os cabelos rebeldes em um coque poucos minutos atrás e algumas mechas caem soltas por seu rosto,

emoldurando a face com traços angelicais. Gosto deles assim.

— Não era o que eu queria — respondo.

— E o que você queria?

— Desenhar, ser um artista.

— É um belo sonho — ela suspira, admirada.

Tento não focar no seu sorriso largo, mas é em vão. Não consigo desviar os olhos. Ela fica muito mais bonita quando sorri.

O que diabos eu estou pensando?

E o que diabos ela está fazendo?

Valentina se aproxima mais de mim. Consigo ver as pintinhas verdes salpicadas em sua íris. Seu cheiro me lembra frutas frescas. Seu olhar me remete à pureza. Ela era pura, mesmo na época em que se submeteu a todas as coisas ruins que foi obrigada a fazer, e isso me quebra por dentro.

— Você... — ela se interrompe e limpa a garganta. Seus olhos ainda estão fixos nos meus. — Você *sabe* quem eu sou, Erick?

PERIGOSAS NACIONAIS

É uma pergunta simples. Uma pergunta que eu poderia muito bem responder com um comentário sarcástico, deixá-la furiosa e fazê-la ir embora, me livrando da responsabilidade de bater de frente com mais uma parte do meu passado. No entanto, eu não faço isso. Feito um panaca, apenas a observo. Observo suas ações. Observo ela respirar pesadamente e a onda de ansiedade quando permaneço por longos segundos em silêncio.

— Responda, Erick — implora. — Você se lembra de mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu... eu não sei do que você está falando — Sim, sou um babaca. Mas convenhamos que já fui chamado de coisas bem piores antes.

Percebo as suas feições mudarem e seu olhar suplicante transformar-se em um semblante de raiva. Ela está puta da vida comigo agora. Era isso o que eu queria, certo? Que ela ficasse com raiva, assim evitando que ela se infiltre na minha cabeça e bagunce a minha vida. Mas por que diabos não me sinto melhor com isso?

— Eu odeio quando você faz isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso o quê?

— Responder as minhas perguntas com outra pergunta. Você sempre arruma um jeito de se esquivar.

— Valentina, eu acho que não é um bom momento para conversarmos. Vamos encerrar por hoje.

— Como é? — ela se levanta, furiosa.

— Exatamente o que você ouviu. Estou cansado. Não quero conversar.

Ótimo, Valentina. Agora saia e não me faça mais perguntas.

— Você é um babaca, sabia? — grita.
— Eu não acredito que você não se lembre de nada do que aconteceu, Erick. Não tente me enganar, você pode dizer o que quiser, mas eu vejo isso. Eu *sinto* isso!

— Não sei do que você está falando.

— É claro que sabe! — Ela leva as mãos à cabeça em um gesto sufocado. — Meu Deus, por que você não confessa de uma vez?

— Não tenho nada para *confessar*. Pare com isso. — Quando digo isso, ela fica

ainda mais possessa. Seu semblante perturbado me preocupa, mas não recuo.

— Droga, Erick, qual o seu problema?

Me levanto, sem olhar para ela. Não estou mais disposto a continuar com essa conversa.

Ela me segue enquanto eu rumo para a cozinha.

— Sabe o que eu acho? Acho que você está com medo. Medo de encarar o seu passado. Medo de *me* encarar. Você é um belo de um covarde! — Ela explode, e

PERIGOSAS NACIONAIS

isso é o suficiente para que eu pare meus passos e plante as mãos no balcão da cozinha.

Minha cabeça está a mil, minhas ideias um emaranhado de pensamentos irrefreáveis e meu peito pesa.

Eu me viro para ela.

— O que você quer que eu faça? —
Aciono todo o meu autocontrole para permanecer com voz fria. — Quer que eu me ajoelhe aos seus pés e diga que me lembro de você, que sempre te esperei e que iremos ter lindos filhos juntos? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebo seus olhos encherem de lágrimas. Isso me corta por dentro, mas eu continuo: — Pois você está totalmente enganada, Valentina. Eu não sei que tipo de filme você anda assistindo, mas isso aqui é *vida real* e as coisas não funcionam do jeito que você deseja. Acorda para a vida.

— Seu cretino! — Ela avança e me empurra. Eu seguro os seus dois braços e ela começa a se debater para me atingir a qualquer custo. — Eu te odeio! Te odeio!

Percebo que está se controlando para

PERIGOSAS ACHERON

não cair no choro. Estou prestes a soltá-la e dizer que o melhor é deixarmos essa conversa para depois, quando ouço a campainha tocar.

Liberto os pulsos de Valentina e a deixo na cozinha, seguindo em direção á sala. Ao abrir a porta e avistar quem está do outro lado, solto um palavrão mental.

Isso não estava nos meus planos.

Valentina

— Ei aí, cara — ouço vozes vindas da sala. Erick, provavelmente, está tendo um diálogo com alguém, mas para mim isso não tem importância. A dor que se instalou em meu peito parece ter reivindicado morada e não quer ir embora mais.

Por que eu sou tão estúpida? Por que tão idiota, e por que insisto em cometer esse erro?

Isso é doloroso. Muito doloroso você ouvir o tipo de coisa que saiu da boca de Erick. É mais doloroso ainda por ter saído

justamente *dele*, o cara com quem eu fantasiei durante os últimos cinco anos. O cara que acabou de deixar claro que não passa de um babaca insensível.

Mas isso é bom, em parte. Eu não posso ficar a minha vida inteira fantasiando algo que nunca vai acontecer. Foi bom eu ter aberto os meus olhos para isso o quanto antes. Erick é muito diferente de mim, e é perceptível que suas intenções em relação ao futuro não têm nada a ver com as minhas. Não que eu esteja desejando um futuro com ele. Porque isso é praticamente impossível.

PERIGOSAS NACIONAIS

Secando, com a manga do meu casaco, as lágrimas que rolaram por minha face e eu nem sequer havia percebido, tento me recompor e sigo até a sala. Quando chego lá, sinto meu corpo ficar tenso e meus pés imediatamente param.

Erick nota a minha presença e se vira. O outro cara faz o mesmo instantaneamente. Um sorriso perturbador surge em seus lábios finos, e ele me olha de cima a baixo, demorando-se um pouco mais na região dos meus seios.

Meu estômago se retorce.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sabia que estava atrapalhando algo — ele diz, alternando o olhar entre mim e Erick. Essa voz. A mesma voz nojenta de cinco anos atrás. Eu não gosto dela. — Por que não me falou que tinha visita, Erick? Eu poderia voltar uma outra hora.

— Ela não é exatamente uma visita — ele explica de má vontade. — Estou lhe dando umas aulas.

— Aulas, é? — Agora ele abre um risinho pervertido. — Legal.

Ele se aproxima mais de mim, seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos me varrendo de cima a baixo. Ainda está a uns bons metros de distância, mesmo assim me incomoda.

— E então... como se chama? —
Interroga, olhando diretamente em minha direção.

— Valentina.

— Nome bonito — olha para Erick. —
Gostei dessa sua aluna. Ela me parece bem... aplicada.

Isso me faz sentir vontade de socá-lo, mas sei que não seria nada prudente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pode levar a sua amiga também, Erick — ele acrescenta. — Seria um grande prazer tê-la por lá.

— Me levar? — Alterno o olhar entre os dois. — Para onde?

— Para lugar nenhum — Erick se manifesta, carrancudo. — Ela não gosta dessas paradas, Nick. Agora dê o fora, estamos ocupados.

— Ei, calma, cara. Deixa a garota responder. — Então ele se volta para mim, e eu automaticamente recuo um passo. — Gatinha, vai rolar uma festa

PERIGOSAS ACHERON

daqui a uma semana, no domingo. Muita bebida e muita diversão. Se quiser ir, você está convidada.

— Ela não quer ir.

— Eu sei responder por mim mesma, Erick — Me viro em sua direção, furiosa. Quem ele pensa que é para decidir o que eu quero ou não fazer depois de tudo o que me disse? — E eu irei, sim, a essa festa.

— Não vai, não.

— Você não tem o direito de decidir

isso por mim!

— Opa... — Nick parece se divertir com a situação. Grande babaca. — Eu não quero atrapalhar a briguinha de vocês, então vou meter o pé daqui. Espero vocês por lá, ok? Aqui está o endereço, não furem comigo.

Seguro o cartão que ele me entrega e assisto enquanto ele sai e bate a porta atrás de si.

— Que porra você pensa que está fazendo?! — Erick ralha. — Ficou maluca?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? É só uma festa.

— Você não sabe o tipo de festa que gente como ele está acostumada a fazer, Valentina. Se eu fosse você, mudaria de ideia enquanto há tempo.

— Já sou bem grandinha, Erick. Irei a essa festa e não é você quem vai me impedir — Refuto. — E se você não quiser ir, o problema é seu.

— Está fazendo isso para me provocar, não é? Quer me atingir fazendo algo que me contraria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinto muito lhe informar, mas o mundo não gira em torno de você.

— Que seja — ele explode. — Mas fique sabendo que só estou preocupado com seu bem-estar, porra.

— Por que você se importa tanto assim comigo, então? Me deixe encarar a realidade, Erick — ironizo. — Permita-me ver que isso aqui não é a porra de um filme de romance.

Ele dá uma risada sem humor.

— Como eu previa. Está com raiva por

PERIGOSAS ACHERON

causa de tudo o que eu disse. Quer descontar a sua raiva? Ok. Desconte. Extravase sua ira em cima de mim, Valentina!

— Seu idiota! — E assim eu faço.

O empurro. Minhas mãos golpeiam o seu peito e as lágrimas voltam a rolar pelo meu rosto. Estou com ódio. Com ódio e farta de todo esse teatrinho dele. Farta de suas grosserias e tudo o que ele me faz sentir.

— Você sempre nega, mas eu sei que se lembra. Eu sei que você sabe quem eu

PERIGOSAS NACIONAIS

sou, e sei também que o que aconteceu naquele quarto não foi simplesmente uma foda por dinheiro!

Ele fica imóvel. Sua respiração está acelerada, os cabelos desgrenhados e a camisa totalmente amarrotada devido aos meus golpes. Percebo que consegui quebrar o muro de indiferença que ele construiu em torno de si mesmo. Ele me parece perturbado, mas não tenho certeza. Estou exausta física e emocionalmente demais para interpretar seu comportamento de forma nítida.

PERIGOSAS ACHERON

Segundos depois, ele se move. Está seguindo em minha direção. Eu recuo em um gesto reflexivo e tento empurrá-lo, mas ele segura com força meus pulsos e, quando me dou conta, minhas costas estão se chocando contra a parede, seus olhos diante dos meus e sua boca a centímetros da minha.

Sua respiração aquece o meu pescoço e eu amoleço, relaxo, exalo, enquanto ele apenas me observa.

— Quer que eu confesse? — Sua voz sai segundos depois, baixa e totalmente

rouca.

Incapaz de responder verbalmente, faço um aceno com a cabeça.

— E se eu te disser que me lembro? Que me lembro de cada detalhe? Cada toque, cada beijo... o que você faria?

Engulo em seco. O que está havendo com ele? O que está havendo *comigo*?

— Eu não sei — murmuro.

— Você exige que eu me recorde de algo, mas nem sequer sabe qual seria a sua reação caso sua suposição estivesse

correta?

— Minha reação é o que menos importa aqui, Erick, eu só... — me interrompo, sem saber ao certo que rumo esse diálogo está tomando.

— Você o quê?

— Esquece.

— Você sabe o que faria, Valentina — Ele chega ainda mais perto, como um predador calculista analisando a sua presa. — Só não tem coragem de dizer.

Umedeço os lábios antes de falar:

— Então me responda. Se lembra ou não?

Encaro seus olhos, esperando uma resposta que não vem. Mas o que ele faz, no entanto, me deixa surpresa e, ao mesmo tempo, me deleita:

Seus lábios se chocam nos meus, sua mão agarra a minha cintura, enquanto as minhas se apressam em puxar a sua camisa, trazendo-o para mais perto. Quero me fundir nele, quero sentir cada pedacinho do que me foi abdicado durante esses cinco anos.

O beijo dele é ainda melhor do que eu me recordo. Uma de suas mãos segura minha nuca, mantendo-a firme enquanto sua língua se enterra em minha boca e acaricia a minha. Começo a sentir os efeitos da proximidade e do beijo de Erick percorrerem abrasadoramente o meu corpo. Um calor se estabelece em ondas de pura tensão sexual e eu trato de remover o meu casaco.

Minhas pernas se enroscam em sua cintura e ele me sustenta enquanto me joga em cima do sofá. Papéis são atirados ao tapete, apostilas espalham-se e minha

PERIGOSAS ACHERON

bolsa acaba em algum canto no chão, mas não nos importamos. Há fogo demais para ser dissipado.

Ele beija e suga de leve o meu pescoço, sua barba friccionando em minha pele, e um arrepio instantâneo desce em ondas espiraladas por meu baixo-ventre. Eu quero esse homem em todas as partes do meu corpo — o que é constrangedor admitir, uma vez que eu estava prestes a aniquilá-lo minutos atrás.

A mão dele passeia por baixo da minha blusa, os dedos firmes acariciando minha

cintura, subindo um pouco mais, e eu gemo quando seu polegar encontra a borda do meu sutiã, na base do meu seio... então ele para.

Como assim, ele simplesmente para?!

Sua testa se apoia entre meus seios e eu sinto sua respiração pesada soprar sobre minha pele.

— Cristo... — ele diz, tentando se recompor. — Você está fodendo com a minha cabeça.

— Você faz o mesmo comigo —

devolvo.

Ele levanta os olhos para me encarar, e então eu vejo... medo? Do que ele tem medo?

— Me desculpe por isso, eu não deveria ter feito o que fiz — Ele se levanta de cima de mim, fazendo com que, imediatamente, eu sinta sua ausência.

— Por que? Por que você não deveria? Porque eu sou pobre e você é rico? Ou por que eu era uma p...

— Não diga isso — ele fala, respirando

fundo. — Eu estou... estou confuso. Eu não sei mais o que eu quero. Isso é... merda! É complicado.

— O que há de tão complicado em fazer algo que ambos queremos, Erick?

Ele passa a mão sobre o cabelo e, em seguida, se senta. Suas costas se curvam conforme ele abaixa a cabeça, cotovelos apoiados nas coxas.

— *Relacionamentos* são complicados para mim, Valentina — diz. — Qualquer tipo de relacionamento, e eu não quero que você...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já entendi — corto sua fala, porque não acho que o meu orgulho me permita levar um segundo fora do mesmo cara, em um intervalo tão curto de tempo.

Eu levanto e me ajeito, ainda atordoada e sentindo seu beijo, mas disposta a não ficar aqui por mais tempo.

— Acho melhor eu ir.

Então eu pego minhas coisas e o deixo para trás, muito irritada para tentar dizer mais qualquer outra coisa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

Valentina

Mordo distraidamente a tampa da caneta com o logotipo da Almada Construtora em seu corpo e fito pela terceira vez o meu relógio de pulso. Já se passa das três da tarde e eu não consigo, de forma alguma, me concentrar no trabalho.

Tento focar mais uma vez no computador diante de mim e começo a

PERIGOSAS NACIONAIS

criar algumas planilhas, apenas para voltar a me dispersar logo em seguida. Eu evitei por muito tempo, mas não consigo parar de pensar em Erick. Por que eu tenho que ser tão estúpida?! A minha pretensão sempre foi encontrar um cara legal, que fosse gentil, inteligente e tranquilo na cama. Não um ogro, repleto de tatuagens, cheio de conflitos emocionais e que parece me odiar.

Faz mais de uma semana que não nos vimos, o que significa mais de uma semana desde que ele confessou que se lembra de mim, me beijou e acabamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

discutindo em seu apartamento. Eu não fui mais lá e, a essa altura do campeonato, desconfio de que as tais aulas particulares se encerraram.

Lembro-me da festa para a qual fui convidada e reflito sobre isso. Não estou muito animada para ir, mas a simples ideia de provocar Erick ao aparecer por lá, por mais infantil que seja, soa tentadora. Eu não vou abaixar a cabeça para ele, nem fingir que nada aconteceu. Ainda estou aborrecida e não quero que ele tenha ciência do quanto me afeta.

PERIGOSAS ACHERON

Durante toda a minha vida, eu agi de acordo com o que me impuseram. Toda a minha infância e grande parte da minha adolescência foi baseada em ordens dos meus pais. Eu não reclamava, pois sabia que era dessa forma que as coisas funcionavam com a nossa família, mas aí eu cresci, comecei a trabalhar e nada foi diferente. Nem nos empregos anteriores que arrumei, nem na boate da Magnólia, sempre acatando ordens.

E agora aparece Erick — onde, em um instante está deslizando sua língua para dentro da minha boca e, no outro, me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

manda ir embora do seu apartamento. Tudo isso depois de tentar me impedir de ir à uma festa onde estarão os seus amigos.

Será que ele tem vergonha de ser visto comigo? De que seus amigos me conheçam?

Eu não sei, mas de uma coisa estou decidida:

Chega de viver com medo do que pode acontecer. Eu posso estar soando irresponsável, mas sou jovem ainda, quero me divertir de verdade e não vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me privar disso só porque Erick não permite. Quem ele pensa que é para mandar em mim?

Decidida, solto um suspiro e logo o sentimento de indecisão dá lugar à ansiedade. Em menos de dois dias irei rever Erick. Me censuro internamente, lembrando a mim mesma que irei fazer isso só e unicamente para me divertir, conhecer pessoas novas. Não por causa de Erick.

Não mesmo.

PERIGOSAS ACHERON



Solto um palavrão quando a ponta do pincel do delineador atinge meu glóbulo ocular. Essa merda arde!

Usando um lenço umedecido, retiro o excesso de maquiagem e me afasto um pouco do espelho para ter uma melhor visão da minha produção. As calças que optei por vestir são de um jeans escuro e modelo *skinny*. O top tem um discreto decote em V, e uma jaqueta de couro preta me protege do frio que tenho certeza que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

faz lá fora. Meus cabelos estão soltos, e as ondas, por incrível que pareça, domadas. Calço meu salto preto e apanho a minha bolsa antes de rumar para a garagem.

Pelo que pude notar, o endereço que o tal amigo de Erick me passou fica a algumas horas de onde estou e me apresso em sair logo, para evitar o engarrafamento. No leitor de CD, ponho uma música baixinha de Vanessa da Mata para tocar e tamborilo os dedos no volante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais algumas músicas tocam antes de eu avistar o local da festa. Fico surpresa ao perceber que a casa, dentro de um vistoso condomínio, não tem nada a ver com o apartamento barulhento e fedendo a álcool que eu imaginava.

Estaciono o meu carro ao lado de um Volvo prata e varro o olhar vagamente pelos outros automóveis em busca de um Maverick vermelho, mas não o localizo. Me apresso em seguir o caminho que me leva até a entrada da casa.

No jardim, noto várias pessoas,

PERIGOSAS ACHERON

aparentemente tão jovens quanto eu, bebendo, fumando e rindo. Alguns casais se pegam atrás de arbustos de decoração do jardim ou recostados nas enormes pilastras que enfeitam a varanda.

— Ei, você chegou... — alguém sopra contra a minha nuca e todos os meus músculos se enrijecem.

— Pois é... — digo, girando na direção do homem de cabeça raspada e pele cheia de tatuagens. — Como vai?

— Bem melhor agora, linda — Nick abre um sorrisinho, o qual eu não consigo

retribuir. — Vem, tem um pessoal legal lá dentro.

Ele ruma para a entrada da casa, sem sequer se virar para se certificar de que realmente o estou seguindo. Mas o que eu faria aqui se não o seguisse? Não conheço ninguém.

A casa é enorme. Um som alto inunda o local com suas notas potentes. Jovens perambulam de um lado a outro com copos cheios de bebida na mão. Outros fazem joguinhos, sentados aos pés da escada ou em mesas improvisadas. A casa

está uma zona, e imediatamente sinto pena de quem terá que limpar isso depois, porque algo me diz que não será esse pessoal.

Me deixo levar quando Nick me puxa pelo braço, seguindo até a sala.

— Galera, vim apresentar a vocês uma amiga... — ele se vira para mim. — Desculpa, gatinha, mas qual seu nome mesmo?

— Valentina.

— Certo. A Valentina é amiga do Erick,

PERIGOSAS NACIONAIS

portanto sejam legais.

Olho para o grupo de pessoas esquisitas com suas bundas grudadas no sofá e resisto ao impulso de sair correndo. Há, aproximadamente, uma dúzia de pessoas, e por mais que o estofado seja imenso, fico admirada com como cabe tanta gente.

A maioria parece bêbada o suficiente para me dar atenção. Alguns me cumprimentam de forma vaga, outros me observam com antipatia e há aqueles que secam por um tempo consideravelmente extenso os meus quadris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senta aí, gata — Nick diz. — O que você quer beber?

— Cerveja — respondo. Não sou muito fã de bebida alcoólica, muito menos esse tipo de bebida, mas é a única que provavelmente está lacrada e possui menos possibilidade de se encontrar batizada.

Em festas como essas, se deve esperar de tudo.

Nick pisca e some de vista enquanto me deixa à mercê dos lobos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Belos sapatos — uma menina de cabelo escuro diz, se aproximando um pouco mais de mim.

Ela é a única aparentemente normal por aqui, então eu tento aparentar o máximo simpática possível.

— Obrigada — Abro um sorriso para ela. — Os seus também são muito bonitos.

Ela toma um gole de sua bebida vermelha e passa a língua pelo lábio inferior antes de voltar a falar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu me chamo Karen. Prazer.

— Valentina.

— É, eu sei — Ela cruza as pernas e começa a balançar seu pé distraidamente.

— Você é amiga do Nick?

— Não, exatamente.

— Sei — ela sorri novamente, e eu não consigo identificar se o que acabou de dizer foi em tom de ironia.

Abro a boca para falar algo, mas facilmente perco o foco quando avisto *alguém* em especial aparecer na porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A luz vinda do teto, neste ângulo, deixa seus cabelos loiros ainda mais brilhantes. Diferente do que costume ver normalmente, hoje ele usa uma camisa azul marinho — ok, é quase preto, mas ao menos ele mudou, vamos dar uma colher de chá.

Ele tenciona o maxilar ao me ver e percebo que não está muito alegre quando vem em minha direção. *Azar o dele*. Tento disfarçar a ansiedade, à medida em que a distância entre nós se reduz aos poucos, mas acho que não estou tendo muito sucesso com isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem é vivo sempre aparece! —
Alguém, com a voz exageradamente
arrastada, se apressa em dizer. Me dou
conta de duas coisas: esse alguém é
Karen. E a pessoa para quem ela se refere
é Erick. — Fiquei até mais feliz agora.

Toda animada, ela se ergue do sofá,
sem se dar ao trabalho de se desculpar
quando esbarra em mim com força. Mas, é
claro. Está preocupada em se agarrar a
ele.

Como se os dois tivessem total
intimidade, ela dá um beijo no rosto dele

PERIGOSAS NACIONAIS

e enrosca os braços finos em seu pescoço.

Faço questão de não olhar para ele e foco em um grupo de pessoas do lado oposto ao meu, que fazem brincadeiras idiotas com um copo de bebida.

Como se para me provocar, o babaca se senta entre mim e Karen, e o seu cheiro, uma mistura viva de especiarias, quase me entorpece.

— O que você está fazendo aqui? —
Demoro alguns segundos para me dar conta de que ele está falando comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Nem ao menos um "olá" ou "boa noite".
Simplesmente “o que você está fazendo aqui?” Mas que idiota.

— Fui convidada, esqueceu? — Minha voz sai indiferente.

— Eu disse que não era uma boa ideia vir.

— Dane-se o que você me diz, Erick. Estou aqui para me divertir, e se a festa fosse tão ruim assim, você não estaria aqui.

— Eu vim porque... — ele começa, mas

é interrompido quando Nick aparece.

— E aí, Erick — Ele cumprimenta enquanto me estende a cerveja já aberta.

— A sua amiga acabou chegando antes de você. Achei que viriam juntos.

— Vocês estão juntos? — Karen pergunta, apoiando um braço no ombro de Erick. Caramba, que voz irritante.

— Não — eu me apresso em dizer. Ele apenas observa as pessoas dançando e não responde.

Nick se senta ao meu lado e eu fico

tensa. A presença dele é perturbadora, só não me deixa mais nervosa do que Erick faz. Ele está quieto, aparenta até irritado, mas não parece se importar nem um pouco com o fato de a menina estar grudada feito um carrapato nele.

Viro o rosto, recusando-me a lhe dar atenção, mas é em vão. Sinto a perna dele roçar na minha. Seu olhar também está em mim, mas eu não me deixo abalar. Me afasto da forma que posso dele e tento ignorar sua presença, iniciando um diálogo com Nick.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele é um porre e a maioria das coisas que diz envolve mulheres, festas e dinheiro. Mas não estou prestando atenção no que ele diz mesmo, então dane-se.

Quarenta minutos depois, Erick já está em seu terceiro copo de uísque, e eu na minha segunda garrafinha de cerveja.

Karen começa a passar a mão por sua coxa e sussurra algo em seu ouvido. Aposto que se não tivesse tanta gente por perto, eles já estariam transando aqui mesmo, nesse sofá.

PERIGOSAS ACHERON

Ugh!

Sinto um nó preso em minha garganta. Que idiota que eu sou. Sério mesmo que estou incomodada por causa de um babaca que parece me odiar com todas as forças?

Começo a desconfiar de que as míseras duas garrafinhas de bebida estão fazendo efeito, quando Nick me chama para dançar e eu aceito. Talvez seja toda a irritação e o fato de, em hipótese alguma, eu querer segurar vela para esses dois.

Sinto a mão de Erick segurar meu braço e me viro para ele.

— Aonde você vai? — Pergunta.

Puxo meu braço bruscamente, me livrando de seu aperto.

— Não é da sua conta.

Noto seu semblante de raiva, mas o ignoro, e logo estou seguindo Nick em direção à pista barulhenta.

Uma música internacional está tocando e eu mal me balanço. Tento me policiar quanto a isso, mas quase que automaticamente, meu olhar se volta para Erick. Ele ainda está sentado, mal-

humorado, e eu me pergunto se fui eu quem o deixou bravo.

Nick segura em minha cintura e me guia para um grupo de jovens altamente animados. É óbvio que estão sob o efeito de alguma bebida muito forte. Isso acaba dispersando minha atenção de Erick e, quando volto a olhar para onde ele deveria estar, não o encontro. Nem Karen.

Meu sangue imediatamente ferve. *Onde diabos eles se meteram?*

Estou muito mais irritada agora, e a dor em meu peito aumentou. Droga, desejaria

PERIGOSAS NACIONAIS

não ter bebido nada!

— Preciso ir ao banheiro — digo a Nick, me segurando para não explodir.

— Lá em cima — ele responde e volta sua atenção ao grupo de pessoas, que agora pulam e cantam sem se importar por talvez estarem pagando mico.

Subo as escadas e paro por um instante para reorganizar meus pensamentos. São diversas as portas no corredor e eu fico sem saber em qual entrar.

Abro a primeira e há uma espécie de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escritório, ou biblioteca... não sei ao certo, mas com certeza não é essa. Portanto, logo a fecho e parto para a segunda.

Quando finalmente encontro o banheiro, lavo meu rosto e procuro ao máximo me recompor. Respiro fundo algumas vezes e reorganizo minha cabeça. Quando estou pronta para sair, abro a porta e irrompo para o corredor, prestes a seguir em direção à escada, no entanto, alguém surge na minha frente e bloqueia o meu caminho.

PERIGOSAS ACHERON

Nick.

Instintivamente, os pelos da minha nuca se eriçam em um sinal de que algo está errado. Ele está diferente de quando o deixei há alguns minutos lá embaixo, seus olhos estão vidrados e ele está agitado demais.

Isso, com certeza, não é obra apenas de bebida.

— Com licença — digo, tentando passar por ele, mas sou impedida.

— Aonde você pensa que vai? — Ele

segura meu braço com força. — Acho que precisamos nos divertir um pouquinho mais, Valentina.

— Eu preciso ir embora, Nick. Chega de diversão por hoje — tento manter meu tom de voz firme, mas vacilo quando seu aperto se intensifica.

— Está cedo, gata — ele diz, seu rosto mais próximo do meu. — Nós temos um tempinho ainda.

Então, antes que eu possa processar, sua mão está agarrando minha nuca com força, enquanto com a outra ele abre a

PERIGOSAS NACIONAIS

porta de um dos quartos e me empurra para dentro dele.

Todos os meus sentidos ficam em alerta, e um único pensamento me vem à mente:

Isso não vai acabar bem.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Valentina

Meu coração golpeia desenfreadamente o meu peito, minha garganta se contrai e eu sinto aquela sensação causada pelos meus instintos em estado de alerta se intensificar com cada segundo marcado no relógio.

Eu imponho resistência quando, com ambas as mãos, ele aperta meus braços com força. Contudo, isso não adianta,

uma vez que, apesar de magro, Nick é muito mais forte que eu. Tento gritar, mas é como se o meu cérebro estivesse em estado de choque, paralisado, e as malditas palavras se recusassem a sair.

— Fica quietinha, linda, você vai gostar — diz, roçando seus lábios frios no meu pescoço.

— Me solta! — Eu tento me livrar mais uma vez de seu aperto, mas ele crava as unhas em minha pele e seu rosto se contorce em irritação.

— Cala essa boca, você vai acordar os

vizinhos! — Ele começa a gargalhar diante da estupidez da frase. É óbvio que ninguém irá nos ouvir com a barulheira no andar de baixo.

Meu estômago parece ter ganhado vida própria.

— Nick, por favor — Eu tento suavizar a minha voz, sabendo que não é nada prudente agir com violência em uma situação dessas. — Me deixe ir, eu não quero mais ficar aqui.

— Eu tomei uma merda forte que algum cara me ofereceu e estou com um tesão

PERIGOSAS NACIONAIS

desgraçado, gata, então colabora. Vai ser divertido e você vai gostar.

— Não — O desespero começa a tomar forma dentro de mim. — Me solte!

— Quieta, porra!

Oh, meu Deus.

Ele me joga com força em cima da cama. Antes que haja tempo de eu me levantar, ele vem para cima de mim. Suas mãos ágeis, frias e pegajosas passeiam freneticamente pelo meu corpo. Com as pernas ao meu redor, ele trava as minhas

PERIGOSAS ACHERON

coxas, uma mão segura meus pulsos e, dentro de segundos, a outra está apalpando meus seios. Começo a entrar em pânico e toda aquela ideia de não usar de violência vai por água abaixo, quando me dou conta de que apenas implorar não vai adiantar.

Começo a tentar me livrar dele, sacudindo meu corpo freneticamente, tentando tornar mais difícil a sua tentativa de aproximar sua boca de mim. Ele não se abala, inclinando-se em minha direção. Consigo sentir seu pênis duro sob a calça surrada esfregar-se contra

PERIGOSAS ACHERON

meu ventre e tenho vontade de vomitar. Sua boca tenta alcançar a minha e, em um impulso, ergo minha cabeça e cravo meus dentes em seu ombro.

Ele amaldiçoa e solta meus pulsos para me chacoalhar, descontrolado.

— Você gosta de um sexo selvagem, sua vadia? — Seus olhos estão vermelhos, demoníacos.

— Sai de cima de mim! — Com as mãos livres, começo a golpear seu peito, minhas unhas tentam atingir sua pele, mesmo estando protegida sob o tecido da

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa. Pego de surpresa, ele se desequilibra por alguns instantes, mas logo está vindo em minha direção novamente, muito mais forte e aterrorizador.

Um estalo ecoa pelo quarto quando as costas da sua mão acertam em cheio a minha face. Sinto gosto de sangue, e o meu rosto, inicialmente adormecido, começa a arder.

Na penumbra do quarto, meus olhos procuram por algo que possa golpeá-lo, mas para o meu azar, não encontro

PERIGOSAS ACHERON

nenhum objeto que sirva. Ele puxa bruscamente meus quadris por trás e começa a acariciar asperamente a minha barriga, enquanto, com a outra mão, tenta descer a minha calça.

Eu grito novamente para que ele me solte, mas sua mão tapa a minha boca, seu hálito quente fazendo-se presente em meu rosto quando ele chega bem perto da minha orelha.

— Sabe quanto tempo eu esperei por esse dia, vagabunda? — Seu peso está sobre mim e, com o peito comprimido no

PERIGOSAS NACIONAIS

colchão, eu me vejo impossibilitada de sequer respirar corretamente. — Naquela noite em que o Erick te arrastou para o quarto e comeu você no meu lugar, eu não consegui pensar em outra coisa. — Meu Deus, acho que vou vomitar. — Ele sempre foi um filho da puta egoísta, mas enfim, hoje eu vou me dar bem. Bem melhor que ele, aliás. E você vai gostar muito mais de mim. Aposto que vai pedir...

Nick não conclui a frase, e eu sinto o seu corpo sendo arrastado para trás com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Está escuro e tudo ocorre muito rápido. Só consigo visualizar as costas largas e masculinas de uma terceira pessoa no quarto. O homem está em cima de Nick, socando seu rosto sem piedade alguma.

Urros de dor são ouvidos. Sinto a bile subir por minha garganta, as lágrimas despontando nos meus olhos, minha mente praticamente entorpecida. Quero sumir daqui o mais rapidamente possível, então aproveito a deixa e corro. Corro incessantemente até alcançar o lado de fora da casa. Tropeço sobre meus pés e retiro meus sapatos para facilitar a fuga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas pessoas estão olhando para mim, a minha aparência provavelmente não é a das melhores, mas não me importo com nada disso. Quero apenas sumir desse lugar.

Ainda sentindo como se as mãos nojentas de Nick estivessem sobre mim, alcanço o jardim, e então meus joelhos cedem, dobrando-se sem protesto em cima da grama fria. Estou em pânico. Meu corpo treme e eu começo a chorar. Me agacho e soluço feito uma criança.

Nunca me senti tão suja, tão humilhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como podem existir pessoas tão más nesse mundo? Como pode existir tanta gente que me odeia sem eu nunca ter feito nada de ruim a elas? Muitas perguntas estatelam-se em minha mente e as lágrimas parecem não querer cessar, misturando-se à minha dor.

Um par de sapatos pretos alcança meu campo de visão. Ergo minha cabeça lentamente e encaro um Erick de cabelos bagunçados, camisa suada, respirando pesadamente.

Seus músculos estão tensos, há um

PERIGOSAS ACHERON

corde em seu supercílio e os nós dos dedos machucados, manchados de sangue. Só então me dou conta. Erick era o cara que tirou Nick de cima de mim.

— Você está bem? — Ele pergunta ainda de pé. Consigo sentir a raiva estampada em seu tom de voz. Ele está ameaçador. — Bem, Cristo, essa foi uma pergunta estúpida de se fazer. É claro que você não está bem. Me desculpe.

Eu tento dizer algo, mas só consigo chorar. Parece que há alguma coisa obstruindo minha garganta. Quando

percebe que não vai obter uma resposta minha, ele se agacha na minha frente.

— Olhe para mim, Valentina — Assim que ele tenta segurar meu braço, faço uma careta de dor. Ele afrouxa o aperto, se dando conta da marca arroxçada em minha pele. — Ele machucou você, porra. Eu deveria ter matado aquele desgraçado!

É evidente a tensão que emana dele, e eu temo o que ele provavelmente seja capaz de fazer neste estado.

— Tudo bem, Erick, já passou. Só... me tire daqui — finalmente paro de chorar e

consigo encontrar a minha voz.

— Certo. Eu vou levar você embora —
Ele volta a segurar meu braço, mas com
cuidado. Seu dedo acaricia o meu pulso e
eu sinto vontade de recostar minha cabeça
em seu peito e chorar ainda mais. —
Vamos.

Não protesto quando ele me arrasta em
direção ao seu carro. Aguardo enquanto
abre a porta para mim e, segundos depois,
está se sentando ao meu lado. Recosto
minha cabeça no vidro e passo o caminho
todo apenas observando os borrões

através da janela, perdida em pensamentos. Ele não diz nada o trajeto inteiro e, quando dou por mim, já estamos na porta do seu apartamento. Assim que entro, sinto o cheiro do seu lugar e isso, de alguma forma, me conforta. Eu senti falta daqui.

— Eu vou preparar um banho para você
— Ele diz antes de seguir para o corredor.

Abraço meu corpo e me sento no sofá. Ainda estou trêmula, e aquela sensação nauseante ainda não se dissipou por completo. Minutos depois, Erick

PERIGOSAS NACIONAIS

reaparece e me orienta a seguir com ele. Entramos no seu quarto e ele abre uma porta para mim, a que dá acesso ao seu banheiro pessoal. O ambiente é confortavelmente amplo, um cheiro delicioso de sais de banho rescende no ar.

— Eu achei que você fosse gostar de tomar banho de banheira — ele começa a dizer. — Bem... eu nunca uso, mas achei que você precisasse.

— Não precisava se preocupar — respondo, mas verdadeiramente agradecida por ele ter pensado nisso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que vai me ajudar a relaxar um pouco.

Testo a temperatura da água e concluo que está agradável o suficiente. Há uma toalha felpuda pendurada e algumas peças de roupa. Estendo a camisa preta com estampa do *Iron Maiden* na frente e ele se explica:

— Eu não tenho nenhuma roupa feminina por aqui.

Tento não sorrir.

— Tudo bem, acho que vai servir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo... hã, eu tenho umas cuecas novas, trouxe uma para você vestir. Pra... você sabe... — ele parece nervoso — ...ter algo por baixo.

— Obrigada. — Após se certificar de que não preciso de mais nada, ele se retira.

Uma vez sozinha, retiro minha roupa e checo a minha aparência no espelho da parede. O tapa que recebi deixou minha bochecha vermelha, mas não foi o suficiente para causar inchaço. O corte no meu lábio é ínfimo e vai sarar rápido.

PERIGOSAS ACHERON

Entro na banheira e deixo a água quente me abraçar, os sais de banho servindo para me relaxar. Agradeço aos céus por Erick ter tido essa ideia, pois eu definitivamente estava necessitando disso.

Após sair do banheiro, encontro Erick no sofá com o controle da TV na mão. Em cima da mesinha de centro, há uma bandeja com um sanduíche e um copo de suco.

— Achei que você fosse sentir fome — diz, apontando para a bandeja. — Espero

PERIGOSAS NACIONAIS

que goste de peito de peru. E... — Ele coça a cabeça. É óbvio que essa coisa de anfitrião é totalmente nova para ele — Bom... se quiser ver um filme ou, sei lá...

— Eu estou bem, Erick — tranquilizo-o. — Está tudo ótimo. Sério.

— Certo — Por mais que ele esteja tentando disfarçar, capto seu olhar varrer meu corpo. A camisa que estou usando é folgada, mas suas cuecas não deixam muito para a imaginação. Estou com as pernas de fora e, automaticamente, me encolho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se levanta rapidamente.

— Acho que vou tomar um banho também. Qualquer coisa, é só chamar — diz, se apressando em se afastar de mim.

Balanço a cabeça, deixando-o saber que entendi, e me sento no sofá. Ponho uma almofada sobre minhas pernas e começo a zapear os canais na TV. Eu não tinha muito tempo para ver televisão na época em que trabalhava para Magnólia. Alguns programas, que para mim são desconhecidos, estão passando e eu me sinto feito um cego em tiroteio.

PERIGOSAS ACHERON

Me animo quando vejo um canal que está transmitindo um jogo do Flamengo no Maracanã. Eu sempre tive vontade de assistir a um jogo no *Maraca*, principalmente do meu time. Algumas pessoas acham uma chatice, mas eu adoro futebol.

Já estamos no segundo tempo, meu time vencendo de 2X0 quando Erick reaparece na sala. Seu olhar alterna entre mim e a TV, e em seguida ele enruga a testa.

— O que foi? — Pergunto.

— Nada — ele se senta ao meu lado. —

Você está melhor?

— Sim.

— Bom... — ele faz uma pausa, depois volta seu olhar para mim. — Eu quebrei a cara dele, Val.

Meu pulso se acelera. Não pela confissão de Erick, pois eu não sinto nem um pinga de pena daquele nojento do Nick, mas por ele ter me chamado por meu apelido. Pela primeira vez.

— Eu já imaginava isso — respondo, sinceramente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E você não está... assustada comigo?

— Ele cheira a sabonete e desodorante. De uma forma estranha, é o perfume mais afrodisíaco que já senti.

— Não há motivos para isso — respondo. — Você me salvou.

— Menos mal — Ele dá um riso fraco antes de voltar a olhar para mim. — Você tem que denunciá-lo.

— Eu sei — digo —, mas acho que não vai adiantar.

— Como não? — Ele me parece

PERIGOSAS ACHERON

indignado agora. — Valentina, ele quase... — ele não conclui. Em vez disso, passa a mão pelos cabelos, visivelmente frustrado. — Você tem que fazer isso.

— Ele é *rico*, Erick — eu digo. — Aposto que a família dele tem bastante influência no país, assim como a sua família tem. Isso não é algo que eu faça e tenha a garantia de que ele realmente vá pagar pelo que fez. A corda sempre arrebenta pelo lado mais fraco, você sabe.

— Então, é isso? Ele vai ficar impune?

— O que ele merecia, você já deu —

tento tranquilizá-lo. — E não acho que ele vá tentar fazer de novo.

— Se tentar, eu acabo com ele.

— Eu sei. — Por mais que eu tema a ideia de que Erick, talvez, seja realmente capaz de concretizar sua ameaça, fico feliz por saber que ele se preocupa comigo.

Voltamos ao silêncio, apenas os ruídos da televisão sendo ouvidos e eu sinto uma certa paz.

— Sua testa ainda está sangrando — eu

PERIGOSAS NACIONAIS

digo reparando no fino fio de sangue que começa a escorrer do seu supercílio. — Não dói?

— Já estou acostumado com coisas desse tipo, Valentina. Não se preocupe comigo. — Estremeço com essa confissão. Não quero ver Erick se machucando por aí. Ele ficou maluco?

— Podemos dar um jeito nisso — me levanto. — Você tem um kit de primeiros socorros?

Ele revira os olhos, mas não protesta.

PERIGOSAS ACHERON

— No armário da cozinha. Última gaveta.

Corro rapidamente até a cozinha e, quando volto para a sala, carrego comigo uma maletinha branca. Planto os joelhos no sofá enquanto ele se acomoda, de modo que eu possa ter fácil acesso ao seu ferimento.

— Está maior do que imaginei — informo, analisando o corte em seu supercílio. — Não acha que seria melhor se fôssemos a um hospital?

— Só joga qualquer merda para

estancar o sangue, que uma hora ele cicatriza — ele responde. — Não vou perder meu tempo dentro de uma maldita enfermaria.

Arqueio uma sobrancelha.

— Você sabe que é totalmente imprudente pensar assim, certo?

— Eu não me preocupo com prudência, você já deveria ter se dado conta disso. — Seus dedos deslizam suavemente por meu braço machucado. — E se tem alguém aqui que precisa de cuidados médicos, esse alguém é *você*.

Troco de posição e me livro do seu toque ao sentir a intensa corrente elétrica se alastrando por meu corpo. Foco no que estava prestes a fazer.

— Estou bem, acredite. Agora, não se mexa — Oriento enquanto ensopo um pedaço de algodão com álcool e me aproximo dele. — Isso vai arder um pouco.

— Vá em frente — ele recosta a cabeça no encosto do sofá e fecha os olhos.

Me inclino um pouco mais em sua direção e começo a limpar o ferimento.

Em seguida, começo a fazer o curativo. Ele permanece de olhos fechados durante todo o processo e eu preciso me controlar, pois estou *muito* perto dele e isso está começando a mexer com os meus nervos.

— Pronto — minha voz sai rouca e eu pigarreio antes de voltar a falar: — Já pode abrir os olhos.

Ele ergue a cabeça lentamente e, mesmo sabendo que o correto a se fazer seria me afastar, não o faço. Seu olhar se alinha com o meu, ambos em silêncio. Há muita coisa que ele ocultou durante esse

tempo todo, bem explícita nesse gélido lago verde-acinzentado. *Erick me deseja*. Por mais que ele negue, estou sendo capaz de visualizar isso nitidamente agora. Ou ele está fazendo *questão* de me mostrar.

Sua respiração aquece a minha pele, enquanto a minha própria respiração se acelera. Não me afasto quando ele toca a lateral do meu rosto, e sinto de imediato meus pelos se eriçarem. Um polegar acaricia minha maçã dolorida, e eu fecho os olhos, involuntariamente, quando ele diminui o espaço entre nós. Lábios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quentes tocam suavemente minha bochecha, sua testa se apoia na minha e sua respiração está mais irregular que antes.

— Eu quero te beijar de novo —
confessa num sussurro.

Abro os olhos e apenas me apego a esse momento.

Pela primeira vez, ele está se deixando ser transparente. Pela primeira vez, ele está demonstrando ter algum tipo de sentimento. Pela primeira vez, eu vejo um Erick *vulnerável*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É como se qualquer coisa que eu fizesse, ou dissesse, nesse momento, com o único intuito de magoá-lo, surtiria o efeito desejado. Eu não quero isso, no entanto.

— Eu também — minha voz sai rouca. Meu coração fazendo uma maratona dentro do meu peito.

E então, ele chega ainda mais perto de mim. Uma gama de sensações que eu não tenho capacidade de controlar me invadindo aos poucos. Os lábios de Erick apenas tocam a extremidade dos meus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele recua alguns centímetros e, ainda sem quebrar o contato visual, desliza sua mão até a lateral do meu pescoço, transmitindo-me uma onda de arrepios. Em seguida, e ele vem para mim e faz aquilo de novo, roçando de leve sua boca na minha.

O tempo parece congelar.

É como se existíssemos apenas nós dois, descobrindo, aos poucos, o que um simples toque é capaz de causar. O que uma onda de calor pode provocar, e como um beijo pode afetar assustadoramente o

PERIGOSAS ACHERON

bem-estar do seu cérebro. Sim, pois eu sinto que estou fora de órbita quando seus lábios, finalmente, encontram o caminho até os meus. Eles são exigentes, reivindicadores e eu me perco nesse momento.

Erick me puxa para seu colo, fazendo com que minhas pernas fiquem em volta dos seus quadris. Me deleito com a sensação, mas quando ele aprofunda ainda mais o beijo, gemo com a dor que se instala de repente.

— Desculpe — Ele se afasta,

respirando pesadamente, seu polegar tocando o meu ferimento.

— Tudo bem — Envolver os braços em seu pescoço, ansiando que ele continue, mas ele ainda parece hesitante. Seus olhos deslizam até minha boca por alguns segundos antes de eu me aproximar mais e decidir beijá-lo novamente.

Dessa vez, ele não recua. Sinto sua mão passeando pela minha coxa, parando na base do meu traseiro e percorrendo todo o seu caminho de volta. É uma carícia que faz com que eu me agite por dentro. É

PERIGOSAS NACIONAIS

uma carícia que me tortura e intensifica aquele friozinho na barriga que só ele me faz sentir.

Suspiro quando sua boca vai para meu pescoço, com carícias lentas. Ele morde meu queixo ao mesmo tempo em que suas mãos se esgueiram por baixo da camisa que visto — e, Deus, obrigada por eu não ter usado nada por baixo delas, pois as mãos e Erick são divinas.

Ele massageia a minha cintura e calor dispara por todo o meu corpo. Aperto minhas pernas ao redor de seus quadris e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

busco esfomeadamente a sua boca novamente. Ele solta um grunhido, mas não se afasta, sustentando-me enquanto se levanta do sofá. Quando dou por mim, minhas costas estão indo de encontro à cama macia.

Ele se afasta de mim e isso é quase desesperador. *Que merda está acontecendo comigo?* Eu não tenho muito tempo para pensar sobre isso, pois ele tira sua camisa e a única coisa na qual eu quero focar é no seu abdômen magnífico e em todo o conjunto que só em olhar já me deixa molhada.

PERIGOSAS ACHERON

Minha nossa.

Erick volta para mim e ergue lentamente a camisa que eu visto. Arqueio minhas costas e ergo meus braços para que ele tenha mais fácil acesso. Usando apenas a boxer preta que ele me deu, sinto seu olhar me queimar. Ou é apenas o meu corpo reagindo à ideia de estarmos tão perto um do outro.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Ele hesita.

Tiro alguns segundos para me livrar da névoa sexual e reflito sobre o que ele

acabou de perguntar. Transar com qualquer outro cara não mudaria nada para mim à essa altura do campeonato, mas transar com Erick muda absolutamente *tudo*.

Eu gosto de estar com ele e o desejo como nunca desejei ninguém, mas a nossa situação é toda complicada. *Eu* sou toda complicada.

E se eu não conseguir dar prazer a ele? Ou pior, e se eu não conseguir *sentir* prazer?

O sexo que eu tinha na boate era algo

automático. Eu fazia porque era obrigada àquilo, mas não desfrutava. E nunca cheguei a gozar, o que, lendo, descobri que talvez fosse frígida.

Deus, eu sou uma bagunça.

Erick nota a minha mudança e se afasta de mim.

— Ei, está tudo bem? — Questiona suavemente. — Não precisamos fazer isso, Valentina. Se você não quiser, eu vou entender.

— Eu sei — umedeço os lábios.

— Então... o que há de errado?

— Nada, eu só... — Apoio meus cotovelos no colchão e me ergo levemente. — Eu acho que não vou conseguir.

Ele franze a testa.

— Por que não?

— Bem, digamos que eu seja... *fria*.

— Fria? — Um sorriso alcança seus lábios.

Ótimo, Erick! Eu conto algo sério e o cara ri de mim? Irritada, tento me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levantar da cama para voltar a me vestir, mas ele me detém, arrastando seu corpo pesado e quente sobre o meu.

— Você pode ser tudo, menos fria — diz, beijando a ponta do meu nariz, deslizando os lábios até que eles estejam sobre os meus de novo. Isso é bom. — Se você fosse frígida, não sentiria isso.

Sua mão percorre minha barriga de forma lenta, torturante. Desce cada vez mais e eu arqueio minhas costas quando ele encontra o cós da boxer que me emprestou.

PERIGOSAS ACHERON

— Você sente isso? — Sua mão abre caminho para dentro do tecido e os dedos encontram minha carne sensível. — Diga, Valentina.

— Deus, Erick... — eu mordo o lábio para evitar gritar. Puta merda, eu definitivamente *sinto*. E não quero deixar de sentir nunca mais.

Seus dedos ainda trabalham em mim, enquanto seus lábios encontram meu pescoço e descem cada vez mais, trazendo uma onda de agitação em minhas terminações nervosas. A língua quente e

PERIGOSAS NACIONAIS

úmida acaricia o bico duro do meu seio, fazendo com que ele se encrespe ainda mais.

Sua cabeça retoma seu caminho para mais abaixo. Ergo meus quadris involuntariamente quando sua boca encontra aquela área do meu umbigo que ele sabe muito bem como manipular. Fico frustrada quando ele afasta as mãos de mim, mas então percebo que é para tirar a cueca que visto, o que me leva a lembrar que ele ainda está parcialmente vestido. Isso é injusto, pois quero tocar em cada parte do seu corpo também.

PERIGOSAS ACHERON

Ele desliza rapidamente a peça para fora de minhas pernas, e eu fico completamente nua em sua cama. Começo a desejar veementemente que ele não demore muito a executar o que está prestes a fazer. Ainda estou relutante, mas a onda de excitação é maior do que o meu medo.

Ele puxa a minha perna para si e começa a beijar a minha panturrilha, seus lábios subindo até o interior de minha coxa, e as borboletinhas na minha barriga começam a alçar voo novamente. A combinação do toque de sua língua, tão

PERIGOSAS ACHERON

perto da minha umidade, e suas mãos em minhas coxas é algo que me leva a patamares assustadores daquela sensação de aprazimento.

— Perfeita — ele sopra contra mim.

Me seguro para não gritar quando sua boca encontra meu sexo sensível e me agarro aos seus cabelos. Sua língua começa a se mover, fazendo com que eu me sinta cada vez mais na borda, no limite. A língua de Erick é possessiva, sua barba por fazer não me incomoda nem um pouco e a forma como ele se dedica ao

PERIGOSAS NACIONAIS

que está fazendo, como se fosse a melhor coisa do mundo, me faz querer ir no céu e voltar.

Como se já não bastasse, seus dedos fazem o favor de complementarem o ato, e meus barulhos são inevitáveis. Meus músculos se retesam, minha cabeça se inclina para trás e eu sinto como se estivesse prestes a entrar em combustão.

Erick desliza sobre mim, deixando somente seus dedos no jogo agora. Baixa a cabeça e me beija de leve, antes de sugar e morder meu lábio, evitando tocar

PERIGOSAS ACHERON

meu ferimento.

— Goze para mim, Val — ordena com a respiração quente e acelerada contra meu pescoço.

Sinto-me ainda mais molhada e contraída. Não demora muito para que uma sensação arrebatadora me tome por completo, fazendo-me flutuar e planar em uma espécie de torpor.

Erick paira sobre mim, se inclinando para voltar a me beijar. É um beijo lento, um beijo longo, e eu aperto ainda mais os meus dedos ao redor dos fios de seu

cabelo. Eu quero fazê-lo sentir prazer também, mas não acredito que tenha forças para mais nada.

— Você *definitivamente* não é frígida —
Ele sorri ao separar sua boca da minha.
Espelho seu gesto, minha respiração ainda acelerada.

— Você ainda está vestido — murmuro,
levando as mãos até o cócs de sua bermuda, mas ele me detém.

— Terminamos por hoje — Ele se senta e apanha as roupas que eu usava. —
Vista-se.

Eu me sento na cama, meu olhar atento na ereção evidente sob sua roupa.

— Você não quer que nós...?

— Não quero que pense que a trouxe aqui só para transar com você — me diz.

— Além do mais, você passou por emoções demais por hoje. Acho que a melhor coisa a se fazer no momento é descansar.

Por mais que eu esteja disposta a agradá-lo, e ansiosa para voltar a desfrutar de todas as boas sensações que ele é capaz de me proporcionar,

compreendo seu ponto e não discuto.

Depois que volto a me vestir, Erick afasta o cobertor para que eu me infiltre por baixo dele. Sua cama é muito mais confortável que o sofá, e seu corpo quente atrás de mim faz eu me sentir segura e relaxada.

— Erick?

Ele levanta a cabeça para me olhar.

— Sim?

— Me abraça.

Ele não pensa duas vezes antes de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esticar o braço e abraçar a minha cintura, puxando-me para mais perto de si. Seu nariz vai para a curva do meu pescoço, e meu coração palpita quando ele entrelaça nossos dedos. É um gesto simples, mas levando em conta a nossa situação, tem um significado enorme.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

Erick

Observo, pela janela, a movimentação na rua, enquanto meus pensamentos, vez ou outra, se voltam para a noite anterior. Eu ainda não consigo acreditar que fui tão impulsivo a ponto de *quase* transar com ela. Cristo, a mulher tem alguma coisa que mexe comigo de maneira assustadora. No entanto, não serei hipócrita e dizer que me arrependo. No momento em que

PERIGOSAS NACIONAIS

ela derreteu em minha língua, dando-me de bom grado o que jamais conseguiu dar a outra pessoa, senti como se fosse o cara mais sortudo do mundo.

No entanto, eu tenho que ser cauteloso. Volto a me lembrar do dia em que nos beijamos na minha sala e ela disse que eu era um covarde, e que eu tinha medo. Se eu disser a ela que realmente tenho medo de sentir a mesma dor que senti no passado, talvez ela não saiba lidar com a situação. Nem eu mesmo estou sabendo lidar com essa situação, só sei que estou extasiado e amedrontado pra caralho.

PERIGOSAS ACHERON

Me recosto no parapeito da janela e a observo. Seus lábios estão levemente entreabertos, a pele corada e a respiração estabilizada. A colcha grossa cobre boa parte do seu corpo repleto de curvas. Ela é bonita sem fazer esforço, e eu não me surpreendo com isso. Lembro-me da primeira vez em que a vi — muito antes de eu sequer imaginar pôr os pés naquela boate de merda. Eu era um completo fodido em busca de um rumo na vida, ou simplesmente perder o rumo era o que eu mais queria.

Valentina se remexe na cama e, aos

PERIGOSAS ACHERON

poucos, desperta. É engraçada a forma como ela tenta, antes de tudo, se adaptar ao local antes de abrir os olhos. Deitada de lado, ela lentamente descerra as pálpebras e, quando nosso olhar se cruza, um silêncio paira em torno de nós dois.

— Bom dia — boceja ao se sentar. — Eu acho que dormi demais.

Aparentemente desconfortável, ela começa a passar as mãos pelos cabelos, em uma tentativa de domá-los, mas ela não vai conseguir, eles são rebeldes demais. Ela não tentaria fazer isso se

PERIGOSAS NACIONAIS

soubesse o quão sexy fica com essas mechas assim.

— Tudo bem, eu que acordo cedo demais — falo. — Vou preparar o café da manhã.

Antes mesmo que ela diga mais algo, parto para a cozinha. Não sou um bom cozinheiro (eu nem gosto de cozinhar), mas cá estou, feito a porra de um participante do *MasterChef*, preparando o café da manhã para a mulher que dormiu na minha cama ontem à noite e eu nem sequer comi.

PERIGOSAS ACHERON

Que merda aconteceu com o seu cérebro, Erick?

A cafeteira sinaliza no mesmo instante em que Valentina aparece na cozinha. Ela está com o cabelo preso em um coque e usando as roupas que vestia logo que chegou aqui, o que me decepçiona. Eu gostei da visão de seu corpo pequeno engolido por minhas roupas.

— Esse cheiro está maravilhoso — ela comenta. — Você não precisava ter feito tudo isso só por minha causa.

— Por que acha que fiz só por sua

causa?

— Você não toma café da manhã, lembra?

— É verdade — me dou por vencido. — Talvez eu só goste de te manter alimentada.

— É muito gentil da sua parte — ela para diante de mim, cola seu olhar no meu e sorri. É um sorriso tão amplo e genuíno que eu tenho que me controlar para não sorrir de volta e parecer um idiota.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é bom — diz, inclinando a cabeça para trás.

Eu me aproximo ainda mais dela. Em resposta, seus braços envolvem meu pescoço, sua boca se achega ainda mais, a centímetros da minha. Contemplo seus cílios tocarem a sua face, assim que ela fecha os olhos lentamente. No entanto, o momento é interrompido quando ela abre os olhos de repente e franze o nariz.

— Que cheiro é esse? — Ela se afasta.
— Erick, tem alguma coisa queimando.

Ah, porra, as torradas!

PERIGOSAS ACHERON

Vou até a torradeira cheia de fumaça e desligo. Quando me viro, Valentina está rindo.

— Qual a graça? — Pergunto, tentando parecer irritado.

— Nada — Ela ainda prende o riso e eu reviro os olhos. — Esqueça isso, eu não estou com tanta fome assim.

— Tem certeza?

— Claro, Erick. Por que você tem essa mania de fazer questão que eu me alimente?

— Por nenhum motivo em especial —
respondo, dando de ombros.

Ela suspira.

— Bem, acho que já está na minha
hora. Vou embora, não quero perder aula
na faculdade.

— Certo — respondo, indo para a outra
extremidade do balcão, procurando
minhas chaves. — Eu te levo.

— Não precisa, eu... ah, droga meu
carro! — Ela exclama, como se só agora
estivesse se lembrado disso. — Ele ficou

no local da festa ontem.

— Eu busco para você.

— Não quero te incomodar com isso,
Erick — protesta.

— Eu farei isso — meu tom é inflexível. — Te levo hoje na faculdade e não discutiremos isso.

— Tudo bem, mas me prometa que não vai fazer nada imprudente.

— Eu detesto fazer promessas que talvez não possa cumprir, Valentina.

Viro as costas para ela, ainda à procura
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das malditas chaves do carro.



Já se passa das nove da manhã quando deixo meu carro em casa e parto até a residência de Nick. Acabei de levar Valentina até a faculdade e o clima que se estabeleceu no instante em que paramos em frente ao Campus foi um pouquinho constrangedor. Eu queria ao menos dizer algo além de "a gente se vê depois", mas fiquei meio sem saber o que fazer na hora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicolas provavelmente está dormindo uma hora dessas. Sempre chega atrasado ao estúdio de tatuagem, mas não precisarei me preocupar com isso de novo, porque em hipótese alguma irei querer ele perambulando por lá novamente depois de tudo o que aconteceu.

Por sorte, não tenho dificuldade em encontrar o carro de Valentina, estacionado próximo ao jardim. Destravo a porta e analiso o automóvel, constatando que é bem velho e aparenta ter sido muito usado.

PERIGOSAS ACHERON

— Está fazendo o quê aqui? — A voz de Nick chama minha atenção e eu me viro, lançando um olhar nada amigável para ele.

— Não é óbvio? — Meu tom é seco.

Ele dá uma risadinha e cospe no chão. Seu rosto está com alguns hematomas bem feios, mas eu desejaria ter feito pior.

— Caramba, até em motorista particular ela transformou você? — Ele caçoa. — A garota deve ser muito boa no que faz.

— Acho melhor você se calar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ou o quê? — Ele sorri, debochado.
— Não venha bancar o bom samaritano agora, Erick. O que foi, hein? Está *comendo* ela?

— Não teste a minha paciência, idiota
— Me controlo para não partir para cima dele. Não sei se teria coragem de deixá-lo vivo depois disso.

— Olhe para você, Erick — ele continua a provocar. — Está virando um babaca! Tudo por causa de uma boceta. Aposto que aquela vagabunda estava adorando tudo o que eu fiz com ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aposto que ela queria muito mais...

Bato a porta do carro com força e avanço em sua direção. O soco que dou em seu queixo é certeiro e o faz cambalear para trás.

— Seu merda! — Dou outro soco em Nicolas e, dessa vez, ele vai ao chão.

Eu vejo vermelho, minhas pernas parecem ganhar vida própria e meu sangue está quente. Quando dou por mim, estou montado nele, meu punho golpeando o seu rosto, uma mistura de urros e socos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alguém me segura por trás e eu tento me desvencilhar, mas o maldito que nos apartou me parece forte. Viro o rosto e reconheço Joel, o irmão mais velho de Nick.

— O que diabos está acontecendo aqui?

— Ele pergunta.

— Uma calorosa conversa entre amigos

— Nick responde, cuspendo uma mistura nojenta de saliva e sangue. — Apenas isso.

— Bom, eu espero que isso não se repita — Joel volta a dizer.

PERIGOSAS ACHERON

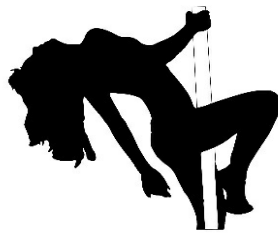
PERIGOSAS NACIONAIS

— Se ele aprender a ouvir a verdade...

— Você é um tremendo filho da puta, fracassado — corto o imbecil. — Sempre foi! Mas o que você faz com sua maldita vida, pouco me importa. Só não chega perto dela de novo, porque nem o seu irmão ou a porra do inferno conseguirá salvá-lo dessa vez, Nick! Espero que isso sirva de aviso.

Me desvencilho bruscamente do homem que ainda me segura e entro no carro de Valentina. Com o sangue ainda fervendo, saio dali o mais depressa possível.

PERIGOSAS ACHERON



A lata velha de Valentina cheira a borracha queimada quando estaciono o veículo em frente ao Soul Tattoo. Minha cabeça ainda está a mil enquanto subo até meu escritório e me tranco lá dentro. Tiro alguns minutos para me recompor e não deixar que os meus problemas atrapalhem o meu trabalho.

Desde quando os problemas de Valentina se tornaram *meus* também?

Putá que pariu, Erick.

Apoio meus braços na mesa e tento focar em outra coisa. Uma batida na porta me chama a atenção.

— Quem é?

— Sou eu, Erick — Ouço a voz de Rosaline, a tatuadora que trabalha comigo. — Está tudo bem por aqui?

Me ergo e giro a chave na fechadura. Quando a porta se escancara, ela avista meu estado e faz uma careta.

— O que aconteceu com o seu rosto? —

Pergunta.

— Nada com o que você precise se preocupar. Aconteceu alguma coisa?

— A sua... aquela loira que não larga do seu pé está lá fora querendo falar com você.

Era só o que me faltava.

— Manda embora. Não estou com paciência para aturar as ladainhas de Giovana.

— Bem que eu tentei, Erick, mas ela é inflexível. Tem um gênio tão ruim quanto

o seu.

— Ela é uma cretina mimada que não sabe ouvir "não" como resposta, isso sim — Levo uma mão à nuca, um sinal claro do quanto estou tenso. — Deixe-me saber o que ela quer. Pode mandar entrar.

— Ok. Com licença.

Instantes depois, vejo Giovana atravessar a soleira da porta e, furiosa, batê-la atrás de si.

— Onde diabos você estava com a cabeça quando decidiu trocar socos com o

seu melhor amigo? — Ela está com o nariz empinado, olhos semicerrados e o peito estufado. Giovana nunca foi muito mais baixa que eu, mas neste momento estou vendo-a diminuta, tamanha irritação que sinto.

— Para começo de conversa, ele não é meu amigo — respondo. — E quem diabos você pensa que é, para invadir o meu trabalho e tirar satisfações por uma merda que não é da sua conta?

— Não é da minha conta? — Ela ri sem humor. — O caralho que não é da minha

conta, Erick! Meu noivo amassa a cara de outro, só para defender uma piranha que nem conhece e você vem me dizer que não é da minha conta?

Meu punho acerta a mesa com força e Giovana tem um sobressalto.

— Já vi que você e aquele infeliz andaram conversando, não é mesmo? — Ela arregala os olhos, o que só confirma minha suposição. — Eu já falei *um milhão* de vezes que nós não estamos e nunca estivemos noivos, porra. Por que você não larga do meu pé e começa a cuidar da sua

vida, Giovana? Não é da sua conta o que eu faço, nem o que deixo de fazer. Aquele merda é um maldito viciado e estuprador, e se você está bem com isso, vá encher a paciência dele, não a minha.

Ela balança a cabeça, como se tivesse algum direito de se sentir indignada.

— Eu não sei o que ela andou fazendo para deixar você assim, mas isso não vai durar por muito tempo, Erick — diz. — Eu conheço você, conheço bem mais do que imagina, e sei que ela não faz o seu tipo. Ela é uma fracassada que mal tem

PERIGOSAS NACIONAIS

onde cair morta. Descobri que o seu avô é quem paga a faculdade dela — faz uma pausa para soltar um risinho zombeteiro. — Meu Deus, Erick, olha só para ela...

— Sai daqui! — interrompo-a, controlando-me para não fazer uma besteira.

— Eu não vou sair — ela diz. — Nós fomos feitos um para o outro e você tem que enxergar isso, porra!

— Você é doente, cai fora!

— Ela sabe que você nunca vai dar a

PERIGOSAS ACHERON

ela o que sempre foi de outra? — Isso me paralisa.

— Cala essa boca — advirto.

— Por quê? Dói ouvir a verdade, não é? Pois saiba que eu não me importo nem um pouco com isso, Erick. *Ela* está morta. Você consegue me entender? *Morta!*

— Eu disse para você calar a boca, porra! — Estou furioso. Giovana tocou em uma ferida dolorosa. Ela está jogando baixo, e eu estou me segurando para não avançar em seu pescoço.

— Viu só como você ficou, com a simples menção *dela*? — Ela vocifera. — Como você acha que a Valentina vai enxergar tudo isso, hein? Saber que está servindo de substituta para um fantasma?

— Já chega — Seguro em seu braço e a arrasto em direção a porta. Quero ela longe daqui, longe de mim e longe da minha vida.

— Eu espero não ver você nunca mais, Giovana.

— Tanto faz! — Ela grita de volta. — Você pode gritar comigo, me maltratar o

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto quiser, mas esteja ciente de uma coisa, Erick: a culpa é total e unicamente *sua*. É por sua causa que Sofia está morta agora. Espero que você durma com esse pensamento pelo resto da sua maldita vida.

Ela ergue a mão para secar uma lágrima que rola por seu rosto, se vira e sai, me deixando com os pensamentos perturbadores que acabou de despertar.

Tranco-me novamente no escritório e me sento.

Fraqueza.

PERIGOSAS ACHERON

Eu odeio essa palavra. Mas é inevitável não me sentir um merda derrotado agora. O mesmo fracassado de mais de dez anos atrás.

Suspiro.

Por mais que Giovana seja uma cretina egoísta, o que ela disse é real. Eu sempre tive ciência, durante boa parte da minha vida, de que o único culpado por tudo o que aconteceu fui eu. Somente eu. Mesmo que eu tenha tentado jogar a culpa em cima dela, como uma forma de amenizar a minha dor, as coisas não são, nem nunca

serão, como eu quero.

Meu Deus, Sofia...

Volto a me lembrar da garota do meu passado, que ainda me atormenta com lembranças tristes e a onda de culpa se intensifica.

Eu destruí meu passado e apaguei o meu futuro. E eu vou ter que conviver com isso até o fim da minha vida.

CAPÍTULO 15

Valentina

Faço as últimas anotações em meu caderno no mesmo instante em que Vanessa sai de sua posição no palco do auditório e se senta ao meu lado. Ela se encolhe na cadeira e suspira.

— Até que não fui tão mal assim — reconhece.

— Você foi perfeita — sorrio para ela enquanto, automaticamente, pego meu PERIGOSAS ACHERON

celular em meu colo e checo para ver se há alguma mensagem ou chamada perdida de Erick. Mas por que haveria? Ele nem sequer tem meu número.

Faz dois dias desde que nos falamos pela última vez, e eu me senti meio que decepcionada com essa situação. Achei que ele fosse ao menos me procurar, ou sei lá. Afinal, ele está com o meu carro, certo? Ou será que ele se esqueceu de pegar o meu carro? Bom, se isso aconteceu, eu não sei como farei para buscar, porque, em hipótese alguma, desejo dar de cara com aquele monstro do

PERIGOSAS ACHERON

Nicolas de novo.

Muitas ideias oscilam na minha mente, até o momento em que a professora Mônica me chama e eu volto a prestar atenção na aula. É a minha vez de apresentar o trabalho.

Minhas amigas me desejam boa-sorte, e eu me apresso em tomar minha posição no palco e preparar o Datashow com os slides que montei.

Começo minha apresentação ainda muito nervosa, mas com o tempo vou adquirindo mais autoconfiança. As

meninas, vez ou outra, fazem gestos positivos, a fim de me encorajar. Quando dou por mim, 99% do auditório está me aplaudindo pelo desempenho.

— Você já fez isso antes? — Vanessa pergunta quando me acomodo ao seu lado novamente.

— Não — Sorrio, eufórica. Ainda estou bastante excitada devido a tudo ter dado certo em meu primeiro seminário. É uma sensação muito boa.

— Caramba, garota, você foi feita para isso! — Cris me elogia.

— Vocês também se saíram muito bem.

E é verdade. Para quem não parava de reclamar a respeito da apresentação, elas foram geniais.

A professora Mônica vem nos elogiar ao fim da aula, minutos antes de nos despedirmos e rumarmos em direção à saída.

— Val, estávamos pensando em passar em algum lugar para comer besteira, o que acha?

— Não vai dar — respondo, encolhendo

PERIGOSAS NACIONAIS

os ombros. — Preciso trabalhar daqui a pouco e estou sem carro. Vou almoçar em casa, divirtam-se por mim.

— Ok, amiga — Van faz biquinho. — A gente se fala depois.

Me despeço das duas e me apresso em direção ao ponto de ônibus mais próximo, uma vez que não tenho meu habitual meio de locomoção disponível, mas então me surpreendo quando vejo meu carro parado bem em frente ao portão da faculdade. E um Erick malditamente sexy de braços cruzados recostado no automóvel.

PERIGOSAS ACHERON

Abraço com força as apostilas contra meu peito e tento segurar o sorriso que insiste em aparecer em meu rosto. Desço os degraus da escada rapidamente e atravesso o portão, controlando-me para não parecer eufórica demais com a sua presença. Mas meus hormônios estão uma ebulição que só.

Vá com calma, garota.

— E aí, Moça Bonita — isso me faz sorrir por dentro feito uma boba.

— Olá — eu digo. — Eu não sabia que você viria até aqui. Não precisava ter se

dado ao trabalho.

— Bom, eu tinha que devolver o seu carro — ele responde.

— Ah, claro. — Eu fico desapontada. Mas o que eu estava esperando, afinal? Que ele viesse me ver? Nem meu número ele se deu ao trabalho de pedir.

— Eu demorei esses dois dias porque o carro estava na oficina — ele se explica. — Eu aproveitei para fazer uma revisão. Ele estava precisando.

— Nossa, isso deve ter custado uma

PERIGOSAS NACIONAIS

grana preta — comento, passando superficialmente meu olhar sobre carro.

— Não se preocupe com isso, Valentina. Você já almoçou?

— Não — Meu coração volta a acelerar.

— Legal — Ele toma o material acadêmico dos meus braços e os joga no banco traseiro. — Gosta de massa?

— Eu adoro.

Ele sorri.

— Você prefere dirigir ou eu dirijo?

PERIGOSAS ACHERON

— Você. — Me apresso em deixar ele dirigir e sento-me ao seu lado. Durante o trajeto não conversamos muito, apenas o básico. Eu falo para ele a respeito da minha apresentação e ele me parabeniza, o que, de uma forma idiota, me deixa feliz.

O carro para em frente a um restaurante de nome italiano que eu não sei pronunciar. Ele abre a porta de vidro para que eu passe e me acompanha. O lugar é amplo, silencioso e cheira bem. Uma mulher alta e muito bonita vem nos atender. Ela veste um uniforme preto e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

branco, e quando Erick a cumprimenta, abre um sorriso largo, pedindo educadamente que a acompanhemos.

Nos sentamos em uma mesa não muito distante dos demais clientes e um certo desconforto retorce sutilmente o meu estômago.

— O que achou? — Ele pergunta.

— Esse lugar... essas pessoas... — Olho ao redor, para os diversos senhores usando terno e gravata. Estou me sentindo deslocada com essa calça jeans e sapatilhas diante de todos eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que há com elas? — Ele me incita.

— São sofisticadas demais — encolho os ombros.

Ele sorri.

— Estamos perto de vários prédios industriais, Valentina. Isso é normal.

— Eles estão olhando para mim.

— Olham porque você é bonita — Isso sai tão naturalmente, mas é o suficiente para me deixar vermelha. Seus lábios se curvam languidamente de lado e eu sinto algo dentro de mim se aquecer quando ele

PERIGOSAS ACHERON

conclui: — Até *eu* olharia.

Desvio o olhar, evitando que ele me ache uma estúpida por ficar vermelha com esse comentário.

— Você também usava esse tipo de roupa na época em que trabalhava na Construtora? — desconverso.

— Eu tinha que usar. Era norma da empresa.

Sorrio ao imaginá-lo usando terno e gravata. Se bem que ele deve ficar maravilhoso até de burca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um garçom vem nos atender. Após fazermos nossos pedidos, o rapaz se retira.

— Por que você não trabalha mais na Construtora? — Pergunto depois de um tempo.

Ele fecha lentamente o cardápio, sem me dirigir o olhar. Por fim, responde:

— Você sabe... não era o que eu queria para mim.

— É uma pena, pois você me parece ser muito bom nisso.

PERIGOSAS ACHERON

— A prática acaba nos levando à perfeição. Eu estudei bastante, comecei muito jovem, e acabei me dando bem dentro da empresa, mas não passava disso. Eu nunca me identifiquei muito bem com a área executiva.

— Eu entendo — digo. — Sei *muito bem* como é trabalhar com o que não se gosta.

Noto Erick cerrar o maxilar. Ele está tenso e já imagino que esteja pensando no mesmo que eu: A boate.

— Você gosta de trabalhar para o meu

avô? — Ele me pergunta, tentando mudar de assunto.

— Sim. Estou me identificando com o trabalho e aprendendo tudo muito rápido.

— Isso é bom — diz. — Beatriz que se cuide.

— Não é a minha intenção roubar o lugar dela — me apresso em dizer. — Nunca foi.

— Eu sei, Valentina, só estava brincando. — Ele analisa minha expressão, o que faz com que um leve

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso cresça em seus lábios. — Mas isso não quer dizer que ela não corre o risco de perder o emprego. Meu avô parece ter criado uma afinidade incrível com você. Te trata como se fosse da família.

Inclino-me em sua direção e o provoco:

— Acho que tem alguém com ciúme.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Não. Acho que Romero não teria a audácia de mexer com a garota do próprio neto.

Sinto minhas bochechas corarem.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, eu não estava... — gaguejo — eu não estava me referindo a mim, falava do seu avô... sabe? Você é seu único neto e... — Ai, meu Deus, é melhor eu me calar!

Ele continua me olhando com expressão divertida, mas esse é o momento em que nossa comida chega, então a conversa é dada por encerrada.

Após o almoço, saímos do restaurante e vamos direto para onde o carro está estacionado.

— Você pode me deixar em casa antes de ir para a Construtora? — Ele pergunta.

— Claro. — Dessa vez, quem senta no banco do motorista sou eu.

Menos de trinta minutos depois, estamos parando em frente ao seu prédio.

— Obrigada — eu digo. — Pelo almoço e pelo que fez com o carro. Vou dar um jeito de reembolsá-lo depois, eu juro.

— Já falei para não se preocupar com isso, Valentina. Nem deu tanto gasto assim — Para ele talvez não, mas duvido que a minha reação seria a mesma, caso eu tivesse ido com ele na oficina.

— Bom, eu agradeço mais uma vez.

Ele sorri para mim e em seguida se inclina. Percebo qual a sua intenção quando ele pega o meu celular no portafolhas e digita um número nele. Poucos segundos depois, ouço seu celular tocar.

— Aqui está o meu número, caso precise falar comigo.

— Ok — respondo, sentindo-me eufórica por dentro.

Em um gesto repentino, Erick puxa a minha mão suavemente e passa o polegar

PERIGOSAS NACIONAIS

em movimentos circulares no local onde as minhas veias se evidenciam. Mal percebo quando ele vem em minha direção e inclina a cabeça para tomar a minha boca.

Eu não resisto. Eu não recuo. Mesmo sentada, percebo minhas pernas virarem uma massa trêmula. Aperto com força o estofado do banco do carro, enquanto ele ainda está grudado em meus lábios, de uma forma extasiante.

O beijo não dura mais que cinco segundos, mas sinto como se houvessem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sugado todo o oxigênio da atmosfera.

— Te vejo depois, Val — murmura,
plantando um último beijinho rápido em
meus lábios. — Se cuida.

— Você também.

Em seguida, ele vai embora.

Infelizmente.



Olho no relógio e vejo que falta pouco
mais de meia hora para que eu comece o

PERIGOSAS ACHERON

meu trabalho. Beatriz ainda não voltou de viagem, portanto estarei trabalhando dentro da empresa por tempo indeterminado. Corro para o banheiro e troco a vestimenta casual por um conjunto de roupa social. Mal retorno para a salinha que uso, quando o telefone toca.

— Valentina? — Bianca, uma das moças da recepção, me chama do outro lado da linha.

— Oi, Bia. Aconteceu alguma coisa?

— Bem, eu não sei ao certo. Ligaram da casa do Sr. Romero. Estão precisando

de você por lá.

— Você sabe do que se trata?

— Não, mas pela voz da moça que ligou, é melhor você se apressar.

Mil e uma situações se passam na minha mente enquanto dirijo o mais depressa, dentro do limite permitido, até a mansão de Romero. Não sei qual o motivo de precisarem de mim tão urgentemente, mas espero que não tenha acontecido nada grave.

Mal estaciono o carro na garagem e já

PERIGOSAS NACIONAIS

estou seguindo para dentro de casa. A primeira visão que tenho é de Amélia e Dóris, ambas brancas feito papel, prostradas feito duas estátuas diante das escadas.

Uma delas aponta com a cabeça em direção à sala de estar, e é para lá que eu sigo.

— Era só o que me faltava! — A voz alterada de Ariela é a primeira coisa que ouço. — A minha casa virou um antro de acolhimento a sem-teto agora? Eu não acredito nisso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aguardo mais alguns segundos antes de entrar na sala, respirando fundo várias vezes. Eu sei que precisarei do meu estado mental em ordem para poder lidar com essa mulher. Ainda estou ansiosa para saber o porquê de terem me chamado aqui, portanto me apresso em atravessar a soleira.

— O que está havendo aqui? — Pergunto, o que faz com que Ariela se vire para mim imediatamente. Seu rosto está vermelho e o semblante é uma máscara de ódio e nojo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, ela chegou... — ironiza. —
Agora a dupla de mendigas está completa.

Qual o problema dessa cidadã? Será
que ela bebeu alguma coisa forte? Não
duvido nada.

— Do que você está falando, Ariela? —
Eu pergunto, cruzando os braços sobre o
peito.

— Ela está falando de mim — Uma
terceira voz chama minha atenção, e
então eu paraliso.

Olho para o local de onde saiu o som e

PERIGOSAS ACHERON

vejo uma garota se levantar do sofá da outra extremidade, passando a mão nervosamente por seus cabelos castanhos. Os olhos dessa garota são mais escuros que os meus, a pele mais clara, mas a semelhança entre nós ainda é muito evidente. Minha garganta parece se fechar e eu não sei se choro de felicidade, desmaio de surpresa ou grito com Ariela por ser uma megera na maior parte do tempo.

Então, com os olhos cheios de lágrimas, consigo fazer minha garganta funcionar. Com uma voz trêmula, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurro:

— Melissa?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16

Valentina

Ainda estou chorando quando libero a minha irmã do meu aperto. Ela abre um sorriso tímido e encolhe os ombros ao olhar para algo além de mim. Sei que ela está encarando Ariela, e a mulher, provavelmente, soltando fumaça pelas narinas.

— Se pensa que essa casa virou um hotel, está muito enganada, queridinha —

a loira vocífera. — Arrume já um jeito de juntar suas tralhas e a de sua irmã e deem o fora daqui.

— Você não paga o meu salário para decidir o que eu faço ou deixo de fazer aqui dentro, Ariela — revido. — E não irei permitir que trate a minha irmã mal.

— Você se acha tão dona da razão, não é mesmo? — Ela retruca. — O que acha que Romero vai dizer a respeito disso? Ele contratou *você*, Valentina, e não é obrigado a sustentar sua irmã.

Isso me cala, pois sei que ela está

certa. Apesar de querer trazer Melissa para morar comigo, eu estava pensando em alugar ao menos um apartamento antes, para que ficássemos. Não depender da boa vontade de Romero para nos abrigar.

Volto a dirigir minha atenção a Melissa e encaro seus olhos castanhos. Ela está tão diferente.

— Você cortou o cabelo — murmuro, passando os dedos em sua franja. — Por que fez isso? Eles eram tão bonitos.

— Me incomodavam — ela responde.

Há tanta coisa que quero lhe contar. Tantas perguntas para fazer, mas em vez de bombardeá-la com questionamentos, apanho sua pequena mala ao lado do sofá e ponho a mão em suas costas, para que eu possa dar um jeito de acomodá-la.

Ariela nos fulmina com um gélido olhar cortante no momento em que passamos por ela, entretanto isso não me incomoda tanto quanto antes. Aprendi a lidar com suas explosões e provocações constantes da melhor forma: ignorando-a.

— Uau... — minha irmã murmura,

nitidamente admirada enquanto subimos as escadas. — Essa casa é linda!

— Muito — concordo com ela, exibindo um sorriso.

Abro a porta do meu quarto e aguardo até que ela entre para colocar a mala no chão, ao lado da minha cama.

— Faz quanto tempo que você chegou?
— Tiro meu casaco e o jogo em cima da poltrona.

— Algumas horas atrás — Ela responde, mas não presta atenção em

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Está explorando o quarto atentamente, feito uma criança deslumbrada. — Aquela loira metida que me atendeu. Aquela mulher é um nojo.

— Realmente. Mas não se preocupe com ela, basta evitá-la — digo, massageando a minha nuca. — Como me encontrou, Melissa?

— Você nos deu seu endereço logo que se mudou, lembra? — Aceno positivamente com a cabeça, lembrando de ter mencionado isso em uma de nossas conversas por telefone. Ela abre um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso e se joga na cama. — Val, essa casa é um sonho!

— Sim, Melissa, mas não se anime, pois não vamos ficar aqui por muito tempo.

— Por que não?

— Porque eu moro aqui apenas pelo fato de trabalhar para o dono desta mansão, e meu chefe não é obrigado a assumir uma responsabilidade que é minha.

— Já entendi. — Ela se senta, os

ombros encolhidos. — Mal cheguei e já estou sendo um peso para você.

— Você sabe que não é isso, Mel. Eu fui pega de surpresa, mas estou adorando que você veio. Por que não me avisou antes? Eu poderia ter ido buscá-la.

— Eu não queria incomodar, só isso — Ela dá de ombros.

— Você sabe que nunca incomodaria. Vou ligar para tia Eurídice mais tarde e informar que você chegou bem.

— Não precisa fazer isso, Val. Para quê

incomodar a tia? Deixa que eu ligo depois — Ela me parece um pouco nervosa, mas não sei ao certo. Deve ser o cansaço.

— Tudo bem, então. Está com fome? Pode tomar um banho enquanto eu preparo alguma coisa para você comer.

Ela assente com um sorriso largo e eu lhe dou mais um abraço apertado antes de deixá-la sozinha.

Quando volto para o quarto, Melissa está entretida, mexendo em sua mala. Ao notar minha presença, ela se vira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava procurando algo para vestir — diz. — Então, já podemos almoçar?

— Claro, vou levar você até a cozinha.

Ela faz uma careta.

— Você come na cozinha?

— Quando eu quero, sim.

— E os patrões, comem na cozinha?

— Não, Melissa. Eles comem na sala de jantar — falo. — Mas por que esse interesse todo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada, eu só não queria ter que comer com os empregados.

Rolo os olhos.

— Não quer, mas vai. É melhor descermos, antes que seu almoço esfrie.

Ela faz uma careta de desagrado, mas começa a se vestir.

Mal descemos as escadas e damos de cara com ninguém menos que Romero. Sinto gelo percorrer uma corrida árdua pela minha espinha ao notar seu olhar curioso. Eu pretendia ter esse tipo de

PERIGOSAS ACHERON

conversa com ele ainda hoje, mas não imaginei que seria em um momento tão inesperado.

— Olá, Valentina. Chegou mais cedo — ele diz.

Estou prestes a informar-lhe o motivo de eu ter saído mais cedo da empresa, quando Melissa surge de trás de mim, roubando a atenção do meu chefe.

— E essa bela moça, quem é?

— Eu sou Melissa — ela se apressa em dizer. — A irmã mais nova da Valentina.

O rosto do homem adquire um semblante surpreso, mas ele, sempre delicado, não deixa transparecer muita coisa.

— Seja bem-vinda, Melissa.

— Obrigada — ela responde, animada demais. Eu não sei se gostei disso.

— Bom, estou morrendo de fome. Vocês já almoçaram?

— Eu, sim — eu digo, omitindo o fato de que almocei com Erick. — A Mel ainda não comeu, mas acabei de preparar algo

para ela na cozinha. Estávamos indo para lá agora mesmo.

— Deixe disso, Valentina. Vamos para a sala de jantar — meu chefe decreta. — A menina merece um almoço decente depois de, provavelmente, ter passado horas viajando, certo?

— Claro! — Minha irmã exclama, animada. Eu olho feio para ela, o que faz seu sorriso desaparecer, mas o brilho nos olhos ainda está lá. — E só um almoço, Val — ela cochicha. — Eu sei me comportar.

E sem dar mais chances para que eu tente contestar, ela segue Romero.

Apenas para garantir que a minha irmã não vá fazer nada que me deixe em maus lençóis, sento-me com eles na mesa.

— Então, Melissa — Romero começa.
— Valentina me falou muito bem de você. Está cursando faculdade de enfermagem, certo?

A postura da minha irmã congela.

— Bem... mais ou menos.

— Como assim, "mais ou menos?"

PERIGOSAS NACIONAIS

— Digamos que eu... tive que abandonar.

Tensão se propaga em torno dos meus músculos. Meus olhos se voltam imediatamente para ela.

— O que quer dizer com isso? — Minha voz sai aguda. — Você abandonou a faculdade?

— Foi isso mesmo que você ouviu — ela responde, irritada com a minha reação, o que me deixa ainda mais furiosa. Se tem alguém que merece ficar irritado aqui, com certeza não é ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Melissa, você ficou louca? — falo.
— Não precisava ter abandonado os estudos dessa maneira. Poderíamos muito bem transferi-la de universidade sem problema algum.

— Acontece que eu não quero mais cursar enfermagem, Valentina. Eu nem mesmo gosto daquele curso. É uma chatice!

Eu não sei o que é mais inacreditável nisso tudo: A forma como ela fala, tão tranquilamente, que largou os estudos só porque acha “chato”, ou o próprio

conteúdo da maldita informação. Isso só pode ser uma pegadinha.

— Meu Deus, estava demorando para a discussão familiar começar. — Ariela alfineta, aparecendo de repente.

Ela se senta à mesa e não disfarça ao me lançar um olhar de repulsa. Essa mulher me odeia e, por um breve momento, minha mente tateia por um motivo sensato. Não encontro nenhum.

— Nós não estamos discutindo — eu digo a ela, retribuindo sua frieza. Meu olhar cai sobre Melissa logo em seguida.

— Só quero saber por que diabos a minha irmã decidiu que abandonaria de vez a faculdade e viajou para um estado que mal conhece, sem me manter ciente de absolutamente nada.

— Eu estava cansada daquele lugar, Valentina — apesar do tom irritado, sua postura é tranquila. — A faculdade estava acabando comigo, e eu não suportava mais aturar a tia Eurídice e todas as coisas ruins que ela falava.

— E você acha que jogar fora todo o dinheiro que eu passei anos para

conseguir, vai ajudar em alguma coisa? —
Replico, ignorando a menção de nossa tia
lhe dizendo coisas desagradáveis.
Poderemos discutir isso quando
estivermos a sós. — Mel, se Enfermagem
não era o que você queria, poderíamos ter
conversado sobre um outro curso,
qualquer coisa. Você simplesmente
recebia todo o dinheiro que eu mandava
para custear os gastos e nunca me falou
nada!

— Valentina, se acalme, minha filha —
Romero tenta me tranquilizar. — Aposto
que a menina tem uma boa explicação
PERIGOSAS ACHERON

para tudo isso. — Ele olha para Melissa, mas não há compaixão lá. Apenas um desejo, o mesmo desejo que o meu, de um bom esclarecimento.

Respiro fundo. Minha cabeça está começando a latejar, e essa roupa quente me incomodando.

— Me desculpe — eu digo a Romero.
— Me desculpe mesmo, eu vou dar um jeito de resolver essa situação, não vamos ficar aqui por muito tempo.

— O problema não é esse, Valentina — ele me diz. — Podem ficar aqui quanto

tempo achar necessário. A casa é grande.

— Romero, você só pode ter ficado louco — Ariela se manifesta. — Não pode simplesmente acolher aqui dentro todas as desabrigadas que encontra por aí. Isso é um absurdo!

— Não, Ariela — ele se vira para ela. — Eu estou totalmente ciente do que estou fazendo, e se a Valentina quiser ficar com sua irmã, ela vai. A casa é minha, e se eu quiser montar um abrigo para sem-teto dentro da minha sala de estar, eu farei.

PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher entreabre os lábios, surpresa com a resposta dura de Romero, e felizmente se cala.

Mesmo sabendo que não é correto abusar da sua hospitalidade, não protesto. Minha cabeça está a mil, diversas especulações surgindo em minha mente, e a felicidade por ter a presença de Melissa deu lugar à preocupação. Minha irmã não é quem eu pensava. Ou ao menos ela não é quem eu sempre *quis* que fosse.

PERIGOSAS ACHERON



No dia seguinte, acordo cedo para ir à faculdade. Depois de me arrumar e comer apenas uma fruta no café da manhã, bato na porta do quarto de Melissa — ou, pelo menos, o quarto que Romero disponibilizou para que ela ficasse. Após minutos de pancadas incessantes e sem resposta alguma, imponho mais força com meu punho na porta. Quando esta se abre, encontro uma Melissa do outro lado, esbanjando uma cara feia e cabelos

desarrumados.

— Você sabe que horas são? — Ela arqueia uma sobrancelha.

— Sete da manhã — eu digo. — A maioria das pessoas que não nasceram em berço de ouro e precisam trabalhar ou estudar para terem algo na vida, acordam nesse horário. Não será diferente com você.

Ela faz uma careta e geme.

— Caramba, Valentina, eu acabei de chegar e, sinceramente, não há *nada* para

eu fazer. Então que diferença faz se eu dormir um pouquinho mais?

— Muita diferença, maninha, porque a partir de hoje, você vai mudar isso. — Jogo uma pilha de jornais em cima dela e recebo um olhar confuso de volta.

— Vai me colocar para vender jornal?

— Não, Melissa. Marquei alguns empregos que achei nos classificados para você. Quero que avalie o que mais lhe convier, porque ainda essa semana você se apressará em fazer uma entrevista.

— Atendente de lava-jato... — ela lê em voz alta as marcações que fiz — Recepcionista de hotel, atendente de telemarketing... — seus olhos se elevam para mim, incrédulos. — Você só pode estar brincando, não é?

— O que foi? Acha que nenhum desses cargos são dignos de serem ocupados por você? — Balanço a cabeça. — É isso o que acontece quando não damos valor às oportunidades e resolvemos jogar tudo para o alto, Melissa. — Eu sei que estou sendo dura, mas o que ela fez comigo não tem comparação. — Portanto, se apresse

PERIGOSAS ACHERON

em escolher algo para fazer, pois caso contrário, eu mesma darei um jeito de te pôr empregada.

— Isso não é justo, Valentina! — Ela choraminga.

— A vida não é justa — repito as palavras amargas que Lady Mag me disse um tempo atrás. — Você ainda vai me agradecer por isso, Melissa. Agora eu preciso ir. Até mais.

Mesmo com o coração partido, lhe dou as costas. Desço as escadas e meus ouvidos alcançam nitidamente o palavrão

que ela solta atrás de mim. Isso me dói ainda mais. Melissa, definitivamente, não é a garotinha que eu praticamente abandonei.

CAPÍTULO 17

Erick

Seis anos atrás...

Olho através do vidro levemente embaçado devido à recente chuva e rolo o lápis grafite entre os meus dedos. Minhas pernas estão casualmente cruzadas, sustentando um caderno de desenho que praticamente implora para que eu inicie alguns rabiscos nele, mas estou impossibilitado de me concentrar agora.

— Você está se tornando um irresponsável!

Meus olhos varrem lentamente o corpo alto do meu pai, desde seu par de sapatos italiano muito bem engraxado, até seu rosto moreno contorcido de raiva.

Recostado na cadeira macia de seu escritório, cruzo os braços. Lá embaixo, do outro lado da enorme parede envidraçada, várias pessoas perambulam com suas mentes tomadas por afazeres e responsabilidades diárias. Como eu sei disso? É o que toda essa gente faz. É o

PERIGOSAS NACIONAIS

que o meu avô faz, meu pai também e, consequentemente, eles parecem desejar que eu me envolva nessa merda e me torne um deles.

Mas eu não sou como eles. Eu quero algo a mais.

— Eu não fiz nada — digo.

— Não fez?! Erick, você envergonhou a sua mãe. Tem ideia do quanto aquele jantar de ontem era importante para ela?

Claro. Era a sua milésima tentativa de me apresentar para a sociedade como o

PERIGOSAS ACHERON

futuro dono da Almada Construtora. A sua milésima tentativa de tentar mascarar as coisas forçando um noivado entre mim e Giovana. Uma situação bizarra e constrangedora, e eu sou o errado nessa história?

— Eu só disse a verdade — respondo.
— Ela falou para eu me levantar e dar um discurso a respeito do meu noivado. E foi o que eu fiz. Lamento se as minhas palavras não foram as esperadas.

Sinto vontade de rir, lembrando-me da cena. É infantil, eu sei, mas eles

mereceram.

— Erick, você tem que entender que Giovana, além de ser uma garota excelente, é sua noiva. Você não pode simplesmente falar um monte de asneiras sobre ela em um evento onde boa parte da elite carioca estava presente.

— Eu nunca fui de acordo com esse noivado, pai. Eu nunca me daria bem em um casamento com a Giovana. Aquela garota é chata, mimada e me irrita.

— Isso é coisa da idade — Ele balança a mão, fazendo pouco caso. — Logo

passa.

— Eu já tenho *dezenove* anos, pai! —
Será que ele nunca entenderá?

— Você fala como se já fosse um homem. Mas se esquece de que está agindo como um *moleque!*

— Só não quero que vocês decidam o meu futuro por mim. Eu sou maior de idade, e acho que seria mais do que justo se deixassem eu escolher ao menos uma vez o que *eu* quero.

— Não vamos discutir isso, Erick.

Grande novidade.

É sempre assim. Ele tenta me persuadir e impor as suas vontades, mas quando ameaço expor a minha própria vontade, ele me ignora. É como se eu não tivesse opinião própria, como um brinquedo programado para ouvir e acatar suas ordens.

Meu pai começa a andar de um lado a outro pelo escritório. É bem cedo e a extensa parede de vidro recém instalada, além de nos dar a tediosa visão do que ocorre na área externa, permite que uma

PERIGOSAS NACIONAIS

grossa faixa de luz a atravessasse, tornando o local consideravelmente mais claro.

Certamente, é apenas isso neste local que me agrada. O escritório é enorme e indefinidamente imponente. Sinto meu estômago se retorcer em desagrado ao imaginar que um dia irei assumir uma sala como esta. Por mais que eu seja contra (e deixe isso bem claro), minhas notas na faculdade não negam que eu tenho um futuro brilhante aqui dentro. E meu pai irá usar isso contra mim, e a seu favor, a qualquer momento. Não tardará.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Distraidamente, direciono minha atenção à um jarro com cactos decorando a mesa ampla. Rolo novamente o lápis nos dedos e deslizo a ponta do grafite no papel.

Já faz algumas semanas que um bloqueio criativo filho da puta me acertou em cheio. Eu geralmente fico muito mais irritado quando isso acontece. Eu não gosto de me sentir assim. Não gosto quando as coisas fogem do meu controle, principalmente quando um dos únicos métodos que servem para abrandar a minha irritação não está funcionando.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que zoar o jantar falso da minha mãe, que mais era um evento ridículo de noivado para mim, foi uma forma de amenizar um pouco a irritação que eu estava sentindo. O que não surtiu efeito, devo ressaltar.

— Olhe para mim, Erick — meu pai ordena. Faço o que ele manda, e percebo que seu rosto está vermelho. — Eu quero ser seu amigo, filho. Mas você parece não desejar isso.

— Vocês que não me entendem — eu rebato.

Eles insistem em me comparar com esses adolescentes problemáticos de merda que se rebelam contra tudo, sem motivo aparente. Eu tenho motivos para estar assim, mas infelizmente todo mundo pensa que não é nada de mais. Quem vai se importar para o que um garoto pensa?

A minha avó se importa, me lembro. Eu gosto da minha avó. E do meu avô, também.

— Nós queremos entender você, Erick. Muito.

Reviro os olhos e foco no jarro

novamente. A linha do desenho sai diferente do que eu desejei e acabo manchando o meu dedo ao passar a ponta sobre ela, já que não tenho uma borracha comigo.

A mão do meu pai acerta em cheio o meu caderno de desenhos, e ele vocifera, furioso:

— Já falei para prestar atenção quando eu estiver falando com você! Eu juro que vou juntar todas essas porcarias e jogá-las fora. Isso não é coisa de *homem*. Muito menos um Almada!

PERIGOSAS NACIONAIS

Me levanto da cadeira, e os olhos do meu pai me varrem à medida em que avanço alguns passos. Me agacho e apanho do chão o caderno com folhas espalhadas.

Quando volto a me erguer, fico cara-a-cara com ele.

— E você ainda questiona o porquê de eu não ser seu amigo?

Não espero a resposta dele. Com o meu material na mão, lhe dou as costas e desapareço do escritório.

PERIGOSAS ACHERON

O clima está gelado quando piso para fora da empresa. É incomum esse tipo de temperatura logo no Rio de Janeiro, mas o inverno está próximo, e quando chove por aqui, costuma ser tudo bem intenso.

Dobro o caderno em um rolo e o coloco no bolso de dentro da minha jaqueta. O lápis vai para o interior da espiral do caderno e, com as mãos nos bolsos da minha calça jeans surrada, caminho pela calçada úmida.

Por mais que eu tenha me livrado da conversa com o meu pai, ainda não me

PERIGOSAS NACIONAIS

sinto bem. É como se eu estivesse sem rumo, sem um lugar para chamar de lar. Mesmo tendo tudo, é como se não possuísse nada. Como se faltasse algo, uma parte de mim. Um Yin em busca de um Yang. A minha sombria essência ansiando encontrar um equilíbrio na luz.

Tiro do meu bolso um maço de cigarros e acendo um. Eu nunca fui muito fã dessa merda, mas gosto de irritar meu pai, então eu faço isso sempre que estou perto dele. Por mais que ele não esteja vendo agora, eu acho que preciso de um pouco disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais à frente, há um ponto de ônibus. Decido me juntar a um grupo de pessoas que sobe em um dos ônibus e me sento em uma cadeira ao fundo. Abro a janela e dou um longo trago no meu cigarro.

Cinza.

O dia não me parece tão bonito assim, dessa cor. Está tudo morto, frio e úmido. Uma cidade fantasma.

Alguém pigarreia ao meu lado e dou de cara com uma velha magra, cabelos grisalhos e brincos falsos de pérola (eu sei que são falsos, pois ninguém seria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estúpido o suficiente para se arriscar com joias caras dentro de uma condução coletiva em pleno Rio de Janeiro).

A mulher dá uma tossida forçada e, de cara feia, olha para o cigarro entre meus dedos, como se quisesse me dar um toque de que o que estou fazendo é errado e desrespeitoso.

Ignorando sua carranca, trago novamente o cigarro e solto a fumaça em direção à janela.

— É proibido fumar aqui dentro — ela ressalta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei.

— E por que insiste em fazer isso se sabe que é errado?

— Não gosto do *correto*.

Ela se remexe, incomodada.

Insatisfeita, continua:

— Não sei como ainda me surpreendo com o número de gente que morre cedo nesse país. Culpa dessas porcarias.

— Todos nós iremos morrer um dia, *Vovó* — dou mais um trago e isso parece ser a gota d'água para ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Vagabundo — resmunga, antes de se levantar e me deixar sozinho em meu assento.

Obrigado.

A velha segue seu caminho e, logo mais à frente, alguém se levanta, cedendo o lugar para que ela se sente.

— Muito obrigada, minha filha — ela diz à garota. — Tão difícil encontrar pessoas gentis hoje em dia.

A menina sorri para ela e segura na haste presa ao teto para se equilibrar. Ela

tem um sorriso bonito, permito-me admitir. É morena, de compridos cabelos castanho-escuros, e seus olhos, do ângulo que estou, não é possível visualizar a cor.

Varro meu olhar por toda a extensão do seu corpo. Ela é magra — não muito — provavelmente é mais baixa que eu e tem um belo de um traseiro.

Ok, não sou de ficar secando as bundas alheias, mas a menina é bonita. Estou parecendo um doente tarado. Quanto ela deve ter? Dezesseis, dezessete anos?

Depois de aproximadamente vinte

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos, vejo-a se despedir da velha e puxar a corda de sinal de parada.

Acompanho com o olhar quando ela passa por mim e consigo visualizar seus olhos.

Uisque. Já gostei.

Em um gesto impulsivo, me levanto e desço do ônibus também.

Veja bem, eu não sou nenhum maníaco que persegue garotas, mas não tenho nada de interessante para fazer mesmo, portanto acompanho seus passos. Dez

PERIGOSAS ACHERON

minutos depois, ela está entrando em uma lanchonete de aspecto sujo, com *Lanche&Cia* escrito no topo.

Quanta criatividade.

Atiro a guimba de cigarro no chão, antes de entrar na lanchonete. Atentando para não ser visto por ela, me sento em uma mesa escondida enquanto observo.

— Ei, docinho — uma mulher alta, de uns trinta e poucos anos, a cumprimenta carinhosamente.

— Bom dia, Fauna — ela responde,

retribuindo o sorriso.

Deus, esse sorriso é uma obra de arte.

— Como está a sua mãe? — Fauna pergunta.

— Na mesma — Seu semblante se entristece. — Mas ela vai melhorar. Eu tenho certeza!

— Vai sim, meu bem. Deus é justo e Ele sabe o que faz. — Ela dá um aperto de leve no ombro da garota. — Agora ajeite-se e mãos à obra! Mal abrimos e o movimento está bombando.

Ela assente e desaparece, passando por uma porta onde se pode ler "*somente funcionários*".

Retiro o meu caderno do meu bolso e, em instantes, uma ideia começa a tomar forma.

— O que vai querer? — Alguém pergunta, no que imagino serem minutos ou horas depois.

— Sossego — respondo, ainda focado nos cabelos volumosos do meu desenho.

— Muito engraçadinho... — a mulher

debocha com um tom de voz nada amigável. — Aqui só senta na mesa quem consome. E não é porque você é bonitinho que vai ser tratado diferente, me ouviu bem?

Ergo minha cabeça e olho para ela.

— Olha... — Visualizo seu crachá, onde tem "Fauna" escrito. Caramba, esse é o verdadeiro nome dela? Coitada. — ...Fauna, não é nada profissional uma funcionária destratar os clientes dessa forma.

— Você só será cliente a partir do

momento em que *consumir* — Boa resposta.

Inclino a cabeça, realmente admirado com a audácia da mulher.

— Traga-me qualquer porcaria para beber.

Ainda de cara feia, ela me dá as costas. Quando retorna, traz um copo com um conteúdo amarelado que eu tenho até receio em tentar descobrir o que é.

Que merda é essa?

— Suco de maracujá — ela diz, como

se estivesse lendo os meus pensamentos.

— Se precisar de algo mais, é só chamar.

Ela me abre um sorriso falso e se retira logo em seguida.

Volto minha atenção para o caderno em cima da mesa, mas minhas ideias se dificultam sem um modelo mais visível como exemplo.

Para onde ela foi?

Ah, ali está ela. Seus cabelos estão escondidos por baixo de uma toca branca agora. Não consigo ver muito dela, pois a

imagem que tenho é apenas do que é permitido ver através da abertura retangular na parede que separa a cozinha da área externa. Ela está com uma espátula na mão, seus dedos pequenos manuseando o objeto de forma graciosa.

— Dois hambúrgueres. Um sem tomate, outro sem pickles, ambos com cheddar e molho especial. — Fauna diz, enfiando a cabeça na abertura retangular. A garota assente e começa a preparar os pedidos.

Minutos depois, os lanches estão prontos, e a outra se apressa em correr

para servi-los. Uma outra garçonete, um pouco mais baixa, vem até mim e pergunta se quero algo mais. Nego com a cabeça e a despacho, voltando logo em seguida para o desenho.

Meia-hora depois, estou com o esboço praticamente formado. Um sorrisinho surge em meus lábios, e eu balanço a cabeça, ainda sem acreditar.

Finalmente, me libertei do meu bloqueio.

Lanço novamente um olhar para ela, que agora sorri para alguém com quem

conversa dentro da cozinha. *O mesmo sorriso estampado em meu desenho.*

Deito o lápis na mesa e tomo um gole do suco.

Eu acho que encontrei o meu Yang.

Dias atuais...

— Vá com calma, garotão! — Dante adverte enquanto golpeio continuamente o saco de pancadas diante de mim.

Me afasto alguns centímetros, abrindo um sorriso, e ajeito as minhas luvas.

— O que foi? — Provoco. — Mal comecei e você já está pedindo arrego?

— Você sabe que não — ele responde, recebendo o impacto do saco de pancadas entre suas mãos quando dou mais um par de golpes. — Você é um dos meus melhores alunos, mas não é melhor que eu.

Isso me faz abrir um sorriso diabólico e secar o suor da minha testa antes de me preparar para mais uma sessão de socos.

Conheci Dante ainda na adolescência, logo no começo da minha — segundo

meus pais — *fase difícil*. Eu estava em um lance de ódio eterno comigo mesmo. Eu detestava a minha vida e detestava todas aquelas regras e obrigações estúpidas que a minha família considerava essencial, e no momento em que eu mais precisava deles, deduziram que a minha rebeldia repentina era ocasionada por conta da idade.

Não tardou para que surgissem os psicólogos e suas sugestões de que eu praticasse algum tipo de esporte. Logo no início eu detestava o boxe, mas Dante soube fazer um bom trabalho e,

PERIGOSAS ACHERON

ocasionalmente, eu apareço por aqui sempre que necessito extravasar.

E essa foi uma das poucas saídas que eu ainda usava para liberar toda a tensão que estava presa, além do meu caderno de desenhos e o sexo constante com prostitutas aleatórias. É vergonhoso admitir, mas maioria dos bordéis na cidade eu já frequentei. Isso porque eu nunca retornava ao mesmo prostíbulo e, se fizesse, nunca repetia a mesma prostituta. Pensar nisso me remete a lembrar de uma certa ex garota de programa que, mesmo sem perceber, está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começando a revirar a minha vida do avesso.

Volto a ocupar a minha mente com o saco de pancadas.

Foco, Erick. Não perca o foco.

— Que tal pararmos por aqui? — Dante sugere depois de um tempo. — Acho que já chega por hoje.

Concordo e sigo com ele até o vestiário, onde estão as minhas coisas.

Abro o armário e retiro minha mochila de lá. Ao verificar meu celular, descubro

PERIGOSAS ACHERON

que há uma chamada perdida e duas mensagens de Valentina.

"Ocupado? " — Uma das mensagens diz.

"Mas é claro que você deve estar ocupado, que pergunta idiota.

Bom, se puder, me liga.

Beijos."

Deslizo o dedo sobre a tela do celular, ignorando a parte de mim que insiste em me alertar que o que estou fazendo não é totalmente certo. Eu fiz tudo errado desde

PERIGOSAS NACIONAIS

o maldito dia em que decidi derrubar minhas barreiras e tomar sua boca de assalto em minha sala. Fiz mais errado ainda ao enfiar a minha maldita língua entre aquelas pernas macias e saboreá-la novamente, a ponto de causar uma profusão de emoções que verteram em mim pura energia primitiva.

Eu achei que fosse gozar só de sentir o gosto dela, e isso não é nada bom. Estou brincando com fogo, estou desconsiderando todos os alertas, mas por mais que eu tenha ciência do quão fodido isso é, mais vontade de provar um pouco

PERIGOSAS ACHERON

dela eu sinto.

Procuro seu número em minha lista de contatos e inicio a chamada. No terceiro toque, ela atende.

— Oi, Erick — sua voz está baixa e séria, o que não me agrada.

— Oi. Está tudo bem?

— Sim... Você está atarefado? Me desculpe por incomodá-lo, eu não tinha para quem ligar.

— Tudo bem, eu estou me preparando para ir para casa. Onde você está? —

Pergunto.

— Na Construtora — responde. — Mas sairei daqui às dezoito horas. Não estou conseguindo me concentrar muito no trabalho.

— Certo. Você quer ir a algum lugar depois que sair daí?

— Não, eu só... só quero conversar. Se você também quiser, é claro.

— Tudo bem. Eu passo aí para te buscar.

— Não quero incomodar você, Erick —

PERIGOSAS NACIONAIS

ela parece constrangida. — Talvez não tenha sido uma boa ideia eu mandar mensagem. Me desculpe...

— Valentina, está tudo bem — a interrompo suavemente. — Sério, fique tranquila.

— Ok.

— Te vejo mais tarde.

Ela murmura algo de volta, se despedindo, e eu encerro a chamada.

— Ah, essas garotas... — Dante comenta ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não começa.

— Ah, Erick, qual foi? — Ele insiste, brincalhão. — Quem é ela?

— Ninguém importante.

— Tem certeza?

Eu tenho duas opções quanto a responder esta pergunta:

Um: eu posso omitir para ele noventa e nove por cento sobre qualquer coisa que envolva Valentina e ficar em paz.

Dois: eu posso contar a verdade a ele e expor a bagunça que está se desenrolando

PERIGOSAS ACHERON

dentro da minha cabeça. Isso não seria nada legal.

Primeira opção venceu.

— Sim, tenho certeza. Agora se me der licença, preciso tomar um banho.

Após tomar banho e tirar o cheiro de cachorro molhado do meu corpo, ajeito minhas coisas e saio da academia. Olho no relógio e são 17h30min, ou seja, tenho só meia-hora para chegar na empresa.

Enquanto dirijo, aproveito para pôr meus pensamentos em ordem. Desde que

PERIGOSAS NACIONAIS

eu me entendo por gente, que a minha vida foi muito bem organizada. Eu tinha horários dos cursinhos de idiomas, escola, e entre outros, tudo anotado em uma agenda com o meu nome na capa (acho que já deu para perceber que a minha mãe é meio paranoica).

E mesmo depois de crescido, as coisas não foram diferentes. Eu organizava, principalmente, quem deveria entrar ou ficar fora da minha vida.

Garotas estavam fora de cogitação.

Garotas bonitas, sem chance.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Garotas bonitas que mexiam com as minhas entranhas só em olhar para mim, eram o verdadeiro perigo.

E cá estou, rumo ao encontro com uma das garotas mais perigosas que eu já tive a oportunidade de conhecer.

Estaciono o carro na porta da empresa e envio uma mensagem a Valentina, avisando que já cheguei. Não quero subir e correr o risco de dar de cara com o meu avô e fazer com que surjam especulações. Também não quero rever aquela gente da Construtora. São todos uns falsos, puxa-

PERIGOSAS ACHERON

sacos.

Não demora muito para que Valentina surja, com um casaco dobrado no braço, uma bolsa preta no ombro. Ela está com os cabelos presos, usando uma blusa de mangas com botões branca e saia lápis cinza. Eu sempre achei essas roupas sem graça, mas acabo de mudar de ideia.

— Obrigada por ter vindo — diz quando me alcança. Ela está pálida e aparenta nervosa, o que me deixa apreensivo.

— Sem problemas. Entre. — Abro a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porta do carona e aguardo ela se acomodar antes de dar a volta e assumir meu lugar ao seu lado.

Valentina segura com força a bolsa em seu colo, evitando contato visual comigo. Seus olhos miram a estrada à nossa frente, sua postura totalmente rígida. Eu não faço ideia de qual o seu problema, tampouco sei o que farei para solucioná-lo, mas eu gostaria ao menos que ela não ficasse tanto na retaguarda.

Ao chegarmos em meu apartamento, o silêncio ainda está pesado. Segundos se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passam sem que sequer nos movamos, até que ela finalmente joga a bolsa em cima do sofá e olha para mim.

— Está tudo bem? — Eu dissipo o silêncio.

— Estou legal — Ela se senta no sofá e começa a brincar com suas unhas, de cabeça baixa.

Me sento diante dela.

— Olhe para mim, Valentina — peço suavemente.

Ela ergue lentamente a cabeça e me

PERIGOSAS ACHERON

fita. Lágrimas inundam seus olhos, e por que caralho o meu peito se comprime com isso?

— A minha irmã chegou de viagem ontem — Finalmente se abre. — Bem... eu acho que você não sabia que eu tinha uma irmã, pois é, eu tenho uma irmã mais nova, de dezoito anos.

— Entendi. E está tudo bem com ela?
— Indago com cautela.

— Sim, de certo modo — ela suspira e depois volta a falar. — Eu descobri que passei anos da minha vida lutando para

PERIGOSAS NACIONAIS

sustentar alguém que nem sequer merece o meu esforço. Ela largou a faculdade simplesmente porque decidiu que não queria mais estudar, e... — Ela não termina. Mesmo que tente segurar, suas lágrimas estão escorrendo por seu rosto agora. Um grosso nó sobre pela minha garganta.

Mau sinal.

Em um gesto inconsciente, me sento ao seu lado e puxo-a para mim. Não sei ao certo o que fazer. Eu nunca fui muito bom em consolar garotas, e essa merda se

PERIGOSAS ACHERON

dificulta ainda mais com essa sensação horrível se alojando em meu peito.

Porra, eu estou odiando isso.

— Vai ficar tudo bem — eu digo, o que é uma tremenda de uma mentira.

— Eu me submeti a tanta coisa naquela boate, Erick. Tudo para dar o melhor para ela, e de uma hora para a outra, descubro que todo o meu esforço, todo o meu sofrimento, foram em vão.

— Eu não serei hipócrita e dizer que isso não é nada de mais, mas já que

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu, só resta a você lidar com isso da melhor forma. Ela já é maior de idade, Valentina. Terá que se responsabilizar por seus próprios atos.

— Eu sei disso, mas é muito difícil pensar no que está acontecendo e se manter impassível.

— Imagino que sim.

— Eu só quero saber o que fiz de errado — sua voz adquire um tom de indignação. — Só quero saber em qual momento eu fiz tanta coisa errada, a ponto de merecer tudo isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Nem tudo na vida é reflexo das nossas ações — Minha mão acaricia o seu braço e ela relaxa. — Às vezes, as coisas ruins às quais temos que nos submeter têm um propósito.

— Bom, já está na hora de eu ser apresentada a esse propósito, pois tudo o que recebi durante o tempo em que fiquei na boate foi decepção e não tenho nada de bom para me lembrar de lá. — Ela pausa, pensativa. — Bom... não serei ingrata. Talvez tenha uma coisa boa, que foi conhecer o seu avô e... conhecer você. — Quando ela termina de dizer isso, o ar

PERIGOSAS ACHERON

parece ficar mais pesado de repente.

Valentina percebe minha tensão e se afasta de mim. Eu não tiro os olhos dela, no entanto. Como ela pode dizer algo desse tipo, depois de tudo de ruim que a fiz passar? Eu sou peça principal do passado sujo que ela faz questão de apagar.

Valentina ergue a cabeça, se dando conta de que ainda a observo. A tristeza ainda está lá. E eu quero tirá-la de lá. Eu tiraria com as minhas próprias mãos se isso estivesse ao meu alcance. Eu daria o

PERIGOSAS NACIONAIS

que restou da minha felicidade a ela, só para não ter que ver essa dor em seus olhos novamente.

— Não deveria pensar assim — finalmente digo, depois do que me parecem anos. — Eu a iniciei nessa merda toda, deveria ser quem você mais odeia.

Ela balança a cabeça.

— Se não fosse você, seria outro — de uma forma estranha, isso me deixa desconfortável. — E talvez fosse uma experiência traumatizante. Não gosto de pensar muito nisso.

PERIGOSAS ACHERON

— Não pense.

Por alguns segundos, ficamos em silêncio. Eu, pensando em como seria se eu tivesse conhecido Valentina antes de desandar com a minha própria vida; e ela... bem, eu não sei no que ela está pensando, mas quando sua cabeça se recosta em meu ombro e sinto que ela inspira, como se aquele fosse o melhor lugar do mundo para estar, eu me perco. Meus pensamentos se perdem. E novamente aquela sensação que tanto temo me golpeia em cheio.

Fico sem respirar por alguns segundos.

— Erick? — Sua voz sai baixa, serena.

— Sim?

— O que você pensou naquela noite? —
Ela passa a mão sob os olhos, tentando
secar as lágrimas. — Na primeira vez que
me viu?

Não foi a primeira vez que a vi, mas,
por ora, ela não precisa saber disso.

— A única coisa em que pensei era no
quão idiota eu estava sendo e em como eu
gostaria que a minha vida fosse diferente,

pra eu poder ter ajudado você.

Ela me olha com atenção.

— Você teria... me tirado daquele lugar?

Sorrio fracamente.

— Em outra situação, tendo uma vida diferente, eu teria fugido com você — digo. — Teria a levado para bem longe, para um lugar onde você não pudesse se preocupar com dinheiro, nem eu com obrigações... eu era tão louco naquela época, com certeza teria feito isso se

fosse possível.

Ela abre um sorriso fraco. Seus olhos ainda estão vermelhos, o rosto inchado. Mesmo assim, continua linda.

— Às vezes eu me pergunto se seria diferente, caso a gente se conhecesse antes, sabe? Em outras circunstâncias.

Penso na forma como conheci ela, e como eu desejei, no passado, não estar tão desestabilizado emocionalmente, e engulo a verdade.

— Eu não sei como isso iria ser, mas te

garanto que eu seria mais cuidadoso com você. Garota nenhuma merece perder a virgindade com um bêbado aleatório em um bordel.

Seu sorriso morre aos poucos, mas ela ainda me observa.

— Não se culpabilize tanto, Erick. Você não pode mudar o passado, e eu tenho certeza de que não podia fazer muito para mudar o nosso presente naquela época também. Então, só nos resta pensar pelo lado positivo: poderia ter sido pior com qualquer outra pessoa. Não foi aleatório,

porque foi com *você* — Ela alisa o meu braço. — Você é um cara *muito* melhor do que se permite acreditar.

— *Você* é bem melhor do que acredita — devolvo. — Eu não passo de um perdido.

— E teimoso, também — provoca, abrindo um sorriso. É a primeira vez que ela sorri abertamente desde que chegou aqui, e, Deus, eu desejo vê-la fazer isso mais vezes.

— Seria muito estranho eu dizer que estou com fome? — Pergunta, de repente,

e eu sei que é sua forma de não falar mais sobre esse assunto.

— Seria estranho você dizer que *não* está — respondo, fazendo-a me empurrar de leve.

— Apesar de você ser um idiota na maior parte das vezes, eu me sinto bem melhor agora. Obrigada por tudo.

Ela se aproxima de mim e dá um beijo rápido na minha bochecha antes de se levantar. Eu fico imóvel no sofá, mas ela me apressa:

— Eu estava falando sério quando disse que estava com fome, Erick.

Ergo minha cabeça e noto que ela está tirando os sapatos. Isso me faz descer o olhar por suas pernas, e esse meu gesto impensado faz com que algo comece a acordar entre as minhas próprias pernas.

O sorriso que ela me lança, logo que se vira, é o golpe final.

Santo Deus... espero que me ajude.

CAPÍTULO 18

Erick

Valentina se aproxima da pia para lavar as mãos enquanto eu abro a geladeira e retiro de lá alguns ingredientes.

— Seu apartamento é organizado demais para um cara solteiro — ela comenta ao secar as mãos.

— A Edith vem aqui ao menos uma vez na semana para faxinar — explico, separando dois tomates e uma cebola.

Não sei o que preparar, e mal sei do que ela gosta, mas talvez consigamos concluir isso juntos.

— Uau, a Edith? — ela diz. — Eu não sabia disso. Seu avô tem muita sorte em tê-la como funcionária, pois ela é excelente.

— Sim, ela é uma segunda avó para mim. Me viu nascer e sempre me auxiliou em tudo. Até mais do que a minha própria mãe.

Quando olho para Valentina, ela está sorrindo fracamente. Um sorriso de

compaixão.

— Me desculpe dizer isso, mas... a sua mãe não me parece ser o tipo de pessoa mais amorosa do mundo.

— Ela não é. E não precisa me pedir desculpas por reconhecer isso, é a realidade. Bom, mas ao menos os meus avós souberam suprir isso.

— Que bom — ela sorri e toma posição de frente ao balcão. — Eu não cheguei a conhecer as minhas avós, mas se eu fosse escolher, teria uma como a Edith. Como era a sua verdadeira avó?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gentil, doce, altruísta e completamente apaixonada por Romero — respondo. — Apaixonada pela família e pela vida, também.

— Imagino que você sinta muita falta dela.

— Gosto de acreditar que ela está melhor agora. Sem doença, nem preocupações. Isso basta.

Ela balança a cabeça e começa a cortar o tomate.

— Desde pequena, eu sonhei em

PERIGOSAS ACHERON

construir uma família, ser a mulher que a minha mãe sempre foi... e como você já deve ter percebido, nada foi como planejado. Eu perdi minha família, perdi parte da minha adolescência e perdi alguns sonhos, tendo como única consolação a ideia de que todo aquele sofrimento seria passageiro.

Ela faz uma pausa antes de continuar:

— Talvez o que você me disse, que tudo na vida há um propósito por trás... talvez seja verdade. Eu cheguei a perder a esperança por um momento, mas pensando

bem, pode ter havido um propósito maior em eu ir para a boate. Se não estivesse lá, não teria conhecido você, nem seu avô... ai, droga!

Ela leva o dedo à boca, fazendo uma careta.

— Está tudo bem? — Vou até ela e tomo sua mão.

— Sim, eu só cortei o dedo.

Analiso seu dedo, onde escorre um pouco de sangue. Me parece profundo.

— Bom, acho que agora é a *minha* vez

PERIGOSAS NACIONAIS

de fazer alguém sofrer enquanto finjo ser um enfermeiro.

Ela estreita os olhos para mim.

— Nem foi tão ruim assim — diz, tentando parecer ofendida, mas eu consigo captar um quê de humor em seus lindos olhos amendoados.

Seguro um sorriso e vou até a gaveta, onde está o kit de primeiros socorros.

— Sente aqui — oriento, afastando os materiais em cima do balcão.

— Precisa mesmo de tudo isso só para

PERIGOSAS ACHERON

cuidar do meu dedo?

— Se ainda não percebeu, você é baixinha e eu preciso ter fácil acesso ao corte.

— Eu não sou baixinha.

— Sim, você é... — Insisto. — Agora, sente-se.

Valentina não obedece, com um brilho desafiador no olhar. Impaciente, pego-a pela cintura e a ponho sentada no balcão. Seu corpo se enrijece com o contato, mas dura apenas alguns segundos, pois logo

PERIGOSAS NACIONAIS

me afasto para apanhar um frasquinho com um líquido para não infeccionar e um *band-aid*.

— Como se sente? — Ensopo o algodão no líquido e limpo o sangue do seu corte.

— Se você estiver se referindo ao meu dedo, estou ótima.

Deslizo meu olhar até seu rosto, apenas para me dar conta de que ela está sorrindo. Volto a focar em seu dedo e aplico o adesivo do curativo nele.

Termino o que estava fazendo e afasto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as minhas mãos dela. Tomo um gole de ar antes de erguer a cabeça e perceber que ela ainda está olhando para mim.

Fogo lambe minha pele quando Valentina toca suavemente o meu braço, meu bíceps, meu ombro e meu pescoço. Sua mão está em meu rosto agora, acariciando o local onde deveria estar a barba que aparei recentemente.

Ela digitaliza o meu rosto, e eu juro que estou sendo capaz de ouvir seu coração bater. Ou é o meu? Ambos, talvez.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada — murmura.

E em seguida, ela me beija.

Há algo de especial em beijá-la, algo diferente. Minha mão desliza desde seu joelho até mais acima, e sua saia sobe, fazendo com que eu tenha um melhor acesso entre suas pernas. Sua mão vai até os meus cabelos, enquanto o outro braço envolve o meu pescoço, e eu tenho que recolher o pouco de autocontrole que ainda me resta para separar minha boca da sua.

— Acho que nós temos um sério

problema com situações que envolvem sangue. É melhor trabalharmos isso.

Ela sorri e segura a minha nuca novamente, me puxando para mais perto, fazendo com que a minha pele se arrepie contra a minha própria vontade.

— Eu não vejo problema nisso.

Seus lábios escovam languidamente os meus e eu avanço, cingindo sua cintura com meus braços, sentindo a maciez do seu corpo contra a minha pele.

— Você está ferrando com a minha

cabeça, Valentina — confesso. — É melhor a gente parar por aqui.

— E se eu não quiser que você pare?

— Bom, aí eu vou ter que levá-la para a minha cama e fazer tudo o que a minha mente pervertida está insistindo para que eu faça.

Ela passa a língua sobre os lábios. Não é preciso ser nenhum profissional para se dar conta da onda de calor que sobe pelo seu corpo. Eu conheço perfeitamente a forma como ela fica quando está com tesão. E isso mexe comigo para caralho.

— E o que seria, exatamente? —
Pergunta, num fio de voz.

Algo dentro de mim grita a plenos pulmões que isso era para ser apenas uma conversa. Este algo está zunindo agora mesmo dentro do meu cérebro que eu não devo provocá-la, não devo fodê-la, pois isso definitivamente não estava nos meus planos. Mas eu não estou interessado em dar ouvidos ao meu subconsciente no momento.

Chego ainda mais perto, calor passeando por baixo das minhas veias. E

lá vou eu novamente, agindo como o garoto rebelde que fui desde a minha adolescência. Jogando para o alto todo tipo de ideia ajuizada que já cheguei a construir.

— Há uma parte de mim, que está gritando neste exato momento para que eu foda você tão rápido e com tanta força que eu não sei se seria capaz de te deixar sair da minha cama no dia seguinte — Escorro os dedos até a base do seu crânio e agarro um punhado do seu cabelo, fazendo com que ela não desvie os olhos dos meus. — Mas por outro lado, eu sinto

PERIGOSAS ACHERON

vontade de te comer bem devagar, enfiar meu pau lentamente em você e assistir com calma enquanto você goza e se contorce sob o meu toque. E o que você me diz sobre isso, Valentina?

— Oh, Deus... — ela está começando a roçar no meu pau.

— Não é uma boa ideia você falar isso justamente agora — eu sorrio. — Vamos lá, faça sua escolha.

— Eu... — Ela está ofegante. Totalmente vermelha e quente. Céus, ela está *realmente* quente. Sinto seu calor se

irradiar para as palmas das minhas mãos.

— E se eu quiser das duas formas? Se quiser que você me foda e, em seguida, me coma lentamente...?

Putá merda.

— Eu farei — beijo sua mandíbula e subo os lábios um pouco mais para alcançar a sua orelha. — Eu farei tudo o que você me pedir esta noite.

Volto a beijar sua boca e acariciar sua pele, mas então eu me lembro de algo que preciso dizer:

— Oh, eu já ia me esquecendo — falo, buscando autocontrole. — Eu sei que você provavelmente passou por muita merda em relação a sexo e tudo mais, então... eu gostaria de perguntar se você tem alguma objeção. Se existe alguma coisa de que não goste?

Ela balança a cabeça em afirmativa e umedece os lábios.

— Eu nunca gostei de anal. Sempre fiz porque fui obrigada — Cerro o maxilar ao ouvir isso, mas não deixo transparecer a minha indignação por imaginá-la sendo

PERIGOSAS NACIONAIS

obrigada a fazer coisas que não queria. — Nada de sexo que envolvam mulheres. Sem preconceito, mas eu nunca fiz isso na boate e não tenho interesse em fazer. Ah, e nada de sexo em grupo também. Seremos só nós dois.

— Eu sou egoísta demais para dividir — sorrio, beijando seu queixo. — Algo mais?

— Seja sincero comigo — ela me empurra suavemente, para que possa fitar meus olhos. — Por mais que me doa a verdade, não minta para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso eu garanto que farei. — Seguro seu rosto entre as mãos. *Ela é tão linda.*

Eu volto a beijá-la. Não tão ansiosamente como antes. Teremos tempo suficiente para isso. Tiro Valentina do balcão e a levo comigo, suas pernas enlaçadas em minha cintura enquanto percorro o caminho até meu quarto. Mal tenho tempo de respirar antes de atirá-la em minha cama.

Em questão de segundos, minha boca está sobre ela novamente, e seu corpo se contorcendo em antecipação. Eu me

afasto para tirar a minha camisa e volto para beijá-la, no mesmo instante que ela ergue a cabeça, chocando sua testa na minha. Franzo o cenho com a dor repentina.

— Merda, me desculpe! — Ela exclama, um pouco envergonhada, e eu sinto vontade de rir. Ela fica vermelha instantaneamente e isso é... fofo? Desde quando eu falo merdas desse tipo?

Foda-se.

Avanço, ignorando o seu constrangimento e colo novamente minha

boca na sua. Ela está com postura meio rígida, mas permite que eu me infiltre. Nunca fui do tipo de cara que se importa com beijos na hora da transa, confesso, mas com ela é diferente. Ela é tão doce, tão macia e sabe tão bem como usar esses lábios.

Suas mãos vão até os botões da sua blusa, e eu me apresso em ajudá-la a tirar quando ela ergue o tronco. Para a minha perdição, há um sutiã rendado por baixo. O mesmo sutiã preto que quase acaba com o meu autocontrole naquela vez que a encontrei na mansão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você fez isso de propósito, não foi?

— Não — ela sorri maliciosamente. —
Mas eu aposto que ela é bem fácil de
tirar.

Sorrio de volta, arrastando meus lábios
em seu pescoço, até alcançar a sua orelha.
Ela gruda os dedos nos meus cabelos e,
mesmo com seus movimentos quase
desesperados e os gemidos baixos,
Valentina mal respira, ainda tensa. Decido
me afastar.

— O que há de errado? — Pergunto ao
me sentar.

PERIGOSAS ACHERON

— Nada — ela responde, pouco convincente. — Por quê?

— Você está agindo como se eu estivesse prestes a comê-la viva. — Não queria aparentar tão frustrado assim, mas estou me sentindo um adolescente que não transa há meses.

Ela morde o lábio, segurando um riso diante da minha frase de duplo sentido.

— E não é mais ou menos isso o que você está prestes a fazer?

— Eu estou falando sério, Valentina.

Quer que eu pare?

— Não! — Ela não hesita em dizer. — É só que... as experiências que eu tive não foram muito satisfatórias. Então, eu fico com um pouco de receio a respeito de como isso vai funcionar..., mas eu quero *muito* você, Erick. — Essa última confissão é quase que um sussurro.

Realmente, eu sou um grande idiota. Como não me dei conta antes? Ela, provavelmente, passou por maus bocados trabalhando naquela boate e não me surpreendo que esteja assustada. Sexo foi

a sua ruína. Sexo que ela, certamente, nunca esteve interessada em fazer.

Solto um suspiro e me deito ao seu lado, apoiando a cabeça em minha mão. Minha outra mão escorre até sua cintura, e eu a trago para mais perto de mim. Os olhos dela estão fixos nos meus, confusos e constrangidos.

— Me desculpe, eu estraguei tudo — ela diz baixinho.

— Tudo bem. Eu falei que não lhe forçaria a nada, e você ainda tem minha palavra.

Ela abre um sorriso fraco e deita a cabeça no travesseiro, ainda olhando para mim.

— Não foi minha intenção deixar você... na mão, sabe? — Ela ergue a mão e a desliza para o cócs da minha calça. — Talvez eu possa...

— Não precisa — a interrompo a tempo. Não sei se conseguiria me controlar, com ela me acariciando ali, então é melhor não arriscar. — Está tudo bem.

Ela parece meio desconcertada e puxa

PERIGOSAS ACHERON

sua mão de volta. Deito de barriga para cima e começo a fitar o teto.

Os minutos correm lentamente. *Bem* mais lentamente do que eu esperava, e isso está me deixando um pouquinho... irritado, frustrado, dolorido.

Eu estou com uma baita de uma ereção que ainda não se desfez, tem uma garota linda seminua na minha cama, mas os meus malditos princípios morais me impedem de fodê-la sem pensar uma segunda vez. Porque em hipótese alguma eu seria capaz de quebrar com a minha

palavra e forçá-la a algo que ela não está preparada para fazer. Então só me resta cuidar da minha crise de bolas roxas longe da vista de Valentina.

Ela me segue com o olhar quando me levanto da cama e rumo até o banheiro, me trancando lá dentro. Ligo a torneira da pia e enfio minha cabeça debaixo do jato d'água. Minha pulsação começa a se aquietar. Meu sangue corre mais lentamente e isso me acalma aos poucos. Ergo meu tronco e fito meu rosto úmido no reflexo do espelho. Eu ainda estou duro, porra, e isso não é *nada* bom. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me lembro qual foi a última vez em que eu tive que me masturbar, mas estou considerando seriamente essa possibilidade agora.

Tiro minha roupa e ligo o chuveiro. Me infiltro debaixo do jato gelado de água e começo a contar carneirinhos e pensar em filhotes de urso panda. Felizmente, começo a me acalmar por completo. Saio do banho e enrolo uma toalha na cintura.

Quando ponho os pés de volta no quarto, percebo que todo o esforço que tive debaixo do chuveiro foi em vão.

PERIGOSAS ACHERON

Valentina não está mais na cama.

Ela está na porta do meu banheiro.

Ela está *nua* na porta do meu banheiro,
caralho!

Não tenho muito tempo para pensar sobre isso, pois ela agarra o meu pescoço, puxa minha toalha e cruza as pernas ao redor dos meus quadris. Sua língua se infiltra na minha boca e ouço gemidos, mas sinceramente não sei se são dela ou meus. Minhas pernas cambaleiam de volta para a cama, e o colchão afunda quando me atiro nele e pressiono seu corpo

PERIGOSAS NACIONAIS

debaixo do meu, sentindo o calor e a suavidade da sua pele.

Eu lamperia e chuparia cada pedaço de pele exposta dela se não estivesse tão desesperado para senti-la pulsando em torno de mim.

Suas mãos passeiam corajosamente pelo meu peito, costas e braços. Ambos muito ansiosos para se perder no corpo um do outro.

Ela arranha, eu acaricio.

Ela morde, eu amacio.

PERIGOSAS ACHERON

Ela ofega e eu bebo cada som como se fosse meu passaporte para o paraíso.

Minha mão desce habilmente por entre os nossos corpos e eu me afasto alguns centímetros só para acariciar onde tanto anseio por estar. Molhada. Quente e tão *fodidamente* molhada, que a minha boca saliva para entrar em contato com sua maciez.

— Se quiser que eu pare, basta me sinalizar — eu digo enquanto enfio um dedo em seu interior.

— Hmm... — Ela geme e eu presumo

PERIGOSAS NACIONAIS

que isso seja a confirmação de que compreendeu.

A respiração de Valentina fica mais pesada, os olhos quase fechados, e sua boca se entreabre à medida que permaneço com meus movimentos. Ponho mais um dedo e mordisco sua orelha, chupo seu pescoço, minha boca indo cada vez mais para baixo, encontrando seus seios, alternando entre os seus dois mamilos e eu me delicio.

Seus gemidos são música para os meus ouvidos, sua pele, a mais gloriosa tela, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os suspiros... seus suspiros me arrebatam.
Pela milésima vez, questiono internamente que merda está acontecendo comigo, mas aí ela geme de novo, e tudo no que eu consigo focar é na maciez de seu corpo e no prazer que está sentindo.
O prazer que estou causando.

Quando eu afasto meus dedos de Valentina, ela deixa escapar um ruído de protesto. Seus olhos encontram os meus, totalmente ansiosos e enevoados.

— Eu juro por Deus que gostaria que essa nossa segunda vez fosse diferente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe? Que tivéssemos tido tempo para as preliminares e tudo mais... — Eu digo, guiando a ponta do meu pau de encontro ao calor dela. — Mas não sei se vou aguentar esperar por mais tempo.

Ela geme com o nosso contato e avança os quadris, como se estivesse tão ansiosa quanto eu.

— Vá em frente.

Estou prestes a atender ao seu pedido, mas então um pensamento me vem à cabeça e eu recuo. Ao notar sua testa franzida, pergunto:

PERIGOSAS ACHERON

— Você usa algum anticoncepcional?

— Sim — ela diz. — Todas nós na boate usávamos para interromper a menstruação... enfim, eu ainda uso.

— Certo. Você confia em mim? Posso garantir que estou limpo, faço exames regularmente e eu sempre me previno.

— Eu sei — ela enrijece. — Eu também faço, mas você não tem receio? Você sabe, por eu ter sido...

— Eu confio em você também, Valentina — interrompo-a. — E eu quero

muito te sentir. De todas as maneiras.

Ela abre um sorriso que só serve para me deixar ainda mais excitado.

— Ótimo, então não prolongue mais isso.

Decido obedecer a seu pedido ansioso, e ela geme baixinho quando começo a deslizar lentamente para dentro dela. Quando sinto que ela está totalmente preenchida, eu paro. Inferno! É ainda melhor do que na primeira vez. Ela é tão macia e quente, e me abriga tão bem, como se fôssemos moldados um para o

PERIGOSAS NACIONAIS

outro. Eu não me lembro de ter me sentido assim desde... na verdade, eu nunca me senti tão bem em toda a minha vida.

É uma das melhores sensações do mundo, e eu tenho que me segurar para não perder o controle. É como se eu estivesse tocando o céu e o inferno ao mesmo tempo.

Ela é um dos melhores lugares em que eu poderia estar.

Recuo e mergulho de novo, assumindo o meu ritmo lento e constante. As mãos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de Valentina seguram em meus ombros, sinto a onda de calor se intensificando e vou mais fundo, aumentando a velocidade. Ela aperta suas pernas em torno dos meus quadris e saboreia esfomeadamente meus lábios quando me aproximo para um beijo. Nossas línguas dançam, nossos corpos suam e as batidas descompassadas de nossos corações parecem se misturar com a sinfonia de nosso ato.

Eu nunca me senti tão extasiado assim, e isso me amedronta. É algo que me incomoda, algo que eu sei que vai

PERIGOSAS ACHERON

martelar por incessantes vezes na minha cabeça. Ela é boa demais e eu sou um filho da puta com um passado fodido e um futuro incerto. Eu não posso dar a ela o que ela merece, mas sou egoísta demais para me privar disso.

— Erick... — ela crava as unhas em minhas costas, ao mesmo tempo em que se contrai, e eu sei que está perto.

— Deixe vir, Val — sussurro contra seus lábios entreabertos. Mantendo contato visual. Um contato visual que não se quebra até a sensação arrebatadora a

atingir em cheio e ela alcançar o limite.

Eu não paro, no entanto. Puxo os seus dois braços, os prendo acima de sua cabeça e continuo me enterrando profundamente nela.

— Ah, porra, isso é tão gostoso... — ela balbucia, jogando a cabeça para trás e eu não resisto à necessidade de beijá-la.

— *Você* que é gostosa — Continuo fodendo, com os lábios ainda colados aos seus. — Gostosa pra caralho.

Enterro meu rosto na curvatura perfeita

PERIGOSAS NACIONAIS

entre o seu ombro e seu pescoço e inalo o cheiro que emana dos cabelos dela. Meto nela com mais força, sentindo-a gemer e apertar em torno do meu pau. Meus dentes prendem levemente a carne da sua orelha, seu cheiro me deixando totalmente embriagado.

Eu a quero tanto. Tanto que até dói.

As investidas ficam mais intensas, meus movimentos mais vorazes, e eu sinto seu orgasmo se construindo novamente. Libero seus pulsos e seguro em sua perna. Vou ainda mais fundo. Seus

PERIGOSAS ACHERON

seios firmes e pontudos balançam, suor escorre entre eles e essa visão é de tirar o fôlego.

Ela é tão linda.

Tão perfeita.

Tão *minha*.

As costas de Valentina formam um arco suave e sua boca se entreabre em um "O" silencioso. Ela respira pesado, choraminga, se move comigo, totalmente entorpecida pela sensação de um orgasmo iminente. Instantes depois, ela está

PERIGOSAS NACIONAIS

gozando. Permaneço afundando nela, sentindo que estou perto. Não demora muito para que eu também desabe, arfante, suado e exausto.

Saio de dentro dela e rolo na cama, deitando ao seu lado.

— Eu não sei se tenho forças para levantar — ela diz, ofegante.

— Você não precisa se levantar.

Ela deita de lado e me observa. Seu rosto está corado, os cabelos rebeldes, ainda está nua e sua pele é realmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espetacular. Já imagino uma tatuagem perfeita para desenhar ali.

Ela sorri, feliz, e meu ego infla ao me lembrar que fui eu quem plantou esse sorriso nela. Nos entreolhamos, e eu me sinto deliciosamente estranho quando ela chega mais perto de mim e deita sua cabeça em meu peito. Em poucos segundos, sua respiração se estabiliza e ela dorme. Eu fico feito o maior idiota da face da Terra, por longos minutos, apenas a observando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Erick

Seis anos atrás...

Nick aperta o fino baseado entre os lábios e traga profundamente. Seus olhos se fecham, ao passo que sua cabeça se inclina para trás. Ele aquieta-se por uns bons segundos, curtindo a sensação, até o momento em que a intensa onda parece difundir-se vagarosamente no interior de seu cérebro.

Instantes depois, meus olhos registram a espessa e intoxicante nuvem de fumaça deslizar para fora de seus lábios.

— Eu. Sou. Deus — ele fala, com voz mansa, e todos ao nosso redor caem na risada.

— Idiotas — murmuro para mim mesmo e dou um grande gole na garrafa de vodka aprisionada em minha mão. A bebida desce queimando pela minha garganta, como chama líquida, e a sensação é estranhamente prazerosa.

Nick é o filho mais novo de um colega

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do meu pai. Ele é dois anos mais velho que eu e anda com uma galera bem barra pesada. Eu não gosto dos babacas que andam com ele, gosto muito menos dele, mas ele tem uma casa bacana e faz festas bacanas, então eu apenas o aturo e me divirto indo para suas reuniões.

Giovana também está aqui. Essa garota é um *porre*. Por que ela simplesmente não dá o fora, caramba? E o pior de tudo é que, talvez, eu tenha que levá-la para casa depois que ela estiver tão chapada a ponto de mal conseguir manter as pernas eretas.

PERIGOSAS ACHERON

Azar o dela, pois minha pretensão é ficar bêbado até não me lembrar de nada.

Nick passa o cigarro de maconha para Giovana, que traga de olhos fechados e entrega ao próximo do círculo de gente. O cara ao meu lado me oferece, e eu recuso. Ele dá de ombros e passa para o próximo interessado.

— Ah, qual foi, Erick. Vai deixar de curtir a onda? — Nick protesta.

— No dia em que eu precisar de um *baseado* para me divertir, peço algo a você — Dou outro gole na minha bebida,

nem um pouco interessado em dialogar com esse babaca.

— Ele ainda é um *filhinho de mamãe* careta — Giovana ri, afetada pelo efeito da droga. — Você faria um belo par com o *cabaço* do Fred, Erick. São igualmente chatos.

Fred é um *almofadinha* de cabelo lambido que eu conheci na época da escola. Ele já saiu algumas vezes conosco, mas me parece que não curte muito esse lance, o que me faz acreditar que ele só sai com a gente na intenção de

ter alguém para chamar de “amigo”. Isso me faz sentir pena dele, porque o cara é um idiota completo se pensa que vai conseguir algo próximo de amizade se relacionando com esses babacas.

— Você não parece ter me achado chato nas inúmeras vezes em que tentou arrancar a calcinha para mim — rebato o comentário de Giovana. — E dê um tempo nessas porcarias. Não estou a fim de te arrastar para casa no final da noite.

— Eu não vou para casa hoje. Não enche.

Claro que ela não vai. Giovana é menor de idade, e seus pais nem sequer sonham que ela faz esse tipo de merda. Mas, por mais que ela seja uma insuportável, crescemos juntos, e eu meio que não me sentiria bem em deixá-la aqui. Mas já que ela não está interessada em dar o braço a torcer, quem sou eu para contestar?

— Passe para mim — Fred se manifesta, chamando a atenção de todos. Ele raramente fala. — Eu quero fumar.

No início, nós apenas olhamos para ele como se houvesse nascido um chifre em

PERIGOSAS NACIONAIS

sua testa. Em seguida, todos caem na gargalhada.

— Essa foi boa, cara! — Nick diz. — *Você* fumando maconha?

— Por que não? Eu... eu não quero que vocês pensem que sou careta.

Bufo, não sendo capaz de controlar minha irritação.

— Fala sério! — eu digo. — Nunca vai conseguir provar seu valor, agindo como alguém que você não é. É por isso que ninguém aqui tem saco para aturar suas

PERIGOSAS ACHERON

frescuras, Fred. Você é patético.

Ele me olha com uma expressão constrangida e levemente magoada e volta a se recostar contra o sofá.

Todos estão rindo dele agora, e eu teria tempo de me sentir mal por pegar no pé dele se eu estivesse preocupado com toda essa merda.

Olho para os lados, em busca de uma deixa para dar o fora daqui e me livrar dessa gente maçante. A minha intenção é sair daqui e extravasar em algum bordel qualquer, comer uma prostituta qualquer e

PERIGOSAS NACIONAIS

esquecer a merda que é a minha vida, ao menos por algumas horas. Eu faço isso sempre, e sempre funciona. Perdi a minha virgindade com uma prostituta, sempre fiz sexo com prostitutas, e prefiro assim. Elas não pedem o número do meu telefone, nem exigem que eu lhes dê atenção no dia seguinte.

Olho no relógio e ainda não são nem sete horas da noite. Talvez aquela lanchonete imunda ainda esteja aberta.

Mas onde é que eu estou com a minha fodida cabeça?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais que eu não deva, em hipótese alguma, pisar naquele lugar novamente, há um problema acontecendo: o meu bloqueio criativo voltou com tudo durante as duas semanas em que fiquei sem pôr os pés por lá.

Eu poderia apenas aparecer e dar uma olhada, sem demais intenções, certo?

Minha nossa. Meus pensamentos soam tão ridículos quanto a ideia de eu depender de uma simples garota para conseguir desenhar.

Olho para o grupo de infelizes que

PERIGOSAS ACHERON

divagam sob o efeito da maconha, totalmente alheios ao que ocorre ao seu redor, e me levanto do sofá. Os dedos de Giovana se enroscam em meu pulso, mas eu trato de puxar meu braço e me desvencilho dela.

Ainda está frio quando ponho um gorro preto na cabeça e caminho pela noite úmida. Ando em passos constantes, até chegar ao meu destino. Mantendo uma certa distância, eu observo.

Todos os clientes já foram embora e só restam alguns funcionários. Fauna está do

outro lado do balcão, ao que me parece, contabilizando o lucro do dia. As outras garçonetes estão terminando de limpar as mesas e o chão.

Alguns minutos depois, vejo ela atravessar a porta dos fundos e se juntar à Fauna, dando-lhe um abraço apertado. Ela põe sua bolsinha transversalmente no ombro e sorri para o resto do pessoal, erguendo uma mão ao se despedir.

Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo, o rosto isento de maquiagem. O vestido que usa, percebo, já viu dias

melhores, mas está impecavelmente limpo. As sandálias rasteiras de tiras deixam a mostra seus pés delicados. Ela mais parece uma ninfa tirada de algum livro de fantasia do que um reles ser humano.

Porra. Acho que aquela maconha andou me afetando de alguma maneira.

Jogo para o lado meus pensamentos piegas e faço algo que já está se tornando rotina: a sigo.

O ônibus já está parado no ponto de ônibus quando ela chega até ele, e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

aperto o passo para não a perder de vista. Ela se senta em uma cadeira na parte da frente e, ao passar por ela, vejo-a tirar um livro de dentro da bolsa. Ela começa a ler e eu me sento do lado oposto ao seu. Neste ângulo, consigo ter a visão completa de sua delicada estrutura sem que seja pego.

Agora, é hora de tirar o meu caderno do bolso e colocar meu plano em ação.

Começo a desenhá-la, marcando cada traço, e a ponta da lapiseira desliza sem protesto sobre o papel macio. O ônibus,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vez ou outra, dá uma arrancada brusca, atrapalhando meus movimentos cuidadosos, mas sempre que isso acontece eu paro e retomo o processo em seguida.

Seus cabelos são volumosos e estão com as pontas desgastadas, mas não me incomoda. Talvez esse seja o mistério nela: ser bonita sem fazer esforço algum. Uma bênção divinamente herdada.

Termino o meu desenho e mantenho os meus olhos nela por alguns instantes. Eu queria nomear minha obra de arte. Deixar uma marca conhecida ou algo do tipo.

PERIGOSAS ACHERON

Bom, eu não sei o nome dela, então eu rabisco qualquer coisa no papel e leio o que escrevi. Isso serve. Combina perfeitamente com ela. Então é assim que irei chamá-la antes descobrir qual o seu verdadeiro nome:

Moça Bonita.

Valentina

Dias atuais...

— Qual o seu problema? — Vanessa

franze a testa e inclina a cabeça ao olhar para mim.

— Como assim? — Tento apagar o sorrisinho que insistiu em se instalar nos meus lábios, mas está sendo difícil.

Ainda é cedo e nós decidimos nos reunir para fazer algo só entre meninas, já que é sábado. Estamos em uma dessas conhecidas lojas de *fast food*, colocando o papo em dia enquanto ingerimos algumas centenas de calorias. Cristina está sentada ao lado de Vanessa, com seu celular na mão, enquanto a loira se dedica a não

PERIGOSAS NACIONAIS

tirar os olhos de mim, me encarando daquele jeito desconfiado de quem sabe que tem algo rolando.

Ela estreita os olhos e volta a falar:

— Você *tá* com cara de quem foi bem comida na noite passada — Meu rosto se esquentava instantaneamente, o que só confirma o que acabou de dizer. Ela abre um sorrisinho malicioso. — Quem é o cara?

— Homem na parada? — Cris tira os olhos do celular imediatamente e presta atenção em mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Nada disso — desconverso. Por que diabos elas continuam me encarando? — Parem de me olhar assim!

— Ah, Val, conta pra gente — Vanessa faz biquinho. — Somos suas amigas ou não?

Começo a morder o interior da minha bochecha, incomodada. Não há nada de errado em fazer o que eu fiz com Erick, afinal somos adultos e solteiros. No entanto, eu não me sinto confortável para falar abertamente sobre ele com outras pessoas. A nossa história é complicada, o

PERIGOSAS NACIONAIS

que sinto por ele é confuso, e eu gosto de ter essa relação discreta com ele, como se não precisássemos mostrar nem provar nada a ninguém.

Por sorte, começo a avistar Tiago e Danilo vindo até nós. Abro um sorriso exageradamente largo para eles e trato de mudar logo de assunto.

— Olá, rapazes!

— Ai, era só o que me faltava — Vanessa se vira para eles. — Qual parte do "esse será um programa só de meninas" vocês dois não entenderam?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós não viemos por vocês — Dan refuta, abrindo um amplo sorriso irônico. — Resolvemos fazer algo só entre caras também. E como nessa mesa tem comida suficiente para todos nós, vamos ficar por aqui mesmo.

— Ah, claro — Cristina se manifesta, deixando bem claro que não acreditou em nada na desculpa esfarrapada dele.

Dan faz uma careta para ela e se senta ao meu lado.

— E então, quais as novidades?

PERIGOSAS ACHERON

— Valentina está namorando — Vanessa dispara.

Ele olha para mim, surpreso.

— Sêrio?

— Não... eu... quer dizer... Eu não estou namorando, ok?

— Tudo bem, tudo bem... — Vanessa ergue as mãos. — Se você insiste tanto em negar, eu finjo que acredito.

Reviro os olhos e foco no meu sorvete.

O fim de semana passa sem que eu tenha nenhuma notícia de Erick. Isso

também ocorre na segunda e na terça-feira (dia em que Fred me convida para almoçar com ele no refeitório, mas eu acabo rejeitando ao alegar que tenho muita coisa para adiantar no trabalho, o que não deixa de ser verdade).

Na quarta, acordo cedo, como sempre. Vou ao quarto de Melissa e ela atende a porta na terceira batida.

— O que foi agora? — Pergunta de cara feia.

Desde o dia em que eu falei para ela procurar um emprego, que vem me

tratando desse jeito. Azar o dela, pois não pretendo voltar atrás.

— Vista-se. Arrumei um emprego para você.

Sua careta se intensifica.

— Devo lhe agradecer por esse favor?

— Você teve motivos suficientes para me agradecer, e não fez. Tenha isso como uma ajuda, não um favor.

Seus ombros murcham.

— Estou indisposta, Val.

— Quer que eu a leve ao médico? —
Pergunto.

— Não precisa. Só estou com um pouco
de azia.

— Eu tenho antiácido na minha bolsa.
Isso não será um problema.

Ela revira os olhos e sua cara de brava
retorna.

— Posso saber em que lugar terei de
trabalhar?

— Na Construtora — eu revelo. —
Andei conversando com Romero e há

alguns cargos a serem ocupados por lá.
Decidi que seria bom para você.

— Oh, bem, essa é a empresa onde você trabalha, certo? — indaga.

— Exatamente.

— Onde tem aqueles homens lindos e todos bem-vestidos?

Rolo os olhos.

— Sim, é exatamente lá. Mas não se anime, pois se trata apenas de *trabalho*. Não se esqueça disso.

— Como me esquecer, não é mesmo? —

Ironia escorre de suas palavras.

Saturada de sua insistência em sempre tornar as coisas mais difíceis, lhe dou vinte minutos para se arrumar antes de lhe dar as costas.



— Isso só pode ser uma pegadinha! —
O grito indignado de Melissa reverbera em meus ouvidos.

— E por que raios eu brincaria com uma coisa dessas, Melissa? — Permaneço

com meu tom calmo, mas noto que ela está furiosa.

— Valentina, eu não vou trabalhar aqui! Não assim... — Ela aponta para o uniforme que foi praticamente obrigada a vestir. — Eu exijo que você encontre algo mais... *adequado*.

— E você ainda acha que está em condições de exigir algo? — Elevo uma sobrancelha e, como já previa, sua resposta não vem. — Você se acostumará. Já trabalhei com coisa pior.

— Disso eu não tenho dúvida — A

PERIGOSAS ACHERON

acidez no seu tom de voz não me passa despercebida, mas decido não reagir à sua provocação.

— Eu vou procurar a supervisora da copa — prossigo. — Ela irá lhe passar todas as informações a respeito do que fazer. Servir cafezinho não é o fim do mundo.

— Oh, e por que você não troca de lugar comigo então?

— Porque eu me esforço a cada dia para crescer cada vez mais, Melissa — respondo, sem me abalar. — No dia em

PERIGOSAS NACIONAIS

que você aprender a dar valor às oportunidades, entenderá o que quero dizer.

E sem mais uma palavra, giro nos calcanhares e a deixo na cozinha da empresa.



Já é bem tarde quando finalmente finalizo algumas tarefas que Romero me pediu. Não almocei para evitar atrasar o meu trabalho, nem deu tempo de ir até a

PERIGOSAS ACHERON

copa saber como Melissa está. Espero que ela esteja se saindo bem.

Olho para o meu relógio novamente e já são quase seis da noite. No meu celular, ainda não há nenhuma mensagem ou ligação de Erick.

Como eu previa.

Sinto um aperto no peito e fico chateada. É duro e vergonhoso admitir, mas estou com saudade dele. *Muita*.

Começo a digitar para tirar as ideias embaraçosas da minha mente e faço uma

PERIGOSAS NACIONAIS

pausa quando meu celular apita. Apanho ele de cima da mesa e abro a mensagem que acabou de chegar.

Erick: Apesar de achar você linda de qualquer jeito, gosto mais dos seus cabelos soltos.

Meu coração volta a ganhar vida.

Como ele sabe?

Sem me importar em esconder meu sorriso idiota, me ajeito na cadeira e digito uma mensagem de volta.

Eu: Eles não estão presos.

PERIGOSAS ACHERON

Erick: Mentirosa...

Mordo o lábio enquanto, instintivamente, levo as mãos até os meus cabelos e os deixo soltos.

Eu: E como sabe que eu estou mentindo?

Erick: Olhe para a frente.

Faço o que ele me orienta e olho além da porta da minha sala aberta. Erick está parado do lado de fora da sala, casualmente recostado na parede. Em seus lábios há um sorriso divertido. Perco o ar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está fazendo aqui? — Inquiro, me levantando para abrir ainda mais a porta. Ele passa por mim, e o leve roçar da sua pele na minha me acende inteira por dentro.

— Eu sou o futuro dono dessa espelunca, esqueceu?

— Não fale assim — censuro, o que o faz rir.

— Desculpe-me pelos péssimos modos, Moça Bonita. Eu vim aqui por você — Em questão de segundos, seu braço está na minha cintura, minha bunda de encontro à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa e sua boca colada na minha.

— Erick... — ofego. — Esse é o meu local de trabalho.

— É, eu sei — Ele me dá outro beijo rápido. *Céus...* — Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Você fica muito sexy com essas roupas — ele murmura contra meu ouvido, e eu me controlo para não desabar aqui mesmo.

— Achei que a diversão estivesse em tirá-las.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, está. Não duvide disso — ele ri.
— Mas eu gosto de ver você vestida assim.

Ele aplica um pouco mais de força, até que eu esteja sentada na mesa. A bainha da minha saia se embola quando ele expõe parte das minhas coxas e seu tronco se acomoda entre as minhas pernas.

— Sabe de mais uma coisa? — Nego com a cabeça, aguardando que ele prossiga. — Eu nunca transei em uma mesa de escritório antes.

Oh, Céus! Meu núcleo se aperta sob

PERIGOSAS ACHERON

efeito de suas palavras, mas busco uma forma de desconsiderar isso.

— Ficou maluco? — Procuro afastá-lo, mas a minha tentativa é em vão. — Estamos em meu local de trabalho. O seu avô poderia aparecer a qualquer momento.

— Basta trancar a porta.

— Não, Erick. Isso é loucura — O afasto e desço da mesa, procurando me recompor. Ele parece se divertir com a situação. Filho da mãe!

— Não falta muito para o meu horário

de saída. Você pode me esperar e a gente vai para a sua casa depois disso.

Consigo perceber, pela forma como o volume nas suas calças ainda não desapareceu, que essa ideia o agrada imensamente. Ele me dá um último beijo antes de se afastar relutantemente e caminhar em direção à porta.

— Estarei lá fora, curtindo a minha crise de bolas roxas — brinca. — Não demore.

CAPÍTULO 20

Valentina

— Fique quieta. Assim você vai fazer com que saia tudo borrado.

Prendo os lábios e procuro segurar a risadinha que borbulha em minha garganta.

— É que isso está fazendo cócegas.

Ele para ponta da caneta em alguma região do meu ombro e estreita os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

ao me fitar. Sua mão sobe pela minha coluna e eu paro de rir imediatamente.

— Erick... — advirto, tentando não me mexer. — Você não pode esperar que eu fique quieta, tocando em mim desse jeito.

— Por quê? — Repete o movimento. — Você não consegue ficar quieta com as minhas mãos em você?

— É que fica um pouco difícil, sabe?

Erick sorri maliciosamente e se senta de frente para mim.

— Bom saber disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me puxa de encontro a si. Seus dedos vão para a bainha da minha regata, enquanto os lábios acariciam meu maxilar. Inclino a cabeça para que tenha um melhor acesso ao meu pescoço. Quando Erick termina de retirar minha blusa, meus sentidos estão em ebulição, minha pele quente, e eu tenho certeza que o rubor que subiu para a minha face não tem nada a ver com constrangimento. Ele tira o meu sutiã, e o assobio que ele solta no momento em que vê meus seios nus, me dá vontade levar a mão entre as minhas pernas e me aliviar

PERIGOSAS ACHERON

instantaneamente.

— Levante-se — ele orienta, apontando para as minhas coxas cobertas. — Eu preciso tirar isso.

Levanto-me desajeitadamente, e então ele começa a trabalhar nos botões da minha saia. Minha garganta está seca, meu corpo está quente, e parece que meus peitos dobraram de tamanho, ambos pesados e sensíveis.

Quando estou com Erick, não parece que apenas alguns meses atrás eu trabalhava como prostituta em uma boate

e ainda dançava no pole dance, seduzindo os mais diversos tipos de homens. Eu me sinto como uma garotinha inexperiente, ansiosa pela excitação de mais uma experiência sexual desconhecida. E, pensando melhor, eu *sou* exatamente isso mesmo, levando em consideração que só passei a descobrir de verdade a minha sexualidade depois que ele reapareceu em minha vida.

Erick desce minha saia, junto com a calcinha, e eu volto a sentar-me na cama, completamente nua. Ele está parcialmente vestido, já sem a camisa. Desabotoo sua

PERIGOSAS ACHERON

calça jeans, e ele facilita ao retirá-la e ficar só de cueca. Quando ele volta a se sentar diante de mim, minhas mãos passeiam pelos músculos bem pronunciados dos seus braços e peito.

— O que você desenhou em meu ombro? — Pergunto ao me lembrar do desenho que ele acabou de fazer em mim.

— Você quer ver *justamente* agora?

— Sim, Erick. Estou curiosa.

— Ok — Ele se inclina e abre uma das gavetas do criado mudo. Tateia em busca

de algo e depois volta até mim com um espelho de tamanho médio. Em seguida, põe o espelho em uma posição que me facilite enxergar o desenho em meu ombro.

Passo o dedo sobre o desenho pequeno. É um círculo com uma linha sinuosa no meio. Ele rabiscou um dos lados com a tinta preta da caneta, e dois outros minúsculos círculos se localizam em pontos opostos de cada lado.

— O que é isso? — Pergunto.

— O símbolo do *Yin Yang*. Está

relacionado com princípios da filosofia chinesa.

— É lindo — passo novamente o dedo sobre ela. — O que significa?

— Basicamente, ele simboliza equilíbrio. A harmonia entre o bem e o mal.

— Uau, isso é profundo — sorrio, admirada. — E por que você decidiu desenhar justamente isso em mim?

Ele sorri e tira o espelho da minha mão. Seus lábios encostam-se em minha orelha,

antes de ele sussurrar:

— Segredo.

Erick começa a me beijar e não demora muito para que iniciemos uma sessão de amassos capaz de me deixar sem fôlego.

— Sua pele é tão macia, Valentina —
ele roça o nariz na pele do meu pescoço.
— E esse seu cheiro... é uma das coisas
mais excitantes que eu já senti.

Ele me tira do seu colo e se ajoelha na cama. Não hesito em erguer a mão e abaixar a sua cueca. Ele a remove por

PERIGOSAS NACIONAIS

completo, expondo a enorme ereção que salta para fora, deixando-me excitada, eufórica, admirada e com as bochechas quentes ao mesmo tempo.

Como se tivesse vida própria, minha mão sobe por sua coxa e eu o acaricio. Aproveito a oportunidade para sentir, admirada, a maciez da pele do seu membro contra a minha palma. Meu dedo acaricia a ponta, e ele geme, puxando a minha mão suavemente.

— Se você continuar assim, eu vou gozar rápido demais.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu *quero* fazer você gozar.

— Com certeza você vai fazer isso, mas tudo em seu tempo.

Ele se inclina para me dar um beijo esfomeado, e eu me deleito, enlaçando seu pescoço com meus braços. Apenas o roçar dos meus seios no seu peito rígido faz com que eu solte um gemido rouco, que é abafado quando ele intensifica o beijo.

Erick deposita seu peso sobre mim, até me ter deitada. Ele chupa o meu lábio inferior e escorrega a sua boca mais para

baixo, beijando o meu pescoço. Ele chupa os meus seios, e em seguida suas mãos substituem os seus lábios, que descem ainda mais sobre meu corpo. Alcançando o meu umbigo, ele faz aquela coisa com a língua que eu acho extremamente sexy. Mordo o lábio com tanta força que imagino que vá brotar sangue em algum momento.

Fogo lambe minhas entranhas quando Erick desce ainda mais, chegando onde eu tanto necessito que ele esteja. Sinto-o passar a língua em carícias lentas e, quando imagino que isso não tem como

PERIGOSAS ACHERON

ficar melhor, ele começa a me chupar. Gradativamente, ele vai aumentando a intensidade dos movimentos, fazendo com que eu mexa meus quadris loucamente, em busca de mais contato, em busca de um alívio, mas ele não é piedoso. Suas mãos me seguram firmemente, tentando me manter quieta, disposto a me levar até a borda. Quando Erick enfia os dedos em mim e inicia um *vai e vem* que me tira de órbita, estalo em um orgasmo, incapaz de conseguir me segurar por muito tempo. Não demora muito para que ele se mova para cima outra vez, ficando cara a cara

comigo, e em seguida volte a me beijar.

No instante em que ele se senta e me puxa para seu colo, percebo que é o suficiente para que o meu sexo sensível sinta novamente a necessidade de atenção por estar em um contato tão íntimo.

Ainda com os lábios saboreando os meus, ele volta a me acariciar com os dedos, mas são carícias leves, o suficiente para me estimular novamente.

— Erga os quadris — diz.

Eu me afasto apenas o suficiente para

que ele consiga segurar a base do seu membro, e então eu guio a minha entrada até ele. Gememos juntos, à medida que deslizo sobre o seu pau. Mordo o lábio inferior e sinto suas mãos descansarem em minha bunda, apertando a minha carne. Essa posição é incrível. *Senti-lo* dentro de mim é incrível.

— Está gostoso? — ele chupa a minha orelha. — Cristo, você nem se moveu ainda e eu já estou sentindo como se fosse explodir.

— É delicioso, Erick — Abro um

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso lânguido e busco a sua boca, necessitando de mais.

Começo a mover os quadris, deslizando sobre ele, arrancando gemidos e suspiros de nós dois a cada estocada.

Quase que automaticamente, meu olhar segue para baixo, e eu não consigo resistir à imagem de nossos corpos se unindo. É tão pornográfico, mas é tão excitante ao mesmo tempo. Nunca imaginei que fosse me sentir dessa forma. Sempre tive muita repulsa em relação ao sexo, o que não é segredo para ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, Erick parece ter quebrado todas as barreiras que me impediam de desfrutar disso.

— Você gosta disso, não é? Gosta de ver o meu pau enterrado bem gostoso em você? — Suas palavras sujas me deixam bêbada.

— Sim... — balbucio, ofegante. — Eu adoro.

— Então continue olhando — ele diz.
— Veja o quanto está molhada para mim, sua boceta está babando todo o meu pau.

PERIGOSAS ACHERON

Oh, Deus...

Não tenho nem mesmo tempo de fazer o que ele diz, porque Erick segura um punhado do meu cabelo e guia minha boca até a sua, consumindo-me em um beijo erótico e faminto.

— Eu quero te comer com mais força, e essa posição não é muito favorável — ele diz com voz rouca. — Deite-se de bruços, apoie-se nos cotovelos e empine os quadris para mim.

Sem uma palavra, eu apenas obedeco. Estou queimando de tanto tesão, e não há

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o que argumentar quanto a isso. Sinto sua mão deslizar pela minha coluna, torturando-me com seu toque quente. Minha pele se arrepia instantaneamente quando ele acaricia a parte traseira das minhas coxas e depois a minha bunda.

Eu mordo meu lábio com força, tentando me manter quieta enquanto ele pincela a ponta da sua ereção bem na minha entrada, antes de deslizar profundamente para dentro de mim.

— Porra... — Erick, então, começa a investir os seus quadris outra vez. No

PERIGOSAS ACHERON

princípio é lento, me dando uma amostra do que está por vir, mas ele aumenta a intensidade depois de um tempo. Dessa forma, sou capaz de sentir cada milímetro dele friccionando contra as minhas paredes internas.

Eu não sei como ele conhece tanto sobre mim. Como ele consegue conhecer tão bem o meu corpo ou os meus desejos. Sinto algo aquecer-se em meu ventre, e ele se inclina para chegar perto do meu ouvido.

— E assim? — Ele volta a mexer os

PERIGOSAS NACIONAIS

quadris, e eu sinto algo diferente. Minha respiração se intensifica. — Está gostoso pra você assim também?

— Incrível — Gemo. — Eu quero mais forte, Erick.

Ele mete mais forte e continua a falar um monte de sacanagens no meu ouvido. Eu não sabia que possuía esse lado pervertido, mas cada frase saída de sua boca é uma jorrada de estímulo para me deixar ainda mais louca diante da sensação escaldante que me consome. Sem aviso prévio, ele ondula os quadris,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dando pequenas palmadas na carne da minha bunda. A ponta do seu pau roça em um local específico, e eu sinto que vou me desintegrar a qualquer momento.

— Por favor... — imploro por algo que não sei o que é. Em busca de um alívio para essa sensação tão intensa. — Não pare...

— Eu não vou parar — Ele morde de leve a carne da minha orelha. — Eu não vou parar até que você esteja gozando com essa bocetinha deliciosa apertando o meu pau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim... isso... estou perto... — eu gemo, arfante, ensandecida, totalmente entregue.

Erick faz de novo o jogo com os quadris, massageando naquele ponto específico que faz com que meus olhos rolem. Eu xingo, suplico e me movo junto com ele. Suas estocadas me levam cada vez mais até o topo, até o meu limite.

Sinto como se explodisse. É intenso e tão arrebatador que, quando dou por mim, algo está escorrendo pelas minhas pernas. Erick termina logo em seguida, desabando

PERIGOSAS ACHERON

sobre as minhas costas.

Me movo para que ele saia de cima de mim e, quando ele o faz, eu puxo os lençóis contra o peito, envergonhada.

Já ouvi falar sobre ejaculação feminina antes e, apesar de nunca ter acontecido comigo, sei que é algo que pode ser considerado normal. Mas eu não estava preparada para isso, e não imaginava que seria um momento tão constrangedor!

— O que foi? — Ele pergunta, preocupado. — Eu te machuquei?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, eu só... acho melhor eu ir ao banheiro.

Tento me levantar, mas percebendo o motivo do meu constrangimento, Erick me impede, abrindo um sorrisinho.

— Você está com vergonha disso? — ele acaricia a umidade entre as minhas pernas. — Por favor, não tenha. É incrível.

Não respondo e ele ri, inclinado a cabeça de uma forma encantadora.

— Eu sei que você... teve dificuldade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para gozar antes, mas você nunca ouviu falar em ejaculação feminina, ou... essas coisas de mulheres?

— É claro que já ouvi falar, mas... nunca imaginei que fosse acontecer comigo — respondo.

— Eu entendo — ele acaricia a minha bochecha. — Mas não há motivos para sentir vergonha, Valentina. Os caras adoram isso, sério. É quase que um alimento vital pro ego.

Eu acabo rindo, nem um pouco impressionada com o que ele acabou de

PERIGOSAS ACHERON

dizer. Homens têm um jeito estranho e primitivo de lidar com o sexo.

Erick me puxa mais para si, e eu me aconchego contra seu peito quente. Sua mão acaricia meu braço, de uma forma que me faz sentir vontade de dormir. Estou exausta.

— É impressionante que você tenha vivido por tanto tempo naquele lugar e nunca teve um orgasmo de verdade. Não estou julgando você nem nada, sabe, mas... você se tocava antes?

— Já tentei — confesso. — Tentei ao

menos sentir prazer sozinha, já que não conseguia por outros meios, e às vezes me sentia carente, mas então eu me lembrava dos caras da boate e meu estômago se embrulhava. Depois de um tempo, eu desisti.

— Entendi — ele dá um sorriso fraco e beija a minha boca suavemente. Seus lábios apenas roçam nos meus. — Pode parecer machista e idiota, mas eu estou feliz em saber que fui o único cara a fazer você se sentir assim.

Antes que eu possa medir a forma como

isso irá soar, as palavras estão saindo dos meus lábios:

— Mas eu não sou a *única* pra você, não é? — me movo para encará-lo melhor. — Você já deve ter tido muitas garotas em sua cama, e já deve ter feito muito mais que isso com todas elas.

Imagino que ele vá ficar bravo com o meu ato um tanto quanto inconveniente, mas ele simplesmente sorri.

— Você foi a única que me fez sentir o que eu estou sentindo agora, Valentina, acredite em mim — diz. — E quanto às

garotas na minha cama... não houve nenhuma.

— Fala sério! — debocho. — Quantas mulheres já passaram por essa cama, Erick?

Ele desvia o olhar por alguns segundos, como se estivesse tendo uma lembrança desagradável.

— Você é a única, eu já disse.

— Ok. Eu não vou perguntar para onde você costuma levar suas caças, pois não estou interessada em saber. — Na

verdade, eu estou sim, mas não sei se lidaria com o meu ciúme, então é melhor não arriscar.

— Eu também não estou interessado em falar sobre isso.

Ele me beija. É um beijo lento e cheio de carinho. Seu dedo traça a linha da minha coluna distraidamente enquanto seus lábios continuam se movimentando sobre os meus, me reacendendo aos poucos.

— Linda — ele beija a ponta do meu nariz, e eu sorrio feito uma adolescente

deslumbrada. Nossos olhares se encontram, e então ele diz: — *Se eu pudesse descrever a beleza dos teus olhos e enumerar teus atributos em épocas vindouras, diriam: o poeta mente. A Terra jamais foi acariciada por tal toque divino.*

Pisco algumas vezes, e ele sorri ao notar meu olhar confuso. Não demora muito para que minha mente reconheça o famoso trecho que ele acabou de citar.

— Você é tão complexo — eu falo. — Uma hora está sussurrando sacanagens no

meu ouvido enquanto faz sexo comigo, e na outra está recitando Shakespeare.

— Coisas incomplexas não são interessantes.

Arqueio uma sobrancelha e o provoco:

— Então é essa sua tática para atrair garotas nuas para a cama?

Ele ri.

— Não... isso seria fácil demais. Gosto daquilo que é difícil de ser conquistado.

— Então quer dizer que eu fui fácil? —
Provoco novamente, e ele se aproxima,
PERIGOSAS ACHERON

depositando o beijo no meu ombro antes de falar:

— Eu esperei seis anos para que chegássemos a este ponto, Valentina, vamos combinar que não há nada de *fácil* nisso tudo.

— Seis? — Me afasto dele, confusa. — Não seriam *cinco*?

— Sim, bem, é isso — ele diz, desviando os olhos dos meus. — Enfim, esclarecendo as coisas: eu tenho uma certa paixão pela poesia. Pode não parecer, mas eu já fui vencedor de dois

PERIGOSAS NACIONAIS

prêmios em projetos de literatura na época do colégio.

— Está falando sério?

— Claro, por quê? — Ele simula uma expressão de ofendido. — Eu não pareço o tipo de cara que ganha prêmios recitando Shakespeare?

— Preciso responder? — Levanto uma sobrancelha e ele ri.

— Minha nossa, você é cruel.

— Mas eu adorei o que você me disse, se isso o faz se sentir melhor — Me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estico e o beijo novamente. Isso está ficando cada vez melhor, estou viciada nele. — E eu quero que você me conte mais sobre isso.

— Depois eu mostro a você minhas medalhas, qualquer dia desses.

— Ok — sorrio, encantada pela forma como ele aceitou tão facilmente compartilhar comigo algo do seu passado, mesmo que tenha sido apenas um pedaço.

— Agora, vem aqui. Vamos tomar um banho.

PERIGOSAS ACHERON

Me levanto com Erick e deixo que ele tire o lençol enrolado em meu corpo antes de me puxar para o banheiro. Depois do banho, trocamos sua roupa de cama molhada, e em seguida nos deitamos abraçadinhos sobre ela.

No meio da noite, percebo que ele se virou para o lado oposto e não me abraça mais. Ele está suando e balbuciando algo que não consigo compreender. Percebo de imediato que Erick está tendo um pesadelo. Me inclino sobre ele e beijo sua têmpora, acaricio seu braço, procurando falar palavras que o tranquilize. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começa a despertar aos poucos e se vira para mim. Permanecemos em silêncio quando nossos olhos se encontram na penumbra do quarto.

Minha preocupação vai embora quando ele abre um leve sorriso e me puxa para mais perto, envolvendo-me em um beijo profundo. Nós fazemos sexo novamente, de forma lenta e explorativa. Após terminarmos, o abraço de volta e ficamos assim até finalmente adormecermos, sem mais pesadelos nem pensamentos ruins para perturbar o nosso sono.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

Erick

Seis anos atrás...

— Desenho bonito.

Pego de surpresa, tiro o caderno de desenhos de cima da mesa e me remexo desajeitadamente na cadeira.

— Porra, Fauna, você me assustou — resmungo.

— Cuidado com os palavrões — ela me

PERIGOSAS NACIONAIS

repreende. — E eu não tenho culpa se você não sabe manter os seus desenhos secretos longe da vista alheia.

— Não é nada educado ficar fuçando os assuntos particulares dos clientes — ressaltou, o que a fez balançar a cabeça e rir.

Fauna, nos últimos meses, tem se tornado uma espécie de amiga. Ela me tem como ouvinte, desabafando sobre os problemas de casa com o marido e os três filhos, e eu... bem, eu observo em segredo a moça que prepara os sanduíches, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desenho secretamente toda vez em que vejo sua figura pelo buraco retangular na parede e mantenho a minha criatividade em dia com isso.

Mesmo que a maior parte dos desenhos que faça seja sobre ela, estou conseguindo manusear minha lapiseira muito bem e manter minha mente focada em outras coisas. Pelo menos, eu tento.

— Por que você não a chama para sair?
— Fauna sugere enquanto passa o pano sobre a minha mesa. — Aposto que ela iria adorar ver todos esses desenhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei do que você está falando —
me esquivo.

— Tem certeza de que não sabe? — Ela diz, apontando com o queixo para a o buraco na parede, por onde é possível ver a Moça Bonita, completamente alheia à conversa que estamos tendo.

— Ah... — Cubro o desenho dela com algumas folhas em que árvores secas estão desenhadas, enquanto penso no que dizer. — Ela é só algo bonito que gosto de desenhar. Não confunda as coisas.

— Minha nossa, como esses jovens de
PERIGOSAS ACHERON

hoje em dia são cabeça dura! — Fauna resmungu. — Ela é uma garota adorável e tem o melhor coração que eu já vi. Acho que seria bom, caso tentasse. Ao menos para conhecê-la melhor.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Deixe de besteira. Vocês são jovens, têm mais é que aproveitar — Ela pausa e aponta um dedo para mim, com aquela expressão de advertência. — Mas uma coisa eu deixo bem clara: não machuque os sentimentos dela.

Giro meu relógio de pulso — uma peça

PERIGOSAS NACIONAIS

cara que ganhei no meu último aniversário e tenho certeza de que cobre vários meses de salário daquela garota. Uma garota que tem uma vida diferente da minha, uma realidade completamente oposta á minha, mas que, mesmo assim, não deixa o sorriso morrer em seu rosto.

— Esse é o problema, Fauna — eu falo, sem coragem suficiente para fitá-la. — Eu machuco os sentimentos das pessoas. Não sou muito bom em me aproximar delas.

— E por que diz isso?

— Porque é a realidade — digo.

PERIGOSAS ACHERON

Além do mais, eu sou um covarde. Um *moleque*, com o meu pai mesmo disse. Não verbalizo isso, no entanto.

— Está me dizendo que não vai nem ao menos tentar?

— Ela não faz o meu tipo — eu respondo. — E os desenhos não significam nada. Só... faço para passar o tempo.

Fauna arqueia uma sobrancelha e inclina a cabeça.

— Se acha que essa explicação me

convenceu, está muito enganado. Mas não irei tomar muito o seu tempo. Preciso voltar ao trabalho.

Não deixo transparecer o meu alívio quando ela se afasta.

Começo a brincar com a borracha em cima da minha mesa e, vez ou outra, meus olhos seguem na direção da abertura que dá acesso à cozinha, onde *ela* sempre aparece. A touca desliza de seus cabelos escuros e ela sopra para afastar uma mecha que cai em seu rosto.

Imagino como seria, caso eu

concordasse com a ideia de Fauna. Chamá-la para sair não me parece tão assustador assim, se eu for parar para pensar. Para quais lugares ela gosta de sair? Bom, pelo seu jeito reservado, acredito que ela goste de ir ao cinema. Mas que filme veríamos? Eu não sou muito fã de romances água com açúcar, mas teria que agradá-la, de alguma forma. Só de imaginá-la sorrindo ao fazer algo que gosta, sinto vontade de realmente chamá-la para sair. Conversar com ela, descobrir seus gostos e suas manias. Descobrir seus sonhos, um por um, e

PERIGOSAS NACIONAIS

realizar os que estiverem ao meu alcance.

Mas, então, a realidade me golpeia.

Me lembro de Sofia, tão linda e cheia de vida. Tão cheia de sonhos. Sonhos estes que eu prometi realizar.

Eu menti.

Eu falhei.

Eu fiz ela acreditar em mim, sem ser capaz de cumprir com a minha palavra. E Sofia está morta agora. Eu não quero que ninguém mais sofra por minha causa. Não posso destruir os sonhos e a vida de mais

PERIGOSAS ACHERON

uma menina pura e feliz. Eu não posso poluí-la com minhas falsas promessas. Pois eu sei que um dia irei falhar e, quando isso acontecer, será o fim.

— Docinho? — A voz de Fauna chama a minha atenção. — Que tal ganhar umas gorjetas?

A Moça Bonita ergue a cabeça para ela e sorri, empolgada.

— Eu adoraria. O que tenho que fazer?

— Basta me ajudar a servir as mesas. Divido metade com você, a movimentação

está bem alta, e não estou dando conta.

— Tudo bem — Ela retira a touca e o avental, vai para a área externa e apanha um bloquinho.

Sigo-a com o olhar, observando-a parar na mesa de um casal e os atender educadamente, o sorriso sempre presente em seu rosto. Ela tem um gesto que já a observei fazer sempre que está compenetrada em algo: seus lábios se franzem levemente. Ela está fazendo isso agora, anotando os pedidos.

Ela atende mais um par de clientes e,
PERIGOSAS ACHERON

quando menos espero, se volta para mim.

Droga, ela está vindo em minha direção.

Começo a passar o dedo pela borda do meu copo enquanto olho para todos os lados, menos na direção dela. Sou péssimo em disfarçar. Devo estar parecendo um idiota.

Merda, ela está diante de mim agora, e eu me sinto mais idiota ainda.

Procuro minha voz através da minha garganta e pigarreio antes de decidir

PERIGOSAS NACIONAIS

focar minha atenção no desenho de galhos secos na folha do meu caderno.

— Deseja algo mais? — Ela pergunta suavemente. De perto, sua voz é ainda mais doce do que eu imaginei. É uma sinfonia para os meus ouvidos.

De cabeça baixa, nego com um aceno rápido, sem lhe dar muita atenção.

— Uau, você desenha! — Ela se inclina, parecendo interessada ao ver o desenho em cima da mesa.

— Sim — respondo, seco.

PERIGOSAS ACHERON

Mas que idiota você é, Erick. Grande idiota.

— Legal — Pelo tom de sua voz a imagino sorrindo, mas ainda não estou olhando para ela para ter certeza. — Eu sou uma negação com esse tipo de coisa, sabe? Sempre fico impressionada quando vejo alguém fazendo.

— Entendi.

— Quais tipos de desenho você mais gosta de fazer?

— O que me vier na cabeça — Fecho o

caderno com força. Eu não vou aguentar isso por muito tempo. Ela está perto demais... — Olha, eu não estou muito interessado em conversar, ok? Se puder me dar licença...

Oh, seu garoto estúpido.

Estúpido, estúpido.

Mil vezes estúpido!

Não sei a expressão que ela faz, pois não ergo a cabeça em nenhum momento, mas sinto que ela fica desconcertada. Com certeza, essa não era a reação que

ela esperava. Me sinto muito mal com isso.

— Desculpe — ela diz, a voz mais baixa que antes. — Eu sou meio intrometida às vezes, não me leve a mal.

— Tudo bem, eu não quis ser... bom, não foi a minha intenção ser grosso com você.

— Sem problemas — Noto uma pontada de decepção em seu tom de voz.

Merda, ela ficou magoada? Não passou pela minha cabeça que ela estava apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

puxando assunto por ser a pessoa mais simpática e legal com a qual fui deparar.

Essa garota realmente existe?

— Com licença.

Me permito erguer a cabeça depois que ela se afasta.

Ela para em outra mesa, onde há um homem careca usando uma camisa xadrez suada e começa a anotar seu pedido. O cara não para de deslizar o olhar sobre seu corpo, e eu socaria a cara dele se não houvesse tanta gente por perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Traga uma porção de batatas fritas com bacon, um hambúrguer sem pickles e com tomate e alface, meu doce.

— Ok, senhor. Algo mais?

— Ah, e um refrigerante bem gelado também — ele diz, umedecendo os lábios enquanto tenta disfarçar seu olhar sobre os seios dela. — Se me permite dizer, você é muito bonita. Quantos anos tem?

— Dezesete — curta e grossa. Gostei disso.

— Tão novinha — Ele coça o queixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem parece. Faz dezoito quando?

— No início do ano que vem.

— Bom, então já pode se considerar maior de idade, não é?

O que esse maldito está dizendo? Sinto ódio e nojo do babaca, mas aguardo um pouco mais para ver no que isso vai dar.

Ela está se controlando para não responder de forma ríspida e arriscar perder o emprego. Então, ela apenas suspira e firma os dedos na caneta, tamanho desconforto que provavelmente

PERIGOSAS ACHERON

está sentindo.

— Não, eu não me considero maior de idade, já que tenho apenas *dezessete*. E, mesmo se eu fosse, seria melhor você tirar o seu cavalo da chuva, porque não estou interessada. — Ela força um sorriso. — Algo mais?

— Somente isso — o homem responde, de cara fechada.

— Com licença.

Ela põe a cabeça no buraco retangular e informa os pedidos para o rapaz do outro

lado. Minutos depois, volta com os lanches nas bandejas. O primeiro a ser servido é o casal, logo em seguida duas garotas. Ela volta para buscar mais e, quando para na mesa do homem, o sorriso não está em seu rosto.

— Aqui está — diz, colocando o lanche em sua mesa.

Ele inspeciona o lanche rispidamente e depois o empurra, torcendo o lábio.

— Eu pedi sem tomate — seu tom de voz é áspero.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perdão, senhor — ela começa a dizer, mantendo a calma —, mas estava anotado no pedido...

— Está me chamando de mentiroso?

— Imagina. Só estou dizendo que...

— Você não tem que dizer nada. Está aqui para me servir, então faça algo de útil e ao menos anote os pedidos dos clientes corretamente.

— Certo, me desculpe. Irei buscar outro sanduíche sem o tomate.

— Esqueça — ele se levanta. — Perdi a

PERIGOSAS ACHERON

fome. Vou embora dessa espelunca e não pagarei um tostão sequer!

Percebo os olhares na direção dos dois. Ela está com os olhos arregalados, assustada, com vergonha e provavelmente temendo que essa situação lhe cause problemas.

Que jogo sujo, companheiro...

— Tudo bem. Me desculpe mais uma vez — ela baixa a cabeça e eu seguro com força a borda da mesa.

Não posso ir até lá. Não agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez isso sirva de lição para que você faça o seu trabalho direito.

O homem cospe no chão.

Ele atira o lanche no chão, também.

E ordena que ela limpe.

Ela apenas respira fundo e não diz nada.

Quando o homem se afasta, com um sorriso diabólico nos lábios, ela corre para a cozinha, Fauna em seu encalço. Vejo-a atirar o bloco de notas bruscamente no chão enquanto a amiga a

PERIGOSAS ACHERON

abraça.

Eu queria abraçá-la também, mas não posso.

Ela esconde o rosto na curva do pescoço da mulher, enquanto seus braços apertam ao redor da amiga.

E, silenciosamente, ela chora.

Valentina

No presente...

Dessa vez, eu fiz com que ele descansasse um pouco mais. Dessa vez, eu consegui com que ele tomasse o café da manhã, mas infelizmente eu não pude ficar por mais de meia-hora plantada no seu apartamento.

Eu tenho coisas a fazer, e Erick também. Nós estamos em um lance de amizade com benefícios, ou nem sei ao certo o que isso significa. Erick está começando a se abrir mais, porém ainda fala bem pouco sobre si, apenas o básico sobre a sua infância, o que me incomoda. Eu queria descobrir cada gosto seu, cada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

travessura de menino, mas eu sei que esse tipo de coisa é ultrapassar uma linha perigosa em sabe-se lá o quê que estiver rolando entre nós dois.

A semana passa rapidamente e, com isso, o fim do mês chega. Na segunda semana do mês seguinte, nada mudou. Beatriz, a secretária de Romero, ainda não voltou de viagem, Melissa continua emburrada por conta do emprego novo, mas permanece firme e forte na empresa. Eu e Erick continuamos nos vendo, estamos nos tornando cada vez mais íntimos e mantemos nosso relacionamento

PERIGOSAS ACHERON

em segredo. Decidimos juntos que seria melhor assim.

A cantina da faculdade está lotada quando eu e as meninas nos esgueiramos em busca de um lugar para sentar. As provas estão próximas e grande maioria dos estudantes se juntam no refeitório para fazer grupinhos de estudo, em vez de usarem a biblioteca.

— Vocês já pensaram para onde irão nas férias de fim de ano? — Vanessa indaga, assim que conseguimos nos acomodar em uma mesa.

— Ainda faltam alguns meses —
ressalto. — Mas, de qualquer maneira, é
bem provável que eu fique em casa.

Eu costumava visitar Melissa nos fins
de ano, mas ela está comigo agora, e sei
que tia Eurídice não faz questão alguma
de me ver.

— Eu estava pensando em alugarmos
um lugar para ficar. Um chalé ou *sei lá*.
Você poderia levar seu namorado
misterioso, Val.

— Quantas vezes eu vou ter que dizer
que não tenho namorado?

PERIGOSAS NACIONAIS

Cristina franze os lábios e Vanessa dá uma risadinha. Ignoro as duas e tento focar no meu lanche. Estou tentando abrir a garrafinha de suco quando um par de mãos bem tratadas, enfeitadas por belas unhas pintadas de preto, explanam em cima da mesa, bem diante de mim.

Ergo meu olhar e dou de cara com Giovana apoiada na mesa, seu tronco inclinado em minha direção. Não é preciso ter uma mente brilhante para se dar conta de que ela não está aqui apenas para dialogar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Algum problema? — Pergunto, sem me importar em disfarçar meu tom de desagrado.

— *Você* é o problema — ela responde.
— Um grande problema ambulante.

— Não estou a fim de discutir, Giovana. Me deixe em paz.

— Ora, ora — ela ri com ironia. — A vagabunda é corajosa o suficiente para abrir as pernas para o homem das outras, mas não tem coragem de encarar uma discussão?

PERIGOSAS ACHERON

Três segundos. É o tempo que o meu cérebro demora para processar as suas palavras.

— O que disse?

— Isso mesmo que você ouviu — Ela se aproxima mais de mim, altamente desafiadora. — Vagabunda.

— Eu não sei qual é o seu problema comigo, mas você mexeu com a pessoa errada, Giovana! — Me ergo, cega de raiva. Minha única intenção é avançar nessa cretina até que ela engula todas essas palavras de volta. Quem ela pensa

que é?

Antes mesmo que eu dê a volta na mesa, minhas amigas estão em pé, me segurando.

— Não caia no joguinho dela, Val — Vanessa me orienta. — É isso o que ela quer, causar um escândalo.

Giovana começa a rir.

— Agora a brincadeira ficou boa. O que temos aqui? — Ela leva um dedo ao queixo, fingindo estar pensativa. — Duas fracassadas e uma *vadia*.

Minha mente gira e eu tento acalmar meus nervos, incapaz de acreditar que ela vai ter a coragem de fazer isso. Não seria tão baixa.

Seria?

— Saia daqui, Giovana — Vanessa ralha. — Quem você pensa que é para falar assim da gente? Está drogada?

Nada consegue tirar da minha mente o "vadia" saindo da boca de Giovana. É apenas nisso em que consigo focar. Será que ela descobriu? Deus, eu acho que vou vomitar.

— Não estou contanto mentira alguma, querida. Vocês realmente são fracassadas, e a sua amiga é uma *puta* — ela volta a apontar para mim. — Quero que fique bem longe do meu noivo!

— Está louca? — Minha voz sai menos firme do que eu desejei e me odeio por isso. Não admito demonstrar fraqueza diante dessa vaca insensível, mas está difícil. — Eu não sei do que você está falando, Giovana. É melhor sair daqui agora.

Ela agora cruza os braços. Virou o

centro das atenções. Era isso o que ela queria desde o começo. O refeitório em peso está de olho em nós, e eu me controlo para não desabar.

— Vai se fazer de desentendida agora, Valentina? Que tal eu esclarecer para que todos ouçam... — ela faz uma pausa, seus olhos claros cintilando com malícia. Quando volta a falar, sua voz está mais alta e as palavras saem lentamente: — Que você já foi garota de programa?

O chão... Eu não estou sentindo-o sob meus pés. Forço as lágrimas presas em

PERIGOSAS NACIONAIS

algun lugar a fazerem seu caminho de volta e tento não ter uma crise respiratória com o grosso nó que se alojou em minha garganta.

Enquanto eu travo uma batalha interna contra as emoções que ameaçam fazer picadinho de mim, o restante do pessoal, salvo minhas amigas, estão murmurando coisas que agradeço aos céus por não estar sendo capaz de ouvir, todos provavelmente surpresos e curiosos

Giovana é cruel. Bem mais do que pensei.

PERIGOSAS ACHERON

Tento avançar para cima dela mais uma vez, mas as meninas ainda mantêm seu aperto em meus braços.

— Saia daqui! — Eu grito.

— O que foi? — Ela faz biquinho. — Está com vergonha? Mas eu acho que seus amigos têm o direito de saber a verdade sobre você, certo? Bom, inclusive de que você não é a *santinha* que todos pensam que é. E se está pensando que o Erick vai me abandonar para ter algo com você, está muito enganada. Ele é *meu* noivo, e é a mim quem ele ama. Ele só está com

PERIGOSAS NACIONAIS

você pela excitação de comer uma puta de graça.

— Sua desgraçada! — Com uma força que eu não sei de onde tirei, consigo me desvencilhar do aperto das meninas e avanço em Giovana.

Tudo acontece muito rápido e, quando dou por mim, estou montada nela, minha mão acertando sua cara cínica enquanto ela se debate sob mim. Ela começa a arranhar meus braços, tentando se livrar dos meus golpes ou puxar os meus cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

Entre tapas e insultos, sinto alguém puxar minha cintura para trás. São mãos masculinas. Contudo, estou tão cega de ódio, que me debato e acabo dando uma cotovelada em quem quer que seja.

— *Ouch!* — Me viro imediatamente ao ouvir o gemido de dor e percebo que foi Fred quem eu acertei.

— Oh, meu Deus — Levo as mãos à boca. — Me desculpe, Fred, eu...

Eu não termino a frase. Estou nervosa demais para isso. A imagem de Giovana falando todas aquelas coisas horríveis

ainda me atormentam. Ela é mesmo noiva do Erick?

Sinto minha cabeça começar a palpitar e meus olhos arderem. Eu sei o que virá a seguir, mas não estou a fim de protagonizar uma cena de choro, logo depois de toda a faculdade descobrir que fui prostituta e ainda me engalfinhar com uma das minhas colegas. Seria humilhante demais.

— Acabou a algazarra! — Fred grita para todos ao redor. A maioria já se dispersou logo que ele chegou. Depois ele

alterna o olhar entre mim e Giovana. —
Quero as duas na sala da reitoria. Agora.



— Eu andei falando com o meu pai e...
bem, vocês sabem que com uma briga
dentro da faculdade, o mínimo que
receberão de punição será uma suspensão,
certo? — Fred diz, apoiando as palmas
das mãos sobre a mesa de madeira escura.
— Vocês têm sorte de ele não estar aqui
hoje. As coisas seriam bem feias se ele
tivesse presenciado tudo.

Estremeço. O que Romero faria caso eu fosse suspensa por ter brigado dentro do campus da Pacheco soares? Meu Deus...

— Eu não admito isso, Fred — Giovana ralha. — Você só pode estar de brincadeira.

— Bom, Giovana, ao que tudo indica, f o i *você* quem começou com essa confusão toda. Então seria a primeira a levar uma punição adequada.

— Ficou maluco? O meu pai paga *muito bem* para que eu conclua a minha faculdade sem nenhum empecilho no meu

desempenho. Uma suspensão a essa altura do campeonato seria, no mínimo, inaceitável.

— Eu acho que você e o seu pai se esqueceram que quem dita as regras aqui é o *meu* pai — ele informa, se inclinando sobre a mesa. — Mas, para sua sorte, nós não queremos ser alvo de escândalos.

— O que quer dizer com isso? — Me manifesto, torcendo as mãos sobre minhas coxas.

— Quero dizer que vocês estão livres de punição, contanto que saibam se

comportar de hoje em diante. Sem mais confusão, por qualquer motivo que seja. Qualquer desentendimento, e não seremos piedosos.

— Pode deixar, *querido professor* — Giovana caçoa, recebendo de Fred um olhar nada amigável.

— Já pode sair, Giovana.

Ainda com o olhar debochado fixo nele, ela apanha sua mochila do encosto da cadeira e se levanta. A bolsa acaba esbarrando — prefiro acreditar que não foi propositalmente — em mim. Instantes

depois, estamos apenas eu e Fred sozinhos na sala. Ele, provavelmente, já encerrou o assunto comigo, mas não me informou se eu podia sair, então apenas aguardo sua palavra.

— Como você está? — Ele me pergunta, dando a volta na mesa e se aproximando de mim.

Mordo o lábio para não chorar. Eu me recuso a chorar.

Droga, sua idiota, não chore!

Ele suspira quando eu começo a

soluçar. O choro vem antes que eu consiga controlar. Então, de uma forma acolhedora, Fred envolve meus ombros com seus braços e acaricia minhas costas.

— Vai passar — me tranquiliza. — Eles irão esquecer, mais cedo ou mais tarde.

— Você não entende. Eu... — soluço — eu vou ser vista aos olhos de todo mundo como a ex garota de programa. Ninguém vai querer me respeitar depois disso, Fred. Meu Deus, eu preciso tanto desse curso. Preciso tanto do meu emprego...

— Você deve ter tido os seus motivos

para ter chegado a esse ponto, Valentina.
Ninguém deve julgar você.

— Falar é fácil — Ergo minha cabeça e me afasto dele. — O problema é que nem todo mundo pensa como você, Fred. Há muita gente preconceituosa e maldosa, assim como a Giovana. Pessoas que não vão se preocupar em procurar saber sobre tais motivos para me atirarem a primeira pedra.

Ele balança a cabeça e um esboço de sorriso surge em seu rosto bonito.

— Talvez você tenha razão, Valentina,
PERIGOSAS ACHERON

mas ninguém é perfeito. Eu falho, seus colegas falham e você falha também. E é isso o que você tem que mostrar a eles. Que mesmo sendo uma pessoa imperfeita, você tem o seu valor. Eu vejo a forma como maioria dessas pessoas olham para você. Você tem... não sei, tem algo *especial*. Algo que brilha em torno de você. Algo que contagia positivamente.

Bufo.

— Você não precisa dizer essas coisas só para fazer eu me sentir melhor, Fred.

— Não estou falando isso só com essa

intenção — ele diz. — Você pode não acreditar, mas estou sendo sincero.

Baixo a cabeça novamente e suspiro. Quando dou por mim, ele já está sentado ao meu lado, encarando-me de maneira compenetrada.

Diferente de Erick, Fred é esguio, com cabelos bem aparados e sem uma gota de tinta no corpo. As roupas são extremamente bem engomadas, o estereótipo de cara certinho, genro que toda mãe pediu a Deus. O tipo de cara que eu preciso, mas não sei se é o tipo de cara

que eu *quero*.

— Aquilo que a Giovana falou, a respeito do Erick... — ele vacila, desconcertado. — Sobre vocês dois estarem juntos. Ela estava blefando?

Seco meu rosto com as costas da minha mão e aceno negativamente com a cabeça. Não adianta esconder mais nada a essa altura do campeonato.

Ele apenas murmura algo e volta a me abraçar. Não recuo, embora queira. Ele é meu professor e estamos sozinhos na sala da reitoria, em seu local de trabalho, o

local onde eu estudo. É estranho. Mas ele é uma das poucas pessoas que sabem sobre mim e Erick, e eu preciso desabafar ou acho que vou explodir em vários pedacinhos.

— Bem, eu imaginei que isso fosse acontecer em algum momento, já que você passou a conviver com o avô dele e os dois tiveram algo no passado — ele fala.

— Há quanto tempo vem acontecendo?

— Não faz muito tempo — respondo. — Mas isso não importa agora, porque foi um erro. Erick não é quem eu pensei que

fosse.

— Você não pode dizer isso — ele fala.

— Está nervosa e magoada, eu entendo você, mas... precisa ter certeza dos fatos primeiro antes de começar a julgá-lo, não é?

— A única coisa que sei é que ele é um mentiroso — Minha voz sai amargurada.

— Se envolveu comigo, mesmo tendo uma noiva. Isso é inadmissível pra mim.

Ele suspira.

— Talvez ele não tenha agido de má fé,

Valentina — fala. — Pelo que sei, esse noivado com a Giovana nem existe, de fato. Acho que foi tudo uma ideia maluca da mãe dele.

— Talvez você tenha razão — falo. — Mas ainda estou muito chateada com toda essa história. Preciso tirar isso a limpo. Não vou sossegar enquanto não descobrir se ele me usou mesmo ou não.

— Faça isso, então — ele fala. — Ouça a versão dele.

Balanço a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um grande amigo, Fred —
forço um sorriso. — Acho melhor eu ir
para casa agora. Não estou me sentindo
muito bem.

— Eu levo você.

— Não precisa — recuso. — Muito
obrigada por tudo. Inclusive, por me
poupar da punição. Juro que não me
meterei em confusão tão cedo.

— Se cuida, Valentina — ele diz, me
acompanhando até a porta. — Se precisar
de algo, ou um ombro amigo, saiba que
estarei aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aceno para ele, indicando que compreendi, e me distancio. Já de costas para Fred, permito-me apagar o sorriso que forcei. Eu sei que não deveria tirar satisfações agora, visto o estado em que me encontro, mas há algo preso em minha garganta, um nó grosso se formando, e eu sei que não irá desaparecer enquanto eu não ouvir da boca de Erick toda a verdade.

Respiro fundo ao dar partida no meu carro e reúno todo o meu autocontrole enquanto sigo pela estrada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu precisarei dele.

Mais do que imagino.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

Erick

Eu não me lembro qual foi a última vez em que me senti angustiado. Para falar a verdade, não me senti assim nem quando o meu pai morreu. Eu me senti mal, é claro. Senti-me triste e tive uma vontade imensa de chorar, mas o sentimento que prevaleceu foi o remorso. Remorso por saber que a *culpa* foi minha. Remorso e raiva de mim mesmo por ser um filho da

puta fraco e tão *malditamente* orgulhoso.

Eu permiti que o meu pai morresse sem ao menos dizer que lhe amava uma última vez, e isso dói. É um dos piores sentimentos que se pode ter. Daqueles que sufocam e martelam na sua mente, uma e outra vez, em um grau absurdamente elevado. Culpa golpeia o seu cérebro, dor preenche o seu peito e melancolia afoga todo o sentimento bom que você ousou um dia sentir. O ódio também vem, com o tempo. Alguns dizem superar e decidem mascarar a verdade, culpando o destino. Eu sou realista. Eu me responsabilizo. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assumo o peso de todas as merdas que eu já fiz, inclusive ter sido um filho de merda.

Eu não imaginei que uma simples frase saída da minha boca pudesse surtir tanto efeito assim. Eu não imaginei que a nossa discussão idiota fosse a última interação que teríamos.

Eu não imaginei que tudo pudesse dar errado.

No entanto, estou sentindo isso agora. Essa nuvem de angústia que paira sobre mim e faz com que algo se retorça dentro

PERIGOSAS ACHERON

do meu peito como um animal enjaulado.

Valentina está bem na minha frente, me encarando de uma maneira que não me deixa nada confortável. Seus gestos são rígidos, quase como se ela estivesse a um passo de perder o controle.

— Está tudo bem? — Pergunto, notando sua respiração agitada. Seu semblante é uma máscara de raiva, roubando o lugar da costumeira expressão sempre tão gentil.

Quando fala comigo, sua voz é fria:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso entrar?

Sem mais uma palavra, me afasto do limiar da porta, dando espaço para que ela atravesse.

— Você não vai acreditar com quem eu andei conversando na faculdade —
Valentina dispara, virando-se para mim.

Meus olhos digitalizam cada traço do seu rosto, meus sentidos entrando em estado de alerta, e uma certa onda de desconforto se estabelece em cada músculo rígido do meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem? — Pergunto, tentando mascarar minha tensão.

— Giovana — ela sorri ironicamente e cruza os braços, analisando a minha reação.

Bem, porra, há merda por vir.

— A... Giovana?

— Sim. Você sabe, loira, alta, bonita e fútil. A mesma garota que estava grudada em você da vez em que nos encontramos naquela boate e você ficou bêbado.

Procurro não transparecer meu medo e

espero para ver até onde essa conversa irá nos levar.

— E que tipo de conversa vocês tiveram?

Ela dá outra risada irônica e seu lábio treme. Os olhos estão marejados, e a minha vontade é de esganar Giovana com as minhas próprias mãos, mesmo sem saber ao certo o que houve.

— Como você consegue ser tão cínico?

— Sua voz está carregada de indignação.

— Não precisa se fazer de desentendido, Erick. Não precisa fingir, pois eu já sei

de tudo.

— Sabe de tudo o que, Valentina?

— Sério mesmo que você vai continuar com esse jogo?

— Valentina, você está alterada. Beba alguma coisa e descanse. A gente pode conversar em uma outra hora...

— Eu quero conversar agora, Erick! — Ela explode. — O que você pensa que eu sou? Só porque fui prostituta, isso não lhe dá o direito de me desrespeitar!

— Como é? Eu nunca a desrespeitaria,

e você sabe muito bem disso.

— Será que não? Você tem uma *noiva* e mesmo assim permitiu que eu transasse com você, não é? Que nome você dá a isso? — Ela se aproxima mais e aponta um dedo em meu peito. — Você me subestimou. Não é porque você me encontrou naquela boate, cinco anos atrás, vendendo o meu corpo, que eu não mereça o mínimo de respeito!

— Valentina, olha...

— Você mentiu! — Ela me corta e vem em minha direção, empurrando-me.

Despejando em mim toda a raiva que provavelmente está sentindo. Eu não recuo. Talvez eu mereça isso. Eu *mereço* isso, porra. — Eu não exigi que você me amasse ou que colocasse uma aliança no meu dedo. Eu só pedi que você fosse sincero comigo, nada mais que isso, Erick. Mesmo jurando que não faria isso, me enganou, fez com que eu fosse para sua cama sem me dizer que tinha uma noiva. Meu Deus, como fui idiota!

Merda.

O arrependimento e a culpa por não ter

falado para ela sobre Giovana a tempo me golpeiam em cheio. Garota desgraçada. Sempre fazendo de tudo para foder com a minha vida. Como eu fui idiota em não imaginar que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde? É claro que Giovana faria algo do tipo, e é claro que iria me custar um bom jogo de cintura para fazer com que Valentina acreditasse na minha palavra.

— Eu posso explicar. — A frase é clichê, mas em meio ao meu desespero, é a primeira coisa que me vem à mente. — Só me dê alguns minutos e eu vou

PERIGOSAS ACHERON

explicar tudo pra você.

— Oh, certo, explique-se — ela fala. —
Me diga que vocês não são noivos. Diga-me que isso é tudo uma mentira, Erick.

— Nós somos noivos, sim, mas não temos nada — me apresso em dizer. — Os nossos pais que inventaram essa história ridícula de noivado, dez anos atrás. Eu era só um adolescente, uma marionete. Não foi como se eu estivesse de acordo com isso.

— Não têm nada? — Ela fala, ainda sem acreditar. — Bom, então me explique

porque ela estava com você naquela noite na boate, e porque ela agiu comigo como um animal feroz reivindicando espaço. Eu fui *humilhada*, Erick!

Ódio se apodera de mim. *Aquela desgraçada.*

— Val, me escuta, a Giovana é maluca. Ela vive no meu pé, mas eu não tenho nada com ela. Ela está com raiva de mim e está fazendo de tudo para me infernizar. Eu nem sequer gosto dela.

— Ok — ela suspira e sua voz se abrandava. — E por que você não me contou

sobre ela desde o começo, então?

— Porque ela não significa nada para mim, porque eu nunca enxerguei o que tínhamos como algo importante o suficiente para que exigisse um esclarecimento. Simplesmente achei que fosse irrelevante, me desculpe.

Ela parece mais calma agora. Seu peito ainda sobe e desce com força. Sinto que ainda se controla para manter-se de pé, mas pelo menos parou de gritar comigo.

— Então... quer dizer que vocês nunca tiveram nada?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada.

— Nem transaram?

— Valentina, por favor...

— Responda, Erick — ela insiste, ansiosa. — Você chegou a transar com ela?

Como explicar que eu dormi com ela uma única vez e ainda estava bêbado quando isso aconteceu?

— Sim — Prefiro ser sincero, mas ao notar sua expressão, percebo que não foi uma boa ideia.

PERIGOSAS ACHERON

— Na mesma cama em que a gente... —
sua voz falha — que a gente dormiu?

Não respondo. Não é preciso. Ela já se
deu conta da verdade.

Seu rosto volta a adquirir a mesma
expressão de ódio que ela tinha quando
entrou aqui. Ela está magoada comigo e
isso me machuca. Dói tanto em mim
quanto imagino que esteja doendo nela.

— Tem uma noiva — sua voz sai rouca,
nada firme —, *transa* com ela e ainda vem
me dizer que vocês nunca tiveram nada?
— Ela balança a cabeça. — Pensei que

você tivesse um pouquinho mais de caráter, Erick. Foram feitos um para o outro.

— Não fala isso, Val...

— Você mentiu duas vezes! — Acusa, cortando minhas palavras. — Disse que ninguém tinha dormido naquela cama além de mim, e eu feito uma idiota achando que era especial pra você.

— Você *é* especial pra mim, Valentina. É mais importante do que qualquer outra mulher que eu conheci em toda a minha vida. Eu errei, sim. Fui um mentiroso e

idiota por ter achado que seria melhor esconder o que rolou entre mim e Giovana, mas eu juro pra você, eu não menti quando disse que não trago ninguém para a minha cama. Giovana foi um erro bêbado, que eu fiz questão de apagar. Acredita em mim.

— Eu quero muito acreditar, Erick, mas a confiança que eu tinha em você está precariamente abalada — ela diz. — Preciso de um tempo para esfriar minha cabeça, pra colocar meus pensamentos em ordem. — Ela abre um sorriso triste e irônico. — Agora, graças à sua... *não*

PERIGOSAS ACHERON

noiva, a Pacheco Soares em peso sabe o que eu fazia para viver. Ela jogou bem pesado, me permito admitir.

Essa informação me deixa ainda mais furioso.

— Como ela ficou sabendo disso?

— Diga-me você — ela fala, e seu tom acusatório não me agrada em nada. — Provavelmente foi alguém que tem contato com ela e sabe do meu passado. Não há muitas opções a se considerar.

— Agora você está me acusando de ter

PERIGOSAS NACIONAIS

contado tudo a ela?! — Minha voz sai com uma boa dose de desespero e mágoa. Como ela pode cogitar um absurdo desses?

— Eu não sei — ela diz, parecendo seriamente confusa e triste. — Eu só... desculpe.

— Val, por favor, me ouça... — Seguro seu braço, tentando trazê-la para mais perto de mim, mas ela o puxa de volta.

— Um tempo, Erick — fala. — Só estou pedindo um tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Solto uma maldição e passo as mãos pelos cabelos, frustrado.

Sua mão desliza sob seus olhos e seu nariz. Ela me dá uma última olhada antes de respirar pesadamente e se virar.

Sim, ela simplesmente me dá as costas.

Ela abre a porta com mãos trêmulas.

E ela sai do meu apartamento.

Ela me deixa.

Desabo no sofá e exalo todo o ar pesado que se alojou em meus pulmões.

PERIGOSAS ACHERON

Inferno, ela me deixou...

Estou cego de ódio e a dor ainda não
foi embora.

— Filha da puta.

Giovana me paga.

CAPÍTULO 23

Erick

Seis anos atrás...

Me recosto no muro de concreto pichado e puxo o cigarro que estava preso na minha orelha. Com o isqueiro de metal de uma coleção rara dos anos oitenta, acendo e dou um longo trago enquanto observo a movimentação.

São, aproximadamente, dez horas da noite e não há um fluxo muito grande de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas por aqui — o que não deixa de ser normal, em um local como esse, numa hora dessas. Não é prudente. É bem arriscado, até, pessoas se esgueirarem por essas quebradas tão tarde. Mas pouco me importo com essa merda. Para falar a verdade, estou aqui já faz um bom tempo.

Vi quando a lanchonete fechou para os clientes. Vi quando minha Moça Bonita saiu. Vi quando subiu em um ônibus e sentou-se em seu local habitual, enquanto puxava algo da bolsa (provavelmente seu livro), mas dessa vez não a segui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa vez fiquei em pé, parado em um ponto não muito distante da lanchonete.

Dessa vez, tenho algo importante para fazer.

Por ela.

Só por ela.

Já estou no fim do meu cigarro quando, finalmente, a noite começa a ficar divertida. Observo o cara que surge de um bar próximo, cambaleando feito um cão sem rumo. Ele está suado e sujo, provavelmente fede como um porco, e

PERIGOSAS ACHERON

meu lábio se retorce em desagrado.

Eu já o vi por aqui diversas vezes. Faz uma semana que tenho o observado e sei qual a sua rotina diária, que se resume basicamente em assediar garotas com idade para serem suas filhas e encher a cara até provavelmente não se lembrar nem do próprio nome.

Esse idiota não perde por esperar.

Jogo a guimba de cigarro no chão e apago com a ponta da minha bota. Passo os dedos rapidamente por meu cabelo, para tirá-lo da minha testa, e ando em

direção ao cara. Ele para diante de uma lata velha e enfia a mão no bolso traseiro da calça, alheio a tudo, inclusive à minha presença bem atrás dele.

Percebendo que algo não está certo, ele resolve se virar. Mas quando isso acontece, já é tarde demais. Minhas mãos prendem seus pulsos para trás e seu peito vai de encontro ao capô do carro velho, em um baque violento.

— A noite está interessante, não? — Eu falo, me inclinando para que ele me ouça.

O homem se debate sob mim,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

balbuciando palavras com dificuldade, mas eu imponho mais força, até conseguir que ele se aquiete.

— Que diabos...? Você vai quebrar o meu braço, me solte!

— Não seja tão tolo. Seria bem menos divertido se eu quebrasse o seu braço agora. Terei tempo suficiente para lhe fazer sentir muito mais dor que isso.

— Cara, eu não tenho dinheiro, está legal? — Ele volta a gritar assustado. — Me solte...

PERIGOSAS ACHERON

— E o que te leva a pensar que eu quero o seu maldito dinheiro? — Meu aperto se intensifica e ele geme. — O que foi? É durão o suficiente para assustar garçonetes indefesas e não é para se libertar? *Tsc tsc*, que decepção, amigo. Um homem deste tamanho...

Ele tenta se virar novamente, o que só faz com que seu braço fique em uma posição ainda mais desconfortável. Sem opção, ele volta para a posição anterior.

— Merda! Quem é você? — Rosna. — Olha, eu não sei do que está falando! Não

PERIGOSAS NACIONAIS

sei quem você é, só me deixe em paz e tudo ficará resolvido.

Eu solto uma risada irônica.

— Não sabe? Bom, deixe-me refrescar a sua memória: Uma semana atrás, pela manhã, você entrou naquela lanchonete ali e humilhou e jogou sujo com uma das garçonetes. Você a perturbou, você a assediou, e o pior de tudo... você a fez chorar. Sabe o quanto elas têm que trabalhar para ganhar aquelas malditas gorjetas? Sem contar que você se recusou a pagar um lanche inteiro também, e isso

PERIGOSAS ACHERON

será descontado do salário dela no fim do mês. Você feriu os sentimentos de uma garota a custo de nada, só porque o seu ego de homem pervertido não soube lidar com uma rejeição. Você é uma vergonha.

— Deus, homem! Quem é você?

— Não interessa — digo. — A única coisa que importa agora, é o fato de que eu estou muito irritado com essa situação, e a vontade de encher essa sua cara feia de hematomas só cresce. Mas, como eu sou um cara bom, irei lhe dar uma chance de se redimir. O que acha?

— Eu acho que você deveria ir se foder.

— Resposta errada... — eu puxo seu braço com força, fazendo com que ele sinta mais dor. — Qual o seu nome mesmo?

— Ca-carlos — ele gagueja.

— Certo, Carlos, o negócio é o seguinte: eu não sou muito paciente e parece que você ainda não notou isso, portanto serei claro e objetivo. Você vai pedir desculpas a ela, você vai fazer um pedido em alto e bom som. Você vai dizer que foi um idiota e vai reembolsá-la por

PERIGOSAS NACIONAIS

todo o prejuízo que lhe causou.

— E por que eu faria isso?

— Podemos começar pelo fato de que eu não lhe dei escolha, contudo, talvez eu lhe dê uma segunda opção: ou você faz o que eu disse, ou terá essa sua cara feia fundida naquele muro de concreto. E se isso não for o suficiente, eu posso procurar você até no inferno e arrancarei suas bolas. Você me compreendeu?

— S-sim, caramba... você... você é o namorado dela?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como eu falei antes, não interessa quem eu sou, Carlos. — Puxo minha lapiseira do bolso e pressiono a ponta contra as suas costas. — Está sentindo isso? Bom, eu tenho armas tão afiadas quanto essa guardadas em meus bolsos. Eu posso fatiar você como um pedaço de presunto e atirá-lo aos urubus no dia seguinte. Não seria a minha primeira vez fazendo isso.

— Deus, não me mate. Eu peço desculpas à sua namorada, faço o que quiser, mas não me mate!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Colabore comigo e nada acontecerá com você — blefo e, diante do seu desespero, eu me controlo para não rir. Que idiota. — Posso ser bem perigoso quando quero, então, só peço que colabore comigo. Você me entendeu?

Ele balança a cabeça freneticamente em sinal afirmativo.

— Vai fazer o que mandei?

— Sim.

— Certo. Não se esqueça que quero isso para amanhã, sem falta. Você também

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irá pagar o lanche que pediu e não comeu. Desperdício de comida não é uma atitude muito legal.

— Ok — ele assente.

— Já pode ir — decreto. — Mas não se esqueça de que estarei observando cada passo seu, então não cometa mais nenhum deslize. Estamos entendidos?

Ele balança a cabeça novamente.

— Bom garoto — deslizo a lapiseira de volta para o meu bolso e libero seus pulsos. Ele geme de dor enquanto

PERIGOSAS ACHERON

endireita os ombros. — Agora, cai fora.

Suas pernas disparam para longe de mim e eu me afasto, esperando ele se distanciar.

Algun tempo depois, vou para casa e me tranco em meu quarto. Pego o meu caderno e todo o material que uso para o desenho e começo a desenhar.

Mais uma vez, os cabelos escuros e a pele que aparenta tão macia começam a tomar forma em minha mente. Eu queria poder tocá-la, ao menos uma vez, mas eu sei que não há muito o que eu possa fazer

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto a isso. Não poderá haver nada entre nós dois. Somos diferentes, diferentes em tudo. Sem contar no fato de que eu não sou digno dela. É como se ela fosse um rio de águas límpidas e serenas, e eu fosse um antro de poluição.

Atiro para o alto os pensamentos dolorosos e volto a desenhar. Ao tentar esboçar o cabelo e as feições delicadas de um desenho aleatório, me vem imediatamente os traços da Moça Bonita na minha cabeça.

O que está acontecendo comigo?

PERIGOSAS ACHERON

Dias atuais...

A criada da enorme mansão moderna se surpreende ao me ver parado do outro lado da porta. Seu olhar e comportamento é um misto de nervosismo com amedrontamento.

— Os patrões não estão em casa — ela se apressa em dizer enquanto passo por ela.

— Eu serei breve. Onde está Giovana?

— Como?

— A Giovana — repito, impaciente. —
Onde ela está?

— Lá em cima... quer que eu chame?

— Não é preciso.

Subo as escadas, e quando bato na porta do quarto de Giovana, não recebo nenhuma resposta de volta. Irritado, giro a maçaneta e ela cede. Sem me dar ao trabalho de perguntar se posso entrar, escancaro a porta e encontro Giovana seminua em cima de sua cama.

— Erick? — Ela arregala os olhos. — O

PERIGOSAS NACIONAIS

que faz aqui?

— Vim conversar com você.

Em cima da cama, algo se mexe. Esse algo possui braços, pernas e uma cabeça que se ergue lentamente. A expressão confusa em seu rosto dá lugar ao pânico quando ele se dá conta de que tem mais alguém os observando.

— Cai fora — Basta essas duas palavras para que o desconhecido se levante rapidamente e apanhe suas roupas no chão, correndo para fora logo em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

Ao voltar o meu olhar para Giovana, vejo que ela está sorrindo languidamente. Os olhos claros faíscam com uma falsa perspectiva.

— Crise de ciúme? — Seu sorriso se torna sedutor. — Ele não era tão bom quanto você...

— Estou pouco me lixando para quem você abre as pernas — a corto. — O motivo de eu estar aqui é outro, e o motivo de eu tê-lo mandado embora é porque o assunto que venho tratar não diz respeito a ele.

Seu sorriso desaparece.

— O que quer aqui, Erick?

— Já falei — respondo, com uma falsa serenidade. — Conversar.

— Conversar sobre o quê, exatamente?

— Sobre a sua insistência em se meter na minha vida — digo. — Eu lhe avisei, mas você se recusou a me ouvir. — Meus olhos varrem lentamente o quarto, assim como meus passos. — Talvez se você tivesse recebido uns tapas quando criança, não estaria agindo como uma

mau-caráter na maior parte do tempo.

Abro as gavetas do criado mudo, uma por uma, e ela se levanta da cama, vindo em minha direção.

— Está me ameaçando, Erick? Vai me bater?

— Não seja ridícula — Olho para ela.
— Por mais que essa ideia soe tentadora, eu tenho escrúpulos. Bem diferente de você.

Vou até seu guarda-roupas e o abro. Começo a remexer nas gavetas, em busca

do que tanto anseio encontrar.

Infernos. Tem que estar por aqui!

— O que você está fazendo? Pare de mexer nas minhas coisas, Erick!

Não dou ouvidos a ela e continuo com a minha busca, até tatear uma caixa preta em meio aos seus sapatos. O objeto não pesa muito (o suficiente para se confundir com as dezenas de caixas de sapato enfileiradas uma ao lado da outra), mas eu sei que esta, em especial, tem um significado bem diferente para ela.

Abro a caixa lentamente e Giovana congela.

— Ora, ora... — Abro um sorriso irônico ao olhar em sua direção. — Me parece que algumas coisas nunca mudam com o tempo, não é mesmo?

— Me dê isso, Erick — Ela avança em busca da caixa, mas eu me esquivo, tirando de seu alcance. — Seu cretino. Você não tem o direito de mexer nas minhas coisas!

— Você me disse que tinha parado com isso, Giovana. Que coisa feia. Vamos ver

o que temos aqui — Ignoro seu protesto e começo a retirar os inúmeros frascos e pacotinhos de dentro da caixa, bem como algumas seringas e cigarros de maconha já prontos. — Uau, eu sempre soube que o Nicolas era um mau exemplo, mas induzi-la a voltar a usar as merdas dele? Essa é nova.

— Não é da sua conta o que eu faço ou deixo de fazer!

— É da minha conta desde que envolva os meus assuntos — disparo. — Quem foi que contou a você sobre ela? Foi o Nick?

PERIGOSAS NACIONAIS

Vocês estão bem próximos, não é mesmo?

— Eu não sei do que você está falando...

— Não se faça de tonta, Giovana. Ele andou contando sobre o passado da Valentina, e você aproveitou a primeira oportunidade para humilhá-la na frente de todo mundo, estou errado?

— Erick, eu... — ela se interrompe quando eu começo a despejar no chão todos os entorpecentes de dentro da caixa.
— Me devolva isso!

PERIGOSAS ACHERON

— Você não é melhor que ela — eu falo. — Não é melhor em absolutamente *nada*, porra! Me ouviu bem? Em nada!

— Foda-se o que você diz! Isso não a torna melhor que eu também — ela rebate.

— Não mesmo — digo. — Porque, no fim das contas, ninguém é melhor que ninguém, Giovana. Todos nós temos um teto de vidro, e esse teto pode desmoronar a qualquer momento. Hoje, foi Valentina. Amanhã, talvez seja você.

Ela tenta mascarar seu temor com uma

PERIGOSAS ACHERON

risada fria.

— Está me ameaçando, Erick?

— Tome isto como um *aviso* — Me aproximo dela, meus olhos analisando os seus. — O que acha que seus pais diriam, caso descobrissem o que você esconde dentro do armário? Hein?

Ela balança a cabeça.

— Você não faria isso.

— Acha mesmo que eu não faria?
Pensei que fosse menos ingênua, Giovana.

— Erick...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero um pedido de desculpas.

— O quê?!

— Exatamente o que você ouviu.

Ela assume uma expressão transtornada enquanto passa as mãos trêmulas pelos cabelos.

— Ok — umedece os lábios. — Me desculpe.

Cruzo os braços. Se ela pensa que vai ser tão fácil assim, está muito enganada.

— Não estou falando de mim. Você vai se desculpar com ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Como é? Nem morta! — Exclama.

— Bom, então eu acho que o seus pais adorariam saber que a filha é uma viciada que não faz mais nada de interessante na vida além de...

— Não! — Ela me corta, desesperada.
— Sério, Erick, não faça isso. Eles... eles ameaçaram me colocar para fora de casa da última vez. Não sobreviveria se isso acontecesse.

— Então peça desculpas a ela — digo, nem um pouco abalado com sua conversa comovente. — Na frente de todos. Da

mesma forma que você fez no momento em que decidiu humilhá-la.

Ela bufa, indignada.

— Você só pode ter enlouquecido.

— Nada disso. Eu só estou no meu limite — informo. — E espero que prepare o melhor pedido de desculpas da sua vida, pois ela não merece menos que isso.

— Eu te odeio, Erick — ela rosna em minha direção. — Odeio vocês dois!

— Pouco me importa, Giovana. Você

PERIGOSAS NACIONAIS

tocou na ferida errada e vai pagar por isso — Chego mais perto, ódio gotejando em minhas veias. — E da próxima vez em que você ousar interferir na minha vida de novo, ou ousar sequer dirigir uma palavra ofensiva a ela, seja por conta desse falso noivado ridículo ou qualquer outra merda, eu não serei piedoso em te alertar.

Não espero por sua resposta. Não tenho mais o que fazer aqui. O meu recado já foi dado, e se ela tiver o mínimo de inteligência não hesitará em consertar a burrada que fez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ignoro seu olhar molhado e semblante de ódio quando lhe dou as costas e saio do quarto imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 24

Valentina

A manhã está em uma temperatura agradável quando estaciono o meu carro e atravesso os portões da Pacheco Soares. Reúno todo meu estoque de reações indiferentes e sigo pelo pátio, fingindo não notar os olhares alheios em minha direção.

Já faz alguns dias que não apareço na universidade. Suponho que boa parte do

peçoal que presenciou toda a confusão com a Giovana está criando especulações sobre mim. Os que não presenciaram, provavelmente, já sabem de tudo. Eu posso julgar isso pela forma como alguns cochicham, outros fazem cara de nojo e há aqueles que me fitam com pena. Odeio que sintam pena de mim, mas permaneço com postura firme o caminho todo até a minha sala.

Hoje é um dos dias em que um dos nossos professores não apareceu para dar aula, e Fred está novamente como substituto. O olhar que ele me lança logo

PERIGOSAS ACHERON

que me vê é reconfortante.

Cristina e Vanessa estão sentadas em seus lugares costumeiros, e eu apenas sorrio para elas, evitando me sentar perto delas para não desencadear em mais transtornos.

A aula começa e eu passo o tempo inteiro praticamente no piloto automático. Ignoro a maior parte das pessoas que me encaram ou ainda murmuram comentários a meu respeito e finjo focar nas minhas tarefas acadêmicas.

No fim da aula, eu me apresso em

PERIGOSAS ACHERON

arrumar as minhas coisas para sair.

— Valentina! — Ouço a voz de Fred e me viro para ele.

— Olá — Forço um sorriso.

— Como você está?

— Estou bem.

— Me parece um pouco abatida — aponta, encolhendo os ombros.

Na verdade, eu não dormi uma noite inteira desde aquela confusão. Pensei muito em Erick e chorei. Chorei e remói tudo o que me aconteceu. Sei que é ruim

agir dessa forma, e que isso só irá piorar a minha situação. Mas é fácil falar, sentir o que estou sentindo é bem diferente.

— Está tudo ótimo, Fred. Não se preocupe — eu digo, tentando parecer convincente.

— Tem certeza? Olha, se precisar de mim para qualquer coisa, não hesite em falar comigo.

— Pode deixar, obrigada — falo. — Preciso ir.

Ele não diz mais nada, apenas acena

com a cabeça. Me despeço dele e sigo em direção à cantina. Como sempre, o local está cheio, e custo a encontrar um lugar vazio. Penduro minha bolsa no encosto da cadeira e abro um livro qualquer, só para passar o tempo. Não sei quantos minutos se passam, mas distingo a presença de duas pessoas que deslizam, ao mesmo tempo, nos bancos vazios diante de mim. Desvio meu olhar do livro, encarando Cristina e Vanessa.

— Se pensou que fugir da gente seria fácil, está muito enganada — A loira é a primeira a dizer.

— Exatamente — Cris complementa. —
Por que não se sentou com a gente na
aula?

— Eu não queria submeter vocês ao
constrangimento de ficar ao meu lado —
respondo com sinceridade. — Sei como
vocês devem estar achando isso
embaraçoso, e não as culpo por isso.

— Valentina, nós conhecemos muito
bem a Giovana — Vanessa fala. —
Sabemos que ela não é flor que se cheire,
e jamais ficaríamos contra você e a favor
de uma cobra invejosa que inventa

mentiras dos colegas por ciúme.

— Mas é aí que está o problema... —
Troco um olhar tenso com ambas. — Ela
não mentiu quando disse todas aquelas
coisas.

Minhas amigas ficam estáticas.

— Oh, bem... — Vanessa diz. — Isso
me pegou desprevenida, mas não muda
nada. Você deve ter tido seus motivos
para fazer o que fez, e isso não é da conta
de ninguém.

— Ela tem razão — Cris a apoia. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Gostamos de você pelo que você é, e não vamos lhe virar as costas no momento em que mais precisa da gente.

— Você é nossa amiga, Val — Vanessa sorri. — Nós não costumamos ser amigas de todo mundo, mas você conquistou o seu espaço, então sugiro que o valorize!

Consigo sorrir genuinamente pela primeira vez desde que toda essa confusão começou.

— Eu não sei o que faria sem vocês.

Elas estendem uma mão na mesa e eu as

PERIGOSAS ACHERON

cubro com a minha.

— Então está tudo certo? — Cris diz.

— Nada de nos sentarmos separadas novamente.

Sorrio outra vez, um pouco mais tranquila, mas o meu sorriso logo se esvai quando noto que não estamos mais sozinhas. Puxo minha mão de cima da mesa e encaro Giovana.

— Podemos conversar? — Ela pergunta.

— Você não é bem-vinda aqui, Giovana

— Vanessa dispara. — Dá o fora.

— Serei breve — Ela ignora minha amiga e continua focada em mim.

— Espero que seja mesmo — eu digo, cruzando os braços. — O que quer?

— Eu quero... — Giovana pausa e suspira — quero pedir desculpas.

Vanessa engasga, Cristina arregala os olhos, eu congelo.

— Como?

— O que você ouviu — Sua voz fica um pouco mais alta. — Quero pedir desculpas por tudo o que falei. Eu não deveria

trazer à tona um assunto tão delicado.

— Ela ficou louca? — Vanessa provoca.

— Pode repetir um pouco mais alto, querida?

Giovana lança um olhar mortal para a minha amiga, mas não hesita:

— Me desculpe, Valentina. Eu errei ao ter feito aquilo e me arrependo imensamente.

Pausa.

Uma longa e tensa pausa.

Limpo minha garganta e a coloco para

funcionar:

— E o que fez você se arrepender tão facilmente?

Giovana olha para os dois lados, provavelmente constrangida. Noto que há pessoas nos observando, ouvindo toda a conversa. Ela torce a alça da sua bolsa e umedece os lábios antes de responder:

— Eu andei pensando e... bem, eu só achei que você merecesse um pedido de desculpas, sabe? Por eu ter sido tão... desagradável.

Desagradável é um eufemismo para descrever o que ela fez comigo. Eu rotularia isso como, no mínimo, cruel e agressivo, mas não quero viver a minha vida carregada de rancor e mágoa. O pior já aconteceu, só me resta encarar as consequências e seguir em frente.

— Ok — eu digo. — Não que isso mude o sentimento de asco que tenho por você, mas aceito seu pedido de desculpas.

— *Como é que é?! —* Vanessa parece indignada. — Valentina, eu não acredito que você vai perdoar essa mulher depois

de tudo o que ela fez.

— Ela fez a parte dela, estou fazendo a minha. — Respondo, sem tirar os olhos de Giovana.

Algo de muito estranho está acontecendo, e eu fico por longos minutos aguardando algum maluco surgir com uma câmera e atirar um monte de confetes em mim, informando que caí em uma pegadinha.

Mas nada disso acontece.

Giovana também não volta a me

insultar. Ela apenas força um sorriso, pede licença e caminha em direção à saída.

Depois de Erick, Giovana acaba de se tornar a pessoa mais incompreensível que eu já conheci.



Ponho minhas coisas no banco traseiro do carro, e em seguida tomo o assento do motorista. Já passa do meio-dia, e a temperatura não é mais a mesma de

quando cheguei no começo da aula. Ligo o jato d'água e aciono o limpador de para-brisa para remover a poeira acumulada, lembrando-me de que terei que levar meu carro em um lava-jato o quanto antes.

Eu já estava juntando dinheiro há algum tempo para levá-lo para o conserto e reparar algumas irregularidades. Sorte a minha que Erick fez esse servicinho por mim.

Um sentimento amargo me preenche o peito no mesmo instante.

Mesmo tentando não pensar, é

PERIGOSAS NACIONAIS

impossível não me recordar de Erick e em como minha vida deu uma guinada inacreditável desde que ele entrou nela. Eu não gosto de imaginar, muito menos reconhecer, que noventa por cento do meu tempo feliz, eu devia a ele.

Gemo e recosto a cabeça contra o banco de couro.

Cristo, por que não paro de pensar naquele idiota?!

Desligo o limpador de para-brisa, pronta para sair do estacionamento, mas então eu sinto o meu telefone vibrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu peito se aperta quando vejo que é Erick. Ignoro o meu lado estúpido que está louco para ouvir sua voz e decido não atender.

Dou partida no carro e tento reorganizar a minha mente. Por mais que eu esteja com vontade de falar com ele, e por mais que agora eu reconheça que talvez exagerei em julgá-lo daquela maneira, as coisas ainda estão bem recentes, eu sinto como se fosse explodir a qualquer momento. Um tempo é realmente o que eu preciso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dispersa em meus pensamentos, mal percebo o sinal do semáforo logo à frente mudar de verde para laranja. Quando a luz vermelha se acende, eu tento frear, mas o pedal afunda.

O quê?

— Droga! — Tento frear novamente, e nada.

Merda, merda, merda.

Ok, Valentina, não surte. Pense. Pense rápido.

O fio de controle que eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mantendo até então se rompe quando percebo que estou entrando em uma área movimentada.

Oh, meu Deus.

Uma bicicleta.

Um grito de pânico.

Uma derrapagem brusca.

Tudo o que vejo depois disso, é um borrão, antes de meu carro colidir com força em algo duro e meus pulmões lutarem por ar. Meus olhos buscam por visão e eu apenas rezo para que esse não

PERIGOSAS ACHERON

seja o meu fim.

Erick

Meu telefone toca minutos depois de eu ter ligado para Valentina, e seu nome brilha na tela. Confesso que fiquei surpreso, pois nunca imaginei que ela me ligaria de volta. Nunca imaginei que eu seria idiota o suficiente para insistir em falar com ela, mesmo sabendo que ela me deseja o inferno eterno agora. Eu não sei o que está acontecendo comigo, mas eu

PERIGOSAS NACIONAIS

queria ao menos saber se Giovana cumpriu com a sua palavra. Era o mínimo que eu poderia fazer para me redimir, afinal essa confusão toda se desencadeou por culpa minha. Mesmo que indiretamente.

Não hesito em atender o telefone, ansioso pelo fato de ela finalmente ter decidido falar comigo, mas o tom que vem do outro lado da linha me deixa preocupado.

É uma voz masculina. Uma voz que eu nunca ouvi antes.

PERIGOSAS ACHERON

— Val? — Indago cautelosamente. — O que está havendo?

— O-olá — O homem me parece nervoso. — Olha, eu não sei o que aconteceu ao certo, mas a moça... aconteceu um acidente... seu número era o mais recente na lista de chamadas da moça, então eu pensei que...

Aconteceu. Um. Acidente.

Minha mente tenta assimilar essa informação.

Meu cérebro queima com essa

informação.

Meu peito se contrai e algo dentro dele parece se quebrar com essa maldita informação.

Um acidente.

Deus do céu, Valentina...

— Você não está fazendo uma brincadeira de mal gosto, está? — Eu grito, ao mesmo tempo em que busco freneticamente pelas chaves do meu carro. Droga, onde estão?

— Não, senhor — ele repete. — Eu juro

que estou falando sério. Ela bateu o carro na parede de uma loja, bem próximo ao centro da cidade.

— Endereço? — O homem me informa o local enquanto eu ainda tateio pelas minhas chaves. Meu nervosismo se intensifica. Finalmente, consigo encontrá-las. Mal dá tempo de fechar a porta do apartamento quando sigo feito louco rumo ao estacionamento — Certo. Logo estarei aí.

Canto pneu enquanto corto vários automóveis na pista movimentada. Meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamentos estão a mil, mas tenho que tentar manter o controle.

Valentina não está bem. E se *algo* acontecer com ela, eu não sei o que farei de hoje em diante.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

Erick

Meu coração palpita aceleradamente. Inúmeros pensamentos me massacram de forma impiedosa.

Um acidente.

Só em pensar nisso, já sinto um nó se formando em minha garganta. Algo que congela em um ponto específico, me impedindo de respirar.

Nostalgia.

Um sentimento comum, mas que eu sempre odiei. Eu odeio relembrar os momentos ruins do meu passado, muito menos revivê-los. Imagino que esta seja a forma mais cruel de se castigar alguém. Se realmente existe um ser divino que controla tudo e todos, ele provavelmente está rindo da minha cara agora.

Penso em como Valentina deve estar. Será que ela está consciente? Será que se lembra do acidente? Será que se lembra de *mim*? Infernos, eu preciso vê-la!

PERIGOSAS NACIONAIS

Só tenho tempo de estacionar e correr até o aglomerado de gente, quando chego no local do acidente. As sirenes e luzes de polícia e ambulância são um adicional para irritar os meus sentidos. Mas isso pouco me importa agora. Quero apenas saber de Valentina.

— Onde ela está? — Grito para o primeiro que vejo próximo à ambulância. Vejo a bolsa e o celular de Valentina em suas mãos e logo me dou conta de que é o homem que falou comigo pelo telefone.

— Você deve ser o Erick, certo? — Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me entrega os pertences.

Tomo as coisas de Valentina de sua mão, e ele acena para a ambulância, dando espaço para que eu passe. Há uma quantidade considerável de pessoas aqui (como sempre acontece quando ocorre um acidente. *Bando de urubus*).

— O senhor é parente da vítima? —
Uma moça vestida num uniforme de paramédico questiona quando tento me aproximar.

— Eu sou o namorado dela — digo. —
Me deixe ir junto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher me olha por alguns segundos antes de assentir, permitindo que eu me junte a eles. Subo no fundo da ambulância, onde há uma maca armada e um corpo pequeno totalmente imóvel em cima dela. Me aproximando ainda mais, percebo que ela está com o pescoço imobilizado, mas me parece bem e está respirando. Eu solto a minha própria respiração.

— Erick? — Ela diz com voz confusa.
— O que faz aqui?

Seguro sua mão e passo o polegar

PERIGOSAS ACHERON

suavemente sobre a pele macia.

— Eu vim ficar com você — respondo.

— Vai ficar tudo bem.

Ela tenta erguer a cabeça, mas logo desiste, voltando para a sua posição inicial.

— Pare de tentar se mover, isso pode ser perigoso — advirto, tirando alguns fios de cabelo da sua testa. Ela me olha desconfiada, ainda arisca, mas por fim aperta a minha mão de volta.

— Eu bati o carro — murmura,

aparentemente perturbada ao se lembrar da situação. — Não sei o que aconteceu... tentei frear, mas não deu tempo... senti tanto medo.

— O importante é que não aconteceu o pior. Vai ficar tudo bem.

Ela balança a cabeça de leve e nos entreolhamos em silêncio. Permanecemos assim até a ambulância parar em frente ao hospital e eu ser informado de que não estou autorizado a seguir em frente com Valentina.

— Como assim, eu não vou poder entrar

com ela, porra?

— Por favor, acalme-se — uma das enfermeiras diz. — Acompanhantes não são autorizados, mas iremos cuidar muito bem dela.

Fico indignado e, por um breve momento, considero a ideia de xingar todo mundo, mas não vou além, pois sei que só pioraria as coisas. O melhor a se fazer é permitir que Valentina seja atendida.

Faço a ficha de Valentina e então aguardo por horas enquanto ela faz uma

PERIGOSAS NACIONAIS

bateria de exames. Quero saber os resultados, saber como ela está, mas o pessoal desse lugar não colabora. O que ela veio fazer aqui, afinal? Posso enviá-la para um outro local. Aposto que eles a tratarão bem melhor do que essa espelunca fedendo a álcool.

Começo a andar de um lado a outro. Algumas mulheres me oferecem água, café e revista. Eu rejeito todos. Quero apenas saber como Valentina está e tirá-la o quanto antes desse lugar.

Já é noite quando, finalmente, tenho

PERIGOSAS ACHERON

notícias dela. Por sorte, não fraturou nenhum osso, nem se machucou gravemente, graças aos *air bags* e ao cinto de segurança.

Assim que ela é liberada para ir embora, apanho suas coisas e enlaço sua cintura com meu braço.

— Eu consigo andar sozinha — ela recusa minha ajuda.

— Não me importo. Quero ajudá-la.

— Você está agindo como se eu fosse me quebrar. Isso é tão estranho vindo de

você.

— Só fiquei preocupado com você.

Ela apenas me encara por longos segundos, antes de indagar com voz suave:

— Você disse para os paramédicos que era meu namorado?

— Sim — dou de ombros. — Essa é uma ideia ruim pra você?

Aguardo por uma resposta sua, mas ela estreita os olhos e morde o lábio inferior, tentando prender um sorriso, e no fim me

tortura com o silêncio. Certo, eu mereço isso.

— Onde está o seu carro? — Pergunta.

— Estacionado no local do acidente — falo. — Mas não se preocupe porque eu liguei para o motorista de Romero vir buscar a gente. Vem, ele está logo ali.

A amparo enquanto o espaçoso carro preto se aproxima lentamente de nós. O motorista nos cumprimenta com um leve aceno de cabeça e segura no outro braço de Valentina, ajudando-a a se acomodar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu liguei para a mansão logo cedo e informei ao meu avô sobre o ocorrido. Ele quis vir até o hospital, ver como Valentina estava, mas o convenci de que não seria necessário. Pedi apenas para que enviasse um carro que pudesse nos buscar. Por sorte, Valentina recebeu alta no mesmo dia, evitando mais aflição.

— Tem certeza de que está bem? —
Questiono, analisando o curativo em sua testa.

— Sim, Erick, estou bem. — Ela recosta a cabeça contra o vidro do carro e

PERIGOSAS ACHERON

suspira. Percebo o quanto está cansada, mas não é para menos. Até mesmo *eu* me encontro exausto.

O carro ganha movimento e ficamos em silêncio. Eu aproveito para checar se há alguma mensagem ou e-mail no meu celular. Passei o dia todo fora do estúdio, e o pessoal deve estar possesso com a minha falta. Mas Valentina é prioridade, por ora.

Ao chegarmos na casa do meu avô, me apresso em abrir a porta para Valentina e auxiliá-la durante todo o trajeto até o

interior da casa. Mal colocamos os pés na mansão, e Edith aparece na sala, as mãos unidas em preocupação.

— Meu Deus, Valentina, você nos deu um susto! Espero que esteja tudo bem.

— Estou bem, sim. Só um pouco dolorida — ela informa.

— Onde está o meu avô? — pergunto.

— No quarto dele, descansando. Se quiser, posso chamá-lo.

— Não será necessário, Edith — eu falo. — A Valentina precisa subir e

descansar também. Irei levá-la até lá em cima.

— Não precisa, eu estou... — Valentina começa, mas eu a corto.

— Não gaste suas forças tentando protestar — E antes mesmo que ela diga algo mais, estou a pegando no colo e seguindo em direção às escadas.

— Erick! — Ela exclama, os olhos arregalados. — Me ponha no chão. Você ficou maluco?

Recebemos olhares curiosos de Edith e

dos outros empregados, mas não estou nem aí para isso. Não respondo Valentina também, e com ela ainda no colo, subo as escadas.

A ponho no chão quando já estamos no segundo andar. Ela ainda está com olhos bem abertos e o rosto corado. Sinto vontade de acariciar ali, mas me seguro, sabendo que não é uma boa ideia.

— Eu preciso tomar um banho — ela diz, segundos após adentrarmos o seu quarto.

— Posso ajudar você — Sugiro, mas ao

notar seu olhar desconcertado, logo acrescento: — Ou posso pedir a Edith para que a auxilie.

— Não precisa — ela abre um sorriso.
— Obrigada.

— Bom, se precisar de mim, ou... sei lá, se precisar de algo, é só chamar.

— Tudo bem.

Decidido a lhe dar a de privacidade que precisa, saio do quarto e fecho a porta atrás de mim. Vou direto para a cozinha, chegando justo no momento em que Edith

está tirando um bolo do forno.

— Fiz bolo de cenoura — a mulher diz ao notar minha presença. — Resolvi preparar alguma coisa para ela comer. A coitadinha deve estar com fome.

— Ela está no banho — comunico. — Mas isso seria uma ótima ideia. Ficamos tanto tempo naquele hospital que eu já estava me sentindo parte dos equipamentos.

Edith arqueia uma sobrancelha enquanto cobre o bolo com calda de chocolate.

— Virou enfermeiro particular da moça e eu não fiquei sabendo de nada?

— Engraçadinha — ironizo.

Ela abre um sorrisinho e desliza um prato com uma fatia de bolo em minha direção. O cheiro me faz lembrar da minha infância. Ela costumava me servir bolo de cenoura no lanche da tarde, enquanto eu me sentava no jardim para ouvir as histórias que a minha avó contava sobre os nobres europeus. Eu era apenas uma criança, e essa preferência era meio estranha para alguém da minha

idade, mas sempre fui fascinado por História. E minha avó sempre soube disso.

— Ela é uma garota boa, sabe? — Edith fala. — Acho que valeria a pena investir.

— Sim, eu sei disso — Meu tom é neutro, mas no fundo estou torcendo para que ela não continue com essa conversa.

— Ela já sabe sobre... *você sabe quem?*

Solto um longo suspiro.

— Por favor, não vamos falar disso.

— Você *tem* que superar os seus

fantasmas, Erick.

Reviro os olhos. Não gosto de falar sobre isso, e Edith sabe muito bem. Não entendo esse desejo repentino de me relembrar o passado.

— Eu superei.

— Certeza?

— Sim.

— Não, você não superou — Ela balança a cabeça com convicção, o que me irrita ainda mais. — No dia que você decidir que já é hora de aceitar que o que

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu com Sofia foi uma simples obra do destino e parar de se culpar por tudo, aí sim você terá superado. Caso contrário, vai se privar da felicidade por causa de uma fatalidade.

— Ela morreu por *minha* culpa. Você nunca passou por isso, então não entende o quão doloroso é ser o culpado pela morte de alguém — Acalmo meu tom de voz. — Mas, apesar toda dor e culpa, eu me sinto bem melhor. Ela faz eu me sentir melhor. Mesmo nossa relação sendo tão... *inexplicável*. Eu me sinto incrível.

PERIGOSAS ACHERON

Ela sorri, como se pudesse me ler nas entrelinhas. No entanto, antes mesmo que tenha a chance de verbalizar seus pensamentos, o barulho de passos se aproximando corta a nossa interação.

— Senti o cheiro desse bolo lá de cima!
— a garota que acabou de entrar diz.

Ela tem aproximadamente 1,60m de altura e cabelo castanho cortado em franja. Usa um short jeans tão curto que eu fico por alguns segundos tentando assimilar se é sua calcinha ou não.

— Eu fiz para levar à sua irmã — Edith

responde, nem um pouco simpática. —
Você deveria ir ver como ela está.

Ah, então essa é a irmã de Valentina.
São muito parecidas mesmo.

— Ela está viva, sei que está bem, e
isso é o que importa — diz, pegando um
pedaço do bolo para si, depois se vira
para mim. Seus olhos varrem toda a
extensão do meu corpo, o olhar
demorando-se nas tatuagens. — Uau, são
de verdade?

Ela vem toda empolgada em minha
direção, com a mão estendida, mas desiste

de tocar meu braço no instante em que Edith se manifesta:

— Ele é o neto de seu Romero, e essas coisas são de verdade, sim. Agora, deixe de conversa fiada, menina. Levarei isso lá para cima. Com licença.

A garota revira os olhos assim que Edith sai e se senta no banco do lado oposto ao meu.

— Eu acho que ela não gosta muito de mim — murmura, referindo-se a Edith. Eu não culpo a mulher, no entanto. Não gostei dela também.

Quando percebe que não vou dizer nada em resposta ao seu comentário, ela retorna a falar:

— Nunca achei que fosse conhecer o neto do seu Romero — Sorri e apoia os cotovelos em cima do balcão. — Eu sou a irmã da Valentina. Me chamo Melissa. Prazer.

— Erick.

Ela inclina a cabeça, ainda sorrindo.

— Você não é muito de dialogar, não é?

— Só quando eu acho necessário —

respondo.

— Interessante — Ela abre um esboço do que era para ser um sorriso inocente, mas a sua cara não me engana. — Eu me mudei para cá faz pouco tempo, sabe? Talvez possamos nos conhecer melhor, aí quem sabe você não converse mais comigo? Você poderia me levar para conhecer a cidade, que tal?

Ah, porra, fala sério.

O prato range no balcão à medida que eu o afasto de mim. Limpo as migalhas de bolo em minha roupa e me levanto. A

garota acompanha meus movimentos com o olhar.

— Por acaso eu tenho cara de guia turístico? — Não espero por sua resposta. Apenas peço licença antes de me virar e me afastar da cozinha.

Valentina já deve ter terminado o banho uma hora dessas, então vou direto ao seu quarto e bato na porta suavemente.

— Entre — Sua voz cansada vem do outro lado, segundos depois.

Entro no quarto e a encontro deitada

debaixo das cobertas, a bandeja que Edith lhe providenciou, em seu colo. Ela ainda me parece cansada, mesmo assim aparenta bem melhor.

— Você me parece exausta — eu comento, afundando o colchão enquanto me sento ao seu lado.

— E estou — responde. — Preciso apenas de uma boa noite de sono, e então tudo vai se estabilizar.

— Assim espero.

— Obrigada — ela corta o silêncio. —

Eu fui meio ingrata desde que você apareceu para me auxiliar. Obrigada por tudo.

— Tudo bem. Você está magoada comigo, e o único culpado nessa história sou eu, Valentina. A entendo perfeitamente.

Ela faz uma pausa e baixa o olhar.

— Você não precisa se sentir culpado por tudo, Erick — fala. — Confesso que ainda estou muito chateada com você e com toda essa história sobre a Giovana, mas sei reconhecer que você é um cara

bom. Que tem um coração, apesar de tentar mostrar o contrário o tempo todo.

Eu pauso e lhe lanço um meio sorriso.

— Você que é *boa* o suficiente para enxergar um lado bom que deixei para trás há muito tempo.

— Isso é tão... *mórbido* — ela comenta de cabeça baixa. Uma cortina castanha se forma sobre seu rosto quando os cabelos pendem para frente, e eu contenho a vontade de prendê-los atrás da sua orelha.
— Por mais que eu tente, às vezes é difícil entender você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encolho os ombros, sorrindo.

— O que posso fazer? Sou um cara complicado.

— Isso é irritante — Ela sorri também.
— Mas não posso negar que você é um cara... adorável.

Levanto uma sobrancelha.

— Adorável?

— Sim — confirma. — Um ogro adorável.

Eu não consigo me conter e acabo gargalhando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo, eu ainda não sei como devo reagir a isso, mas espero que tenha sido um elogio — digo. — Agora, acho melhor você tentar descansar.

— Você tem razão — fala. — Obrigada, mais uma vez.

— Conte comigo sempre que precisar, Moça Bonita.

Dou um beijo em sua testa e aguardo ela se acomodar melhor antes de me retirar. Quando fecho a porta, encontro o meu avô parado no corredor.

PERIGOSAS ACHERON

— Erick! — Ele abre um sorriso. —
Estou surpreso em vê-lo por aqui ainda,
filho.

— Eu acabei trazendo a Valentina para
casa e fiquei por um tempo a mais, só
para me certificar de que ela estaria bem.

— Entendo — Os olhos dele brilham e
o sorriso que me lança é sugestivo.

Reviro os olhos. *Que velho irritante.*

— Não me olhe com essa cara, Romero
— o censuro. — Até sei no que você está
pensando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu não disse nada, garoto.

Lançando-lhe um olhar afunilado, decido não discutir isso. Me afasto da porta, dando espaço para que ele possa entrar.

— Eu preciso ir para casa agora. Cuidem bem dela.

— Pode deixar, Erick. Cuidaremos dela.

Meu avô ainda está sorrindo quando eu me despeço dele e me afasto, ainda insatisfeito por não poder ficar mais tempo com Valentina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

Erick

Estaciono o meu carro em frente à enorme oficina e deslizo meus óculos de sol para fora, pendurando no bolso da minha jaqueta.

O local, além de ser amplo, é muito bem equipado. As máquinas e ferramentas são de última geração, e esse foi um dos motivos que me fez confiar plenamente no Roberto, dono da oficina, e em seus

funcionários. Eles prestam serviço para a minha família há anos, e foi justamente a ele quem eu recorri quando comprei meu Maverick velho e totalmente maltratado de um colecionador que estava atolado em dívidas. Pode ser curioso, mas eu tenho uma certa preferência por coisas velhas. Sempre gostei de História na escola, ouço músicas antigas e os objetos antigos são os melhores, também.

Mas não estou aqui para tratar do Maverick. Faz alguns dias desde que liguei para Roberto e pedi para que guinchasse o carro de Valentina e o

PERIGOSAS ACHERON

trouxesse para cá. Não sei se vai dar para aproveitar alguma coisa depois da batida, mas não custa nada dar uma olhada.

Entro na oficina e cumprimento dois dos assistentes de Roberto. Não tarda muito para que o homem surja de baixo de um Corsa prata e se erga, abrindo um sorriso animado.

— Erick! — ele limpa as mãos em uma flanela e me estende para um cumprimento. — Achei que não fosse vê-lo ainda essa semana.

— Tive muito trabalho ultimamente,

PERIGOSAS ACHERON

não tive muito tempo antes disso, mas acabei encontrando uma folga — falo. — E então, como está o carro?

Seu sorriso some. Ele balança a cabeça antes de falar:

— O carro já estava numa situação precária, e a batida só piorou o quadro — diz. — É pouco provável que dê para aproveitar alguma coisa.

— Eu já imaginava isso.

— Erick, o capô amassado é o de menos — Ele coça o queixo e seu semblante

muda. — Tem algo que me deixou muito encabulado, e eu queria que você viesse comigo por um momento.

De testa franzida, o sigo. Vejo o carro de Valentina suspenso em um dos elevadores automotivos.

— Suponho que você já saiba que o motivo do acidente foram os freios inutilizáveis — ele diz enquanto empurra a alavanca, subindo veículo até uma altura que nos permita enxergar a parte de baixo dele. — A mangueira do freio está cortada, o que acarretou no vazamento do

fluido, mas essa não é a pior parte — ele pausa, como se não estivesse convicto de que deveria realmente me dizer isso. — O que me deixou mais encabulado é que o corte é preciso, o que significa que ele, provavelmente, foi cortado com uma faca ou algo muito afiado. Veja bem... — Ele aponta para onde está localizada a mangueira. Realmente o corte não parece casual.

— Está dizendo que alguém cortou a mangueira? Para incitar um acidente?

— Bem, não estou afirmando nada, nem

quero criar falsas especulações, mas... — ele encolhe os ombros — a mangueira não iria se danificar dessa forma sozinha. Eu mesmo estive fazendo a revisão desse carro, semanas atrás, e posso lhe garantir que não havia sequer uma irregularidade no sistema de freio. Ela foi cortada, e isso eu consigo identificar muito bem.

Me lembro de Valentina dizendo que não conseguiu frear o carro. É isso. Deus, alguém realmente sabotou o carro dela. Mas, quem? E a troco de quê?

— Roberto, por favor, verifique se há

mais alguma irregularidade. Você tem meu número, então basta me ligar caso encontre algo, ok?

— Tudo bem — ele assente.

— Bom... agora, eu preciso resolver isso, preciso procurar saber o que aconteceu. Peço que não comente isso com ninguém, ok? Eu quero ter certeza dos fatos antes.

— Claro, Erick. Sem problemas.

Faço um aceno de cabeça e me despeço rapidamente. Ao sair da oficina, apenas

um pensamento invade a minha mente:

Eu preciso falar com a Valentina, e já.

Valentina

Meu celular toca. Levanto-me da cama, onde estive sentada pelas últimas duas horas e checo o visor do aparelho. Adrenalina dispara pelo meu corpo no instante em que meus olhos registram o número de Erick no identificador.

Devo atender?

O que dizer a ele?

Oh, merda!

— Alô — minha voz sai baixa, e eu limpo a garganta, tentando deixá-la um pouco mais firme.

— Oi, Val — Erick diz. — Você está em casa?

— Sim — tento parecer casual. — Por quê?

— Bem, eu... preciso falar com você.

— Sobre o quê?

— É um assunto sério — Diante do tom imutável de sua voz séria, eu começo a ficar tensa.

Que assunto tão sério ele teria para falar comigo?

E por que infernos eu estou tão ansiosa para finalmente revê-lo?

Quando demoro muito para responder, ele acrescenta:

— Não vou forçar a barra em nada, Valentina. Posso buscar você hoje à noite, e a gente pode sair para algum lugar,

apenas para conversar.

Oh, céus.

Respiro fundo.

Minha cabeça está a mil e eu não posso negar que sinto falta dele. Sinto falta de tudo nele, desde seu cheiro ao seu raro sorriso com covinhas. Sua voz rouca e tão firme sussurrando bem próxima ao meu ouvido. Suas mãos em meu corpo, tocando pontos estratégicos, ou quando acaricia meu cabelo...

— Val? — Ele chama do outro lado,

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo-me despertar de meus pensamentos mais que insanos. — Está tudo bem?

— Oh, sim, claro — Nervosismo exposto em cada palavra saída da minha boca. Tentando não deixar tão evidente a minha ansiedade, chupo um gole de ar e caminho pelo quarto. — Você pode passar aqui às oito.

— Por mim, está ótimo — Por que ele está tão distante? — Até lá, Val. Se cuida.

— Até, Erick.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de encerrar a ligação, sento-me na cama novamente e mordo o lábio. Minhas costas tombam no colchão e eu descanso a mão sobre minha barriga.

O que Erick teria de tão importante para falar comigo?

Eu não faço ideia, mas, de qualquer forma, essa será a oportunidade perfeita para que eu tenha a conversa que tanto necessito com ele. Será ideal para que eu ouça a sua versão nessa confusão toda com a Giovana.

Arrasto meus pés para fora do quarto e

percorro o curto caminho que me separa do quarto de Melissa. Desde o dia do acidente, mal nos falamos direito. Ela apareceu alguns dias atrás para saber como eu estava, e não passou disso.

Ainda não são nem três da tarde, portanto creio ela esteja em casa, já que é fim de semana. Bato de leve em sua porta e aguardo por sua aparição. Muitos minutos se passam sem que eu obtenha resposta alguma, então forço a maçaneta da porta e abro.

O quarto está vazio, há algumas peças

PERIGOSAS NACIONAIS

de roupas espalhadas pela cadeira e cama. Minha irmã sempre foi desorganizada, então não me surpreendo com isso.

— Melissa? — Chamo, não obtendo resposta. — Melissa?

Aguardo mais um momento, na esperança de que ela responda, mas como da primeira vez, não recebo retorno.

Já estou prestes a dar meia volta, quando ouço um ruído abafado vindo do banheiro. Inundada pela preocupação, eu corro para o banheiro, e assim que a porta se abre, levo uma mão à boca.

PERIGOSAS ACHERON

Melissa está de joelhos no chão, curvada em direção à privada. Suas costas tremem enquanto ela vomita.

— Melissa? — Preocupação se propaga em cada parte do meu cérebro. Me agacho diante dela e retiro o seu cabelo do rosto. Algumas mechas estão grudadas em sua testa e pescoço com suor. — O que está acontecendo?

Ela está branca feito uma boneca de cera e ainda não fez contato visual comigo.

— Anda, Melissa. Me diga — eu

insisto. — Você sente dor?

— Não é nada, Val. Eu estou bem — ela responde, afastando minhas mãos e se levantando.

Me ergo também e enrugo a testa, ainda analisando seu rosto muito pálido.

— Você estava vomitando descontroladamente nessa privada. Não acho que isso seja sinônimo de estar bem.

— Eu estou bem, Valentina. Devo ter comido algo que me caiu mal — Ela aperta o botão de descarga e me dá as

costas para voltar ao quarto.

— Bom, mesmo assim, sugiro que procuremos um médico — A sigo.

— Valentina, não enche! — Ela se altera, girando bruscamente em minha direção. — Já falei que estou ótima, ok? Está tudo ótimo.

Incredulidade se aguça em mim. Como ela pode dizer que está ótima depois da cena que acabei de presenciar em seu banheiro?

— Você não pode me dizer que está

PERIGOSAS NACIONAIS

bem, quando eu vejo que não está. Dá para me dizer que diabos está havendo?

— Meu Deus, que mania que você tem de sempre querer se meter na minha vida.

— Se você ainda não percebeu, eu sou a única pessoa viva nesse mundo que ainda se preocupa com você. Portanto, acho que você deveria ter, no mínimo, um pouco de gratidão e respeito. Querendo ou não, sou sua irmã mais velha.

Ela apenas abaixa a cabeça e começa a brincar com a alça de um vestido pendurado no encosto cadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe — murmura. — É que eu... bem, tenho certeza de que foi algo que comi e não me fez bem.

— Por isso mesmo temos que fazer um exame e ver o que aconteceu — eu falo, ainda preocupada. — Já pensou se você estiver com infecção intestinal? Isso é perigoso.

— Olha, Val, estou bem. Sério — Ela volta a ficar impaciente e eu deixo escapar um longo suspiro, vencida pelo cansaço.

— Tudo bem, tudo bem. Você é maior

PERIGOSAS ACHERON

de idade, faz o que bem quiser com a sua vida. Não lhe forçarei a nada.

Ela meneia a cabeça, sorrindo forçadamente, e se senta sobre a cama.

— E você? Está melhor?

— Sim — respondo, sentando-me na cama também. — Já me sinto bem melhor e acho até que vou voltar a trabalhar na semana que vem. Romero está me tratando como se eu fosse um bebê.

Ela sorri.

— Ele gosta de você. É viúvo e tão

PERIGOSAS NACIONAIS

elegante... — insinua. — Bem que você poderia tentar investir no chefe, não?

Me levanto imediatamente, não acreditando em tamanho absurdo.

— Melissa, você ficou louca? Romero é como se fosse um *pai* para mim. E ele me vê como filha também. Sem chance.

— Calma, eu só dei uma ideia.

— Uma ideia *absurda* — reforço. — Bom, já que você não precisa da minha ajuda, voltarei para o meu quarto. Preciso começar a me arrumar.

PERIGOSAS ACHERON

— Se arrumar para quê?

Hesito antes de responder, sabendo que ela não vai permitir que eu me esquive.

— Eu vou sair hoje à noite — confesso, por fim.

— Com quem?

— Erick.

Melissa expande os olhos e sorri maliciosamente.

— Humm, então quer dizer que o velho não é o alvo. Você é esperta, Val — Ela deita na cama e sorri sonhadoramente. —

Confesso que até *eu* fiquei tentada a experimentar o neto bonitão. Ele me parece tão... gostoso!

— Melissa!

— Ah, Val, somos irmãs, não precisa esconder essas coisas de mim — Ela ri, se apoiando nos cotovelos para me fitar. — E vai negar que ele é um pedaço de mal caminho?

— Não vou negar, nem afirmar nada — retruco, ainda muito incomodada com sua reação em relação a Erick. Era só o que me faltava. — Você está plantando muitas

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas nessa sua cabeça fértil. Acho que é falta de uma boa noite de sono.

Ela revira os olhos e volta a atirar as costas na cama.

— Tudo bem, vou dormir um pouco. Divirta-se no seu encontro com o *Senhor Gostosão* e não se esqueça de me contar os detalhes.

Procuro ignorar suas palavras e oriento que tome ao menos um chá de boldo, antes de sair do quarto.

Passo a tarde inteira inquieta, revirando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu guarda-roupas em busca de algo legal. Não que eu esteja ansiosa para agradar ao Erick, mas eu não sei para onde ele vai me levar, então tenho que estar preparada.

Após muito quebrar a cabeça, opto por um vestido novo que mal cobre minhas pernas. Erick, com certeza, aprovaria esse.

Mas, por que diabos eu estou me preocupando com isso?

Droga, Valentina. Sua estúpida!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27

Erick

Edith dá uma risadinha sugestiva ao me observar sentar no sofá da sala de estar. Apesar de cumprimentá-la educadamente, não presto muita atenção em nada ao meu redor, e isso se deve ao fato de eu não saber exatamente o que pensar nesse momento. Para ser sincero, eu não consegui pensar em outra coisa desde que descobri sobre a possível sabotagem no

carro de Valentina. Fiquei mais preocupado do que gostaria, e resisti por inúmeras vezes à paranoia de ligar para ela a cada meia-hora.

Eu não sei quem foi capaz de fazer aquilo, o que torna a situação ainda mais complicada. Isso significa que pode ser qualquer um. Até mesmo as pessoas mais próximas.

— Quer tomar uma água, suco ou... chá de camomila? — Edith ainda está sorrindo quando indaga.

— Por que eu tomaria chá de

camomila?

— É que você me parece tão nervoso, Erick. Senti que precisasse.

Era só o que me faltava...

— Estou apenas tenso. E não, eu não quero nada.

Ela não tira o sorrisinho do rosto. Que inferno.

— Tudo bem, então. A menina já deve estar descendo, então tente não enfartar antes disso.

— O seu senso de humor só aumenta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o tempo — ironizo. — Incrível.

— E o seu nunca muda — ela retruca.
— Deixe-me voltar para a minha novela.
Divirtam-se.

— Boa noite, Edith.

Ela dá mais uma gargalhada e sai.

Apoio meus cotovelos nas coxas,
enquanto espero passar o tempo, mas está
ficando difícil fazer isso sem que algo se
agite em meu estômago.

Conto quantos quadros estão
pendurados, espalhados pela parede,

PERIGOSAS ACHERON

quantas pedras verde-musgo enfeitam um jarro de decoração no canto da sala. Conto até mesmo as diversas almofadas que decoram o sofá, e nada de Valentina aparecer.

Considero começar a calcular as grandes e pequenas peças que adornam a estante escura, quando ouço barulhos de salto se aproximando.

Demora alguns segundos para ela finalmente aparecer, e no instante em que isso acontece, eu demoro vários segundos para conseguir pôr minha mente para

funcionar.

Espetacular.

Genial.

Divina.

Ela usa um vestido vinho, justo, que molda tudo do jeitinho que deveria ser, e eu sinto-me salivar com a visão dos seus quadris balançando à medida que ela se aproxima ainda mais de mim.

Droga! Eu senti sua falta.

— Desculpe a demora — ela me lança um sorriso nervoso. — Eu me enrolei um

PERIGOSAS ACHERON

pouco, tentando dar um jeito no meu cabelo. — Eles estão lisos e escorrem por suas costas. Gosto deles assim, mas confesso que senti falta dos cachos.

— Tudo bem. Você está... linda. —
Gaguejo. *Merda, já fui melhor nisso.*

— Obrigada, você também — diz. —
Podemos ir?

— Claro. — Aguardo ela liderar o caminho e a sigo.

Ao chegarmos no meu carro, abro a porta do carona para Valentina e espero

PERIGOSAS NACIONAIS

ela se acomodar antes de me sentar ao seu lado e dar partida.

— Para onde vamos? — Ela me indaga.

— Eu estava pensando em levar você para jantar em algum lugar, se estiver preferindo mais sossego, ou posso levá-la a um show de um colega meu.

— Um show? — Ela parece interessada.

— Sim. Um dos tatuadores lá do estúdio tem uma banda de rock e, por incrível que pareça, irão tocar esta noite em uma boate não muito longe do centro

PERIGOSAS ACHERON

da cidade.

— Minha nossa, isso me parece legal. A gente pode ir para o show depois do jantar. Se você não se incomodar, é claro.

De cenho franzido, falo:

— Eu não vejo problema nisso, mas você tem certeza?

— Claro, Erick — ela sorri. — Me parece divertido.

— Certo. — Ainda admirado por Valentina ter topado tão facilmente ir a um show de rock, ponho uma música

relaxante e seguimos em silêncio.

Ela está com o olhar para fora da janela, provavelmente engolfada em pensamentos, e eu aproveito a oportunidade para observá-la. A cor dos seus cabelos e da sua pele casaram perfeitamente bem com essa escolha de vestido. Não que eu seja um perverso, mas sua saia está subindo. E eu estou podendo ter uma boa visão da sua pele cremosa por baixo desse fino material cor vinho e, minha nossa, pelo que vejo em seu decote ela está sem sutiã.

Pare de olhar para o corpo dela, Erick.

Pare já com isso...

— Você está bem? — Valentina chama minha atenção, tocando de leve o meu braço.

Olho para o seu rosto, e ela está com a testa franzida, um semblante cauteloso.

— Olha, Erick, você não precisa me levar para sair só para conversar comigo. A gente pode resolver isso em casa, ou até aqui mesmo no carro... — ela se cala quando tomo sua mão e entrelaço meus

dedos nos seus.

— Há assuntos muito importantes que eu desejo tratar, Valentina — esclareço.
— E eu preciso lhe contar isso hoje, de preferência em um lugar aconchegante. Há algum problema nisso?

— Não. É só que... nunca me convidaram para jantar antes. — Ela confessa, sem conseguir disfarçar o entusiasmo.

Sorrio com o reconhecimento de ser o primeiro a levá-la para jantar. Gosto de ser o primeiro de Valentina em várias

coisas.

— Você vai gostar — por um instante, até me esqueço que o motivo desse jantar é algo bem mais sério do que apenas satisfazê-la.

Quase uma hora depois, paro em frente a um restaurante à beira-mar, onde uma banda musical de MPB está tocando uma música ao violão. O local não está muito cheio, e observo o contentamento expressado no rosto e nos gestos de Valentina. Ela me segue, ao passo que me dirijo a uma mesa perto do palco.

PERIGOSAS NACIONAIS

A canção entoada pela moça com o violão é uma bastante conhecida, de Chico Buarque, que Valentina parece adorar, por sinal. Ela observa maravilhada, de cabeça inclinada, enquanto a cantora permanece com o ritmo cadenciado da música.

Seus cabelos estão levemente esvoaçados devido à brisa que sopra frescamente ao nosso redor, e isso me faz imaginar uma espécie de ninfa ou deusa mitológica retratada em alguma dessas pinturas antigas.

PERIGOSAS ACHERON

Um garçom para diante de nós e interpela educadamente a respeito do nosso pedido. Valentina morde o lábio enquanto analisa o cardápio e opta por um prato de frutos do mar, onde o camarão é o principal ingrediente. Decido pedir o mesmo que ela, e assim que o garçom se afasta, sua atenção se volta totalmente para mim.

— Eu adorei esse lugar, Erick — aponta o que eu já notei desde que chegamos.

— Que bom — eu respondo. — Já foi a algum lugar como esse antes?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, nunca fui muito de sair — ela responde, encolhendo os ombros. — Você sabe, eu não tinha tanta oportunidade.

— É, eu sei — Mudo de posição na cadeira, inclinando-me em sua direção. — Você está bem? Não tem mais o corte na testa. Sentiu dores ou algo do tipo?

Ela sorri.

— Eu me sinto ótima.

— Isso é bom... — Sorrio de volta e decido ir direto ao ponto: — Val, eu não sei se você sabe, mas... eu dei um jeito de

PERIGOSAS ACHERON

apanhar o seu carro e levá-lo em uma oficina.

Ela volta a ficar séria. O semblante desconfiado voltando fervorosamente em seu rosto.

— Olha, Erick, eu agradeço muito por tudo o que fez para mim, mas não precisava ter se dado ao trabalho. Eu até tinha desistido do carro. Vi como ficou o seu estado logo após a batida, e sei que não há muito o que se fazer.

— Realmente, não há.

— E então? Você deu um fim nele?

— Não. Ele ainda está na oficina.

Ela balança a cabeça, confusa.

— Mas... não foi você mesmo quem disse que não há muito o que se fazer? Por que não o retirou da oficina ainda? E por que não me contatou antes a respeito disso?

— Foi *justamente* para falar disso que eu a trouxe aqui — respondo. — Eu precisava conversar com você.

— Bom... me diga de uma vez por

todas, então.

— O Roberto, dono da oficina, andou analisando o seu carro e conseguiu localizar o problema que causou o acidente.

Seus olhos bem maquiados se expandem em ansiedade. Ela pede que eu prossiga e, assim, eu faço:

— Como eu dizia, o Roberto descobriu o problema, que estava localizado no sistema de freios. Houve um vazamento de fluído, e com isso o pedal acabou ficando sem pressão. Não sei se consegue

compreender com clareza, mas em uma linguagem mais clara: você não conseguiu frear o carro, pois o sistema de freio estava inútil, Valentina. Totalmente danificado.

— Meus Deus — ela murmura e toma um gole de água da taça diante de si. — Bom, eu me lembro de não ter conseguido frear o carro, mas ter a comprovação de que foi justamente *esse* o problema, me faz ter sentimentos totalmente desagradáveis.

— Eu imagino. Mas a pior parte não é

essa.

— E qual é? — Volta a me encarar, atenta.

— O fluído de freio vazou em consequência de a mangueira estar danificada. Eu pude ver, havia realmente um corte na mangueira... — eu pauso, incomodado diante do seu olhar aflito. — Mas não era um corte casual.

— Não?

— Alguém cortou a mangueira, Valentina. Alguém sabotou o seu carro, o

que, conseqüentemente, acarretou naquele acidente.

Ela empalidece.

Seus olhos ainda estão vidrados em mim, enormes, confusos e há uma pontada de medo ali, também. Eu consigo sentir a tensão exalando de seus poros.

O garçom reaparece com os nossos pedidos e nos serve. Mesmo depois que ele se retira, nós permanecemos assim, calados, nos entreolhando. Ela provavelmente ainda muito preocupada, e eu com uma sensação que não gosto nem

um pouco se apoderando de mim.

Deslizo a minha mão sobre a mesa e aperto de leve a sua, que está totalmente gelada.

— Você está bem? Quer ir embora?

— Não, eu quero ficar — ela responde com voz baixa. — Só... só fiquei um pouco assustada com tudo isso. Você tem certeza do que está falando, Erick? O meu carro é velho, e isso pode ter sido um problema antigo, não? Algo que deixaram passar?

— Infelizmente não, Val — respondo.
— O Roberto é um grande profissional, e foi justamente ele quem fez a revisão no seu carro da outra vez. Ele saberia.

Notando sua expressão ainda tensa, continuo:

— Me desculpe por isso, mas você precisava saber. Temos que tomar cuidado, Val. Qualquer um é suspeito por enquanto, e eu quero pedir que você se cuide. Bom... qualquer coisa, qualquer movimento estranho, me ligue.

— Mas eu não entendo... quem faria

PERIGOSAS ACHERON

uma coisa dessas?

— Isso é algo que teremos que descobrir. Mas, por ora, não temos certeza do que aconteceu exatamente, então eu sugiro que você relaxe. Ao menos enquanto estiver comigo.

Ela puxa sua mão de volta e desvia o olhar do meu. Não há irritação em seu semblante, nem nenhum outro indício de que a irritei com minhas palavras impensadas, mas vejo... arrependimento.

— Você me perdoa? — Ela me pega de surpresa.

Sem reação, procuro assimilar o que foi dito e não interpretar de uma forma errada, quando ela repete:

— Erick, você me perdoa?

— Não há o que perdoar, Valentina.

— Claro que há, Erick. Eu sei que errei — ela diz. — Eu queria aproveitar essa noite para poder conversar com você, ouvir o seu lado a respeito de toda aquela confusão com a Giovana, mas agora percebi que não é preciso. Eu julguei o seu caráter e errei ao fazer isso. Essa sua preocupação constante comigo é uma

prova do quão injusta eu fui. Estou muito arrependida e espero que você me perdoe.

Sorrio para ela. Por mais que ela tenha me julgado e dito todas aquelas coisas ruins, estava com razão. Valentina me pediu apenas que eu fosse sincero com ela, e isso eu não fiz.

— Me desculpe por não ter sido totalmente sincero com você — digo. — Tive uma grande parcela de culpa nisso. Eu só... não queria que nada atrapalhasse a gente e acabei fazendo isso sozinho.

Ela sorri em retorno e volta a segurar

minha mão. Não está mais gelada como antes.

— Eu entendo o seu lado, Erick.

— Então, quer dizer que a gente pode tentar de novo? — Seu sorriso morre um pouco, deixando-me aflito. — Só se você quiser, é claro. Não quero forçá-la a nada.

— Você... quer tentar de novo? — Repete minhas palavras, como se não acreditando.

— Claro que sim, Valentina — respondo com convicção. — Mas se você

não quiser, eu vou entender.

— Eu quero — ela fala. — Mas você *tem* que me prometer uma coisa.

— Certo. O que é?

— Promete que nunca mais vai mentir para mim?

Meu polegar acaricia sua pele macia, e eu não hesito em responder:

— Eu prometo.

Ela sorri de volta e solta o ar.

— Tudo bem. Eu acho que podemos

tentar de novo.

Valentina

Falta pouco para as onze quando saímos do restaurante e seguimos em direção à tal boate onde a banda do amigo de Erick estará tocando.

Procuro disfarçar para não o deixar preocupado, mas ainda estou um pouco tensa em relação a conversa que tivemos.

Será mesmo que tem alguém tentando

me prejudicar?

E se tiver, a troco de quê?

Os pensamentos logo fogem quando sinto a mão de Erick segurar a minha e vejo os seus lábios se curvarem de leve em um sorriso. Firmo meus dedos nos seus e sorrio de volta.

Não sei se estou fazendo a coisa certa, mas não consigo sentir por ele a raiva e repulsa que sentia, dias atrás. Pelo contrário. A forma como ele me tratou, como demonstra preocupação, mexe comigo sobremaneira.

E eu estou gostando desse lado de Erick. Sei que ele ainda não está sendo completamente aberto comigo, mas está tentando me deixar entrar, e isso já é o suficiente para me derreter por dentro.

Quando chegamos na boate, Erick me guia para a entrada, passando batido pela enorme fila na bilheteria e indo direto para a entrada. Lanço um olhar questionador em sua direção, e ele apenas dá de ombros:

— Eu tenho passe livre.

Rolo os olhos diante de sua adorável

PERIGOSAS NACIONAIS

presunção e o sigo. Logo que passamos pela porta e nos infiltramos na pista, a música alta preenche com força os meus ouvidos. Ao som de *Work Hard Play Hard* d e *Wiz Khalifa*, observo quase que em transe os corpos suados se moverem em passos sensuais no meio da pista.

A boate imensa possui dois pisos, onde no segundo imagino que se localize o camarote. A área do bar é enorme, com um balcão em formato de C, que vai de uma extremidade a outra no ambiente. Há luzes neon coloridas e globos espelhados, transmitindo a impressão de que estamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em alguma dessas casas de show de filmes *Hollywoodianos*.

Logo mais à frente, está o palco. A banda já se prepara para o início do show.

— O que achou? — Erick indaga, se aproximando mais de mim. — Ainda dá tempo de fugir.

— Estou adorando — respondo. — E se essa foi uma tentativa de me afastar, você falhou miseravelmente.

Ele solta uma gargalhada gostosa e segura em minha mão enquanto me arrasta

PERIGOSAS ACHERON

até uma mesa perto do palco. Um dos caras lá em cima parece reconhecer Erick e sorri, descendo do palco em um único movimento. Ele tem traços asiáticos, seu cabelo preto e muito liso vai até os ombros. Usa uma jaqueta jeans, de mangas rasgadas, que deixa a mostra braços tatuados.

— Ei, cara! — Ele e Erick se cumprimentam. — Por que demorou tanto? Quase que começávamos o som sem você.

— Foi mal. Eu tive umas coisinhas para

resolver antes — Erick responde.

Os olhos do outro rapaz se voltam para a minha direção. Ele sorri para mim, e eu sorrio de volta, pois ele parece muito simpático. Erick solta a minha mão e abraça minha cintura.

— Já entendi tudo — o rapaz comenta maliciosamente, sem deixar de olhar para mim. — E essa gata, como se chama?

— Valentina — Erick responde, aumentando o aperto em minha cintura. — Val, esse é Yuri, vocalista da banda que vai tocar hoje e um dos tatuadores que

PERIGOSAS ACHERON

trabalham comigo.

— Olá, Valentina — Yuri vem até mim e me cumprimenta com um beijo no rosto.

Sem que haja chances para mais interação, Erick se despede dele e me indica um dos bancos para que eu me acomode. Ele se senta comigo, e não tarda muito para que um garçom venha nos atender.

— O que vai querer? — Erick me pergunta.

Não sou muito de ingerir bebida

alcoólica, e já havia bebido vinho no jantar mais cedo, no entanto hoje é dia de diversão, então ao menos por hoje eu posso quebrar minhas próprias regras. Opto por um drink frutado, não muito forte, enquanto ele pede algo sem álcool. Franço o cenho, confusa, então ele esclarece:

— Estou dirigindo.

— Oh, certo — digo, abrindo um sorriso provocador em seguida. — Já que você não vai beber, farei isso por você.

A música para e começamos a ouvir o

PERIGOSAS ACHERON

barulho dos instrumentos sendo testados. Yuri, vez ou outra, olha em nossa direção e sorri para mim. Ele é um cara muito simpático, mas não acho que Erick esteja apreciando toda essa amabilidade.

— Está tudo bem? — Questiono, atraindo sua atenção para mim.

Ele força um sorriso e meneia a cabeça em afirmativa. Não gosto de ver Erick assim. Talvez seja por conta de toda a tensão causada pelos últimos acontecimentos e suspeitas. Se eu quiser ser sincera comigo mesma, também estou

um pouco tensa.

Pouco tempo depois, já é possível ouvir o arranjo dos instrumentos em uma introdução perfeita de *It's My Life*. Quando Yuri começa a cantar, todo mundo se vira para apreciar sua performance.

Não sou nenhuma expert em música, mas consigo perceber que ele é muito bom, os instrumentistas são ótimos também, e me pego deslumbrada com as batidas frenéticas da canção. A letra parece se infiltrar em meus ouvidos em forma de ondas suaves, estimulantes, e se

espalham pelo meu peito, aumentando as batidas do meu coração.

Olho para Erick, e ele não está prestando atenção em nada do que se passa no palco. Seus olhos estão vidrados em mim, analisando, contemplando. Quando minhas bochechas ficam vermelhas dessa vez, não tem nada a ver com vergonha ou desconforto por estar sendo observada. Há algo a mais fluando em torno de nós dois. Como uma cortina fina, nos envolvendo aos poucos. Eu sempre gostei de música, elas sempre me emocionaram, mas estar aqui

PERIGOSAS ACHERON

com ele torna isso ainda mais especial.

De repente, levanto-me do banco e o puxo pelo braço. Sem entender nada, ele se ergue também, arqueando uma sobancelha, provavelmente à espera de um esclarecimento.

— Vamos dançar — eu digo a ele, sem esperar por sua resposta, puxando-o pela mão em direção à pista.

A música para *The Reason*, de *Hoobastank* se inicia. É uma música antiga, que eu ouvia muito quando era mais nova, mas que ainda adoro. Envolve

PERIGOSAS NACIONAIS

o pescoço com meus braços, meu corpo oscilando levemente, meus olhos nos seus.

Ele ainda está muito quieto e sério.

— Você quer voltar para a mesa? —
Vacilo.

Ele não responde verbalmente. Apenas nega com a cabeça e me lança um de seus sorrisos fracos.

Meu coração palpita com mais força quando ele envolve minha cintura com os braços. Eu não sei se algum dia irei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir controlar minhas reações em relação a Erick, mas por enquanto é algo que não posso conter. Meu corpo anseia pelo dele, e eu sinto isso em cada poro da minha pele. Eu sinto isso dentro e fora de mim.

A testa de Erick se apoia na minha, seu pescoço levemente inclinado em minha direção, enquanto seus olhos permanecem abertos, fixos nos meus. E assim, ele se balança junto comigo. Nossa própria dança, no nosso próprio ritmo. Somos só eu e ele. Sem plateia, sem público.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não sou uma pessoa perfeita

*Há muitas coisas que eu gostaria de
não ter feito*

Mas eu continuo aprendendo

*Eu nunca quis fazer aquelas coisas com
você*

E então eu tenho que dizer antes de ir

Que eu apenas quero que você saiba

Eu encontrei uma razão para mim

Para mudar quem eu costumava ser

Uma razão para começar de novo

E a razão é você

Eu sinto muito ter te magoado

*É algo com que devo conviver todos os
dias*

E toda a dor que eu te fiz passar

*Eu gostaria de poder retirá-la
completamente*

*E ser aquele que apanha todas as suas
lágrimas*

*É por isso que eu preciso que você
escute*

Eu encontrei uma razão para mim

Para mudar quem eu costumava ser

Uma razão para começar de novo

E a razão é você

E a razão é você

E a razão é você

E a razão é você

Fecho os olhos e o abraço com mais
força. Me sinto protegida, amparada,
como se nada nem ninguém pudesse me
amedrontar agora.

— Abra os olhos.

Eu faço.

Uma gama de sentimentos nos envolve agora. Uma mão vai para a minha nuca, enquanto a outra permanece na minha cintura. Ele aproxima mais seu rosto do meu, mas não me beija. Ainda me olhando fixamente, pergunta:

— Está com medo?

Levo algum tempo para me dar conta do que se refere. Ele está falando sobre o que me disse hoje. Que a batida de carro

pode não ter sido um simples acidente causado por distração. Em resposta, balanço a cabeça em negativa. Por incrível que pareça, estou sendo sincera. Eu não sinto medo. Não com ele.

— Eu nunca vou permitir que machuquem você. — Promete com um sorriso. Um sorriso que me derrete, me tranquiliza, e ao mesmo tempo faz o meu coração alcançar um ritmo frenético. — Não enquanto eu estiver vivo.

Eu não sei se estou sendo tola, mas eu confio nele. Eu acredito no que diz,

PERIGOSAS NACIONAIS

embora não devesse apostar todas as minhas fichas em um homem tão complexo.

Quando a música acaba, ele encosta os lábios em minha testa e me dá um beijo carinhoso, antes de me puxar de volta para a nossa mesa.

O show termina quase duas horas depois, quando a canção potente de algum rapper internacional volta a preencher o ambiente. Não tarda muito para que Yuri reapareça com o resto da banda e todos se sentam em nossa mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei ao certo quantos copos daquele drink eu tomei, mas me sinto muito mais relaxada do que estava antes de chegar aqui. Sou apresentada ao resto do pessoal e decido que gosto de todos eles.

Quando peço mais um dos drinks ao garçom, Erick toca meu braço de leve.

— O que foi? — Pergunto com um sorriso grande.

— Você não acha que já bebeu demais?
— Sua testa está franzida.

Eu me inclino mais em sua direção e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurro bem perto do seu ouvido:

— Não se preocupe comigo, eu sei me comportar.

— Você sabe o que vai acontecer, caso não se comporte, não é?

— O quê? — Desafio, ainda divertida.

Ele não responde de imediato. Umedeço meus lábios, observando quando seus olhos acompanham o caminho que a minha língua faz. Sinto um misto de diversão com excitação ao constatar a reação de Erick.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai me punir? — Insisto, não reconhecendo a minha audácia.

Os lábios de Erick se curvam em um sorriso diabolicamente sexy e eu me sinto revirar por dentro. Uma onda de calor pulsa por todo o meu corpo e se dissipa em algum canto específico em minha região sul.

— Com certeza, a ideia de punir você soa tentadora. Mas aqui não seria o local mais propício para esse tipo de ação.

Calor. Estou sentindo *muito* calor.

Sinceramente, eu não sei o que está acontecendo comigo, mas estou gostando disso. Abro um sorriso igualmente provocativo na direção de Erick e me levanto. Noto que a maioria dos olhares masculinos em torno da mesa se volta para mim.

Yuri é o primeiro a falar:

— Valentina, quer dançar?

Não sei o que responder. Na verdade, eu quero dançar sim, mas não era a minha intenção dançar com *ele*. Antes que eu tenha a chance de recusar sua investida,

PERIGOSAS NACIONAIS

Erick também se levanta e pega na minha mão.

— Ela quer, sim, mas vai dançar *comigo*.

Yuri faz um comentário sobre Erick ter que compartilhar (que eu acho muito grosseiro da parte dele), mas Erick não parece achar graça. Em resposta, ele lhe dá as costas, me levando para a pista.

A canção que está tocando agora é uma música do *50 Cent*, e eu me animo, mas logo vacilo ao notar a expressão de Erick.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bravo comigo? —
pergunto.

— Por que eu estaria bravo com você?

— Eu não sei... você está diferente.

— Só não gosto de ver outros caras
fazendo esse tipo de brincadeira com você
— ele responde. — O Yuri é legal, mas às
vezes ele desconhece o significado da
palavra “limite”.

Sorrio e me aproximo ainda mais.

— Você está com ciúme?

— Não estou com ciúme.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Toco a ponta do seu nariz.

— Pois eu acho que você está mentindo.

— Talvez eu esteja — Finalmente assume, segurando a minha mão.

— Eu não estava flertando com ele — falo.

— Eu sei — Ele sorri de leve e põe uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Vamos deixar isso pra lá.

Sem mais uma palavra, Erick me vira, colando minhas costas em seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Afasta meus cabelos do meu pescoço e os joga para o lado, tocando a minha pele com os lábios logo em seguida.

Suas mãos deslizam lentamente até a minha cintura, e então ele sussurra:

— Eu acho que você está me devendo uma dança.

Me lembro da primeira noite em que nos vimos. A dança que ele exigiu que eu fizesse, mas eu estava nervosa demais para obedecer.

— Achei que já tivesse se esquecido

PERIGOSAS ACHERON

disso — comento.

— Eu nunca me esqueço de nada que envolva você, Valentina — ele rebate, usando o mesmo tom de antes. Sua voz rouca me causa arrepios e faz com que fagulhas se acendam involuntariamente por diversas partes do meu corpo.

Ainda sem me virar para ele, sorrio e entro no seu jogo.

— Quer mesmo que eu faça um *strip-tease* para você no meio dessa multidão?

— E quem falou em *strip-tease*? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Morde de leve a minha mandíbula. —
Você está muito pervertida hoje.

— Você gosta disso — rebato.

Ele não responde, mas a leve risada rouca que deixa escapar denuncia a sua resposta não dita.

As mãos de Erick agora arrastam-se pelo meu braço.

— Quero que dance para mim — diz. —
Mas isso não quer dizer que eu não a queira nua. Provavelmente irei sugerir um *strip-tease*, na minha casa, no meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto. Somente eu de espectador, ninguém mais.

Meus mamilos se retesam no mesmo instante e eu sinto um frio na barriga. Suas palavras fizeram com que o fino tecido da minha calcinha se umedecesse.

Os dentes de Erick vão para o lóbulo da minha orelha. *Candy Shop* ainda sai de algum lugar, envolvendo a massa de pessoas com a forte batida sensual. Eu não me importo com eles, no entanto. Apenas o leve roçar da pele de Erick na minha me deixa fora de órbita. Controlo a

PERIGOSAS ACHERON

vontade louca que tenho de fechar os olhos.

— Você vai dançar para mim, Val?

Incapaz de dizer “não” enquanto ele está falando desse jeito que me deixa louca, apenas meneio a cabeça em sinal afirmativo. Com as costas coladas em seu peito, crio meu próprio ritmo, casando com as batidas da música. Meus quadris ondulam, roçando em Erick. Sou capaz de facilmente sentir o volume rígido na parte dianteira de suas calças. Ele provavelmente está tendo um controle

PERIGOSAS NACIONAIS

absurdo e invejável, mas foi ele quem pediu assim, então que aguento.

Me sentindo muito mais ousada, eu volto a dançar, dessa vez em um ritmo mais lento. Me afasto alguns centímetros dele e viro-me em sua direção.

Sem tirar meus olhos dos seus, eu danço lentamente. Seguro um punhado do meu cabelo para cima e viro novamente, dando-lhe a visão do meu traseiro sob o vestido apertado. Voltando a fitá-lo, eu desço e subo em um ondular lento e sensual.

PERIGOSAS ACHERON

Só então percebo que não é somente Erick quem está me observando. Eu consegui atrair a atenção de boa parte dos homens presentes, o que me faz parar.

Erick permanece imóvel. Há puro fogo em seu olhar. É algo tão intenso, que me consome e me aquece inteiramente por dentro. Vindo em minha direção, ele segura-me pela nuca e, sem uma única palavra, me beija. É um beijo quente, reivindicador. Eu sei que ele está me marcando como sua propriedade, e eu deveria estar muito irritada com sua atitude, mas perco o foco e minhas pernas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fraquejam quando sua língua toma espaço dentro da minha boca.

No momento em que ele se afasta, noto que meus dedos estão grudados em sua camisa. Sem dizer nada, ele me arrasta até uma área mais isolada, perto dos banheiros. Me empurra contra a parede e volta a me beijar. Minhas mãos retomam seu caminho até sua camisa, puxando-o para mais perto, deslizando para seus cabelos, ombros e para a camisa novamente.

Ele levanta uma das minhas coxas, até

PERIGOSAS ACHERON

que sua própria perna esteja entre elas. Apenas o roçar do seu jeans na minha calcinha encharcada me faz soltar um gemido.

— Você quer, não é? — Ele diz.

— O quê? — Minha voz sai rouca, estou grogue.

— Gozar.

Oh, você não imagina o quanto eu quero isso...

Tomo um gole de ar, incapaz de responder a pergunta que mais parece uma

afirmação. Diante da minha reação, ele solta uma risada rouca.

— Eu poderia fazer isso de diversas maneiras — Continua, me provocando. — Eu posso fazê-la gozar com a minha boca, Valentina — Sua língua traça um caminho desde a curva do meu pescoço até atrás da minha orelha. — Eu posso fazer você gozar com a minha mão. — Sinto sua mão se infiltrar entre nossos corpos, fazendo uma descida lenta pelo meu ventre. Um som constrangedor borbulha para fora da minha garganta quando ele massageia meu clitóris sobre a minha calcinha. — Ou eu

PERIGOSAS ACHERON

posso te fazer gozar com o meu pau.

Maldito inferno.

Erick se aperta ainda mais contra mim. Ofego no instante em que ele me beija, com carícias leves, e agarra a minha cintura. As minhas pernas se desintegram como uma pobre camada de gelatina. Todos os meus ossos viram borracha e algo dentro de mim se liquefaz, expelindo-se por cada parte do meu corpo — seja por meus poros, em forma de suor, ou entre minhas pernas.

Há algo primitivo, algo quente e

totalmente envolvente, a respeito do que está havendo aqui. Mas se ele acha que irei me curvar tão facilmente, está muito enganado. Eu posso jogar esse jogo também. E eu posso sair vitoriosa.

— Responda, Valentina — ele escova os lábios em minha orelha. — Me diga o quanto você quer que eu te faça gozar.

Maldito presunçoso.

— E o que faz você achar isso?

— O seu corpo. — Ele passa a língua em meu lábio, apenas para me provocar.

— Ele trai você. E ele está traindo você agora.

Nossas respirações estão agitadas quando eu me aperto ainda mais contra o poderoso volume pressionado contra a minha barriga. Minha mão desce até a protuberância mais que evidente, e eu acaricio. A respiração dele muda e o seu sorrisinho some.

Lide com isso, tatuador.

— Pelo visto eu não sou a única a ansiar por isso, não é mesmo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Erick afasta o rosto para me fitar. O brilho que eu vejo em seus olhos carrega promessas e ameaças ocultas. Ameaças estas, que estou totalmente disposta a ir além do meu limite para experimentar.

— Não brinque com fogo, Valentina.

Agora é a minha vez de sorrir. Meus seios moem no seu peito rijo, minha boca fica a centímetros da sua. Raspo meus lábios nos seus e sussurro:

— Talvez eu goste do fogo, Erick.

— Porra — ele grunhe. — Venha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele solta a minha perna e me ajuda a ajeitar o meu vestido e o meu cabelo.

— Para onde estamos indo? — Eu pergunto quando, sem mais palavras, ele me puxa pela multidão em direção à saída.

Ele para e vira o rosto para mim. O sorriso estampado em seus lábios perfeitos faz com que minhas entranhas se apertem, e aquela pontada novamente me acerte em cheio. E tudo piora quando ele finalmente resolve responder a minha pergunta:

PERIGOSAS ACHERON

— Para o meu apartamento. Eu não estava brincando quando mencionei você nua, no meu quarto.

CAPÍTULO 28

Erick

Não foi bem assim que eu imaginei que isso fosse acontecer.

No instante em que Valentina me disse que concordava com a minha ideia de recomeçar, eu jurei a mim mesmo que iria com calma. Eu seria paciente, agiria como um homem sensato age, e aguardaria o momento certo, até que ela realmente estivesse pronta para confiar em mim

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente. Só então, eu a colocaria eu um pedestal, provaria cada pedaço do seu corpo como se fosse a primeira e a última vez e não hesitaria em recompensá-la pelo período em que nos mantivemos afastados um do outro.

No entanto, essa ideia não deu muito certo.

Bastou aquele seu olhar, aquele seu sorriso, aquela maldita dança e aquelas suas palavras... porra! Eu nunca imaginei que fosse ficar assim — quer dizer, eu não sou um maldito tarado movido a sexo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho minhas necessidades, claro, mas sempre soube me controlar em relação a isso... até Valentina aparecer. Até ela testar os meus limites, e até ela me provocar com a sua maldita existência *gostosa para caralho*, para me acertar em cheio, e fazer eu sentir novamente aquela pontada certa.

Senti tanto a sua falta. Falta dos seus beijos, da sua pele, sua voz e seu sorriso. Senti falta até de suas caras irritadas, seu semblante confuso ou desconcertado sempre que digo algo que a deixa tímida.

PERIGOSAS ACHERON

Valentina é uma droga, na qual eu sempre soube que iria me viciar em algum momento. Afinal, eu não fui capaz de me prevenir quanto a isso, não fui capaz de prever as consequências, e agora me vejo sem saber ao certo o que está acontecendo comigo. Talvez já tenha me tornado dependente dela.

Sua boca se entreabre e ela se afasta um pouco de mim, em busca de ar, e eu avanço para morder de leve a carne macia do seu lábio inferior. Plainando as palmas das mãos pequenas em meu peito, ela me empurra, até que eu esteja com as costas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de encontro ao colchão. O material almofadado afunda no instante em que Valentina planta os dois joelhos sobre ele e engatinha, vindo em minha direção. Segundos depois, suas pernas estão ao redor da minha cintura, ela sentada em minha virilha, dificultando a minha situação.

Tento me erguer para inverter nossas posições, mas sou empurrado novamente, minhas costas beijando o colchão.

— Se eu vou ter que tirar toda a minha roupa para você em um show particular —

PERIGOSAS ACHERON

ela anuncia sedutoramente —, teremos que fazer isso nos meus termos.

Arqueio uma sobrancelha, o tesão se intensificando.

— E eu posso saber no que se resumem estes termos?

Um sorriso surge em seus lábios, e seu corpo se inclina, permitindo-me a visão do seu decote bem marcado. Ela roça os lábios nos meus e depois diz:

— Eu no comando.

Meu pau incha ainda mais dentro das

minhas calças. Curioso e totalmente disposto a saber até que ponto ela é capaz de levar essa situação, sorrio e me calo. Valentina raspa lentamente seus lábios nos meus novamente, antes de morder e puxar o inferior, de uma forma que quase me faz perder a cabeça.

Seus dentes mordiscam o meu queixo, a boca macia seguindo seu caminho para mais abaixo. Ela segura na bainha da minha camisa e puxa. Eu ergo os braços para facilitar o processo. Logo em seguida, seus lábios estão beijando meu peito, meu abdômen, e cessam logo

PERIGOSAS ACHERON

abaixo do meu umbigo.

Direcionando um olhar tentador em minha direção, ela põe seus dedos para trabalhar em meu cinto e, segundos depois, está desabotoando minha calça jeans. Valentina termina de me despir lentamente, peça por peça, seus olhos sempre fixos nos meus.

Ela se ergue.

Se inclina.

Ela me segura, e eu observo quase que em transe sua língua quente e rosada

acariciar preguiçosamente a minha glande.

Sinto que todo o meu sangue se concentrou em uma única direção quando, finalmente, seus lábios macios deslizam por meu eixo. Suas mãos pequenas fazem o bom trabalho de me massagear, enquanto sua boca quente ainda está trabalhando sobre mim.

Seguro firme em seus cabelos, estimulando-a a continuar. Por mais que Valentina tenha sido uma profissional do sexo um dia, há algo de muito diferente

PERIGOSAS NACIONAIS

no que está havendo aqui. Não é apenas carne contra carne. É como se ela estivesse me saboreando, como se eu fosse digno disso. Ela faz porque sente prazer em fazer, e não porque está sendo obrigada.

Eu me deixo soltar um grunhido de satisfação e isso parece estimulá-la ainda mais a me levar cada vez mais fundo.

A pressão aumenta, e eu sinto que estou perto. Eu tento afastá-la, mas ela permanece, então eu explodo.

Valentina me usa.

PERIGOSAS ACHERON

Valentina me suga.

Valentina me bebe.

Ela toma tudo de mim, e isso é uma coisa que me assusta. Não estou falando somente da parte carnal. É algo que vem de dentro. Algo que me abala. Algo que eu não quero que nasça, mas que insiste em rasgar aos poucos a grossa tela de proteção que instalei em meu peito.

Os olhos dela brilham de prazer e felicidade. O seu rosto está corado, os lábios vermelhos e inchados, e por mais que sinta uma vontade imensa de beijá-la,

não faço. Ainda estou assustado demais com o que aconteceu. Nunca fiquei tão arrebatado assim por uma mulher, nunca me permiti ficar à mercê de alguém dessa forma, totalmente vulnerável.

Mas eu estou à mercê dela.

E o que mais me preocupa nisso tudo é que eu estou gostando dessa nova experiência.

Sem tirar os olhos dos meus, Valentina levanta e se afasta. Ela passa a língua sobre os lábios, como se ainda estivesse tentando captar os últimos resquícios da

minha explosão de agora há pouco e — porra — ela não deve ter noção do quanto isso é sexy.

No instante em que ela fica de pé, ainda sem tirar os olhos dos meus, eu começo a querer protestar e pedir para que retorne. Ela não pode se afastar assim. Não depois de ter feito o que ela fez. Agora eu a quero mais do que qualquer outra coisa. Eu quero tudo o que ela tem para me oferecer e um pouco mais.

Sem uma palavra, ela se vira, ficando

de costas para mim. Os braços se curvam até suas costas e seus dedos baixam o zíper do vestido lentamente.

Lentamente até demais...

— Você não quer que eu faça isso por você? — Sugiro, excitado com o seu joguinho de tortura, e ao mesmo tempo impaciente.

Ela se vira em minha direção e estreita os olhos, o braço travado em frente ao peito, impedindo que o vestido caia.

— Você é muito apressado, sabia? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Observa com um sorrisinho provocante.

— Só por isso, não vou permitir que me toque.

— Você não está falando sério, está?

Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso e, segundos depois, o vestido cai.

Puta merda.

Como eu já previa, está sem sutiã, e os seios firmes com mamilos lindos e eretos me fazem salivar. Já estou duro novamente, pronto mais uma vez para ser

PERIGOSAS ACHERON

e fazer o que ela quisesse.

— Você não imagina o quão sério eu estou falando, Erick.

Ela desce o vestido pelas pernas e retira as sandálias de salto. Somente com a calcinha de renda clara, vem em minha direção. Novamente, se senta escarranchada sobre mim, apenas a o tecido fino da calcinha impedindo o total contato de nossas peles.

Tento erguer minha mão para tocar o seu corpo, mas Valentina me impede, travando meus dois braços acima da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabeça. É óbvio que eu tenho muito mais força que ela, mas esse controle de sua parte me agrada. Não que eu seja do tipo submisso, mas por ela eu posso ser a porra do cara mais submisso da face da Terra.

— Eu disse "sem tocar" — sussurra, satisfeita por eu ter permitido que comandasse a situação.

Será que ela tem noção do quanto fica gostosa me dando essas ordens?

— Se eu me comportar, você vai acabar com a minha tortura? — Eu atijo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez — ela rebate.

Suas mãos descem pelo meu peito, seguindo a trilha de uma tatuagem tribal que finaliza um pouco acima do meu quadril, e seu dedo para ali.

— Acho que vou querer uma dessas — informa, ainda olhando para a tatuagem.

— Não acha um pouco masculina demais?

— Não, eu gosto — inclina a cabeça. — Talvez você faça uma menor... em um local onde só você tenha acesso.

PERIGOSAS ACHERON

— Ainda bem que você sabe que eu serei o único a ter acesso.

Ela sorri e levanta os quadris, ficando de joelhos. Me sento e recosto minhas costas no espaldar da cama, e Valentina vem em minha direção, segurando minhas duas mãos, incitando-me a tocá-la. E eu faço. Meus dedos patinam por suas costelas, sentindo a maciez da sua pele contra a minha palma. Fecho as duas mãos nos seus seios e acaricio de leve os mamilos. Valentina joga a cabeça para trás e deixa escapar um gemido. Meus lábios tocam sua barriga. Cada pedaço de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pele explorado é uma nova emoção. Cada parte que eu desbravo é uma gama nova de sensações me engolfando. Ponho a minha língua para fora e faço movimentos circulares ao redor do seu umbigo. Ela geme mais alto e desce, começando a se esfregar em mim, em busca de alívio.

Eu sei o que ela quer.

Ela quer o mesmo que eu quero.

E eu sei que ela está pronta.

Meus dedos se infiltram em ambas as laterais da sua calcinha e eu desço

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lentamente o material. Valentina ergue uma perna, depois a outra, apenas para se livrar da peça íntima. Quando retorna, já vem pronta para mim, deslizando-me para dentro de si, me acomodando lentamente até que eu esteja totalmente enterrado dentro dela.

— Oh... — geme.

Ela está quente como uma fornalha, totalmente molhada, e a sensação é tão intensa que eu aperto os dentes juntos, tentando estabilizar os meus hormônios e não gozar no mesmo instante.

PERIGOSAS ACHERON

Ficamos por alguns segundos quietos, com a respiração entrecortada, antes de ela finalmente iniciar o seu ritmo. Me inclino em sua direção e aproveito para marcar a sua pele macia. Mordo e chupo seu pescoço, enquanto ela choraminga em meu ouvido, cada vez mais alto. Minha boca vai direto para um dos seus seios e eu sugo com força. Me banqueteo como um mendigo faminto diante da mais rica iguaria.

Quando alcanço o outro mamilo, Valentina joga a cabeça para trás. Seu ritmo aumenta, enterrando as unhas em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus ombros, marcando a pele das minhas costas, ao passo que ordenha com muito mais força meu pau para dentro de sua entrada quente.

Agarro um punhado do seu cabelo e faço com que ela olhe para mim. Há uma fina camada de suor sobre os nossos corpos, seu rosto brilha, sua boca levemente entreaberta enquanto ela geme, e eu não resisto à vontade de prová-la.

A beijo com força, com vontade. Tomo tudo dela. Sinto o meu próprio sabor levemente salgado e permaneço enterrado

PERIGOSAS ACHERON

nela das duas melhores formas possíveis, sugando e reivindicando o que sempre foi meu.

Eu sei que não tenho o direito de pensar dessa forma, mas é assim que eu me sinto. Ela é *minha*. É algo que, por mais que eu tente, não consigo controlar. Quando dou por mim, já estou tendo esse tipo de pensamentos e agindo estranhamente.

— Você é a coisa mais perfeita que eu já vi em toda a minha vida — eu sussurro entre beijos. — Eu senti tanto a sua

falta...

Ela afasta o rosto do meu para me fitar.
Só então me dou conta do que deixei
escapar.

— Você sentiu a minha falta? —
Indaga, parecendo incrédula.

— Bem mais do que eu queria —
confesso, agarrando sua nuca e trazendo
seus lábios para perto dos meus
novamente. — Eu não deixei de pensar
em você nem um maldito segundo sequer.
Quis ligar para você, quis ouvir sua voz,
mas você estava me odiando, então

procurei não agir feito um idiota.

Um sorriso escapa de seus lábios. Seus movimentos estão mais lentos, torturantes.

— Eu também senti muito a sua falta, Erick.

Não suportando mais, dou um jeito de inverter nossas posições, ficando por cima. É como se cada vez que eu tomasse mais dela, mais eu desejasse. É como se nada fosse o bastante, nunca o suficiente. Eu sempre quero mais. Sempre quero tudo. Cada segundo, cada pedaço.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou totalmente perdido por essa mulher.

Suas mãos grudam em meus cabelos, suas pernas travam ao meu redor, e meus dedos marcam sua pele alva. Suas unhas cravam em minhas costas, e ela dá mordidas nos meus lábios, enquanto me afogo nela.

— Mais forte... — ela geme no meu ouvido. Sua língua está em meu pescoço, na orelha, meu ombro...

Meus quadris se agitam em resposta. Nossas batidas cardíacas estão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descompassadas, meus músculos se
tencionando. Seus olhos se semicerram, a
boca se entreabre, e eu vou mais forte.

Estocada, estocada, estocada.

Sinto que estou perto.

Estocada, estocada, estocada.

Ela também está vindo.

Estocada.

Mais gemidos.

Estocada.

Mais marcas na pele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estocada.

Mais beijos, mais mordidas e um
palavrão baixinho.

Mais uma estocada.

O céu.

O paraíso.

A plenitude.



Paz. É a palavra perfeita para definir o
que eu sinto nesse momento.

PERIGOSAS ACHERON

Ela está com a cabeça recostada em meu peito, totalmente exausta e suada. Acaricio os seus cabelos e recebo dela um sorriso lânguido, enquanto seus dedos circulam mais uma tatuagem no meu braço.

— Pelo visto você gosta delas, hum? —
Observo, sorrindo internamente com esse pensamento.

Seus lábios se curvam ainda mais, e ela levanta a cabeça para me fitar.

— Fazem parte de você. Adoro tudo em você.

Volto a ficar sério, refletindo sobre o que acabou de ser dito.

É óbvio que o que está rolando entre nós dois não é um simples acordo de sexo casual. Valentina nutre sentimentos por mim, e eu já percebi isso. O problema é que eu não sei ao certo o que está havendo comigo. Não sei o que pensar ou que atitude tomar. Só sei que não desejo que ela transe com mais ninguém além de mim, e que não quero, em hipótese alguma, magoá-la novamente.

Sei também que, mais cedo ou mais

tarde, tudo isso terá um fim. Ela se cansará de mim, se apaixonará por um cara legal e seguiremos nossos caminhos. Valentina é uma mulher excelente, que merece ser feliz e construir uma família. Mas por que o simples pensamento de vê-la dando a outro o que sempre foi *meu* me corrói por dentro? Talvez eu seja egoísta demais (mais um motivo para eu não entender o que alguém como ela vê em um cara como eu).

— Está tudo bem? — Ela pergunta com uma expressão preocupada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está tudo ótimo. Eu só... estava pensando — respondo.

— Em quê?

— Em você. — Percebo seu olhar confuso e prossigo: — Eu estava me perguntando o que você vê em mim para me achar tão... especial.

Ela abre um sorriso triste e se ergue um pouco, envolvendo minha cintura com seus braços pequenos. Sua cabeça vai para a curva do meu pescoço e ela me abraça com mais força.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é especial, Erick. Quando é que vai enxergar isso?

— Eu só queria ser alguém melhor para você.

— Você é ótimo do seu jeito — sorri.
— Eu não tenho do que reclamar.

Ela levanta a cabeça e me dá um beijo. Eu não me afasto. Muito pelo contrário, eu tomo tudo o que ela tem para me oferecer. Eu deixo que ela abrande o meu caos interior apenas com o calor dos seus lábios nos meus, sua pele quente, seu cheiro que agora está impregnado nos

lençóis junto com o cheiro do que acabamos de fazer. Tudo isso, de alguma forma, me faz esquecer — mesmo que temporariamente — da bagunça na qual eu transformei a minha própria vida.

Ela me faz ser melhor. Ela faz eu me sentir melhor. E ela me faz querer ser melhor a cada momento.

Apenas para satisfazê-la.

— Você já namorou, Erick? — Me indaga depois de um tempo.

Pauso por um instante, ainda

acariciando a pele exposta da sua cintura e, por fim, respondo:

— Sim. Uma vez.

Parecendo um pouco aliviada por eu ter sido tão sincero, ela se encoraja a continuar:

— E como ela era?

— Diferente de você — eu digo, apenas. Eu não sei até onde ela quer saber sobre o meu passado, mas talvez eu esteja disposto a lhe contar tudo, caso ela me pergunte. A minha preocupação é em

como ela lidaria com tudo isso, afinal, a minha história de vida não é nenhum conto de fadas.

— Diferente como?

— Ela não era tão curiosa — provoco, arrancando uma risadinha dela. Finalmente, decido responder: — Bom, ela era... diferente, apenas. Bondosa, mas não era do tipo altruísta. Ela era forte, mas tenho certeza de que não aguentaria metade do que você suportou. Entende o que quero dizer?

Valentina balança a cabeça

positivamente, parecendo satisfeita com a minha resposta.

— Por que terminaram?

Fico tenso imediatamente. Valentina parece perceber, pois troca de posição para me fitar.

— Desculpa, eu não vou insistir...

— Ela está morta — eu digo, surpreendendo a nós dois com a minha facilidade em falar sobre isso. — Morreu quando eu era ainda muito jovem.

— E... — dá para sentir a cautela em

seu tom de voz. — Como isso aconteceu?

Suspiro. Não estou totalmente preparado para isso, mas preciso tirar isso do meu sistema. Preciso contar a ela toda a verdade sobre o meu passado. Valentina precisa saber.

— Eu tinha quinze anos quando a conheci — começo. — Ela tinha a minha idade e se chamava Sofia...

Conto a Valentina como a conheci, em um concurso de beleza na escola. Conto em como eu fiquei encantado por ela de imediato, e em como ela ficou encantada

PERIGOSAS NACIONAIS

por mim também. Sofia era filha de um rico fazendeiro que veio do interior ainda muito jovem, logo depois de sua esposa falecer. Os boatos que corriam no bairro era que aquela menina de cabelos loiros e olhos claros era tudo o que aquele homem possuía. Ele fazia de tudo para evitar que a sua filha se misturasse com qualquer pessoa que não fosse ele e os criados da casa. Conto a ela sobre os encontros furtivos, sobre nosso primeiro beijo e sobre a inclinação que Sofia tinha para o drama. Ela gostava de brincar comigo, ela gostava de me manipular, e eu caía feito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um patinho. Estava apaixonado, nunca havia amado antes e ela era a garota mais bonita que eu havia visto.

Desabafo com ela sobre tudo. Conto até sobre o dia em que propus que fugíssemos. E sobre sua ameaça de tirar a própria vida caso eu não aparecesse.

— No dia da fuga — continuo — a minha mãe fez um jantar de noivado oficial com a família da Giovana. Eu tinha certeza de que a garota havia fofocado tudo para minha mãe a respeito do meu plano de fuga, e eu fiquei

PERIGOSAS ACHERON

trancado em casa, impossibilitado de sair para qualquer outro lugar. Aquele jantar era a coisa mais bizarra do mundo. Por Deus, a garota tinha treze anos e eu quinze. Foi constrangedor, foi chato e eu não pude fugir.

— No outro dia, quando fui atrás de Sofia, ela havia desaparecido. Não foi para a escola, não respondia minhas mensagens e eu acabei descobrindo, horas depois, por uma amiga sua, que ela havia fugido de casa. Ela demorou a ser encontrada, mas quando isso aconteceu...

— faço uma pausa, sabendo o quão
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

horrível isso vai soar. — Bem, encontraram um corpo no lago perto de onde nos encontraríamos. Não demorou muito para que descobríssemos que o corpo era de Sofia, e que ela, de fato, estava morta.

Isso foi realmente mais fácil do que eu imaginei. Eu achei que fosse ser mais complicado, confesso. Estava esperando a hora de a crise de pânico vir e a falta de ar me consumir. Eu senti muito isso durante os dois anos que se seguiram após a morte de Sofia. Eu me sentia culpado, e aquilo parecia me atormentar diariamente.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sonhava com aquilo. Sonhava com a culpa. Eu não fui permitido ir ao seu velório, muito menos ao seu enterro. O pai dela proibiu a minha presença e a de minha família em qualquer coisa que estivesse relacionada a Sofia, e aquilo foi ainda pior para mim.

Valentina leva as mãos à boca, horrorizada.

— Então... então foi isso? Você se fechou durante esse tempo todo porque se sentia culpado pela morte dela?

— Eu *sou* o culpado, Valentina. Se eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não tivesse dito aquelas coisas, se eu não tivesse prometido o que não poderia cumprir... Eu sou uma pessoa horrível.

— Não, você não é! — Ela garante, demonstrando o máximo de empatia.

A aperto contra mim. Não quero que ela saia daqui nunca mais.

— Às vezes eu me pergunto se você apareceu em minha vida como um presente — murmuro contra seus cabelos.
— Um presente que eu não mereço, mas do qual não hesito em abrir mão.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós dois estamos aqui para apoiar um ao outro, Erick. Isso basta — ela limpa as lágrimas. — Eu sinto muito.

— Não sinta — a tranquilizo, abrindo um sorriso fraco e puxando-a contra mim.

— Foi amor à primeira vista? — ela pergunta depois de um tempo. — O que você sentiu por ela.

Eu sorrio fracamente.

— Deslumbramento, talvez — falo. — Ela meio que era a paixão platônica do Fred antes de começarmos a ter algo,

PERIGOSAS NACIONAIS

então eu acho que ela fazia muitos garotos se deslumbrarem por ela.

Valentina arregala os olhos.

— Você está me dizendo que roubou a namorada do seu amigo?

Rolo os olhos.

— Não roubei ninguém porque eles não tinham nada. Acho que o Fred gostava dela, mas ele era idiota demais para se declarar, e nós nunca fomos amigos realmente... ao menos nunca o considerei dessa forma. Então aconteceu... nós nos

PERIGOSAS ACHERON

apaixonamos, ou nos deslumbramos, se eu quiser usar um termo mais adequado.

— Bem, isso não me parece tão ruim, posto deste ângulo — ela diz, sorrindo. — Nunca imaginei que você e Fred fossem se apaixonar pela mesma garota um dia. É de se admirar que ele nunca tenha tocado nesse assunto antes.

— Talvez não fosse tão relevante assim pra ele — dou de ombros. — E quanto a você? Já namorou alguma vez?

— Duas. Uma quando eu tinha catorze anos, e outra quando eu tinha quase

dezesseis — Ela enruga o nariz em um gesto bonitinho. — Minha nossa, acho que aquilo não podia ser considerado namoro. Nós mal nos beijávamos.

— Como assim? — Eu rio. — Que garoto em seu juízo perfeito consegue ficar sem tocar em você?

— Eu não disse que eles não me tocavam. — Seu tom é sugestivo. Eu faço uma careta e ela acha graça. — Certo, eu estou brincando. Eu não sei... talvez eu não fosse bonita o suficiente.

— Você era linda. Disso eu tenho

certeza.

Ela abre um sorriso fraco, que logo desaparece.

— Eu não tive tanta oportunidade, assim, de ter um relacionamento. Principalmente depois do que aconteceu com os meus pais.

— O que houve com eles?

— Meu pai morreu atropelado. Mamãe adquiriu uma doença degenerativa, anos depois, e não resistiu. Nós não sabíamos ao certo o que ela tinha, pois não

PERIGOSAS NACIONAIS

tínhamos recursos para iniciar um tratamento. Ela foi enfraquecendo cada vez mais, e eu tive que presenciar minha mãe sucumbir aos poucos.

Ela aperta os olhos, impedindo que as lágrimas venham, e eu afago o seu braço.

— Me perdoe — as palavras saem antes mesmo que eu as meça.

Ela, obviamente, não compreende o que quero dizer com isso. Mas eu tenho total ciência do que elas significam.

Me perdoe por não ter ficado.

PERIGOSAS ACHERON

Me perdoe por não ter retornado.

Me perdoe por ter sido fraco.

— Não diga isso — ela tenta me tranquilizar. — A culpa não foi sua.

Meu peito se comprime ainda mais. Qual será a reação de Valentina quando ela descobrir que eu a observava bem antes de encontrá-la naquela boate?

Nojo? Medo? Mágoa, por eu não ter sido capaz de ajudá-la?

Mas, por mais que eu tenha agido como um idiota covarde, estava impotente. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha um emprego, vivia da mesada que o meu pai me dava, e a minha cabeça estava tão atormentada naquela época que eu não sabia ao certo o que pensar ou fazer. Eu pensei que deixá-la em paz fosse a escolha certa. No entanto, hoje, com uma mente mais madura, eu vejo que errei feio. E eu tenho tanto medo de que ela me odeie por isso.

Mas eu prometi que não iria mais mentir.

Por mais que me doa como o inferno pensar que ela poderá me afastar da sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vida outra vez, eu pigarreio e tento:

— Val, eu...

— Shh, eu não quero mais falar sobre isso — ela sussurra, interrompendo-me.

— É ainda muito doloroso para mim, lembrar dos meus pais.

— Eu sei, mas na verdade eu preciso...

— Não, Erick — ela se aproxima de mim e me beija. Se afasta apenas para implorar: — Por favor, não insista.

No instante em que seus lábios voltam a acariciar os meus, eu perco totalmente a

PERIGOSAS ACHERON

noção do que estava prestes a dizer. Eu acho que posso fazer isso depois. Nesse instante eu quero apenas sentir o calor do seu corpo, seus beijos, e ouvir a sua voz.

Valentina passeia preguiçosamente a mão em meu peito, seu nariz na curva do meu pescoço e planta um beijo ali antes de se levantar, ainda nua.

— Acho que preciso de um banho — ela diz, me olhando daquele jeito provocador.
— Quer vir?

— E o que eu ganharia se me juntasse a você? — Incito, arqueando uma

sobancelha.

Ela abre um sorriso maroto e caminha lentamente de ré em direção ao banheiro, sem pudor algum por estar nua na minha frente. Isso me deixa feliz, pois eu sei que ela não tem esse tipo de intimidade com mais ninguém.

— Isso você só vai saber se me seguir, Erick.

CAPÍTULO 29

Valentina

Desperto com o rosto enterrado bem próximo ao pescoço de Erick. Minha perna está entrelaçada com a dele, e o seu braço agarrado em meu quadril protetoramente.

Um sorriso bobo abre espaço entre os meus lábios. Mesmo enquanto dorme, ele não perde a mania de querer me proteger, de garantir que nada de ruim aconteça

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo enquanto eu o tiver por perto. Tolice ou não, eu gosto disso. Gosto de saber que ele está disposto a me resguardar, disposto a afastar qualquer aflição que ouse me perturbar.

Me remexo na cama e faço uma careta ao sentir o meu corpo dolorido. Meus músculos reclamam com o movimento, minha pele está levemente marcada, e aposto que as minhas unhas arrancaram sangue das costas dele em algum momento.

Oh, merda, eu acho que extrapolamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não, nós *realmente* extrapolamos, e o mais constrangedor é que eu *implorei* por isso.

Eu adorei isso.

E não me arrependo *nem um pouco* disso.

Apesar da intensidade de tudo o que fizemos, é impossível não lembrar de como ele também estava mais suave, aberto para mim, disposto a me contar tudo. Por mais que eu tenha sentido uma imensa curiosidade em saber cada detalhe sobre o seu passado, respeitei o fato de

PERIGOSAS ACHERON

que talvez seja muito doloroso para ele relembrar certos acontecimentos.

Passo os dedos por seus cabelos loiros bagunçados e sinto a felicidade que já estava enchendo o meu peito se intensificar. É incrível como ele consegue permanecer tão lindo, mesmo durante o sono. Os cabelos parecem estar há um bom tempo sem ver uma tesoura, e as mechas se enrolam com facilidade entre os meus dedos. Inspiro o aroma do seu corpo quente e aninho ainda mais a cabeça em seu peito. Sinto as batidas ritmadas do seu coração e pouso minha

PERIGOSAS ACHERON

mão ali, ouvindo o *tum tum* tão familiar, me dando conta de que estou completamente apaixonada. Estive apaixonada por ele desde os meus dezoito anos de idade.

Eu nunca fui de acreditar em amor à primeira vista, embora tenha sido uma adolescente bastante romântica, mas mudei meus conceitos logo que me deparei com Erick. Ele me assustou, óbvio. Que garota virgem não se assustaria ao se submeter entrar para o mundo da prostituição e se dar conta de que um cara bêbado, com aquele ar

PERIGOSAS ACHERON

agressivo, será seu primeiro cliente? O seu primeiro *homem*?

Erick foi meu primeiro em várias coisas, inclusive o meu primeiro amor.

Meus pensamentos se dissipam no instante em que Erick desperta debaixo de mim. Seus olhos se abrem um pouco, e a primeira coisa que ele procura sou eu.

— Bom dia — saúdo com um sorriso largo.

— Bom dia — ele responde, sorrindo de volta. Mas não dura muito, pois ele volta

a ficar sério e indaga: — Você estava chorando?

— O quê? — Sinto uma lágrima que rolou pelo meu rosto e eu nem sequer havia percebido.

Droga.

— Besteira. Só... só estava pensando em como a minha vida virou de ponta-cabeça nos últimos meses — omito.

— Não fique assim — ele se aproxima ainda mais e me abraça com força. — Eu disse que não vou deixar ninguém

machucar você, não disse?

— Eu sei — respondo, forçando um sorriso.

Erick sorri de volta e, lentamente, desliza o seu corpo sobre o meu. Estamos nus, e eu sinto imediatamente a umidade se formando entre as minhas pernas quando meu núcleo se prepara para ele.

— Está dolorida? — Pergunta, alisando a pele do meu pescoço, onde tenho quase certeza de que há a marca de um chupão.

— Um pouco — passo as mãos por suas

PERIGOSAS NACIONAIS

costas largas, sentindo as marcas das minhas unhas em sua pele, fazendo-o estremecer com o toque.

— Me desculpe — ele inclina a cabeça e recosta sua testa na minha. Seu olhar ainda fixo no meu. — Eu acho que peguei pesado.

— Você está me pedindo desculpas pela noite de sexo intenso e alucinante que nós tivemos? — Provoco.

— É que você me faz perder a cabeça às vezes. Mas é de um jeito bom.

PERIGOSAS ACHERON

Não seguro a vontade absurda de ter minhas mãos em cada parte do seu corpo e toco seu rosto suavemente. Meu polegar demora-se na covinha pronunciada em uma de suas bochechas, e os seus lábios se curvam ainda mais em um sorriso lindo.

Ele fecha os olhos e apenas permite. Permite que eu o acaricie, como um animal carente em busca de afeto. Erick não teve muito carinho ao longo de sua vida, e isso é mais que evidente. Por mais que tenha tido o amor dos avós, ele parece não ter tido uma infância comum.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não viveu como crianças comuns vivem, e não recebeu o afeto de que tanto necessitamos. Imediatamente sinto vontade de dizer o quanto estou apaixonada por ele, e do quanto estou disposta a amá-lo de hoje em diante, mas me contenho. Ainda é cedo demais para isso e não sei qual seria a sua reação.

Meus dedos roçam em sua testa, descendo pelas sobrancelhas, as pálpebras fechadas, seu nariz perfeito e, por fim, seus lábios bem desenhados. No momento em que ele abre os olhos e volta a fitar os meus, percebo a miríade de sentimentos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confusos com os quais ele provavelmente ainda não sabe lidar. As minhas mãos ainda afagam o seu rosto, e sua expressão fica séria, como se ele estivesse tão afogado em pensamentos quanto eu.

Sua mão se firma no meu pescoço e ele traz meu rosto para ainda mais perto. Sua boca toca a extremidade da minha em uma carícia leve, o que já é o suficiente para me fazer agarrar os seus cabelos. Seus lábios descem para o meu pescoço, roçando de leve, arrepiando cada pelinho do meu corpo e, quando finalmente alcança a minha orelha, ele sussurra:

PERIGOSAS ACHERON

— Minha.

Eu gemo.

Eu sei que o som provavelmente saiu como um ruído constrangedor, mas eu pouco me importo com isso. Toda a ternura que eu estava sentindo se verteu em puro calor. É intenso. É selvagem. Com ele não poderia ser diferente. E por mais que eu não esteja com, digamos, condições adequadas para mais uma maratona de sexo, não hesito em afastar as minhas coxas para que ele se acomode melhor entre elas. Erick beija meus lábios

uma última vez antes de afastar o rosto do meu.

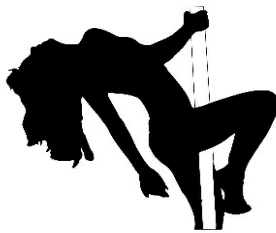
— Você está dolorida, lembra? — Me recorda, abrindo um sorrisinho ao notar a minha expressão de desagrado. — Eu não quero machucar você. — Ele tira as mechas bagunçadas de cabelo que cobrem a minha testa e planta um beijo na minha pálpebra. — Mas isso não quer dizer que a minha língua não possa se dar ao delicioso trabalho de fazê-la se sentir bem.

Suas sobrancelhas se arqueiam e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

entendo de imediato o que ele quis dizer com isso.

Minha Nossa Senhora dos Homens Inexistentes, o que eu fiz para merecer tudo isso?



Ainda é manhã quando chegamos na casa de Romero. Erick insiste em me acompanhar para dentro da mansão, mas eu recuso, lhe dando um beijo rápido.

A casa está silenciosa, exceto por vozes

PERIGOSAS ACHERON

baixas que vêm do corredor e aumentam de volume à medida que subo as escadas. Ao alcançar o topo, consigo descobrir de quem se tratam essas vozes. Meus pés param imediatamente. Seguro com força o corrimão da escada, enquanto observo a cena se desenrolar.

Melissa está parada no corredor, sorrindo sugestivamente enquanto conversa com alguém. Um cara.

Nicolas.

Sem pensar uma segunda vez, avanço na direção de ambos. Quando sou notada,

Melissa fica séria, enquanto Nick abre um sorriso perverso.

— Olá, Valentina — ele dispara o seu cinismo. — Que bom ver você novamente.

— O que está fazendo aqui? — Me recuso a tirar os olhos dele.

— Não é da sua conta — responde. — Mas, como sou bonzinho, lhe direi que vim até aqui apenas resolver umas paradas.

— Na casa de Romero?

— É, na casa de Romero. Qual o

problema, hein? — Ele me desafia. —
Você não achou que eu vim até aqui para
lhe ver, não é mesmo?

Desgraçado. Sinto o ódio e a repulsa
que sempre senti por ele se
intensificarem. A minha vontade é de
quebrar a cara desse marginal neste exato
momento.

— O que está acontecendo aqui? —
Melissa interrompe os meus pensamentos.
— Valentina, isso é forma de tratar uma
visita?

— Ele não é visita. — Volto a olhar

para Nick. — E aposto que não é bem-vindo aqui, também.

O que ele está fazendo aqui? Romero não o convidaria para a mansão, disse eu tenho certeza.

— E como sabe que não? — A voz dele sai fria e irônica, como sempre. — Afinal, a casa nem é sua. Mora de favor.

— Vá embora! — eu ralho.

— Valentina...

— Melissa, vá para o seu quarto.

— Valentina, você ficou louca? — Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

grunhe entredentes. — Está agindo como uma maluca. Pare já com isso.

— Melissa, vá para o seu quarto. Agora.

— Mas que droga! — Ela grita e corre para o quarto, batendo a porta logo em seguida.

Nick ainda está com o sorrisinho debochado direcionado a mim. Há um brilho demoníaco em seus olhos azuis-acinzentados. Ele sabe o quanto me perturba e faz isso de propósito.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sei o que está fazendo aqui, muito menos quem te convidou — eu começo —, mas fique longe da minha irmã.

Ele ri e faz uma cara de falsa surpresa.

— Uau, ela é sua irmã? — O seu tom de voz fica mais baixo, ameaçador. — Agora a brincadeira começou a ficar mais interessante. A sua irmã é solteira, Valentina? Já é maior de idade? Não que isso seja relevante para mim, pois eu posso levá-la para um passeio e lhe mostrar tudo o que a vida tem de melhor

para oferecer.

— Seu cretino, imundo! — O empurro, mas ele segura com força os meus pulsos.

— Não brinca com fogo, Valentina — ameaça. — Eu posso ser bem mais perigoso do que lhe foi permitido ver, quando quero.

— Não tenho medo de você — cuspo, furiosa. — Se chegar perto da minha irmã outra vez, eu juro por Deus que eu te mato!

— Ameaças, ameaças, ameaças... — ele

PERIGOSAS NACIONAIS

sibila, ainda mantendo seu poder sobre meus pulsos. — Você e o Erick estão convivendo tempo demais um com o outro. Estão igualmente chatos e sem senso de humor algum — Ele se aproxima ainda mais de mim, e eu consigo sentir o hálito quente em minha bochecha. Meu estômago se revira. — Agora descobri um ponto fraco seu, Valentina. Obrigado por me dar essa grande informação.

Minhas bochechas queimam de ódio. Ele solta meus pulsos e abre mais um de seus sorrisos perversos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouvimos passos de salto se aproximando, e não demora muito para que Ariela apareça no corredor. Sissy está em seu colo, miando preguiçosamente. Ela acaricia sua cabeça peluda, mas não é a gata que possui sua atenção.

Ariela se aproxima ainda mais e para diante de mim e Nicolas. Com um olhar interrogatório, pergunta:

— O que estavam fazendo parados nesse corredor?

— Conversando — Nick responde tranquilamente.

PERIGOSAS ACHERON

Ariela olha diretamente para ele.

— Não era para você já ter ido embora, Nicolas? Achei que já tivéssemos tratado de todos os assuntos pendentes.

O olhar que ambos compartilham começa a desencadear inúmeros questionamentos em minha cabeça. E o principal deles é: por que Ariela está falando com ele dessa forma? Quais assuntos esses dois teriam para tratar?

— Eu já estava de saída quando, por ventura, acabei me esbarrando com a doce irmã de Valentina — ele me fita. — E

estou muito curioso para saber se ela é realmente tão doce quanto aparenta.

— Filho da...

— Já chega — Ariela me interrompe. — Nicolas, vá embora. Não estou interessada em saber sobre suas conquistas. Faça isso fora da minha casa.

— Tudo bem — ele diz. — Aguardarei ansiosamente por uma ligação sua, Ariela.

— Entrarei em contato quando achar necessário — ela replica. — Agora vá.

Nick obedece, lançando-me um olhar

PERIGOSAS NACIONAIS

antes de se virar e desaparecer pelas escadas. Sinto minhas pernas trêmulas, minha cabeça quente e o sangue percorrer como fogo líquido cada veia do meu corpo.

— O que o Nicolas queria com você? — Ariela questiona, olhando-me com um brilho cauteloso, perscrutador.

— O que você já sabe — respondo, incapaz de iniciar um duelo de farpas verbais perante sua curiosidade. — Estávamos falando sobre a minha irmã e seu interesse súbito por ela.

PERIGOSAS ACHERON

Ela desmancha a expressão anterior, aparentemente mais relaxada.

— Entendo — diz, mudando de assunto no momento seguinte. — Eu vi quando você chegou e vi o carro de Erick na entrada da mansão. Pode me dizer o que estava fazendo com o meu filho?

Novamente, sinto meu sangue aquecer-se e subir para as minhas bochechas. Não que seja da conta dessa perua, mas eu não abaixo a cabeça quando respondo:

— Eu estava na casa dele. Passei a noite por lá.

Os olhos claros de Ariela transformam-se em duas pedras de gelo. A sobrancelha se arqueia, e seus lábios formam uma linha fina quando ela respira fundo e inclina a cabeça.

— O que disse?

— O que você ouviu — Cruzo os braços. — Passei a noite por lá.

— Você e o meu filho... — ela balança a cabeça, como se não estivesse acreditando. — Você e o Erick estão... juntos?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pergunte isso a ele, Ariela.

Ela põe a gata no chão e vem em minha direção. Segurando o meu braço, sibila:

— Eu não sei quais as suas intenções em relação ao meu filho, Valentina, mas sugiro que se afaste dele enquanto há tempo. Eu não gosto de você, não aceito a sua presença na minha casa, muito menos um relacionamento com o Erick.

— Por que você não vai falar isso diretamente com ele também? — Disparo, tentando puxar meu braço, mas ela crava suas unhas compridas na minha pele.

PERIGOSAS ACHERON

— Porque o meu filho é homem — responde, como se essa fosse uma explicação plausível. — Ele tem suas necessidades e não o culpo, afinal, você é... *bonitinha*. — Ela sorri ironicamente. — Mas ele tem uma noiva. Uma noiva linda e rica. Alguém digna de receber o nome dos Almada. Alguém digna de dormir ao lado dele todas as noites. Você não passa de uma coitada que ganhava a vida fazendo o que provavelmente sabia de melhor: vender o corpo.

Mal tenho chances de medir as consequências para o que faço logo em
PERIGOSAS ACHERON

seguida: a palma da minha mão arde no instante em que ela beija a pele fina e impecável do rosto de Ariela. Sua cabeça se vira com o golpe, então ela finalmente me solta. Quando volta a olhar para mim, há puro ódio.

— Você me bateu!

— Encoste um dedo em mim novamente e eu não vou hesitar em repetir a dose...

— Minha respiração está irregular, e eu faço o que posso para puxar oxigênio suficiente, tamanho ódio que estou sentindo.

Tocando novamente o local onde bati, Ariela sorri. Seu sorriso se transforma em uma risada forte, debochada, fria.

— Não poderia esperar menos de uma selvagem que desconhece bons modos, como você — desdenha. — Isso é só mais uma prova de que o melhor a se fazer é você ficar bem longe do meu filho, Valentina.

— O seu filho já tem idade suficiente para decidir o que quer da vida, Ariela. — Refuto, minha frequência cardíaca ainda intensa. — Sugiro que você procure se

tratar, pois essa sua obsessão por controle já está ficando ridícula.

— Eu sei muito bem o que estou fazendo, garota. Amo o Erick mais do que qualquer outra coisa. Sei o que é correto para ele, e ninguém me fará mudar de ideia, portanto eu repito: fique longe dele.

— Eu não tenho medo de você — rebato, ainda trêmula. — Não vai surtir efeito você tentar me ameaçar.

— Eu não sou mulher de ameaças, minha querida — informa glacialmente.

— Quando eu quero, eu apenas faço.

E sem mais uma palavra, ela se recompõe, passando por mim e fazendo o mesmo trajeto que Nick.

Minha garganta está apertada quando abro a porta do quarto de Melissa. Encontro-a encolhida em cima da cama, chorando copiosamente. Sinto meu coração se quebrar.

— Melissa — sussurro, retirando os cabelos que cobrem seu rosto.

Ela vira a cabeça, livrando-se do meu

toque e me olha com mágoa.

— O que quer aqui?

— Vim ver como você estava.

— Quero ficar sozinha.

Suspiro.

— Melissa, eu sei que você ficou brava por conta do que fiz, mas o Nick não é uma boa influência, ele...

— Já chega! — Ela tapa os ouvidos. — Desde que eu cheguei aqui, que você insiste em me dar lição de moral, me dar conselhos, quando *você* é a última pessoa

que poderia estar fazendo isso.

— Eu sei — respondo, lutando contra minha vontade de chorar. — E é justamente por isso que quero cuidar de você. Não quero que siga um caminho ruim.

— Eu não estou fazendo nada de errado, poxa — choraminga. — O que custa eu conhecer alguém legal, ter amigos, um namorado?

— Não custa nada, e eu desejo do fundo do meu coração que você consiga tudo isso o quanto antes, mas o Nick não é a

melhor pessoa para isso, Melissa. Ele não é bom.

— Você está o julgando pela aparência — ela argumenta. — Pelo pouco que conversamos, consegui perceber o cara gentil e legal que ele é. Ele até me convidou para conhecer a sua casa. Tem até piscina, Val...

— Melissa, não! — a corto. — Nem pense nisso. Você não vai a lugar algum com aquele marginal.

— Droga, não dá para conversar com você! — Ela vocifera e levanta da cama.

Em um gesto de fúria, ela começa a apanhar as almofadas em cima da cama e atirar para todos os lados do quarto.

— Melissa, pare com isso! — Minha ordem é em vão.

— A minha vida é uma droga. Que inferno!

E é nesse momento que ela empurra com força um travesseiro em direção à prateleira acoplada à parede, e todos os objetos caem. Eu daria atenção à confusão que ela está fazendo no quarto, se minha atenção não estivesse focada em

apenas *uma* coisa: eu vejo papéis. Papéis com o nome de uma clínica que não conheço.

Ando até a papelada espalhada no chão e apanho.

— Valentina, solte isso! — Ela corre até mim, mas eu desvio a tempo.

Ela chora ainda mais, implorando para que eu os guarde.

No entanto, eu não faço isso.

Não posso.

Eu não estou acreditando no que estou

PERIGOSAS ACHERON

vendo.

— Meu Deus... — sussurro. — Melissa,
você... você está *grávida*?

CAPÍTULO 30

Valentina

Agora eu já entendo tudo. Entendo os enjoos que sentiu e o seu comportamento estranho toda vez que eu teimava em tocar no assunto. Como fui tão burra a ponto de não me dar conta do que estava se passando com a minha própria irmã? Como pude ser tão tonta?

Estou me sentindo a maior idiota, e a vontade que sinto agora é de gritar até

PERIGOSAS NACIONAIS

que minha voz suma. No entanto, nada disso acontece. Nem *respirar* eu estou conseguindo fazer direito.

Descobri que tia Eurídice expulsou Melissa de casa no instante em que descobriu que a minha irmã estava grávida, o que responde o seu receio toda vez que eu procurava entrar em contato com a tia. E se isso não for o suficiente, ela mal sabe quem é o pai. Quer dizer, ela diz que é do Tito, o tal namorado com quem estava saindo, mas lembra-se de ter dormido com um colega de faculdade, dias depois de terminar com o tal garoto.

PERIGOSAS ACHERON

Então, é isso. A minha irmã mais nova está grávida e não sabe quem é o pai.

— Fala alguma coisa — Melissa implora, encolhida na cama, com o queixo apoiado nos joelhos dobrados.

Não sei quanto tempo se passou, nem quanto durou a nossa conversa. Ficamos bem mais tempo caladas, refletindo sobre os fatos, do que conversando. Não gritamos mais, não brigamos. Apenas nos mantivemos quietas, cada uma absorvendo pedaço por pedaço da realidade.

— O que você quer que eu diga? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha voz finalmente sai. Isenta de emoção, como se eu estivesse anestesiada.

Eu estou sentada na poltrona agora. O exame de gravidez ainda está em minha mão, meus cotovelos apoiados bem próximos aos meus joelhos e meu pescoço inclinado, apenas o suficiente para que eu a fite. Temo não ter força psicológica para muita coisa.

— Eu não sei — ela murmura baixinho.
— Achei que você fosse gritar comigo, me xingar, dizer que sou uma...

PERIGOSAS ACHERON

— Uma puta? — Completo a frase que ela não teve coragem de concluir. Ela estremece com a minha palavra, e eu descanso minha cabeça entre as mãos, antes de exalar fortemente.

— É ruim, não é? — Olho fixamente para ela, recebendo sua total atenção. — Você se sente tão mal por imaginar ser chamada de tal coisa, mas não faz ideia do peso que essa palavra tem. Você não faz ideia do que é ser chamada de puta durante cinco malditos anos e não poder fazer nada para se defender, pelo simples fato de você realmente ser uma puta... —
PERIGOSAS ACHERON

minha voz falha e eu suspiro novamente.
— Eu dei o melhor que pude a você,
Melissa. Mesmo não sendo tão presente,
eu fui a mãe que você perdeu tão nova...
eu senti nojo de mim mesma, me deitei
com homens que eu não queria, e sabe por
quê?

Ela se encolhe quando percebo que
estou com voz alterada, mas não estou
medindo o grau que as minhas cordas
vocais são capazes de atingir nesse
momento. Prossigo:

— Tudo para que você não corresse o

PERIGOSAS NACIONAIS

risco de morrer de fome ou ir parar em um lar para menores. Será que você não reconhece tudo o que fiz? Todo o esforço que tive? Eu queria que você tivesse o futuro que eu sabia que nunca teria, Melissa. Eu não estou atirando essa merda na sua cara agora, mas me entristece muito saber que você jogou tudo isso fora, como se eu fosse um nada.

— Val... — Ela soluça e enterra o rosto nos joelhos dobrados.

— Eu deixei de comprar roupas bonitas para mim, apenas para que você se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vestisse bem — ignoro seu choro e despejo tudo o que é preciso sair. — Eu deixei de comer o que eu sentia vontade, apenas para garantir que você tivesse comida na mesa todos os dias. Eu deixei de fazer a porra de uma faculdade, só para ver você formada!

Quando me dou conta, já estou de pé. Minhas lágrimas caem dolorosamente. Melissa parece chorar ainda mais e soluça tanto que eu temo que ela engasgue com seu próprio choro a qualquer momento.

É tão doloroso, tão sufocante. Meu

PERIGOSAS ACHERON

peito dói. *Tudo* dói.

— Por favor, Val, não me odeie.

Passo a caminhar pelo quarto, puxando várias respirações. Eu preciso de oxigênio. Imediatamente. Quando sinto que estou mais calma, volto a olhar para ela.

— Eu nunca odiaria você, Melissa. Mas estou decepcionada. Muito. Não só com você, mas comigo também.

— Eu sinto tanto... — ela pausa e funga. — Você vai me expulsar daqui,

também?

Balanço a cabeça, incrédula.

— Acha mesmo que eu faria isso?

Ela encolhe os ombros.

— Eu não sei o que pensar. — Desse jeito, ela aparenta mais uma criança do que uma mulher grávida de quase dezenove anos. — Tia Eurídice foi tão dura comigo. Ela disse coisas tão feias.

Eu sei que, por mais que ela tenha sido ingrata, Melissa está em um momento difícil. Um momento delicado. Ela está

PERIGOSAS NACIONAIS

prestes a ser uma mãe solteira que acabou de sair da adolescência. Isso não é fácil de digerir.

Sem pensar duas vezes, vou até ela e a abraço. Ela retribui o gesto e eu sinto as lágrimas quentes molhando o meu pescoço.

— Vai dar tudo certo — eu digo, sentindo-me um pouco mais calma. — Nós vamos enfrentar isso juntas. Eu vou ajudar você no que precisar, e esse bebê virá ao mundo saudável e cheio de amor e carinho.

PERIGOSAS ACHERON

Ela funga.

— Eu não vou ser uma boa mãe.

— É claro que vai. É o seu filho — eu digo. — Você diz essas coisas porque está assustada, o que é compreensível, mas eu tenho certeza de que você será uma ótima mãe, Melissa.

Ela baixa a cabeça.

— E se ele me odiar?

— Ele não vai — garanto. — Além disso, você não estará sozinha nessa. Vamos fazer com que isso dê certo.

Melissa olha para mim.

— Desculpe, por tudo. Não pense que...
que eu não gosto de você, Val. Eu te
amo...

Abraço-a.

— Eu sei. Também amo você. Acho
melhor você descansar agora. Foi muita
coisa para digerir em uma manhã só.

Ela meneia a cabeça e se afasta para se
acomodar debaixo das cobertas.

— Val? — Ela chama quando já estou
prestes a abrir a porta. Me viro e ela diz:

— Obrigada.

Sorrio e faço um aceno positivo de cabeça antes de ir direto para o meu quarto. Lá eu só tenho forças para tomar um banho e me atirar na cama.



Desconheço quanto tempo se passa, mas quando desperto já é noite. Levanto-me da cama e abro as pesadas cortinas cor creme que cobrem a porta de vidro corrediça do meu quarto, irrompendo para

o frio da varanda. Lá fora o vento sopra continuamente uma brisa leve, suscitando uma suave oscilação nas folhas dos arbustos que enfeitam a área do jardim.

Olhando deste ângulo, o terreno onde se localiza a mansão de Romero me parece bem mais amplo do que imaginei anteriormente. O condomínio é extenso e parece se estender por quilômetros e mais quilômetros de terra bem cuidada. Não é segredo para ninguém que o lugar é bonito, seguro e um dos melhores onde eu poderia estar. Mas, mesmo assim, sinto como se esse não fosse o meu lar. O meu

PERIGOSAS ACHERON

lugar. Realmente não é.

Acho que agora eu entendo como Erick se sentia. Ele queria liberdade. Uma identidade. Um lugar para chamar de seu. Fugir das asas da família e das obrigações que lhe foram impostas.

Abraço o meu corpo e deixo a varanda quando sinto minha pele se arrepiar. Fecho novamente as cortinas e ligo o abajur que fica ao lado da minha cama, agora bem mais desperta. Olho no relógio de cabeceira e já se passa das 22h00min.

Incapaz de voltar a dormir, me deito

PERIGOSAS NACIONAIS

novamente na cama. Apanho meu celular e disco o número dele. Instantes depois, sua voz rouca e tão reconfortante preenche os meus ouvidos.

— Oi, Erick — eu saúdo, sem tentar dar bandeira de que chorei a manhã inteira.
— Acordei você?

— Não, eu estou sem sono — ele responde, o que me alivia. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, eu só quero conversar um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendi — sua voz é descontraída, como se ele estivesse tentando aliviar a tensão impregnada na minha. — Tudo isso é saudade?

Recosto-me da cabeceira da cama e sorrio, imaginando que ele também esteja sorrindo do outro lado.

— Um pouco.

— Um pouco? Essa é a sua forma de alimentar o meu ego?

— Eu não preciso fazer isso por você, convenhamos.

PERIGOSAS ACHERON

Ele ri.

— Ok, você pegou pesado, mas eu não vou mentir... eu senti saudade. Bastante.

Começo a sorrir feito uma idiota.

— Eu também.

— Eu sei — ele provoca, mas eu não retruco. Apenas pelo fato de tê-lo na linha comigo, já me deixa totalmente mais calma.

Parecendo incomodado com o meu silêncio, ele volta a falar:

— Então... você vai me dizer o que
PERIGOSAS ACHERON

aconteceu?

— Depois... — murmuro.

— Alguém machucou você? — Ele insiste. — Tratou mal?

Penso em falar sobre Ariela, mas volto atrás. Eu não sei o que Erick seria capaz de fazer com essa informação e, apesar de ela ser uma megera, não quero ser responsável por fazer um filho se meter em confusão com a própria mãe.

— Erick, por favor...

— Tudo bem, tudo bem, eu não vou

insistir. — Ele suspira frustrado. — Mas, inferno, se não estivesse tão tarde, eu juro que apareceria por aí e a raptaria.

Dou uma risada diante da sua ideia.

— Não seria rapto se eu estiver de acordo com isso.

— Bom, aí você teria que colaborar. Correr, talvez. Eu te caçaria e quando te pegasse... poderíamos considerar uma recompensa.

Estou podendo imaginar o sorriso torto dando “olá” em seus belos lábios, e algo

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro de mim se agita com essa perspectiva.

— E eu posso saber que tipo de recompensa seria essa?

— Existem várias possibilidades. A minha lista é bem extensa.

Mordo o lábio e deixo escapar uma risada.

Não lembro exatamente quantas horas ficamos ao telefone, nem sobre o que falamos, pois foi tanta coisa que eu mal me recordo, mas quando me despeço dele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

(por falta de bateria) sinto-me muito mais leve.

Deito-me sob as cobertas e olho para o teto, ainda sem conseguir dormir, minha mente repassando tudo o que aconteceu durante o dia.

Certo tempo depois, ouço o telefone do meu quarto tocar. Atendo imediatamente, e a voz de Erick preenche os meus ouvidos segundos depois:

— Abra a porta.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

— Abra a porta — ele repete, e eu corro em direção à sacada do quarto, descobrindo que Erick está nos portões da mansão.

Deixo cair o telefone, sem me dar ao trabalho de encerrar a chamada e corro para o andar de baixo a todo vapor. Passo na cozinha para apertar o botão que abre os portões e corro para o lado de fora.

Ele me saúda com um sorriso, assim que o encontro na metade do caminho. Meu corpo se choca com o seu no instante em que o abraço. Nem parece que o vi

ainda hoje de manhã.

— O que você está fazendo aqui? —
Pergunto depois que nos desgrudamos.

Ele sorri e põe uma mecha do meu cabelo para trás.

— Você precisava de mim — e basta apenas isso para que o meu coração se derreta ainda mais.

Subimos para o meu quarto e nos trancamos dentro dele. Estou me sentindo como uma adolescente que esconde o namorado dos pais no meio da madrugada.

PERIGOSAS NACIONAIS

E o mais engraçado nisso tudo é que essa casa *pertence* a Erick.

Ele arqueia uma sobrancelha ao notar minha expressão temerosa.

— Você, por acaso, está com medo de que alguém me pegue aqui?

— Claro que estou. Eu não sei o que sua mãe ou o seu avô iriam pensar.

— Que nós estamos prestes a ter uma noite de sexo intenso? — Ele arqueia as sobrancelhas sugestivamente e eu aperto meus olhos diante de sua provocação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um pervertido.

— Vendo você vestida nesse pijama, impossível não ser.

Baixo meu olhar para meu conjunto de pijamas de nuvens, e ele ri com o meu constrangimento. *Merda, estou parecendo uma criança!*

Erick tira a camisa e joga na poltrona ao lado da minha cama, em seguida retira o cinto e começa a desabotoar a calça.

Engulo em seco, incapaz de dizer algo e me obrigar a ficar sem essa visão dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deuses. Aguardo até que ele puxe as cobertas da minha cama e se deite nela apenas de cueca.

Cruzo os braços, olhando para ele ainda em silêncio.

— Vem cá — ele chama com um sorriso, o braço estendido em minha direção.

Sem pensar duas vezes, vou até a cama e me acomodo nos braços dele, minha cabeça em cima do seu peito, bem onde fica o coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele acaricia o meu braço e me aperta ainda mais, puxando o cobertor sobre nós.

— Você me parece abatida. Se alimentou bem hoje?

— Sim — minto, pois, na verdade, não almocei nem jantei. Contudo não sinto fome.

— Espero que esteja sendo sincera.

Erick começa a acariciar os meus cabelos, enquanto ainda mantém seu braço firme ao meu redor. Com um súbito sentimento de paz preenchendo o meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coração, adormeço facilmente.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 31

Erick

Seis anos atrás...

Seis meses se passaram desde a primeira vez em que a vi. Seis meses me escondendo no canto da lanchonete (é óbvio que eu não fazia isso diariamente, pois começaria a chamar a sua atenção, coisa que estava fora de cogitação), e foram seis meses apenas nutrindo algo que eu não nomearia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu dizia a mim mesmo que o que eu sentia não era nada de mais, mas já me peguei por diversas vezes distraído, rabiscando os olhos dela, ou escrevendo frases de romance bobo aleatórias. Eu pensava nela diariamente. Estava agindo como bobão na maior parte das vezes e não admitia ver isso acontecer.

Oito meses se passaram.

Eu continuava assistindo de longe tudo o que se desenrolava a respeito dela. Desde o pedido de desculpas do bêbado pedófilo que nunca mais deu as caras por

PERIGOSAS ACHERON

aqui, até o dia do seu aniversário.

Sim, hoje é seu aniversário.

Eu sei disso, pois peguei uma conversa entre ela e Fauna, alguns dias atrás. Eu sei que hoje ela está fazendo dezoito anos e a lanchonete irá ficar aberta apenas até metade do dia, pois eles planejam fazer uma festinha particular entre colegas de trabalho. Fauna não me convidou, mas mesmo se ela fizesse, eu não iria.

Estou sentado em minha mesa habitual. Não estou desenhando dessa vez. Estou observando-a. Observando como ela está

PERIGOSAS NACIONAIS

feliz e em como ela recebe os abraços dos amigos. Ela sorri docemente e agradece, sempre tímida.

Há um cara. Um funcionário novo. Ele é um garçom, deve ter seus vinte e poucos anos. Já vi a forma como ele olha para ela, como flerta com ela e em como ela sorri para ele.

Não é o sorriso puro e sincero que registro em meus desenhos. É um sorriso tímido, desconfortável. Ela, provavelmente, não está habituada com os flertes e investidas do sexo oposto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me pego imaginando qual seria a sua reação se eu flertasse com ela. Pois eu estaria disposto a lhe mostrar muitas coisas boas, estaria disposto a ensinar tudo o que ela não sabe. A faria sussurrar meu nome com aquela voz doce e depois a beijaria. Eu a abraçaria e depois faria amor com ela. Como nunca havia feito antes com ninguém.

Será que ela é virgem?

Eu nunca tirei a virgindade de alguém, e não sei como lidaria com essa responsabilidade, mas o pensamento de

PERIGOSAS ACHERON

fazer isso com *ela* não me parece tão absurdo assim.

Deus, no que me transformei?

A presença notória de Fauna invade o meu campo de visão, cobrindo a imagem da Moça Bonita aos papos com o tal funcionário novo. Estendo meu olhar para a mulher diante de mim, e ela arqueia uma das sobrancelhas.

— Nada de desenhos hoje?

— Hoje não — respondo evasivamente.

— Fiquei sabendo que irão fechar mais

cedo.

— Sim, teremos uma comemoração. A sua musa inspiradora está fazendo dezoito anos — Ela pausa e leva as mãos até a cintura. Abrindo um sorriso, diz: — É somente para funcionários, mas se quiser participar, será bem-vindo.

Balanço a cabeça suavemente enquanto recuso:

— Melhor não.

Fauna suspira.

— Eu não entendo essa sua teimosia de

não querer manter contato com ela. Tudo isso é medo de que ela descubra que você a persegue praticamente todos os dias da semana?

— Você fala como se eu fosse um maníaco perseguidor. — Sorrio fracamente. — Eu só não quero que ela se contamine com a minha presença. Não sou uma boa influência.

— Você sabe que está soando como um louco, certo? O maldito garoto louco que não sabe o que quer.

— Eu sei o que quero. — *Não sei?*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não sabe — reafirma seu ponto.

— Mas *eu* sei. Você a quer. Você quer a atenção dela, você quer que ela te venere da mesma forma que é venerada por você, mas esse seu medo... vai estragar tudo. Será que não percebe?

— Eu...

— Se quer saber, ela está prestes a ir embora — me corta. — Está prestes a sumir de uma vez por todas dessa lanchonete, e você não terá mais desculpas para vir aqui, pois ela não estará mais por perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso lança um redemoinho de sentimentos estranhos dentro de mim.

— O quê? Por quê?

Ela arrasta uma cadeira diante de mim e se senta. Com os olhos escuros nos meus, murmura:

— Ela tem *problemas*, por assim dizer. Problemas em casa e... bem, ela precisa resolver sozinha esses grandes problemas, mas o salário que ganha aqui não lhe ajuda em muita coisa. Ela vai ter que procurar algo melhor, mais cedo ou mais tarde.

PERIGOSAS ACHERON

— E os seus pais? Eles não podem solucionar esses problemas?

Fauna abre um sorriso triste.

— Percebe-se que você não vive no mesmo mundo que nós, não é? Você não sabe nada sobre a vida, garoto. — Sei bem mais do que ela imagina. — A única família que ela tem se resume em uma irmã mais nova e uma mãe doente. Ela não tem vida fácil, mesmo assim não deixa seus sonhos de lado. Ela é um verdadeiro exemplo a ser seguido e admirado. É bem mais forte do que

aparenta.

Deus, eu queria abraçá-la agora.

Como eu queria...

— Eu... eu não quero que ela sofra —
murmuro. — Não sabia dessas coisas,
eu... acho melhor eu ir embora.

Me ergo da cadeira e Fauna me
acompanha com o olhar.

— Aonde você vai?

— Eu vou desaparecer. É o melhor a se
fazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai fugir.

— Não, Fauna. Eu vou deixá-la em paz.

Eu não posso...

— Não pode lidar com isso — ela conclui. Erroneamente, devo ressaltar.

Porra, ela não entenderia. *Ninguém* entenderia.

Eu poderia, sim, lidar com os problemas dela. Não sou o tipo de cara que julga os outros pela conta bancária, mas isso aqui é vida real e, por mais que eu queira tomar parte de seus problemas

PERIGOSAS ACHERON

para mim e tirar esse peso das suas costas, essa é uma merda que não está ao meu alcance. Eu dependo da mesada que o meu pai me dá, estou na faculdade porque ele custeava os meus estudos. Não me encontro em uma situação muito diferente da sua. Eu seria apenas mais um peso com o qual ela teria que lidar. Um garoto idiota e mentalmente instável que sofre constantemente por traumas do seu passado. Não posso adicionar mais problemas em sua vida. Que tipo de pessoa eu sou?

Um monstro, Erick. Meu raciocínio me
PERIGOSAS ACHERON

lembra. *Você é um monstro.*

Não respondo Fauna. Apenas enfio minha mão por baixo da mesa e retiro de lá um pacote. É um saco de papel decorado com fitas coloridas na alça.

— Entregue isso a ela.

Fauna aceita o embrulho com cenho franzido e um brilho de emoção no olhar.

— Ela gosta de bombons? — Pergunto.

— Ela adora — confirma com um sorriso triste.

— Não diga que fui eu quem dei. Diga

que foi você, se preferir.

Ela balança a cabeça em negativa.

— Não tirarei seus méritos. Mas também não irei trair sua confiança. Posso dizer que foi um admirador secreto. O que acha?

Dou de ombros, mas por dentro um pouco emocionado com a sua atitude. Realmente, eu não queria que ela tirasse meus méritos. Porra, eu queria ver o seu rosto quando ela recebesse o presente. Será que sorriria da mesma forma encantadora e genuína que ela sorri toda

vez que está com Fauna ou algum outro amigo confiável?

Como ela pode sorrir dessa maneira depois de tudo o que Fauna me confessou sobre sua vida?

Ela é um anjo, Erick.

Uma luz.

A luz que sua sombra não pode ofuscar.

Com os pensamentos aniquilando incessantemente o meu cérebro, despeço-me de Fauna.

Dou um último olhar para ela. A última
PERIGOSAS ACHERON

vez em que irei vê-la.

Eu só não sabia que o destino programava muito mais para mim. Muito mais para nós dois.

E aquela despedida não seria a última.

Valentina

É o fim do meu primeiro dia de aula desde o acidente. Estou tentando, sem muito sucesso, limpar a horrível e enorme mancha de café em minha blusa clara,

quando a sombra de um corpo esguio coberto por roupas em tons neutros atravessa o meu campo de visão.

Olho para Fred e noto que ele está com a testa franzida enquanto observa a mancha de café em minha blusa.

— Precisa de uma ajudinha? —
Pergunta, brincalhão.

Muitas coisas mudaram desde que bati o meu carro e fiquei quase duas semanas fora da Pacheco Soares. Quer dizer, muita coisa, menos os rumores alheios. Meu acidente só serviu para alimentar a língua

venenosa dessas pessoas que começaram a cogitar que o motivo da tal batida foi tentativa de suicídio. Pelo menos eles não me olharam mais como se eu fosse uma puta, e agora, para todos os efeitos, eu sou uma garota depressiva.

Que legal...

Preferi deixar eles pensarem isso, em vez de revelar que, possivelmente, tem alguém à espreita tentando me matar. Uma onda forte de estremecimento percorre minha espinha, minha mente voltando-se novamente para Erick. Ele

disse que me protegeria, e eu acredito nele. No entanto, essa pessoa misteriosa poderia ser qualquer um, certo? Até mesmo Fred.

Oh, não, Valentina. Não surte!

Tentando me acalmar, olho para Fred e abro um sorriso.

— Pois é. Acho que sou meio desastrada.

— Bom, senhorita desastrada, a sua sorte é que eu tenho lenços e um bom produto para tentar tornar menos

vergonhosa a sua situação, lá na sala dos professores — Ele me abre um sorriso. — Poderia me acompanhar até lá?

Mesmo com uma lenta e crescente renitência, forço os meus pés a uma vagarosa viagem rumo à sala de professores. O local está vazio, exceto pela minha presença e a de Fred. As pesadas cortinas estão abertas, nos permitindo a visão das macias nuvens que se dissipam contra o suave brilho azul do céu diurno.

Fred me atira mais um de seus doces

sorrisos e oferece-me uma cadeira. Enquanto me sento, ele se dirige a um armário de madeira maciça polida. Tira de dentro dele um frasco com um líquido claro, molha uma toalha com ele e vem em minha direção.

Ele inclina a cabeça desajeitadamente e aponta para a minha roupa suja quando diz:

— Posso?

Aceno positivamente com a cabeça e puxo a bainha da minha blusa para que ele possa executar sua tarefa

voluntariamente oferecida.

— Você está melhor? — Ele indaga, depois de um tempo.

Suspiro, aliviada por finalmente ter algo para conversar. Esse silêncio estava me deixando meio tensa.

— Se você estiver se referindo ao acidente... sim, eu me sinto bem melhor. Foram dias de repouso, afinal. Romero me tratou como uma inválida.

— Me sinto mais aliviado com isso. — Ele conclui e se afasta.

O resultado ficou muito bom. A mancha mal aparece.

— Obrigada — agradeço com um sorriso.

Ele sorri de volta e se afasta para fechar o armário. Quando volta, retorna a falar:

— Eu até pensei em ligar para saber como você estava, mas a correria foi tanta que não consegui tempo. Além disso, imagino que você tenha sido bem cuidada.

— Sim, eu fui — confirmo. — Meus

amigos daqui da faculdade me visitaram.

Ele abre um sorriso fraco.

— Que bom, Valentina. E o Erick? Ele foi visitar você?

— Sim, ele foi muito bom para mim — respondo, sem querer entrar em detalhes.

Mesmo assim, ele parece compreender as palavras não ditas. Arqueia uma sobrancelha e diz:

— Entendi. Então, vocês... se entenderam?

Baixo a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que você deve estar pensando que eu sou uma idiota e tudo mais, não é? Mas, bem... sim, nós nos entendemos.

Ele senta na cadeira ao meu lado e balança a cabeça.

— Na verdade, não — fala. — Eu me lembro de como o Erick agia no passado... antes de você, e *depois* de você. Não sei a que pés andam o relacionamento dos dois, então não posso dizer que você é uma idiota por simplesmente ter voltado para ele. Vocês parecem que foram programados para

PERIGOSAS ACHERON

ficarem juntos ou essas coisas loucas que a ciência não explica.

Arregalo os olhos.

— Você acha mesmo isso?

— Você não? — devolve com um sorrisinho.

Eu não respondo sua pergunta. Em vez disso, pergunto:

— O que quer dizer com... antes e depois de mim?

Ele pondera por um tempo, como se estivesse pensando se deve ou não me

dizer isso.

— Certo... bom, depois daquela noite... na noite em que a encontramos na boate, muitas coisas mudaram. Eu me lembro de uma conversa que tivemos em que o Nick provocou o Erick, dizendo que voltaria na boate para "experimental" você, e ele ficou possesso. Eu nunca vi um Erick tão mortalmente irado como ele estava. Era óbvio que todos nós ficamos abalados com você, afinal você era tão linda e tinha aquele olhar tão inocente — ele enrubesce. — Me desculpe te dizer isso, mas você tinha *algo*. Algo que a tornava

PERIGOSAS ACHERON

diferente de todas aquelas mulheres. Eu não sei o que aconteceu naquele quarto, nós nunca soubemos, mas o Erick estava diferente. Algo tinha mudado dentro dele, era como se ele tivesse se quebrado por dentro.

— Então foi isso? Foi isso que fez com que vocês se afastassem?

— Tecnicamente, sim. Mas houve algo a mais. Certa vez, estávamos comentando sobre garotas, e o Nick com sua boca suja comentou outra vez sobre você. Erick ficou furioso novamente e disse que não

queria falar sobre o assunto. Foi então que eu me manifestei. Eu não sei o que deu em mim, mas eu disse muitas coisas a ele naquela noite. Disse que estava agindo feito um idiota. Bom, talvez eu estivesse sendo mais idiota ainda, pois eu mal conhecia você. Eu só havia lhe visto uma única vez, mas sentia que era meio errado o que aconteceu, sabe? Era como se ele quisesse ter voltado lá, mas o orgulho e o medo falaram mais alto.

— Entendo.

— Eu o chamei de covarde e egoísta

também — encolhe os ombros, como se estivesse arrependido. — Erick me bateu, nós brigamos feio e depois disso, nada mais foi como antes.

— Meu Deus, então o motivo de... o motivo de vocês não serem mais amigos sou eu?

— Não se sinta culpada, Valentina — ele segura a minha mão. — A minha relação com o Erick vem sendo complicada desde... — ele pausa e pensa duas vezes antes de prosseguir. — Digamos que ele tem seu próprio jeito de

agir em certas situações. Eu acho que ele é meio desequilibrado às vezes.

— Ele não é maluco — disparo com uma pontada de raiva de Fred por levantar tal acusação.

— Não disse que ele era — ele sorri. — Eu só acho que ele tem alguns traumas do passado que precisam ser reajustados. Ele é um cara bom, mas sempre foi emocionalmente instável. A família dele sempre o pressionou muito. Eu também fui pressionado, mas eu sempre lidei melhor com as vontades dos meus pais do

que ele. Erick não se encaixava no mundo do qual fazia parte, entende?

Sim, eu entendo. Entendo isso e muito mais. Entendo a forma como Erick age, e sei que seus traumas o machucam.

Me levanto da cadeira, decidida de que já tive o suficiente de informação por hoje.

— Obrigada, Fred. Obrigada por ter me ajudado com a mancha na minha blusa e por ter esclarecido essas coisas.

— Tudo bem — ele diz. — Por mais

PERIGOSAS NACIONAIS

que entre mim e Erick nunca tenha havido um laço de amizade saudável, eu acho que já posso considerar você como uma amiga minha. Além disso, eu sempre admirei aquele cara, mesmo com todas as suas loucuras. Quero muito que ele finalmente seja feliz.

— Obrigada — repito. — Tenho certeza de que ele deseja o melhor pra você também, Fred.

Quando saio pelo pátio, sou surpreendida. Erick está parado no estacionamento, recostado contra seu

PERIGOSAS ACHERON

carro.

— Ei — cumprimento-o com um beijo.

— O que está fazendo aqui?

— Saí do estúdio mais cedo e resolvi parar para saber se você estava disponível para almoçar comigo. Depois disso, nós podemos sair para uma pequena aventura.

Abro um sorriso, entre excitada e desconfiada.

— E eu posso saber que tipo de aventura seria essa?

Ele faz uma expressão enigmática, que

ao meu ver é muito sexy, e por um momento eu esqueço a tensão por ter descoberto todas aquelas informações de Fred.

— Que graça teria se eu lhe revelasse?
— ele diz, por fim. — Vem comigo.

CAPÍTULO 32

Valentina

Depois do almoço, damos uma passada na casa de Romero para que eu possa me trocar e guardar as minhas coisas. Como Erick me disse para usar algo confortável, optei por um par de shorts jeans e uma camiseta folgada. Em seguida, entramos no carro e saímos.

PERIGOSAS NACIONAIS

A primeira impressão que eu tive ao avistar a imensa vegetação acompanhada de oxigênio limpo, foi de que iríamos acampar. No entanto, Erick não puxou nenhuma barraquinha ou colchonetes de acampamento quando saímos do carro. Ele apenas pediu para que eu o seguisse, e assim eu fiz.

Sou guiada por uma estrada estreita e sinuosa, meu olhar fazendo seu caminho para o alto, a fim de registrar o máximo da vegetação que se estende ao nosso redor. Mais à frente, há um portão de madeira gasto. Erick abre o portão, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então nós passamos para a área interna do terreno.

— Esse lugar é lindo — eu murmuro, cada vez mais admirada, à medida que nos infiltramos pela imensidão de verde.

— Eu sabia que você iria gostar — ele segura na minha mão e continua liderando o passo, o que faz com que eu acelere o meu.

Minutos depois, chegamos em um local onde a grama verde se estende como um tapete macio no chão, e a admiração que eu estava sentindo só se intensifica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nunca soube desse lugar — eu digo. — Por que não me falou nada sobre isso antes?

— Eu não sei — ele responde. — Esse era um segredo meu. Algo que nunca compartilhei com ninguém.

Levanto uma das sobrancelhas, surpresa com sua confissão.

— Está me dizendo que você nunca trouxe alguém aqui?

Erick sorri e põe as mãos nos bolsos. Ele fica lindo quando está acanhado.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, eu trouxe você.

Mordo o lábio, não conseguindo tirar os olhos dele. Satisfação é a primeira coisa que preenche meu peito, por saber que sou a única com quem ele está compartilhando isso.

— Vem. Aqui não só tem mato — ele me estende a mão e eu o sigo até uma área onde os grossos troncos de árvore não são mais tão presentes.

Há uma casa ali perto, tipo um chalé. É pequena, parece velha, mas bem conservada. Provavelmente recebe

atenção constante de alguém. Erick me leva para a casinha, subindo os três degraus da pequena varanda, e abre a estreita porta com uma chave que tira do bolso. A porta range ao ser aberta, dando ênfase à minha teoria de que a casa já teve seus dias melhores. Dentro do local há móveis rústicos de madeira maciça polida e um sofá aconchegante. Um enorme tapete felpudo cobre o chão, me deixando com a infantil vontade de enroscar os dedos dos meus pés ali só para sentir a maciez.

— Quem mora aqui? — Eu pergunto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ninguém — ele responde. — Meus avós compraram esse terreno quando eu tinha um pouco mais de dez anos, e ele se tornou o meu refúgio. Os planos que eles tinham para esse lugar nunca deram certo, mas eu soube muito bem aproveitar.

— Você fugia para cá quando ainda era *criança*? Como conseguia?

— Eu tinha os meus truques — ele pisca, me fazendo rir. — Mas isso não é tudo.

— Não?

PERIGOSAS ACHERON

Ele balança a cabeça em negativa e me estende a mão.

— Vem aqui. Tem uma coisa que eu quero te mostrar.

Erick me guia para uma porta, que presumo ser a dos fundos. Uma vez lá fora, percebo que o sol já não está mais tão intenso. A brisa leve sopra contra meus cabelos, e eu gosto disso. Entretanto, o que mais me impressiona não é a vista superior, e sim a mais bela cachoeira que eu já vi.

— Deus, Erick — me viro para ele, sem

poder conter a admiração.

— A vista é linda, não?

— Sim, muito! — Uno as mãos ao peito e volto a observar. Eu devo estar parecendo uma adolescente deslumbrada, mas não ligo para isso.

Meus pensamentos se dispersam quando Erick me abraça por trás, enlaçando seus braços em minha barriga. Ele apoia o queixo no topo da minha cabeça e ficamos assim, por um tempo que eu desconheço, observando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero desenhar você.

— O quê? — Viro o rosto para ele.

— Quero te desenhar — repete. — Com essa vista maravilhosa como fundo, o que acha?

— Eu iria adorar — respondo. — Você nunca me desenhou antes.

Erick solta um suspiro pesado e me vira para ele. Ele apoia a testa na minha e desliza uma mão para o meu pescoço, me fitando nos olhos.

— Há tanta coisa que eu quero lhe

PERIGOSAS ACHERON

contar... — fecha os olhos, depois os abre. — Mas não posso. Não agora.

Ele dá um beijo em minha testa e se afasta de mim, rumando para o chalé. Eu não sei se é uma boa ideia segui-lo, então eu me sento em uma das pedras e observo a queda da água, até sentir a presença de Erick atrás de mim.

Alguns segundos se seguem, até ele se sentar em uma pedra ao meu lado. Há um caderno de desenhos e lapiseira em suas mãos. Depois de um tempo, ainda sério, ele começa a me desenhar. Fico sem saber

o que fazer. Não sei se essa era a melhor posição que eu queria...

— Fique menos rígida, Valentina — ele me pede, lançando meus pensamentos fora.

— Hum... bem, eu... eu não sei o que fazer. Você me pegou de surpresa.

Ele ri.

— Esse é o segredo. Desenhos espontâneos, são tipo fotografias que você tira de forma despretensiosa. São os mais bonitos.

Ponho uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, rindo da sua lógica. Faz sentido.

Atentando para me manter quieta, mesmo sem ficar tão rígida como Erick me orientou, eu observo a cachoeira e toda a beleza ao meu redor. De fato, esse lugar é um dos mais lindos que já vi. Quando eu era criança, visitei uma das casas de praia em que a minha mãe costumava fazer faxina. De início, eu fiquei admirada com tudo aquilo, a água cristalina com ondas preguiçosas oscilando no mar, o sol banhando os meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos de menina. Eu fiquei semanas enchendo os ouvidos das minhas coleguinhas de escola com histórias de que minha mãe havia me levado para conhecer o paraíso, mas diante desta cena eu percebo que, de fato, aquele lugar nem chega aos pés de ser o paraíso. Esse sim, é o lugar mais bonito que já vi. E tudo melhora por eu estar aqui com Erick. Por ele ter decidido compartilhar apenas comigo e ninguém mais.

— Pronto, já pode olhar para mim —
ele diz depois de um tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando olho para o desenho que ele fez, meus olhos ardem com lágrimas não derramadas. É ridículo, eu sei, mas me emociona mesmo assim.

— E então? — Pergunta sem tirar os olhos de mim, analisando cada reação.

— Minha nossa, Erick, você é muito bom nisso. Ficou perfeito.

Ele abre um sorriso genuíno.

— Que bom que gostou.

— Eu não gostei, eu amei! Sério, você tem um dom magnífico.

PERIGOSAS ACHERON

Ouçõ o farfalhar do seu jeans sobre a pedra quando ele se move meio desconcertado. É engraçado, curioso e fofo ver Erick assim.

— Fique com ele para você — me estende o desenho.

— Para mim?

— Sim, quero que guarde de lembrança.

Lembrança.

Essa palavra me lembra despedida. Despedida significa Valentina sem Erick. Eu não gosto nada disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aceito o presente com um sorriso fraco, não querendo deixar transparecer a tristeza que remói meu peito.

— Obrigada.

— De nada — ele ainda está sorrindo.

— Agora, vem cá.

Erick me puxa pelo braço, me levantando com ele. Ele remove delicadamente o desenho da minha mão e o põe no chão. Logo a sua camisa está se juntando a ele, seus sapatos e suas calças também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O-o que você está fazendo? —

Pergunto, nervosa.

— Me despindo — ele solta uma gargalhada diante da minha confusão. — Pare de enrolação, Valentina. Tire a roupa também.

— Eu não vou tirar a minha roupa.

Sua sobrancelha se ergue.

— Sinceramente, não há nada aí que eu já não tenha visto.

Calor se espalha pelas partes mais ocultas da minha anatomia.

PERIGOSAS ACHERON

Controle-se, Valentina.

— Mas... e se alguém pegar a gente aqui? — Reluto, enquanto tiro as minhas sapatilhas, ainda tensa, mas quase vencida pela visão do seu peito rijo me levando a ter pensamentos pervertidos.

— Ninguém vem por essas redondezas. A área é privativa.

— Mas pode aparecer alguém mesmo assim, certo?

— Bom, então, eles teriam um ótimo show — seus lábios entortam

graciosamente em um sorriso sugestivo, e mais calor percorre o meu pobre corpo.

Reviro os olhos para ele, sabendo que não vai adiantar muita coisa eu tentar argumentar, e tiro meus shorts e minha blusa. Imediatamente uma rajada fria faz arrepiar a minha pele.

— Vem cá — Erick me estende a mão e eu a agarro imediatamente. — Está com frio?

— Um pouco.

Ele sorri e me puxa para si, passando as

mãos em meus braços, o que só serve para me arrepiar ainda mais. Sem aviso prévio, Erick agarra a minha cintura e se joga no rio, me levando com ele. Eu solto um grito, surpresa, e me debato na água, para instantes depois, me dar conta de que ele ainda está com seus braços em volta de mim.

— Oh, meu Deus! — Ofego. — Eu não sei nadar, Erick. Não me solte.

Ele ri.

— Aqui é raso, Valentina, mas fique tranquila. Não tenho a intenção de soltar

você tão cedo.

Começo a ficar mais aliviada quando meus dedos tocam o solo por baixo da água. Em seguida, Erick puxa as minhas pernas, até que elas estejam em volta da sua cintura, seus braços me sustentando.

Gotículas de água pingam dos seus cabelos, escorrendo entre meus seios quando ele aproxima seu rosto do meu. Sua testa se apoia na minha, um sorriso bobo alcançando seus lábios. Eu gosto disso. Gosto de vê-lo sorrir e gosto de vê-lo feliz. Principalmente se ele estiver

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo isso ao meu lado.

— Oi — ele diz.

— Oi — eu respondo.

— Você tem os olhos mais bonitos que eu já vi — Meu sorriso some e meu corpo começa a ficar mais quente quando ele firma o aperto em minha cintura. — Você é a garota mais bonita que eu já conheci — Sua mão acaricia meu rosto, fazendo com que borboletas alcem voo em meu estômago. — E seus lábios são os lábios mais doces que eu já beijei.

PERIGOSAS ACHERON

Sua língua abre espaço timidamente entre meus lábios e eu correspondo ao seu beijo. É um beijo diferente dos que ele costuma me dar. É um beijo casto, puro e me faz me sentir como uma adolescente.

Não a adolescente de cinco anos atrás, que foi obrigada a vender o corpo em uma boate imunda. Mas a garota de dezessete anos que sonhava com o príncipe encantado enquanto lia romances clichês sentada em uma cadeira de ônibus.

Aqueles momentos eram os únicos que eu tinha para sonhar com uma vida

diferente.

— Está tudo bem? — Ele pergunta, afastando um pouco o seu rosto do meu.

Balanço a cabeça em afirmativa e sorrio para tranquilizá-lo. Ele volta a me beijar, da mesma forma que antes — delicadamente, lentamente.

O beijo fica mais exigente. Erick nos tira da água e me deita em uma toalha, que havia estendido na grama e eu nem tinha percebido. Ele se afasta um pouco de mim e me olha. Me encolho um pouco, pois o seu olhar, mesmo depois de todas

as vezes em que já fiquei nua em sua frente, me deixa levemente acanhada.

— Você é linda, sabia? — Minhas bochechas se esquentam imediatamente. Ele está fazendo eu me sentir como uma menina. Que diabos está acontecendo comigo?

Erick tira uma mecha molhada do meu rosto e se abaixa para me beijar. Ele sustenta seu corpo com o cotovelo, enquanto a outra mão explora lentamente o meu corpo. Começando pela minha cintura, com massagens lentas, ele vai

mais abaixo até o meu quadril. Deixando sua mão descansar ali, ele desce a boca pelo meu pescoço, seus lábios quentes alcançando meus ombros e plantando beijos em minha clavícula.

A mão de Erick sobe para o fecho dianteiro do meu sutiã e ele abre a peça íntima, deixando meus seios expostos, meus mamilos totalmente arrepiados. Sua boca encontra o meu peito e eu deixo soltar um ofego de alívio com a sucção. O quente da sua boca em contato com a minha pele fria é uma das coisas mais necessárias para mim neste momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Erick vai para o outro seio e sua língua serpenteia ali demoradamente, fazendo uma rajada de desejo pulsar entre as minhas pernas. Ele desce mais. Acariciando a pele sobre minhas costelas, beijando a minha barriga e depois o meu quadril. Suas mãos puxam a minha calcinha para baixo e a desliza pelas minhas pernas, deixando-me nua, vulnerável e totalmente pronta para ele.

— Afaste as pernas.

Eu faço exatamente isso, flexionando meus joelhos para cima. Erick beija o

PERIGOSAS ACHERON

interior da minha coxa, sua língua provando a minha pele. Ele sobe mais, aproximando sua boca de onde eu mais o quero, e finalmente toma a minha carne pulsante nos lábios. Da mesma forma que se sucedeu com o beijo, Erick me chupa e me lambe lentamente, sem deixar de dar atenção a nenhum milímetro do meu sexo quente.

Estou a ponto de gozar quando ele se ergue novamente, retira sua cueca e afasta as minhas pernas outra vez, colocando-se entre elas. No momento em que ele se enterra em mim, algo de diferente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontece. Eu consigo sentir o seu coração. Ele bate rápido. Bate forte. Um contraste para os movimentos lentos e nada bruscos dos quadris de Erick entre minhas pernas.

Ele está fazendo amor comigo.

Ele está fazendo amor como se fosse a nossa primeira vez.

E isso me faz amá-lo ainda mais.

Parecendo prever o meu desejo de chorar, Erick chega ainda mais perto e me beija.

PERIGOSAS ACHERON

— Você me perdoa?

Fito-o um pouco confusa, sem saber ao certo o que ele quer dizer

— Você me perdoa por... por eu não ter voltado. Por não ter tirado você daquele lugar?

— Você deve ter tido os seus motivos.

— Eu deveria ter voltado. Deveria ter ajudado você...

Acaricio seu rosto, ainda o abrigando.

— Ei, não pense assim. Não quero ter que relembrar isso justo agora. Eu

PERIGOSAS ACHERON

perdoo.

— Eu só quero que você saiba que eu nunca esqueci você, Valentina — Eu não sei qual a necessidade de ele falar isso justamente agora, já que me confessou um tempo atrás, mas me sinto bem ao ouvir. — Nenhum dia sequer... nenhuma noite. Você é inesquecível.

— Inesquecível — eu repito.

E assim, eu gozo. Erick me preenche logo em seguida.

— Deus, eu... — ele pausa, como se

estivesse com medo das palavras que
estão prestes a vir. — Eu amo muito você,
Valentina.

Suspiro.

Também te amo muito, Erick.

CAPÍTULO 33

Valentina

Os dias que seguiram a nossa ida à cachoeira comprovaram a minha desconfiança: Erick havia mudado. Não que ele estivesse me chamando por apelidos carinhosos (coisa que não combina muito com ele) ou pegasse em minha mão toda vez que fôssemos sair, mas ele havia mudado de uma maneira positiva. Era como se ele houvesse

PERIGOSAS NACIONAIS

derretido por dentro todo aquele gelo que o impedia de me deixar entrar e, finalmente, estivesse dando uma chance tanto a nós quanto a si mesmo.

Dois meses se passaram. Erick me levava à jantares, ao cinema, e até me levou para assistir à um jogo do Flamengo no Maracanã. Apesar de ele ter me provocado o tempo todo, por ser tricolor, foi um dos melhores momentos que passamos juntos.

Na segunda vez em que fomos ao cinema, ele pegou na minha mão enquanto

PERIGOSAS ACHERON

passeávamos pelo shopping. Embora nunca tenhamos tocado no assunto, éramos como um casal de namorados. Estávamos nos conhecendo cada vez mais, mesmo que aos poucos, e eu gostava daquilo.

A minha situação com a minha irmã havia melhorado significativamente. Ela compartilhava mais coisas comigo, enquanto eu também contava a ela algumas coisas sobre a minha vida. Fomos algumas vezes em uma clínica para saber como estava o bebê e tivemos a notícia de que ele crescia perfeitamente

PERIGOSAS ACHERON

saudável. A barriga de Melissa já dava seus sinais, e eu acompanhava aquilo com orgulho.

Mas nem tudo é um mar de rosas, principalmente a minha vida. E eu tive a comprovação disso hoje pela manhã.

Eu havia saído da casa de Erick ainda cedo. Embora ele tenha se oferecido para me levar, aquilo estava se tornando rotina e eu não queria fazê-lo chegar atrasado no trabalho todas as vezes. Portanto, recusei e disse que tomaria um táxi e ligaria quando já estivesse em casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

A rua até que estava movimentada, pessoas faziam corrida matinal, levavam seus filhos para o colégio, seus cães para um passeio ou, simplesmente, rumavam para seus empregos. Parei em uma barraca de açaí, onde vendiam um açaí excelente, pois o calor não estava dando trégua. Após pagar o açaí puro, como eu mais gostava, girei nos calcanhares e aguardei até que o sinal de pedestres abrisse.

Do outro lado, avistei um veículo amarelo com faixa azul (detalhes bem característicos dos táxis daqui do Rio de Janeiro) e acenei. Percebendo meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

interesse, o motorista parou bem próximo à calçada, aguardando o meu momento de atravessar.

Foi aí que aconteceu.

O sinal de pedestres abriu e eu corri para atravessar as três faixas de pedestre que me impediam de chegar ao outro lado da avenida. Não sei ao certo de que lado ele veio, nem como chegou tão perto de mim, mas quando me dei conta, um lustroso carro preto raspava em mim. Mãos me puxaram com força e as minhas costas chocaram-se no asfalto duro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto me esforçava para me sentar, eu gemia de dor. Olhei para cima e vi que havia um senhor de meia-idade me olhando com cautela.

— Moça... você está bem? — Ele me perguntou.

Fiz que sim com um aceno de cabeça e forcei meus músculos para conseguir me levantar. Muita gente me olhava, aparentemente curiosos e assustados. Eu também estava assustada, eu também estava confusa e eu não conseguia parar de pensar no meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

Por pouco eu morreria da mesma forma que ele morreu.



— Porra! — Erick amaldiçoa enquanto perambula de uma extremidade a outra na sala de estar do seu apartamento. — Eu falei para você ter cuidado, Valentina. Eu disse... merda!

— Erick, fica calmo — tento tranquilizá-lo, mas é em vão.

— Como posso ficar calmo? Tem um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maluco tentando fazer mal a você. Isso é... porra, eu não sei nem o que dizer!

Ele se senta no sofá e enterra a cabeça entre as mãos, os cotovelos apoiados nas coxas. Seu único movimento é a oscilação de suas costas enquanto ele solta respirações pesadas.

Eu vou até ele e acaricio suas costas. Ele volta a me olhar, mas não está totalmente relaxado.

— Promete para mim que não vai sair sozinha nunca mais, Valentina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Erick, eu não posso fazer isso.

— Valentina — ele suspira frustrado. —
Nós nos descuidamos por tempo demais.
Temos que dar um fim nisso, e já!

— Nem temos certeza se foi de
propósito — eu falo. — Dessa vez pode
ter sido realmente acidental.

— Pode ser, mas você já ficou em
perigo por duas vezes, e eu não estou
disposto a esperar algo de pior acontecer
para saber se foi uma coincidência ou
não.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se levanta e vai até onde estão as chaves de seu carro.

— Para onde vai? — Questiono.

— Pôr um fim nisso.

— Erick...

— Por favor, Valentina, fique aqui.

— Erick — tento novamente, mas ele me segura pelos ombros.

— Fique aqui — ordena. — Estarei de volta antes que anoiteça.

Ainda relutante, balanço a cabeça e

deixo que ele me beije antes de sair.

Erick

— O que você disse? — Romero pergunta, franzindo a testa.

— Isso que você ouviu — respondo, trocando de posição na enorme poltrona diante da sua mesa no escritório da mansão.

— Erick, isso que você está dizendo... é real?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lógico que é real, Romero. Eu não brincaria com uma coisa dessas.

— Eu sei, mas é que a Valentina é uma moça tão adorável. Não consigo imaginar alguém tendo a coragem de atentar contra a vida dela.

— Pois é, mas existe — eu afirmo. — E esse alguém pode ser qualquer pessoa.

— Você tem razão. Deus, eu nunca iria imaginar que Valentina estivesse em perigo.

Balanço a cabeça, totalmente esgotado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa situação está mexendo comigo de uma forma que eu não estou gostando nem um pouco. Eu não posso permitir que machuquem a minha garota. Para que isso aconteça, será necessário ferir a mim primeiro.

— E então? — Pressiono, fitando o meu avô depois de um tempo. — Vai ajudar a gente?

— Você sabe que sim, filho. Eu farei qualquer coisa que estiver ao meu alcance para protegê-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 34

Valentina

Então foi assim que tudo se sucedeu. Por cinco semanas seguidas, eu tinha um segurança particular me acompanhando. Ele era como uma sombra que só se dispersava quando eu ia ao banheiro ou me via sozinha em casa.

Eu estava me sentindo como um membro da realeza britânica e não estava totalmente de acordo com isso. Meu chefe

PERIGOSAS NACIONAIS

estava desembolsando uma grana preta para me manter em segurança, o meu namorado agia como se qualquer passo que eu desse fosse capaz de ocasionar uma explosão de granada, e a minha falta de liberdade começou a me deixar um pouquinho incomodada.

Beatriz voltou de viagem e eu retornei ao meu trabalho dentro de casa, no escritório de Romero. Estudava de dia e trabalhava de noite, a fim de ocupar o meu tempo quando Erick não estava por perto. Fora isso, eu ia me divertir, às vezes, com a minha irmã, que havia ido

PERIGOSAS ACHERON

embora recentemente da mansão.

Eu não cheguei a citar isso, mas Melissa finalmente parecia estar aceitando a sua gravidez e arrumou um novo emprego, em uma outra empresa, assumindo a recepção. No próximo ano, Melissa pensa em retornar à faculdade, mas fazendo algo que ela reconheceu se identificar bem mais: a área de Gestão de RH. O que mais me deixa feliz nisso tudo é que ela não seguiu em frente com aquela ideia estúpida de embarcar em um relacionamento com Nick. Por mais que ela não tenha admitido, minhas palavras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

serviram para alguma coisa.

Na décima semana com o segurança, eu já não aguentava mais viver sob uma redoma de prata. Eu não estava sendo ingrata, me preocupava com a minha segurança e era muito grata por Erick e Romero estarem se preocupando comigo, mas eu queria ter um pouquinho mais de privacidade. Queria a minha vida tranquila de volta.

Congelo um sorriso no rosto e me preparo para mais uma sessão de *selfies*, ainda abraçada aos meus quatro amigos.

PERIGOSAS ACHERON

Estamos oficialmente de férias da faculdade. Eu queria que Erick estivesse aqui comigo, queria fazer algo somente com *ele*, mas infelizmente ele teve coisas importantes para fazer no trabalho e prometeu que me veria logo mais.

Josué, o segurança que Romero contratou para me proteger, está a alguns metros de distância, parado feito uma estátua, e eu não gosto nem um pouco da sensação que esse fato me causa. Quero ter um pouquinho de diversão. Diversão *de verdade*. Nem na faculdade, celebrando um momento legal com os meus amigos,

PERIGOSAS ACHERON

eu tenho paz.

Decido que preciso mudar essa situação o quanto antes, então, quando as meninas sugerem sair para nos divertirmos em algum outro lugar, eu não hesito em dar um jeito de despistar o segurança e seguir com eles.

Eu sei que estou sendo uma irresponsável e ingrata por colocar minha vida em risco, quando Erick e Romero estão se empenhando tanto para me proteger, mas estou com meus amigos e vamos para um lugar movimentado. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

creio que o tal assassino misterioso seja tão estúpido a ponto de fazer alguma besteira pondo a sua identidade em risco.

Ainda excitada pela situação, entro no carro de Cristina e seguimos rumo a um barzinho perto da praia do Leblon, que Danilo conhece como a palma da sua mão.

Paramos no barzinho, que não está muito cheio, e escolhemos uma mesa grande, onde caiba todo mundo. As meninas pedem cerveja, os caras pedem caipirinha e eu apenas tomo meu habitual refrigerante. Prefiro não beber.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Valentina, eu não estava brincando quando falei a respeito do chalé que estamos planejando alugar para passar as férias — Vanessa retoma o assunto de alguns meses atrás.

Me viro para fitá-la melhor.

— Eu não sei, preciso ver isso com o Erick. Eu quero muito que ele vá comigo — digo.

— Ah, claro, o namorado misterioso que não é mais tão misterioso assim — ela brinca e eu balanço a cabeça, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

Sim, Erick não é mais o "cara misterioso" que eu tinha receio de expor para todo mundo. Agora eu sei, mais do que nunca, que o quero ao meu lado sempre, todos os dias, todas as horas, não importa o que digam ou pensem. Nós temos uma bagagem longa que não pode ser ignorada. Temos uma história e, querendo ou não, ele sempre fará parte da minha vida.

As horas passam rapidamente e, quando nos damos conta, já está tarde. Rachamos a conta e entramos todos no carro de Cristina novamente. No instante em que

PERIGOSAS ACHERON

estacionamos em frente ao prédio de Erick, já se aproxima da meia-noite. Estou bastante feliz, confesso. Não por ter bebido, até porque não ingeri álcool, mas porque eu não me divertia assim há tempos.

Estou prestes a apanhar a chave do apartamento que Erick me deu dias atrás, quando estaco imediatamente. Ele já está do lado de fora, em frente ao portão do prédio, me esperando com uma expressão neutra.

— Ei — eu saúdo com um sorriso

enquanto me aproximo dele.

Erick abre um sorriso fraco para mim e cumprimenta o pessoal educadamente. Quando me despeço dos meus amigos e vejo o carro se afastar, ele segura meus ombros e me afasta de si.

— Precisamos conversar — diz, já sério. — Agora.



— Que diabos você pensa que estava fazendo quando saiu daquele jeito sem

avisar nada, Valentina?

Fito seu rosto sério e a alegria que eu estava sentindo morre. Eu não queria deixá-lo preocupado comigo, mas eu também achei que ele fosse ao menos entender o meu lado.

— Eu não fiz nada de mais — protesto.

— Não fez? Você pôs a sua segurança em risco, isso não é nada de mais?

— Erick, eu estou me sentindo sufocada — confesso. — Esse segurança me segue por 24 horas. Eu não tenho mais a

PERIGOSAS NACIONAIS

privacidade que tinha antes. Nós nem estamos mais saindo como fazíamos antes.

— Merda! — Ele lamenta, massageando as têmporas. — Me desculpe. Me desculpe mesmo, Val, eu... — ele não conclui a frase, ainda sobrecarregado.

Não gosto de deixá-lo assim, portanto vou até seu corpo tenso e acaricio os seus músculos.

— Não fique assim — eu peço. — Eu não gosto quando a gente briga. Por favor, não fique bravo comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não estou bravo com você... quer dizer, eu estou um pouco bravo sim, mas é porque me preocupo.

— Eu sei, me desculpe.

Me sento em seu colo e abraço o seu pescoço. Beijo seu queixo, sua boca. Ele é a coisa mais perfeita que eu poderia ter. O melhor presente do mundo. Eu o amo tanto.

— Me desculpe por não sair mais vezes com você — ele diz. — Eu prometo que vou corrigir isso. E quanto ao segurança... é porque eu não suporto a

PERIGOSAS ACHERON

ideia de perder você. Isso me assusta como o inferno. — Ele fecha os olhos com força. — Eu simplesmente não suporto.

Me afasto e o encaro.

— Você *não* vai me perder, Erick. Nunca.

— Se alguma coisa acontecer com você, eu juro que... eu não sei nem o que eu faço.

— Não vai acontecer nada — reafirmo.
— E eu prometo não colocar a minha

segurança em risco de novo.

Ele me beija novamente, esfomeado, desesperado, como se a qualquer momento fosse aparecer alguém para me arrancar dele.

A campainha toca, chamando nossa atenção.

— Deixa que eu atendo — digo e me levanto do seu colo, rumando até a porta. Não faço ideia de quem seja, até porque não anunciaram no interfone, mas presumo que deve ser algum vizinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a porta e, para a minha confusão, não há ninguém. Olho para os dois lados do corredor, mas está vazio. Estou prestes a me virar e fechar novamente a porta, mas acabo chutando algo. Olho para baixo e vejo uma caixa pequena. Pego a caixa e inspeciono seu exterior, não encontrando nem mesmo um remetente, e decido abrir.

Dentro dela há algo que faz a minha espinha se enrijecer no mesmo instante. Meu sangue congela e a pulsação se acelera. Com uma força que eu não sei de onde tiro, a única palavra que sai da minha boca é o nome dele:

PERIGOSAS ACHERON

— Erick!

Erick

— Meu Deus! — Valentina leva uma mão à boca e outra ao peito, horrorizada.

Olho para as fotos em minhas mãos e me recuso a acreditar no que estou vendo. São várias fotos de Valentina andando distraidamente na rua. Seria algo comum em outras circunstâncias, mas o que torna essas fotos assustadoras é o fato de em

PERIGOSAS ACHERON

todas elas haver rabiscos com caneta vermelha e palavras pejorativas. Em outros casos, há perfurações e arranhões onde deveriam estar seus olhos ou cabeça.

**VOCÊS NÃO MERECEM FICAR
JUNTOS!**

Leio a mensagem escrita em uma das fotos e sinto gelo subir pela minha espinha. Quem diabos perseguiria Valentina para tirar fotos dela e ainda enviaria para nos ameaçar?

— Como conseguiram tirar essas fotos sem que eu percebesse? — ela diz, seus

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos ainda vidrados nas imagens.

— Eu não sei, mas isso não vai ficar assim — falo, me levantando.

— Para onde você vai, Erick?

— *Nós* vamos — a corrijo. — Recolha todas essas fotos e me encontre lá embaixo. Irei esperá-la no carro enquanto faço uma ligação.



Algum tempo depois, estaciono o carro

PERIGOSAS ACHERON

em frente à casa do meu avô. Não precisamos nem mesmo anunciar nossa chegada, Romero já está praticamente na porta nos aguardando.

— Erick, Valentina — ele nos cumprimenta. — Me sigam até o meu escritório.

Ao chegarmos no escritório do meu avô, já sei que não estamos sozinhos. Eu liguei para ele e pedi para que entrasse em contato com Armando Torres, um investigador da polícia e que é amigo da família há anos. Não sei ao certo quais

atitudes devem ser tomadas em uma situação como essa, mas alguém com experiência no assunto pode ser de muito mais ajuda do que minha cabeça preocupada e confusa.

— Obrigado por ter vindo, Torres — eu digo, entregando as fotografias a ele. — A Valentina recebeu uma ameaça hoje. Essa porcaria está começando a ficar fora de controle.

— Acalme-se, Erick — meu avô diz. — Estive conversando com o Torres e ele já me garantiu que vocês poderão registrar

PERIGOSAS NACIONAIS

uma ocorrência a qualquer momento. Ele é um homem muito competente e estará nos ajudando no que precisarmos.

— Obrigado, mais uma vez — eu digo.

— Não há de quê — o homem abre um sorriso contido. Em seguida, sua expressão volta a ficar séria enquanto analisa as imagens. Ele alterna o olhar entre mim e Valentina. — Vocês... podem me contar exatamente o que aconteceu?

Val se senta na poltrona e lambe os lábios nervosamente antes de dizer:

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo começou há pouco tempo... —
e então ela conta sobre o acidente de
carro, sobre a minha descoberta a respeito
dos freios, a tentativa de atropelamento e
agora essas fotos assustadoras. — Eu
acho que tem alguém me seguindo... quer
dizer, eu tenho *certeza* disso agora. Eu
não me dei conta a tempo, pois não queria
acreditar, mas... depois dessa... depois
dessas fotos que recebi, estou apavorada.

Sem dar tempo para que ela envolva sua
mente em mais paranoia, vou até ela e a
abraço, mostrando que farei o possível
para protegê-la e que ela não está
PERIGOSAS ACHERON

sozinha.

— Nós não contatamos a polícia antes porque as provas que tínhamos eram mínimas e em nada serviam para provar que realmente há alguém querendo fazer mal a Valentina — eu falo. — Mas depois dessas fotografias, não nos resta mais dúvidas. E eu quero fazer o possível para que esse lunático seja encontrado e preso. Imediatamente.

— Entendo — Torres diz, analisando as fotos mais detalhadamente. — Parece alguém realmente disposto a dar um susto

PERIGOSAS NACIONAIS

em vocês. Alguém que provavelmente terá coragem de fazer coisa bem pior, caso demoremos para tomar providências.

— Sim, isso eu já havia imaginado —
Valentina diz. — Mas... o que eu não consigo entender é por que diabos esse maluco está insistindo em me perseguir. Eu nunca fiz mal a uma mosca!

— Talvez ele seja um psicopata em busca de uma vítima aleatória — meu avô opina.

— Ou, talvez, ele queira me atingir, em primeiro lugar — adiciono.

PERIGOSAS ACHERON

Todos os três me encaram, seus cenhos franzidos.

— C... como assim, isso teria a ver com você, Erick?

Vou até as imagens na mão do investigador e entrego uma delas a Valentina.

— “Vocês não merecem ficar juntos” — repito a mensagem misteriosa. — As fotos são suas, mas a mensagem, sem sombra de dúvida, se refere a nós dois. Esse louco, provavelmente, quer acabar com o nosso relacionamento. Ou está querendo me

atingir usando você.

— O quê? Não...

— Faz sentido — Torres se manifesta, compenetrado o bastante para não se importar em interromper a frase dela. — Seja quem for essa pessoa, ela quer ver vocês dois separados. O que, por parte, é bom, pois podemos listar os principais suspeitos e investigar a partir daí. Mas, por outra parte...

— O que há nessa “outra parte”? — meu avô pergunta.

Torres suspira.

— Bem, como a situação é delicada e ainda não sabemos de quem se trata, devemos tentar ganhar o máximo de tempo para investigar, sem que ele resolva dar um próximo passo.

— Eu ainda não sei se entendi muito bem o que você quer dizer — eu falo.

— Significa que vocês terão que *fingir* entrar no jogo dele, Erick.

Val gagueja:

— M-as... ele quer nos ver *separados!*

— Exatamente isso — o homem reforça. — Sei que em casos de ameaças nunca devemos ceder aos caprichos dos criminosos, mas... neste caso, onde não há dinheiro envolvido, mas sim um interesse pessoal... para ganharmos tempo, o melhor seria vocês ficarem separados.

— O que? — eu fico possesso. — Você está sugerindo que simulemos um término?

— Exatamente, Erick — confirma. — Ainda não sabemos até onde essa pessoa é

PERIGOSAS NACIONAIS

capaz de chegar. Ela pode estar tramando algo muito mais perigoso neste exato momento. Contrariá-la só vai piorar a situação. Precisamos ser espertos, enquanto nos preparamos para *dar o bote*.

— Nós nem sabemos se isso vai dar realmente certo — continuo em meu protesto.

— Você tem razão, não temos garantia de nada — Torres diz. — Mas é a única saída que temos, por agora.

Solto um palavrão mental, nem um pouco satisfeito com essa ideia, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabendo que estou de mãos atadas.

— Essa é a ideia mais absurda que eu já ouvi!

— De qualquer maneira, é a mais sensata — meu avô fala, e todos sabemos que ele está com a razão.

Eu bufo, olhando para Valentina e sabendo que ela está tão fora de acordo com essa história quanto eu, mas, ao mesmo tempo, sabendo que ela tem ciência de que não há muito o que se fazer nessa situação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sento-me novamente e apoio os cotovelos sobre meus joelhos, soltando um longo suspiro.

Era só o que me faltava.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 35

Valentina

— Val, você não vai comer o bolo? —
Melissa me questiona, passando a mão sobre a barriga enorme com o nome do meu sobrinho, Pedro, pintado com tinta guache.

Forço um sorriso para a minha irmã e nego com um gesto de cabeça.

— Não estou me sentindo muito bem hoje.

— Você não está se sentindo muito bem já faz um mês, para ser mais precisa, né, amiga? — Vanessa, sentada em uma das poltronas da sala, se manifesta. Eu apenas dou de ombros e procuro ignorá-la.

É domingo. Falta apenas dois dias para o Natal e apenas algumas semanas para o nascimento do bebê de Melissa. Estamos fazendo um mini chá de bebê, apenas para mulheres (algumas colegas de trabalho e vizinhas), aproveitando que a Mel está morando no apartamento próximo ao de Cristina e ambas estão se tornando tão amigas.

O que me deixou muito feliz em meio a toda essa confusão é que Melissa parece ter se dado muito bem com os meus amigos, principalmente Danilo, que parece estar cada vez mais encantado pelo bebê, e com quem ela parece ter criado um laço que vai além da amizade.

Já faz um mês que não falo com Erick. Depois de, a contragosto, concordarmos com o plano do agente Torres, ele foi embora, garantindo que faria o possível para fazer com que essa situação de falsa separação desse certo. Ele me informou que iria exigir ver as fitas com as

PERIGOSAS ACHERON

gravações das câmeras do prédio, a fim de descobrir quem trouxe a bendita encomenda, mas também não me procurou mais para dizer o resultado.

Melissa se aproxima de mim. Acaricio de leve a sua barriga e o bebê chuta. Arregalo os olhos, maravilhada.

— Ele faz isso com frequência?

— Bastante — ela responde com uma careta, mas um sorriso bobo. Eu adoro ver a minha irmã assim.

— Quem diria — comento. — Você

engravidando antes de mim.

— Pois é, a vida é tão imprevisível.

— Só espero não estar velha o bastante quando isso vier a acontecer comigo. Quero ao menos desfrutar do meu filho um pouco.

— Não se preocupe, Val — minha irmã murmura com compaixão ao acariciar o meu braço. — Você vai encontrar alguém que lhe dê o devido valor e que queira construir uma família ao seu lado.

Mesmo sabendo parcialmente o motivo

PERIGOSAS NACIONAIS

de Erick ter terminado comigo, minha irmã ainda não aceitou muito bem a situação. Ela acha que ele deveria ser mais forte e que deveríamos enfrentar isso juntos. Mas, por mais que eu também não esteja gostando nada do que está acontecendo, não posso simplesmente cometer a estupidez de forçar a barra, quando o que todos mais querem é me manter em segurança.



Desde que eu me entendo por gente que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o Natal vem sendo uma oportunidade para que famílias, independentemente de classe social ou religião, se reencontrem e prezem a verdadeira união. Lembro-me, como se fosse ontem, dos natais que passava em casa. Mesmo sendo uma família humilde, nós nos sentávamos diante de uma mesa e realizávamos a nossa ceia de Natal. Orávamos antes de comer e nos abraçávamos quando tudo terminava. Depois que fui para a boate, não tivemos mais isso. O máximo que ganhávamos era uma fatia de *panetone* ou rabanada no café da manhã. Hoje, porém,

PERIGOSAS ACHERON

tudo é diferente. Muita coisa mudou, muita coisa aconteceu, e mesmo tudo não sendo da forma que era quando eu era apenas uma menina, não tenho do que reclamar.

Aliso o meu vestido vermelho de alças finas e um sorriso fraco surge em meus lábios cobertos por um pouco de gloss rosado. Analiso-me rapidamente no reflexo do espelho e, ao constatar que está tudo em perfeita ordem com a minha aparência, me viro. Melissa, usando um lindo vestido de tafetá azul, sorri para mim e me acompanha assim que decido

PERIGOSAS ACHERON

que estou pronta para descer.

Edith e os outros criados receberam folga para passar o feriado com suas famílias, portanto, a casa está praticamente vazia. Romero organizou o jantar para alguns funcionários da empresa, parentes distantes de sua falecida esposa, eu e Melissa.

Chego no andar de baixo e a sala de visitas está elegantemente decorada. Uma árvore de natal enorme enfeita o canto da sala. Ela foi montada por Edith com a minha ajuda e das outras criadas. Acho

que fizemos um bom trabalho, pois ficou realmente muito bonita.

Alguns convidados começam a chegar e eu sou apresentada por Romero à irmã de Angélica e dois sobrinhos distantes e suas respectivas esposas. Ariela está em algum canto, dando atenção à mulher de algum multimilionário conhecido de Romero e eu sinto-me aliviada por não a ter por perto. Está sendo um tanto quanto desgastante ter a sua presença todos os dias em que passo nessa casa.

Sigo para a sala de jantar e a mesa está

um espetáculo. Romero mandou assar um pernil graúdo e dois perus para a ceia. Assim como outros pratos, cheiram maravilhosamente bem. Eu não imagino toda essa gente devorando esse monte de comida, mas talvez eu peça sua permissão para doar para os desabrigados no dia seguinte.

Algum tempo depois, todos os convidados já estão presentes e, como eu previa, Erick não veio. Fico um pouco decepcionada, pois eu estava com saudade dele. Não tentei entrar em contato, pois ele me disse que era o melhor mantermos

PERIGOSAS ACHERON

distância, mas isso não quer dizer que eu não deseje vê-lo. Desejo beijá-lo, amá-lo e tê-lo aconchegado em meus braços novamente. Mesmo ele sendo uns bons vinte centímetros mais alto que eu, Erick parecia um menino quando se enroscava em mim à noite. Ou quando me beijava e dizia que não queria me perder nunca. Pensar nisso me dá um aperto imenso no peito.

Mas logo esse aperto se esvai quando, para a minha surpresa, ele aparece. Sim, perfeito como sempre foi, ou até melhor. Talvez seja efeito da saudade absurda que

PERIGOSAS ACHERON

estou sentindo dele ou sei lá, mas ele está tão malditamente perfeito nessa camisa vinho colada quase que indecentemente em seu peito musculoso.

Nossos olhos se cruzam, apenas por alguns segundos, mas o suficiente para eu me dar conta do leve sorriso com covinhas que surge em seu rosto bonito e recém-barbeado.

Não tarda muito para suas tias e primos rumarem apressadamente em sua direção e cumprimentá-lo, dizendo o quanto sentiram a sua falta. Erick sempre foi

muito querido pela família e eu me orgulho disso. Ele é realmente tudo o que alguém poderia querer e precisar.

O jantar finalmente é servido e sentamos todos em silêncio na mesa. Erick, ao lado de sua mãe. Os demais parentes de Romero, próximos a mim, enquanto os amigos de Romero e suas esposas estão acomodados nas demais cadeiras.

— Valentina, você foi muito elogiada essa noite — Olívia, uma das cunhadas de Romero chama minha atenção com um

sorriso agradável. — Enfim, me parece que Romero encontrou a filha que nunca teve.

Ariela pigarreia.

— Por favor, tia Olívia. Hugo é e sempre será o *único* filho de Romero. Não vamos misturar as coisas. Valentina é apenas uma funcionária.

— Ela é bem mais que isso, Ariela — Romero diz. — Eu tenho uma estima muito grande por essa menina. Principalmente pelo fato de ela ter sido a única a amolecer o coração do Erick.

Engasgo instantaneamente com o vinho que acabei de tomar um gole e demoro alguns segundos para me recompor. Erick, que até então não tirava os olhos de mim, agora me fita de uma forma estranha.

— Oh, então, Valentina não é apenas uma eficiente funcionária — Olívia parece se divertir, alternando um olhar maroto entre mim e Erick.

— Ela é sua namorada? — Michelle, a filha enxerida do senhor Fernandes, um amigo de Romero, interroga, olhando diretamente para Erick.

Não sei se ele está gostando do que vê, nem do que ouviu, mas ele ignora a garota chata, limpa a garganta e me fita antes de falar:

— Meu avô tem razão. Eu... tenho um carinho muito grande por Valentina.

Carinho?

Eu queria me sentir melhor ouvindo essas palavras, mas não é isso o que acontece. Sei que estamos mantendo as aparências aqui, mas isso ainda me deixa um pouco decepcionada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais algumas conversas acontecem na mesa. Nada tão constrangedor, é mais sobre negócios e eu me sinto aliviada por isso.

Após o jantar, peço licença e decido subir para o meu quarto, alegando não estar me sentindo muito bem. Realmente eu não estou nada bem. Não com a filha enxerida do senhor Fernandes grudada no braço de Erick como um carrapato.

Sigo direto para as escadas e, quando alcanço o corredor, alguém me puxa pelo braço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assustada, me viro de supetão. Dou de cara com um par de olhos verdes analisando-me com cautela.

— Eu não queria assustar você — Erick diz.

— Tudo bem — baixo os olhos, tentando me recompor.

— Você já estava se preparando para dormir?

— Sim, estou um pouco cansada — minto.

— Entendi — ele encolhe os ombros. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bom... o meu avô não é muito de distribuir presentes diante da árvore de natal. Na verdade, a gente não faz isso desde que o meu pai morreu. Enfim, eu queria lhe dar isso.

Ele me entrega um pacote que não pesa muito. Me parece uma caixa, mas como está envolto em um papel de presente eu não consigo saber o que é.

— Obrigada — apanho o embrulho, meio desconcertada e surpresa com a sua atitude. — Eu... eu não comprei nada para você, me desculpe.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem — ele sorri. — Você não vai abrir?

— Hã... claro — meus dedos trabalham nervosamente no laço de fita que fecha o embrulho. Quando finalmente abro, constato que se trata de uma caixa de chocolates. Mas não é qualquer chocolate. Eu só havia recebido um presente desses uma vez em toda a minha vida. Em meu aniversário de dezoito anos e, bem... eu nunca soube quem me entregou. Fauna não quis me contar.

Ergo meu olhar para ele.

— Você...

— Eu o quê, Valentina? — Ele me incita, seu olhar ainda fixo no meu.

— Esquece — balanço a cabeça. Talvez eu esteja realmente cansada. Não é possível que aquele presente fosse de Erick. A gente nem sequer se conhecia naquela época. Essa foi uma baita de uma coincidência. — Eu adorei o presente.

Abro um sorriso largo para que não haja dúvidas de que eu realmente adorei.

— Que bom — seu sorriso retorna e ele

PERIGOSAS NACIONAIS

leva as mãos para os bolsos dianteiros da calça.

— E então... você conseguiu ver as filmagens do corredor do prédio? — Pergunto. Eu não sei se é uma boa ideia tocar nesse assunto justamente agora, mas eu preciso saber.

— Infelizmente, não — responde.

— Que pena...

— Pois é, mas eu não desisti. Eu vou descobrir quem está fazendo isso, Valentina, e tudo isso vai acabar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não sei se essa é sua forma de dizer que ainda temos esperança juntos, mas eu gostei de ouvir essas palavras.

Sorrio para ele e minhas mãos apertam a caixa de chocolates quando ele se aproxima de mim. Sua mão se ergue lentamente e eu praticamente fecho os olhos, ansiando por ao menos um mísero toque, mas para o meu lamento, ele retrocede.

Os minutos correm tão lentamente que o tempo parece ter parado. Ainda é possível ouvir a Bossa Nova suave que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entretém os convidados no andar de baixo, as risadas divertidas de algumas mulheres, tudo isso mesclando-se com as nossas respirações pesadas.

Os olhos de Erick brilham, permeados de algo abstrato, cru e totalmente intenso. Num piscar de olhos estou no corredor e, no outro, estou sendo arrastada para o banheiro. Erick bate a porta e gira a chave logo em seguida.

Arregalo os olhos.

— O que você...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Shh — ele leva um dedo aos meus lábios e seus olhos seguem a trilha que seu dedo faz.

Meu coração palpita intensamente. Meus olhos estão fixos nos seus, consumindo-os. Ele retira a caixa de minhas mãos e se aproxima de mim. Seus lábios se chocam nos meus e eu agarro-me aos seus braços, minha língua trabalhando para acompanhar o ritmo da sua.

Erick me inclina para trás, segurando os dois lados do meu rosto, mantendo-me

PERIGOSAS ACHERON

cativa enquanto suga tudo de mim, enquanto toma tudo o que eu tenho para lhe dar. Me agarro aos seus cabelos e, em resposta, ele desce as mãos para apertar a carne macia da minha bunda, encaixando sua coxa entre as minhas pernas e meu sexo latejante pulsa ainda mais.

Solto um gemido esganiçado quando Erick me vira de costas para ele e sinto minha barriga pressionada contra o material caro da pia do banheiro. Sua mão aperta asperamente a minha cintura, a outra apalpa o meu seio, massageando, beliscando. Mesmo com o pano do vestido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos separando, eu sinto um tremor já conhecido percorrer o meu corpo.

— Você não faz ideia do quanto eu senti sua falta — ele murmura contra o meu ouvido. — Senti falta de tudo em você... — morde minha orelha. — Eu acho que vou morrer se tiver que esperar por mais tempo.

A barra do meu vestido embola conforme o tecido é erguido. Sinto suas mãos hábeis puxarem minha calcinha para baixo. Ele me inclina contra a pia e ouço apenas o barulho do seu cinto sendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

removido e o farfalhar dos seus jeans quando ele desce pelas suas pernas.

— Você tem noção dos pensamentos que rondaram a minha mente, enquanto você se fartava naquela mesa?

— Não... — arquejo.

Uma mão sobe novamente até meu seio, e com a outra ele agarra o meu queixo, inclinando o meu pescoço para trás. Um aperto deliciosamente doloroso faz a minha boceta se contrair de forma involuntária.

PERIGOSAS ACHERON

— Você deitada — ele volta a sussurrar e seus lábios trilham beijos por toda a pele nua da lateral do meu pescoço. — Pelada — ele morde de leve a pele e eu gemo. — Com as pernas abertas. Enquanto eu te fodo com força.

Minha boca se entreabre, mas nenhum som sai dela. É demais para processar e, nesse momento, eu quero apenas que ele *realmente* me foda com força.

— Eu vou comer você, Valentina — avisa. — E eu quero que você olhe para mim quando eu estiver fazendo isso — ele

PERIGOSAS NACIONAIS

beija minha nuca e sua mão desce para que seus dedos habilidosos acariciem minha região sensível, constatando o quanto estou molhada. — Pelo espelho. Olhe pelo espelho.

Faço o que ele manda. No estado em que eu me encontro, não acredito ser capaz de negar nada a esse homem. Ele está me deixando louca e, mesmo sabendo que não é totalmente correto transarmos no banheiro da casa do seu avô em plena noite de Natal, eu não consigo fazê-lo parar.

PERIGOSAS ACHERON

Não contendo o grito ronronado que minha garganta produz no instante em que Erick desliza para dentro de mim com força. É tão bom. Algo que eu senti falta durante essas semanas longe dele, que mais pareceram anos.

Seus olhos encontram os meus através do espelho e minha boca se entreabre, deixando escapar gemidos baixos. Cada estocada é uma sensação nova. Cada arremetida é um pedaço da saudade que senti dele sendo dissipada. Mas eu sei que isso não irá durar por muito tempo. Ainda temos um problema muito grande para

PERIGOSAS ACHERON

resolver, e Erick parece estar mais do que confuso em relação a tudo o que está havendo.

Ele acaricia meu clitóris sensível, seus dedos se movendo em círculos lentos. Sua provocação faz com que meus mamilos se endureçam ainda mais, marcando o vestido de tecido fino, ansiando por uma mísera atenção. Parecendo ter o dom de identificar cada necessidade minha, Erick aperta o brotinho encrespado entre os dedos. Meus dentes cravam no meu lábio inferior e eu fecho os olhos, evitando ao máximo gritar. Sua mão agarra o meu

PERIGOSAS ACHERON

cabelo, deixando o meu pescoço exposto e disponível para que seus dentes voltem a brincar de leve com a carne.

— Abra os olhos — ordena, puxando seu pau quase por completo para investir com mais força no instante seguinte.

Minha mente se anuvia. É tudo muito intenso, é tudo demais para mim, e eu não posso evitar ficar entorpecida.

Erick encosta a testa na base da minha nuca e eu sinto o seu suor escorregar por minha pele. Ele recua novamente, esfrega a cabeça inchada do seu pau na minha

entrada e desliza para o meu interior uma outra vez, me fazendo arquear as costas. Sendo facilmente engolido por mim, Erick mete uma, duas, três vezes, e então, ele me acerta em cheio com um único golpe:

— Eu te amo... — É um sussurro baixo, quase imperceptível, como se ele estivesse murmurando para si mesmo, mas que faz os meus olhos se encherem de lágrimas, independentemente. — Porra, eu te amo tanto.

Me vejo ensandecida pela sensação da sua carne me preenchendo por completo e

PERIGOSAS NACIONAIS

sua voz rouca murmurando palavras tão doces.

Ele sai de dentro de mim e me vira. Seus olhos não desviam dos meus em nenhum momento. Suas mãos me sustentam pelo traseiro e ele me põe sentada em cima da pia.

Sua boca cola na minha outra vez, sua mão vai para a minha nuca e o seu pau volta a me preencher. Mordisca e depois chupa o meu lábio inferior e seus movimentos ficam mais lentos. Ele escova a pele do meu pescoço com o nariz, como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se estivesse registrando cada detalhe do meu cheiro, cada sensação que o contato das nossas peles é capaz de causar.

— Eu também te amo — eu digo baixinho e cravo as unhas em suas costas. Minhas pernas enlaçam a sua cintura, intensificando o aperto crescente em meu ventre e as vibrações inconscientes que o meu corpo dá.

Sinto meus músculos se enrijecerem, meu sexo tendo espasmos involuntários enquanto o grosso pau de Erick me preenche por completo, raspando cada

PERIGOSAS ACHERON

milímetro das minhas sensíveis paredes internas. Seus quadris ondulam e ele mordisca a minha pele já marcada. Me agarro à sua bunda e um ruído agudo sai de minha garganta.

Baixando as alças do meu vestido e puxando todo o tecido para baixo, ele deixa escapar um rosnado de adoração ao fitar meus peitos nus. Apoio-me com as duas mãos na pia atrás de mim e ele agarra as minhas coxas com ambas as mãos, abrindo-as ainda mais. Ele mete com mais força e se inclina para abocanhar um dos seios sensíveis, seus

PERIGOSAS ACHERON

lábios acariciando a minha carne inchada.

— Ah... — deixo escapar um audível gemido rouco. Minha cabeça tomba para trás, meus cabelos colam à pele suada, mas eu só consigo focar na boca, mãos e o membro de Erick me fazendo delirar.

Meu orgasmo se constrói como um vulcão entrando em erupção, lento, crescente e intenso.

Ele beija o espaço entre os meus seios, mordisca, lambe e chupa os dois mamilos com voracidade e, logo em seguida, sua boca está tomando a minha de assalto

novamente. Isso é bom, pois adoro quando ele me beija. É como se Erick expressasse tudo o que está sentindo em seus beijos. A forma como ele me saboreia, como se dedica a mim, como a sua língua se move, é uma entrega total. Uma entrega que eu sei que não teria com mais ninguém. E, como se bastasse isso para acabar comigo, eu me desintegro. Sinto ele jorrando seu sêmen quente para dentro de mim instantes depois.

Espero os tremores nas minhas pernas passarem. Seus olhos verdes estão intensos, os cabelos bagunçados. Devo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estar com cara de quem acabou de ser fodida no banheiro e agradeço internamente por não precisar descer mais para a sala e encarar os outros convidados. Erick me dá mais um beijo antes de se afastar de mim e me ajudar a arrumar meu vestido.

— Você fica linda quando goza — ele diz, com um sorriso lânguido. — Eu poderia passar anos me dedicando apenas a isso.

Ele me entrega a caixa de chocolates e acaricia meus cabelos antes de retornar e

PERIGOSAS ACHERON

beijar minha testa.

— Eu queria te arrastar para um desses quartos e dormir a noite inteira do seu lado, mas acho melhor eu descer. Alguém pode pegar a gente aqui em cima e isso seria um pouco constrangedor.

— Sim, entendo — digo, sentindo-me um pouco triste depois que a névoa sexual foi embora e a realidade retornou.

Ele parece perceber minha reação e se aproxima para me dar um beijo casto.

— Ei, não fique assim. Eu também não

PERIGOSAS NACIONAIS

estou nada feliz com essa situação, mas prometo que vai ser só por um tempo — ele me abraça com força e se afasta para segurar o meu rosto entre as mãos. — Nós vamos descobrir quem está fazendo isso e todo esse pesadelo vai acabar.

— A questão é *quando*, Erick. Quando isso vai acabar?

— Em breve — ele beija meus lábios mais uma vez. — Eu prometo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 36

Valentina

Desligo o meu computador e deixo escapar um bocejo. É véspera de Ano Novo, e as meninas me chamaram para assistir à queima de fogos na praia de Copacabana, mas eu não quero arriscar sair assim, quando ainda não sei quem é o tal maluco que está fazendo de tudo para me infernizar. E se eu quiser ser sincera comigo mesma, não estou com tanto

ânimo.

Estiro meus músculos e vou até a sacada, abraçando-me ao meu corpo. Daqui a alguns minutos será meia-noite. Daqui a minutos será um novo ano, simbolizando, assim, também, uma vida nova. Me pergunto se o próximo ano será melhor que esse. Eu espero que a resposta seja sim, pois apesar dos acontecimentos maravilhosos dos quais eu não tenho do que reclamar, eu passei por muita coisa ruim e não estou interessada em passar por tudo novamente.

Conhecer Romero e finalmente me reencontrar com Erick foram um dos melhores acontecimentos de toda a minha vida. Mas, apesar do lado bom, não posso ignorar os fatos ruins que serviram não só para atrapalhar o meu relacionamento com Erick, mas também comprometer toda a minha vida.

Fecho a porta da sacada e decido tomar um copo de leite quente para dormir melhor, afinal os pensamentos preocupantes não me dão uma trégua. Vou até a cozinha silenciosa e apanho a bebida da geladeira, despejando um pouco em

PERIGOSAS ACHERON

uma caneca e aquecendo no micro-ondas. Depois de tudo pronto, apanho meu leite e sigo em direção às escadas. No entanto, um baque abafado, vindo do escritório de Romero, me faz paralisar.

É um som estranho, que me deixa em alerta. Corro imediatamente para o escritório e bato duas vezes na porta, sem obter resposta alguma.

— Romero? — Chamo novamente, mas nada me vem em resposta.

Finalmente, decido entrar sem ser autorizada e um grito horrorizado trava

PERIGOSAS NACIONAIS

no topo da minha garganta. Minha caneca de leite vai direto ao chão e eu tenho que me controlar para não ter um ataque de pânico.

— Meu Deus! — Vou até Romero e levo a mão até sua testa fria. — Romero? Por favor, responda! Romero?

Meu Deus, o que fazer?

Decido chamar Ariela ou os empregados. Rumo em disparada pela casa inteira, aos berros, mas Ariela não está em nenhum dos cômodos e me recordo que os criados receberam folga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Merda! — Praguejo, levando a mão à cabeça. — Pense, Valentina. Pense!

Diante da primeira ideia que me vem à cabeça, apanho o telefone com pressa e digito nervosamente o número da ambulância. Quando a moça do outro lado atende, informo a ela o endereço da mansão e o estado em que Romero se encontra. Depois de encerrar a chamada, é a vez de ligar para o único ser, abaixo de Deus, que pode me ajudar no momento.

— Erick? — Minha voz sai alterada. — Eu preciso muito de você aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Val, o que aconteceu? — Pergunta, alarmado.

— O seu avô, Erick. Ele está muito mal. Ele... eu não sei, ele está desmaiado, não tem ninguém em casa. Eu chamei uma ambulância, mas... meu Deus, eu não sei o que fazer, preciso muito de você.

— Certo, se acalme — diz apressadamente e ouço o farfalhar de roupas e portas batendo. — Eu estou indo para aí.

— Vá direto para o hospital, eles já devem estar chegando e não quero perder

tempo.

Ele concorda e eu lhe passo o endereço, desligando logo em seguida.



Dois dias se passaram desde que encontrei Romero caído no chão do seu escritório. Os médicos disseram que ele teve uma parada cardíaca e, apesar de consciente, não está fora de perigo, o que me deixa bastante temerosa.

Erick apareceu por aqui instantes

depois de a ambulância ter chegado e me deu um abraço apertado, dizendo que tudo ficaria bem, mas eu não sei se sou tão otimista quanto ele. Está sendo muito difícil vê-lo assim, tão abatido. Não come direito e se recusa a ficar por muito tempo longe do quarto do avô.

Pela manhã, somos autorizados a visitar Romero. Como Erick está dormindo em um canto, decido não o perturbar e opto por ver como Romero está antes dele.

Meu coração falta sair pela boca conforme me aproximo do quarto. Romero

PERIGOSAS NACIONAIS

está deitado em uma moderna cama alta. A vasta aparelhagem com tubos e agulhas injetadas nele só servem para me deixar ainda mais aflita.

— Olá, Valentina — ele me cumprimenta com voz e sorriso fracos.

— Olá — seguro sua mão e retribuo o gesto com um sorriso que não chega a alcançar meus olhos. Ainda é muito difícil ver Romero assim. Não se parece com o homem alegre, forte e gentil que me abrigou em sua casa, meses atrás. Isso me corta por dentro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está pálida. Anda se alimentando direito?

— Sim — minto. — Não se preocupe comigo.

— Eu não quero ver você se prejudicando por causa de um velho inválido, minha filha.

Sinto o meu nariz arder e as lágrimas ameaçam descer, quentes e grossas.

— Por favor, não diga isso — fungo. — Eu faria qualquer coisa para auxiliá-lo. Não ando sentindo tanta fome assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não é nada bom — ele me repreende com outro de seus sorrisos encantadores. — Onde está Erick?

— Descansando. Quer dizer... ele está jogado em alguma cadeira lá fora. Esteve aqui o tempo todo.

— Eu não sei o que seria de mim sem vocês.

Eu não sei ao certo o que ele quis dizer com isso, mas talvez seja pelo fato de Romero não ter ninguém por ele. Até mesmo Ariela, que é sua nora, não apareceu por aqui durante esses dois dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bom, eu não liguei para avisá-la sobre o ocorrido, e das poucas vezes que passei em casa, ela não estava lá. Provavelmente ainda nem esteja ciente da situação de Romero.

— Estou aqui para o que precisar — tranquilizo-o. — Pode ter certeza.

Romero aperta ainda mais a minha mão e me fita nos olhos.

— Eu preciso da sua ajuda para uma coisa, Valentina.

— O que é?

PERIGOSAS ACHERON

— Sei que estou indo embora, mas me prometa que você vai cuidar do meu neto.

— Do que está falando, Romero? Você não pode...

— Eu sei que minha hora está chegando. Só me prometa que o fará feliz.

— Sim — respondo, já lacrmando. Não gostei de ouvi-lo dizer que não iria durar por muito tempo. — Eu prometo.

Romero abre um sorriso tranquilo.

— Obrigado, minha querida.

Seco minhas lágrimas e dou-lhe um

PERIGOSAS ACHERON

beijo na testa.

— Eu que agradeço — sussurro, acariciando os seus cabelos grisalhos. — Por tudo. Eu nunca serei grata o suficiente por tudo o que você fez por mim. Você é uma das melhores pessoas que eu poderia ter conhecido. Eu te amo como se fosse um pai e nunca vou esquecê-lo.

— Você faz meu neto feliz. Você torna a sua vida diferente. Eu gosto disso em você, menina — ele aperta a minha mão. — Eu acho que tinha uma missão aqui na

PERIGOSAS NACIONAIS

Terra, Valentina. E essa missão está parcialmente cumprida. Para ficar completa, você tem que me prometer que vai estar com Erick e perdoar seus erros. Ele... ele te ama. Sempre amou. Você tem que entender que tudo o que ele fez até agora foi por achar que era o certo. Não o julgue... prometa-me isso também.

Aquiesço, incapaz de dizer mais algo com o bolo de lágrimas que travou em minha garganta.

Dou mais um beijo na testa de Romero e, assim, se encerra a nossa conversa. Eu

PERIGOSAS ACHERON

não sei se disse tudo o que tinha para dizer a ele, mas eu quero que Erick tenha um tempo a mais com o avô. Os dois têm muito para conversar e eu não quero ser uma intrusa nesse momento.

Saio do quarto com um aperto imenso no peito.

O fim está perto, eu prevejo isso.

Erick

Eu li certa vez, não me lembro onde,

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre a teoria da vida e morte. A frase dizia algo como: "A vida é tão complicada, que se preocupar com a morte acaba sendo uma perda de tempo".

Eu não sei exatamente como vejo isso.

Não sei como as pessoas deveriam enxergar isso, pois algo tão normal não acaba sendo tão normal assim, no fim das contas. Você nasce, cresce, reproduz e morre. Um ciclo que, como qualquer outro, tem seu encerramento. Mas um ciclo que você sabe, jamais irá se repetir.

Talvez seja esse o motivo daquela agonia no fundo do peito que nos faz temer o

PERIGOSAS ACHERON

inevitável. Uma crueldade sem tamanho, na minha leiga opinião, onde algumas dezenas de anos não são o suficiente para se fazer tudo o que se tem anseio.

Talvez seja mais cruel ainda pela possibilidade de este ciclo se concluir em um momento onde você menos espera. Você toma um copo da sua bebida preferida sem saber que aquela talvez seja a última. Você sai com os seus amigos e não sabe se aquela será a última vez. Tanta coisa que você faz diariamente que, se soubesse que seria a última, a forma de vivenciá-las teria um "gostinho"

diferente.

O meu pai morreu tão jovem, Sofia morreu mais jovem ainda, e ambos, com um futuro brilhante pela frente, tiveram o seu ciclo concluído na hora errada.

Contudo, algumas pessoas têm a sorte de viverem até uma boa quantidade de anos e, assim, realizar tudo o que sempre teve vontade. Viver até o limite. Acredito eu, que esta seja a forma mais aceitável do tão temido fato.

E mesmo o meu avô tendo vivenciado tudo isso, eu não aceito a ideia de que a

PERIGOSAS NACIONAIS

cada minuto contado no relógio é um minuto a menos que terei a sua presença viva mais perto de mim.

Que irônico. Talvez eu realmente tenha medo da morte. Talvez eu tenha mais medo do inevitável do que imaginava. E talvez eu não seja forte o suficiente para me preparar para o que talvez esteja por vir, sem que eu possa fazer merda nenhuma para evitar.

Como eu queria evitar...

Já estou desperto quando Valentina aparece, informando que o meu avô já

PERIGOSAS ACHERON

está disponível para receber visitas. Eu já havia me informado sobre isso com a enfermeira, mas ela estava lá com ele, então decidi não interromper o momento dos dois.

Ela dá um aperto de leve em meu ombro e sorri fracamente quando passo por ela. O meu desejo nesse momento é abraça-la até que tudo isso passe, até que essa dor se esvaia ao menos um pouco, mas eu sei que nada é tão fácil quanto parece. Eu preciso ver como meu avô está e isso é prioridade por ora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, garoto — meu avô diz, assim que apareço na porta.

— Ei, velho — forço um sorriso e seguro na mão do meu avô. Ela está tão quente, mas tão fraca.

— Você está tão crescido, Erick. Ainda me lembro de quando você era apenas um garotinho de cabelos loiros que fugia para aquele chalé no meio do nada, achando que nós não descobriríamos onde você estava.

Consigo sorrir um pouco. Eu realmente nunca imaginei que eles soubessem.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sinto falta daquela época — confesso, com voz rouca. — Éramos tão felizes.

— Sim, nós éramos. Mas isso não quer dizer que não estamos felizes agora — encoraja. — Tivemos perdas, erros e arrependimentos. Mas nós temos algo agora, Erick. Temos *ela*.

Meu sorriso desaparece e eu fico sério, fitando meu avô por alguns instantes. Sim, nós a temos. Eu já imaginava desde o começo quais suas intenções quando Valentina apareceu em nossas vidas. Mas

PERIGOSAS NACIONAIS

não tive coragem suficiente de tentar saber se minha suposição estava totalmente correta.

— Você tem razão, velho — eu digo, acariciando a sua mão com meu polegar.

— Eu a trouxe por você, filho. — Ele confirma. — Você precisava dela. Sempre precisou dela. E ela está aqui agora. Não a deixe ir embora, Erick.

— Eu não vou deixar. Tudo o que estou fazendo é pelo seu bem.

Ele dá um sorriso fraco.

PERIGOSAS ACHERON

— Imagino que sim. Mas talvez ela precise... de algo mais. De você. Do seu amor.

Isso ela sempre teve, penso com um sorriso surgindo em meus lábios.

— Como a encontrou, e como soube sobre ela?

— Eu sou Romero Almada. Tenho meus contatos. Além disso, você é meu neto e eu o conheço como ninguém.

— Claro que conhece. Como fui me esquecer disso?

Ele solta outra risada, e é quando percebo que estou chorando. Chorando de verdade desde muito tempo.

— Está chegando a hora, Erick. Irei finalmente reencontrá-los.

— Não, Romero... não diga isso — franzo a testa, tentando evitar as lágrimas que rolam pelo meu rosto. — Você ainda vai ver muita coisa, vai viver muita coisa. Não diga essas coisas.

— É a realidade, Erick. Mas saiba que eu estarei observando-o quando você se casar, quando meus bisnetos nascerem e

PERIGOSAS NACIONAIS

quando você realmente se permitir ser feliz novamente. — Balanço a cabeça, sem querer ouvir essas palavras. É muito doloroso saber que estou prestes a perdê-lo. — Eu te amo, meu neto.

— Eu amo você também, vô. Não me deixe...

— Cuide dela, Erick. Cuide dela por mim.

— Não vai acontecer nada. Pare de falar essas coisas.

— Eu sei que é difícil, Erick — ele

PERIGOSAS ACHERON

respira com força. — Mas você tem que aceitar.

— Eu não aceito!

Realmente eu não aceito. Não aceito perdê-lo, não aceito essa dor imensa que parece me sufocar e comprimir meu coração. Eu não estou preparado pra essa merda, e creio que nunca estarei preparado o suficiente.

— Erick... — ele aperta minha mão com mais força. — Prometa-me que vai cuidar dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

As lágrimas estão descendo sem protesto agora. É uma dor tão grande que eu não sei se irá embora um dia.

— Eu prometo — disparo, apertando sua mão de volta. — Não deixarei nada nem ninguém fazer mal a ela. Eu prometo.

Ele volta a sorrir.

— Esse é o meu garoto. Eu te amo, Erick.

— Eu te amo, vô — beijo sua testa e descanso minha cabeça em seu peito. Sentindo pela última vez as batidas do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu coração fraco. — Eu vou sentir sua falta.



E foi assim que aconteceu. Tranquilamente, ele se foi. Se foi para onde tanto ansiava estar. Ao lado da minha avó, ao lado do meu pai.

Eu nunca tive uma visão muito boa da morte, e creio que ninguém tenha, mas acredito que haja sim um lugar legal depois da transição. Um lugar iluminado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

onde os anjos cantam e a luz reina em cada ponto. Acredito que o meu avô se encontra feliz agora, nos observando, onde quer que esteja e talvez fosse isso o que ele queria, realmente. Finalmente dar um basta em uma vida pela metade. Um homem sem a mulher que ama, é um homem incompleto.

Olho para Valentina com o rosto inchado de tanto chorar e não preciso fazer um movimento muito grande para que ela venha correndo até mim e se jogue em meus braços. Dou um abraço apertado nela. Acho que ela precisa disso

PERIGOSAS ACHERON

tanto quanto eu. Ela é a única coisa capaz de aliviar essa dor que se alojou em meu peito. Ela é a minha válvula de escape, meu refúgio.

Seus braços me envolvem de maneira aconchegante e ela respira fundo.

— Eu sinto muito, Erick — funga contra o meu peito.

Beijo sua testa e enterro o rosto na curva do seu pescoço. Deus, eu amo tanto essa mulher. Amo seu cheiro, sua voz, cada poro do corpo dela. Porra, eu amo a s u a *alma*. Acho que demorei tempo

PERIGOSAS NACIONAIS

demais para admitir, mas eu a amo mais do que tudo, e eu sei que jamais serei o mesmo sem Valentina perto de mim.

Me afasto dela e ajeito uma mecha de cabelo atrás da sua orelha. Ela está soluçando de tanto chorar. Eu também estou chorando, mas não me importo comigo. Não gosto de vê-la assim.

— Acho melhor você ir para casa e descansar — eu digo a ela.

— Não, Erick. Eu quero ficar com você. Quero ajudar com os preparativos do funeral.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, Val. Eu fico.

— Erick...

— Por favor, vá.

Ela passa o dorso da mão sobre a bochecha vermelha e assente com relutância. Seco o resto das suas lágrimas com meus polegares, beijando sua face demoradamente e ela me abraça de novo.

Sinto um movimento ao nosso lado e vejo a minha mãe em uma postura ereta. Não sei há quanto tempo ela está aqui, nem como diabos soube da notícia, mas

seu rosto é inexpressivo.

— É uma pena isso ter acontecido dessa forma — ela diz. — Mas ele já estava velho, a qualquer momento teria que acontecer. Sentiremos sua falta.

Ela corta a distância entre nós e me abraça. Não é o abraço que Valentina me deu. Não é sequer um abraço de mãe. É algo como um gesto necessário diante da situação.

Minha mãe se afasta de mim e põe seus óculos escuros.

— Eu ainda estou muito abalada com tudo o que aconteceu. Acho melhor ir para casa descansar um pouco. Faça isso também, filho. Os funcionários cuidarão de tudo.

— Eu quero ficar e cuidar do meu avô
— informo asperamente.

Como ela pode ser tão fria, minutos depois de perdermos Romero? Isso não deveria me chocar tanto assim. Essa é a verdadeira Ariela Almada.

— Bom... eu ainda acho que você deve descansar. Estou indo para casa. Qualquer

coisa, me ligue.

— Eu acho que vou também —
Valentina diz. — Preciso tomar um
banho... você tem certeza de que vai ficar
bem?

— Sim, eu tenho — beijo seus lábios
antes de segurar em suas mãos. — Vá.

Depois que as duas somem de vista, eu
solto uma respiração longa.

Tenho que ser forte. Ao menos por
agora.



Um bom tempo já se passou quando eu finalmente finalizo os últimos detalhes dos preparativos para o funeral e sepultamento do meu avô, que será no dia seguinte. Ao rumar em direção ao meu apartamento, noto que o sentimento ruim de perda, mesclado a algo ainda mais aterrorizante, não sai de mim. É como se não só Valentina estivesse desprotegida agora, mas eu também. Eu terei que fazer o melhor por nós dois, de hoje em diante.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não somente por ter prometido ao meu avô protegê-la, mas porque eu não sei se conseguiria pisar na Terra sabendo que Valentina está em perigo, por culpa minha.

Chego em casa no automático, sem me dar conta de praticamente nada ao meu redor. Tomo um banho e apanho novamente minhas chaves e minha carteira. Ao entrar no Maverick, estiro os músculos do meu pescoço e ligo o carro. O percurso parece ser mais longo que o normal, talvez por eu estar com a minha mente praticamente entorpecida pelos

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos de toda uma vida, os momentos bons e ruins que passei com o meu avô, se desenrolando na minha cabeça como um filme. O sabor amargo da perda e a sensação de que nunca ouvirei a voz dele novamente, nem para receber as suas broncas ou ordens, me deixam com uma vontade imensa de chorar.

O portão de ferro diante de mim já está aberto quando chego em meu local de destino. Sigo com o carro por todo o caminho curvilíneo, até chegar em frente à imponente fachada clara e estaciono. A casa está silenciosa e a aura mórbida que

PERIGOSAS ACHERON

parece estar impregnada até mesmo na brisa fraca sacudindo as palmeiras do jardim, intensificam a minha amargura. Percebo o silêncio sendo quebrado pelos gritos que consigo ouvir à medida que me aproximo do Hall de entrada.

— Você é louca! — É a voz de Valentina.

— Não ouse levantar a voz para mim, sua pequena vagabunda — *Minha mãe?*
Que porra é essa?

Sem pensar duas vezes, giro a maçaneta da porta e ela cede. Ao adentrar o Hall,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me deparo com a imagem de Valentina com o rosto vermelho em fúria. Minha mãe, com olhos glaciais, a fita com ódio.

Ambas parecem não se dar conta da minha presença e continuam:

— Isso não pode estar acontecendo, Ariela — Valentina leva a mão à boca para abafar um soluço. — Por Deus, Romero acabou de falecer...

— Exatamente, minha querida — seu tom permanece frio. — Não há mais nada que você tenha que fazer aqui, trate de dar o fora já!

PERIGOSAS ACHERON

Como é?

— Alguém pode me explicar que porcaria é essa? — Não me contendo e me aproximo das duas, denunciando a minha presença.

Minha mãe empalidece ao olhar para mim, mas facilmente se recompõe.

— Meu filho, Valentina não trabalha mais para nós — ela diz. — E com isso, não vejo a necessidade de continuar abrigando-a aqui dentro. Só que ela não entende e está agindo como uma desequilibrada.

Eu não estou acreditando que ela está lançando essa merda sem fundamento justamente em minha direção.

— É incrível como você não tem um pingo de respeito pela memória do meu avô — acuso, indignado. — Você é um monstro!

Avanço em sua direção, mas Valentina me segura pelo braço. Percebo que meus músculos estão tensos, estou a ponto de explodir.

— Erick, por favor — ela tenta argumentar. — Eu jamais desrespeitaria a

imagem de Romero, mas... não seria nada conveniente ela ficar aqui.

— E por que não? Essa casa é enorme. O meu avô não desejaria que ela fosse embora daqui.

Estou possesso. A gama de sentimentos ruins que ocupam meu coração nesse momento é algo que deixaria qualquer um amedrontado. Meus olhos viajam até o par de malas pretas ao chão e sinto a indignação se intensificar.

Minha mãe é pior do que eu imaginava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Erick, está tudo bem — Valentina tenta me tranquilizar. — Eu... eu posso morar com a Melissa por um tempo e...

— Não — corto. — Você não vai.

— O quê?

Me viro para ela.

— Você não vai morar com a sua irmã — repito e fito minha mãe logo em seguida. — Ok, Ariela, ela vai embora dessa casa, sim, afinal é isso o que você quer, não é? — Me curvo e apanho as malas de Valentina, ainda segurando o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar de minha progenitora. — Mas ela vai morar *comigo*.

Seu rosto congela. Flashes de ira flutuam por sua íris de um azul tão claro que me remetem a lembrar de um iceberg: grande, gélido e totalmente desafiador.

— Você ficou louco, meu filho?

— De jeito algum. Eu acho que tenho muito mais sanidade do que você — disparo. — Você é deprimente!

— Erick, não fale assim comigo — avisa entredentes. — Eu sou sua mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Solto uma risada de escárnio.

— Vamos deixar a hipocrisia de lado, Ariela. Você nunca foi uma mãe para mim. Você possuía um troféu, uma escada que lhe facilitasse subir na vida. Está satisfeita agora? — Abro os braços amplamente, em um gesto teatral. — Parabéns, você conseguiu o que tanto queria. Tudo isso aqui é seu. Mas lembre-se de uma coisa: você vai morrer seca, solitária, sem ninguém.

Ariela entreabre os lábios, surpresa. Quando ela olha para Valentina, há ódio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viu só? — Valentina vacila com seu tom voz. — É tudo culpa sua!

Ela avança na direção da garota, mas me prostro entre ambas.

— Não encosta um dedo nela — comunico. — Valentina vai embora dessa casa, e *eu* irei levá-la. Você nunca mais vai dirigir uma palavra sequer a ela.

— Se você sair por aquela porta com essa garota, esqueça que é meu filho, Erick — ela ameaça.

Isso me atinge em cheio. Dói, devo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

admitir, mas não me surpreende. Eu não poderia esperar menos da minha mãe. Coloco as malas no chão e fito seriamente o rosto da mulher que me deu a vida. A mulher que deveria me amar incondicionalmente, no entanto, nunca me deu sequer um abraço materno. Eu fui apenas o pote de outro, o menino bonito, herdeiro dourado, fruto de um maldito golpe.

— Eu nunca fui um filho para você —
dou de ombros. — Não vai fazer muita
diferença, não é?

PERIGOSAS ACHERON

Não aguardo por uma palavra sua. Apenas apanho novamente as malas, saindo em direção à porta, com Valentina em meu encalço.

Entramos no carro e ainda sou capaz de sentir a tensão emanando de Valentina. Foi muita coisa para enfrentarmos em um único dia. Estou esgotado e imagino que ela também esteja.

— Eu sinto muito — ela diz baixinho.
— Para onde vamos?

Não tiro meus olhos do caminho à minha frente. Ponho meu cinto de

PERIGOSAS NACIONAIS

segurança e dou a partida no carro.

— Já disse — respondo a sua pergunta.

— Para a *nossa* casa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 37

Valentina

— Você pode guardar as suas roupas no meu armário — Erick oferece ao acomodar minhas malas em seu quarto. Não são muitas, afinal não tinha muito o que levar comigo da casa de Romero. Apenas algumas roupas, sapatos e objetos de uso pessoal.

Assim que Erick me deixa no quarto, tomo um banho demorado e ponho um par

de calças *legging* e um casaco, pois está frio. Quando chego na sala, ele está se preparando para sair. Me dá uma última olhada, ao passo que põe as chaves no bolso.

— Está tudo bem?

Afirmo com um aceno de cabeça.

— Eu preciso dar uma volta — se explica. — Volto logo.

— Tá. — Não sei para onde ele vai, mas não imagino que seja do seu interesse que eu saiba sobre isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois que Erick se retira, eu volto para o quarto e arrumo minhas coisas no armário. Me afasto e observo as minhas roupas femininas de um lado, enquanto as camisas pretas e brancas de Erick ocupam o outro. Balanço a cabeça, pensando na reviravolta que a minha vida deu em menos de vinte e quatro horas. Ainda tensa com tudo o que aconteceu, sinto meu estômago roncar. Estou há umas quatorze horas sem ingerir nada, então decido preparar algo, pois apesar de eu não estar com tanto apetite assim, sei que o melhor a se fazer seria me alimentar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou até a cozinha e preparo uma macarronada com molho de manjerição. Despejo os pratos na mesa da sala, a qual Erick pouco utiliza, e me sento no sofá, aguardando-o aparecer. Mas me parece que sua promessa de não demorar não deu muito certo, então acabo dormindo no sofá.

Acordo com uma mão tocando meu braço. Aperto minhas pálpebras para fazer com que meus olhos se adaptem à fraca luz e encontro Erick inclinado sobre mim. Me sento de imediato, esfregando meus olhos com os dedos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que horas são? — Pergunto.

— Um pouco mais de meia-noite — responde, ficando com o corpo ereto. — Acabei ficando mais tempo fora do que deveria. Me desculpe.

— Tudo bem.

Ele olha sobre o ombro para a mesa, depois olha para mim novamente.

— Foi você quem... preparou tudo isso?

— Sim, eu achei que fosse bom se nos alimentássemos. Você deve estar com fome.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou sem apetite.

— Eu também, mas você tem que se alimentar, Erick.

Ele encolhe os ombros e me estende uma mão.

— Você está certa. Venha.

Antes de nos sentarmos à mesa, esquento novamente o jantar no micro-ondas e comemos em silêncio. Não pergunto para onde ele foi, mas estou curiosa para saber onde Erick se meteu.

Ao terminarmos o jantar, levo a louça

até a pia e me preparo para lavar, quando Erick me diz para deixá-las ali. Em seguida, me segura pela mão e me guia até o quarto. Ele fecha a porta lentamente atrás de si e, instantes depois, sua boca está sobre a minha, seu corpo quente unido ao meu.

— Eu preciso muito de você — ele sussurra com urgência, levantando a bainha da minha blusa, alisando a pele exposta. — Só você é capaz de fazer eu me sentir vivo de novo, Valentina.

Afasto meu rosto alguns centímetros do

seu e percebo dor, raiva, tristeza e mágoa passearem por seus olhos bonitos. Os olhos bonitos de onde uma lágrima solitária escorre. Ergo minha mão, secando a gota salgada com meu polegar, enquanto fecho os olhos e deixo minha própria lágrima cair.

Erick me abraça e me aperta contra seu peito. Enfiando o rosto nos meus cabelos, ele chora. Chora silenciosa e copiosamente. Seus ombros tremem com cada soluço que ele dá e seus braços me apertam ainda mais, como se fundir-se em mim fosse o suficiente para aliviar a dor

PERIGOSAS ACHERON

que tanto maltrata o seu coração.

Eu o abraço de volta. Abraço e inalo o cheiro tão familiar do seu corpo, sentindo cada parte dos seus músculos duros contra mim.

— Eu te amo — digo, bem perto do seu ouvido. — Estamos juntos nessa. Tudo isso vai passar.

Ele não diz nada. Os soluços não permitem que ele diga nada. Erick está quebrando em meus braços e a única coisa que eu posso fazer no momento é permitir que ele saiba o quanto é amado. Talvez eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não possa substituir o amor que ele não tem da mãe, o amor que ele perdeu do avô, mas eu sei que enquanto eu estiver viva, o amor que sinto por ele suprirá qualquer necessidade. Superará qualquer sentimento. Pois o amor que sinto por Erick não pode ser expressado com palavras. Não pode ser expressado com medidas.

É amor pra vida toda.

E eu sinto, mesmo que ele não esteja dizendo isso agora, o quanto ele também me ama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com Erick ainda colado em mim, eu sigo em passos lentos até a cama, nos deitando sobre ela. Ele se afasta um pouco de mim, deitado de lado, e me fita. Imito a sua posição e me aproximo mais para tocar sua face. Meu dedo passeia pela maçã molhada e ele fecha os olhos, respirando fundo.

— Eu te amo — repito.

Ele abre os olhos e me observa por alguns segundos.

— Sempre te amei — diz de volta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com lágrimas ameaçando lavar meu rosto, sorrio para ele e aliso seus cabelos, meus dedos se entranhando nos fios dourados, espessos e macios. Ele aproxima sua cabeça da minha e recosta a sua testa no meu peito, infiltrando a mão por baixo da minha blusa, enquanto o polegar faz movimentos lentos para cima e para baixo sobre a pele do meu quadril. Um arrepio leve varre o meu corpo de cima a baixo, a camada de eletricidade envolvendo aos poucos tudo o que existe de nós dois.

Erick se afasta um pouco para puxar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu casaco para cima, me deixando nua acima do quadril. Ele força o material da calça para baixo e eu fico somente de calcinha. Em seguida, ele faz o mesmo com suas roupas. Usando apenas a boxer vermelha, ele levanta a colcha grossa que reveste a cama e nos cobre, me puxando para si.

Ele está deitado de costas, debaixo de mim, enquanto me abraça. Nossos corpos colados, como se fôssemos um só.

— Ele me deu um carrinho de madeira quando eu tinha oito anos — ele começa a

PERIGOSAS ACHERON

dizer, alisando de leve as minhas costas. Não preciso perguntar para saber que ele fala de Romero. — A minha mãe... a *Ariela* não me deixou ficar com o brinquedo por muito tempo. Ela dizia que era coisa de pobre, e o seu filho jamais usaria algo que custasse menos que seus sapatos importados.

Erick balança a cabeça de leve e permanece fitando o teto. Eu sei que nesse momento inúmeros pensamentos estão se passando por sua cabeça, inclusive o fato de sua própria mãe tê-lo renegado. Sinto-me um pouco culpada por

PERIGOSAS ACHERON

isso.

— Ela sempre foi tão fútil — continua.
— Sempre deu mais atenção a qualquer outra coisa do que a mim... — respira fundo. — Eu fiz um bolo de aniversário pra ela uma vez. Eu ainda era bem pequeno, a Edith e a minha avó me ajudaram. A gente fez uma bagunça danada na cozinha... eu queria fazer uma surpresa pra ela, eu queria ao menos que ela se orgulhasse de algo que eu fazia.

— E o que aconteceu?

— Ela me pôs de castigo. Disse que eu

não era um maldito mendigo pra perambular pela casa todo sujo de farinha e chocolate. Ela nem sequer comeu do bolo. Eu imagino que não tenha nem se dado conta de que eu tentei fazer uma surpresa.

— Eu sinto muito, Erick — o aperto com mais força. — De verdade.

— Eu sei — me tranquiliza. — Eu sempre me senti um merda perto da minha mãe, sempre me senti menosprezado..., mas o meu avô sempre soube fazer as coisas certas pra fazer com que eu me

enxergasse de uma forma diferente. Ele sempre me incentivava, me dava atenção.

— Eu já estou sentindo a falta dele — digo, um aperto imenso no peito.

— Eu também.

Erick continua acariciando as minhas costas com uma mão, ao passo que com a outra ele afaga os meus cabelos. Fecho os olhos e me aninho ainda mais contra seu peito. Estou quase dormindo, quando a voz de Erick preenche os meus ouvidos novamente:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero que você me prometa uma coisa.

— O que é?

— Prometa que nunca vai me esquecer.

Abro os olhos e me ergo um pouco para plantar um beijo no seu pescoço.

— Você não precisa se preocupar com isso — eu falo. — Não vou me esquecer nunca de você.

— Nem quando eu morrer?

Meu sorriso desaparece.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você está dizendo essas coisas, Erick?

— Apenas responda, Val. Você promete?

Balanço a cabeça.

— Impossível — Sorrio, analisando sua expressão temerosa. — No dia em que você morrer, a minha alma também morrerá. E se a minha alma morrer, eu não vou mais existir.

Um sorriso fraco surge em seu rosto.

— De onde você tirou isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei — dou de ombros. — Eu estou apenas dizendo o que sinto.

Ele fica quieto por alguns segundos, talvez pensando sobre a minha resposta. Puxando o meu braço do seu pescoço, ele entrelaça seus dedos nos meus e beija o dorso da minha mão antes de colocar a minha palma em seu peito.

— Eu quero que você viva. Quero que siga em frente, mas que jamais me esqueça.

Sacudo a cabeça freneticamente em negativa.

PERIGOSAS ACHERON

— Não seja idiota — retruco, inesperadamente irritada. — Eu juro por Deus que se você fizer *isso*, eu... eu *te mato*.

Ele enruga a testa.

— *Isso?* Se eu morrer?

Aquiesço, e ele suspira.

— Eu não posso ser assassinado se já estiver morto, Valentina.

Aperto os lábios em uma linha fina. Por que diabos ele tem que falar dessas coisas justo agora? Eu não vou ser

condescendente nessa merda.

— Foda-se — Devo estar parecendo uma criança birrenta, mas não suporto o pensamento de ver Erick morrendo um dia. — Eu faria, mesmo assim.

A expressão de Erick se suaviza e ele franze o cenho, me puxando de volta para ele, me abraçando.

— Ei, não fique brava. Eu não queria fazer isso com você, me desculpe — Ele beija minhas pálpebras e, quando afasta seu rosto, segura o meu entre as mãos. — Eu só quero que você saiba que é meu

tudo, Valentina.

Realmente, eu sou tudo para ele agora. A única pessoa que ele tem, com quem ele pode contar. Não é muito diferente comigo, embora eu tenha Melissa.

— Já era pra você saber que eu nunca serei capaz de te esquecer, Erick. Independentemente do que ocorrer, você estará sempre no meu coração.

É clichê tudo o que eu disse, mas é a mais pura verdade. Eu o amo com tudo o que eu tenho e um pouco mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Erick não desgruda seus olhos verdes do meu rosto. Ele vem em minha direção e me beija. E eu deixo que ele faça isso, deixo que me saboreie, sua língua tocando a minha. Ele se afasta um pouco e desloca uma mexa de cabelos para trás da minha orelha. Sua mão vai para a minha nuca e ele acaricia a minha bochecha com o polegar, ainda olhando nos meus olhos.

— Eu nunca vou me esquecer de você, também — um sorriso pequeno alcança os seus lábios. — Eu prometo.

PERIGOSAS ACHERON

Seguro seu rosto entre as mãos e ele avança para me dar mais um beijo. Entrelaço minhas pernas em sua cintura enquanto passo as mãos por suas costas nuas, sentindo a pele de Erick se arrepiar debaixo da minha.

Ele escova o nariz no ponto atrás da minha orelha e desce aos poucos, plantando beijos em meu pescoço. Entreabro os meus lábios em um gesto involuntário, assim que sinto a quentura entre as minhas pernas.

— Eu amo a sua pele, Valentina —

PERIGOSAS NACIONAIS

comenta, traçando os lábios pelo local. — Amo a forma como ela aquece sob o meu toque. A forma como ela se arrepia... — Erick se desloca para o meu lado e termina de nos despir. Ele deita de lado e me puxa para colar meu peito no seu novamente. — Eu amo tudo em você.

Eu acho que essa é uma das coisas mais lindas que já ouvi. Observo seus olhos bonitos em mim, alisando a barba de alguns dias em seu rosto. Eu amo a sua pele também. Cada marca, cada desenho. Tudo nele me fascina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No instante em que Erick deita a cabeça em meu peito e promete mais uma vez que nunca mais vai me esquecer, eu descubro que necessito dele tanto quanto ele necessita de mim. É uma conexão impossível de ser explicada com palavras. É algo que vem da alma, a nossa forma de provarmos um ao outro que nenhum de nós dois estará sozinho enquanto pisarmos na Terra. É uma entrega mútua. Algo que transcende qualquer coisa que eu fui capaz de sentir em toda a minha vida.

Ainda acariciando de leve a pele do

PERIGOSAS ACHERON

meu quadril, ele suspira enquanto eu acaricio seus cabelos. Ficamos calados, apenas nossas respirações sendo ouvidas. Apenas nossos corpos nus na penumbra do quarto. Nos embebedando da dor um do outro.

— Eu fui no túmulo dele hoje — ele fala com uma voz tão baixa que eu temo não ter ouvido direito. — Meu pai.

— E então? — Indago.

— Conversei com ele. Falei sobre tudo. Falei sobre você, sobre o que sinto. Eu acho que precisava me desculpar com ele

de verdade.

— Ele perdoou você — aliso seus cabelos. — Disso eu tenho certeza.

— Eu... eu a visitei também, Val — ele ergue a cabeça para me olhar. — Sofia. Conte sobre você também.

— Você sente a falta dela, não é?

— Sinto falta do que eu era quando ela estava aqui. Mas eu gosto do que eu sou agora.

Me inclino e beijo seus lábios. Ele continua:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu prometi ao meu avô que cuidaria de você, e eu vou fazer isso. Protegerei você, e não importa as malditas ameaças. Farei isso com você perto de mim.

Sorrio para ele e, por mais que tanta coisa ruim tenha ocorrido conosco ultimamente, uma pontada de paz preenche o meu coração.



No dia seguinte não encontro Erick na cama ao acordar. Ele me liga, informando

PERIGOSAS ACHERON

quando e em que horário será o velório e enterro de Romero e avisa que virá me buscar. Algumas horas depois, estamos chegando no local em que será realizada a missa. Estão apenas algumas pessoas presentes, como amigos e parentes distantes. Reconheço Ariela entre essas pessoas também. Ela nos olha de forma estranha.

Tudo ocorre lentamente demais e eu sinto a dor se aumentando a cada segundo que passa. Logo após Romero ser enterrado, Erick segura em minha mão, com lágrimas inundando seu rosto, e me

PERIGOSAS ACHERON

guia para a saída. No entanto, nos obrigamos a cessar nossos passos quando vemos Ariela vir em nossa direção. Automaticamente o aperto de sua mão na minha se intensifica.

— Erick... — Ariela diz, parando diante de nós. — Temos que nos reunir para acertar os trâmites sobre a herança de Romero.

— Você só pode estar brincando. — Erick se altera. — Nem o mínimo de respeito pelo meu avô você tem? Ele acabou de ser enterrado e você já está

interessada no dinheiro que vai arrancar dele?

— Não se altere. Essas coisas devem ser acertadas o quanto antes. Você sabe disso tão bem quanto eu.

Erick avança um passo e eu o seguro pelo braço.

— Você estava apenas aguardando a oportunidade de meu avô morrer, não é mesmo?

Ela não responde. Volta a pôr seus óculos escuros e um sorriso de lado surge

PERIGOSAS NACIONAIS

em seus lábios rosados, antes de ela nos dar as costas e sair.

— Eu tenho pena dela — Erick murmura.

Eu não digo nada, apesar de concordar. Permanecemos em silêncio, conforme seguimos em direção à saída, ainda de mãos dadas.

E com isso, mais um ciclo se encerra.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 38

Erick

Os dias que sobrevieram a morte do meu avô se arrastaram de forma lenta e torturante. Três semanas se passaram, para ser mais exato. Três semanas sem a sua presença por perto, e apenas as lembranças que inevitavelmente surgiam em minha cabeça, com as quais eu tinha que me contentar.

Dia após dia, eu me via em uma fossa

nova. Dia após dia, eu lutava para não cair em um rio de amargura e me distanciar ainda mais do que um dia eu fui. Eu estava quebrado, estava destruído, e tinha ciência de que apenas Valentina era o meu consolo, minha fortaleza e o motivo pelo qual eu não me permitia sucumbir.

As investigações a respeito das ameaças estavam lentas demais e eu tinha ciência de que nós teríamos que tomar bem mais cuidado que o habitual, pois o perigo só aumentou quando decidi trazê-la para perto de mim novamente. Mas,

PERIGOSAS ACHERON

convenhamos, eu não podia deixá-la desamparada depois de tudo o que ocorreu.

Cheguei a desconfiar de muita gente, inclusive da minha mãe, que se mostrou bem fria durante os últimos dias, mas ainda não podia acusar ninguém sem ter as devidas provas. A minha mãe também não me procurou mais, tampouco eu corri atrás dela. Ainda não tive coragem de pensar sobre a herança de Romero, mas tenho ciência de que herdei a empresa e tudo o que o meu avô possuía, afinal sou seu único herdeiro e ele não chegou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

redigir um testamento, o que não descarta a possibilidade de Ariela ter alguma esperança de que arrancará algo no fim disso tudo. Ela não vai conseguir, se depender de mim.

Ainda é manhã quando chego no quarto e encontro Valentina já de pé. Ela está usando uma blusa branca com estampa e calças jeans que abraça perfeitamente seus quadris arredondados. Sorri amplamente para mim e joga seu celular dentro da bolsa antes de vir em minha direção, com uma euforia perceptível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A minha irmã acabou de me ligar —
notícia. — Meu sobrinho está prestes a
nascer.

— Meus parabéns — não consigo
deixar de sorrir de volta. — Você está
indo para lá agora? Quer uma carona?

— Não, eu me viro com um táxi. Não se
preocupe.

— Ok, só tome cuidado.

— Pode deixar — Ela fica na ponta dos
pés e me dá um beijo rápido antes de
acomodar a alça da bolsa no ombro e sair.

PERIGOSAS ACHERON

Observo a porta ser fechada e decido que seria uma boa ideia eu ir trabalhar hoje. Apesar de Valentina estar fazendo de tudo para me ajudar a seguir em frente, o trabalho também tem me ajudado bastante desde que tudo aconteceu. Sempre gostei de desenhar e sempre usei isso como terapia. Sem contar no fato de que me agrada extremamente cada vez que alguém sai do estúdio esbanjando um sorriso enorme, satisfeito com o meu trabalho.

Saio de casa e o caminho até o estúdio não demora muito, afinal o trânsito está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bom. Cumprimento evasivamente os meus funcionários e colegas de trabalho e me apresso em me trancar na minha sala.

Apoio minhas mãos sobre a mesa e respiro fundo algumas vezes. Faz dias que venho tendo essa sensação ruim de que a qualquer momento algo de ruim vai acontecer, como alguém aparecer e sequestrar a Valentina ou qualquer outra merda semelhante.

Apanho o meu celular para ligar pra ela, mas uma batida na porta me faz deslizar-lo de volta para o meu bolso. Ao

PERIGOSAS ACHERON

abrir a porta, dou de cara com ninguém menos que Nick.

— O que faz aqui? — Disparo sem sequer dar espaço para que ele entre na sala. — Eu já dei ordens explícitas para que você não fosse autorizado a sequer pôr os pés aqui dentro.

— Eu sei, mas é que eu preciso conversar com você, cara — Ele me parece nervoso, mas não sei dizer ao certo. Está pálido e uma camada de suor cobre sua testa.

— Eu não tenho nada para falar com

você, Nick. Dê o fora.

Ele coça o nariz nervosamente e olha para os lados antes de cravar seu olhar em mim novamente.

— É sério, Erick. Eu preciso falar com você.

Que diabos esse filho da puta teria para tratar comigo? Não me surpreende o fato de que ele talvez esteja drogado ou precisando de algum dinheiro. Eu juro por Deus que chuto sua maldita bunda e o faço voar pela janela, caso ele me peça algo do tipo.

Decido não prolongar esse momento desagradável e abro espaço na porta para que ele passe. Seja lá o que ele tiver para me contar, terá que ser breve.

Nick se senta diante da minha mesa e começa a mexer nervosamente nas unhas curtas. Suas pernas dobradas balançam em um tique nervoso e ele puxa o *piercing* labial entre os dentes.

— Eu... eu deveria ter lhe falado sobre isso antes. Quer dizer... eu não posso contar a verdade, não de forma direta, pois estou correndo perigo, mas... Erick,

eu preciso de ajuda, cara. Eu preciso fugir. Eu estou com muito medo e...
merda, Erick! Me desculpe.

Minha testa se enruga conforme a minha mente tenta compreender o que ele quis dizer com tudo isso.

— Do que está falando, Nick? — Ele me parece desequilibrado. — Sobre o quê está me pedindo desculpas, exatamente?

— Por todas as besteiras, todas as mentiras. Por tudo — ele para por um instante e passa a mão pelo rosto com expressão agoniada. — Você foi o único

PERIGOSAS NACIONAIS

amigo que eu tive e... eu estraguei tudo.
Eu fiz merda, cara.

— Que tipo de merda?

— Muitas. Você não me perdoaria se soubesse.

— Nick, eu posso ajudar você, mas antes você tem que me contar o que está acontecendo.

Ele ergue a cabeça e suspira.

— Eu machuquei pessoas que você ama, Erick. Eu fiz coisas muito, mas muito erradas... eu sou um monstro.

PERIGOSAS ACHERON

O que diabos isso significa?

— Você está se referindo ao que estou pensando?

Ele desvia seus olhos dos meus e os fecha, apoiando os seus cotovelos nas coxas. O silêncio reina por alguns instantes dentro da sala, o que só serve para aumentar a tensão. Nick não me parece nada bem e não é de se admirar este fato, tendo em conta as merdas com as quais ele insiste em se meter.

— Responda, Nick — insisto. — Você não tem saída a não ser confessar, você

sabe. Então desembucha de uma vez por todas.

Eu não sei exatamente o que tanto o perturba, mas imagino. E eu estou com uma vontade imensa de acabar com a raça desse marginal aqui e agora até que não sobre nem um maldito pedaço de sua unha para contar a história, mas eu preciso que ele confesse. Eu preciso que ele me diga a verdade.

Ele finalmente ergue sua cabeça e umedece os lábios pálidos e ressecados.

— Eu não posso... Eu não posso

adivinhar o que você está pensando, tampouco posso confirmar isso. Estou sendo ameaçado e preciso dar o fora o quanto antes da cidade — ele seca o suor das mãos na calça e se levanta de repente. — Mas... eu queria que você soubesse de uma coisa... um conselho: não confie em todo mundo, Erick. Não confie em ninguém, pois nem tudo é o que parece ser.

Valentina

Dois dias depois...

Apanho meu sobrinho do colo da minha irmã e inalo seu cheirinho gostoso. Ele é muito lindo.

Pedro nasceu com três quilos e quase cinquenta centímetros, e desde que Melissa o teve, eu saio de seu apartamento apenas para tomar banho e preparar alguma coisa para Erick comer, voltando para a minha irmã e o meu sobrinho logo em seguida. Eu sei que Melissa sente falta de uma presença materna e eu quero ser a mãe que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

perdeu tão nova, ao menos nesse momento. Não tive tempo nem de conversar com Erick sobre a minha ausência, pois todas as vezes em que cheguei em casa era cedo e nesse horário ele está no trabalho. Liguei para ele ontem e percebi que estava um pouco tenso, mas também não quis comentar nada comigo.

Danilo também está aqui com Melissa. Acho incrível a forma como ele mudou depois que conheceu a minha irmã. Os dois estão se dando muito bem e ele adora o bebê, o que é muito bom.

PERIGOSAS ACHERON

Entrego Pedro para Melissa, para que ele seja amamentado e me dirijo à cozinha com Dan para fazer um café, afinal nenhum dos dois dormimos direito já faz dois dias. Preparo o pó e a água na cafeteira e me sento na cadeira em frente à mesa. Dan se acomoda do lado oposto ao meu, com um sorriso bobo nos lábios.

— Ele é tão lindo e forte — comenta, notavelmente empolgado. — Você viu aqueles braços? Ele vai dar um trabalho danado!

Sorrio de volta e concordo com um

meneio de cabeça.

— Sou suspeita para falar. Acho que sou a tia mais babona que conheço.

Dan cai na gargalhada e, após alguns minutos de conversa sobre a fofura de Pedro, finalmente o café está pronto. Preparo duas xícaras com o líquido forte, tomo um gole da minha e sento-me novamente em frente à mesa pequena, enquanto Danilo ainda tagarela sobre a sua nova posição de namorado da minha irmã e pai de seu filho.

— Você tem certeza que é isso o que

quer para si? — Eu pergunto. — Quer dizer, Melissa é a minha irmã e eu quero o melhor para ela e para o meu sobrinho, portanto eu preciso saber se você está realmente disposto a abrir mão de sua vida de solteiro e se dedicar a uma família, ainda tão jovem.

Danilo sorri de lado e arqueia uma sobrancelha para mim.

— Você é mais nova que eu e está morando com seu namorado. Não estamos em uma situação muito diferente.

— Sim, claro, mas eu e Erick não temos

um filho para criar — rebato.

Danilo toma um gole do seu café.

— Você tem razão, mas não por muito tempo. Algo me diz que logo, logo vocês serão agraciados com um pequeno herdeiro.

Rolo os olhos e me obrigo a desviar o olhar de Danilo. Esse assunto, de alguma forma, me incomoda, afinal eu e Erick não tivemos essa conversa ainda e tampouco eu sei se realmente seria bom termos um bebê justamente agora. Nós nem estamos casados. Não oficialmente.

Ponho a xícara em cima da mesa, assim que meu telefone toca e um sorriso nasce em meus lábios. É Erick.

— Ei — saúdo, mas logo vacilo ao ouvir sua voz tensa do outro lado da linha. — Está tudo bem?

— Val, preciso de você aqui em casa. Acabei de receber a notícia de que Nicolas está morto.

— Como assim? — Levanto-me de imediato. Não é segredo para ninguém que eu nunca fui com a cara de Nicolas, mas saber que ele está morto me abala de

alguma forma.

— Exatamente isso que você ouviu —
Erick repete. — Ele apareceu morto essa
manhã, em um quarto de hotel. Tudo
indica que foi overdose.

— Minha nossa, Erick.

— Venha para casa, Val — repete. —
Nós precisamos conversar.

Não pergunto mais nada, afinal o seu
tom de voz já denuncia que há algo de
muito errado nessa história. Aviso a Erick
que logo estarei em casa e apanho a

minha bolsa.

— Aconteceu alguma coisa? — Danilo pergunta.

— Nada que você precise se preocupar — respondo. — Eu preciso ir pra casa agora, diga a Melissa que virei vê-la em breve.

Meu amigo assente e eu sigo rapidamente para pegar o próximo taxi. Em questão de minutos, estou no apartamento, sendo recebida por Erick. Ele me abraça e faz com que eu me sente no sofá em frente ao seu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que história é essa, Erick? —
Pergunto.

— Alguns dias atrás, o Nick apareceu no Soul Tattoo com uma conversa estranha... — então ele me conta tudo. Me conta sobre a conversa que teve com Nick e em como o cara estava desequilibrado. Erick também fala sobre a sua desconfiança de que Nicolas quem era o culpado desde o começo em relação às tentativas de assassinato e ameaças, mas não teve a oportunidade de conversar sobre isso comigo antes.

PERIGOSAS ACHERON

Fico pasma. Demoro alguns segundos para finalmente organizar meus pensamentos, pois, por mais que eu nunca tenha confiado em Nicolas, essa possibilidade não havia passado pela minha cabeça antes. Como fui idiota.

— Então... você acha que era o Nick quem estava atentando contra a minha vida esse tempo todo?

— Eu tenho quase certeza — Erick afirma. — Ele tinha motivos para me atingir, principalmente para usar você como peça principal nisso. Além do mais,

PERIGOSAS NACIONAIS

foram encontradas uma câmera e algumas fotos suas nas coisas dele.

Eu levo as mãos à boca.

— Minha nossa, então... então foi o Nick — eu falo. — Mas, e toda essa conversa de estar correndo perigo, você não acha isso muito estranho?

— O Nicolas era um usuário de vários tipos de droga, Valentina. Ele tinha inimizades, não trabalhava, provavelmente estava devendo algum traficante perigoso e decidiu fugir.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus — sustento minha cabeça entre as mãos e dou uma inspirada longa.

Então era isso. Nick estava armando contra mim esse tempo todo. Faz sentido, afinal ele não gostava de mim, tampouco tinha uma relação muito pacífica com Erick.

Talvez seja errado me sentir dessa forma, mas é impossível ignorar o sentimento de alívio que imediatamente preenche o meu peito. Com Nicolas morto, conseqüentemente todo esse pesadelo acaba. Finalmente terei a chance

de ser feliz ao lado de Erick, sem ninguém para interferir.

— Então eu acho que tudo isso acabou — eu digo, fitando os olhos verdes do meu namorado.

— Sim, Moça Bonita — ele concorda, abrindo um sorriso de lado. — Acabou.

CAPÍTULO 39

Valentina

O sol já nasceu quando acordo. Sinto a barba de Erick pinicando a minha pele e abro um sorriso. Seu braço está descansando sobre a minha cintura, sua mão no meu quadril e seu rosto está enterrado na curva do meu pescoço.

Rolo com cuidado na cama e apoio a cabeça em minha mão, cotovelo plantado no colchão, observando-o. Eu poderia

dedicar horas da minha vida a isso, que nunca me cansaria. É extremamente prazeroso analisar a sombra de barba em seu rosto bonito, o cabelo loiro bagunçado lhe proporcionando uma aparência indefinidamente sexy, ou a forma como ele dorme tranquilamente, sua respiração em harmonia com a oscilação suave do seu peito.

Deixo um beijo leve no ombro do meu namorado e ele nem se move. Olho no relógio de cabeceira e decido me levantar da cama, afinal já são quase oito e meia da manhã e eu tenho coisas a fazer, como,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por exemplo, ligar para a minha irmã e procurar saber se está tudo sob controle.

Ligo a cafeteira e recosto-me no balcão da cozinha enquanto ainda penso se devo mesmo ligar para Melissa ou dedicar o meu dia a Erick. Durante esses últimos dias não tive tempo para muita coisa. Sempre tão compenetrada com o nascimento do meu sobrinho e a morte de Romero que mal tive um tempo para nós dois.

Só de relembrar a morte de Romero, sinto um aperto imenso no peito. Ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sinto muito a sua falta e sei que nada nem ninguém irá substituir o lugar que ele ocupou em meu coração. O fato de que ele me tirou da lama, mesmo que por amor ao seu neto, me deixa com um imenso sentimento de gratidão.

Meu telefone toca, e o número para mim é desconhecido. Quando atendo, não consigo esconder meu desagrado ao ouvir a voz de Ariela soar do outro lado.

— Valentina?

— O que você quer?

PERIGOSAS ACHERON

Ela demora um tempo na linha. Em seguida, volta a falar, sua voz levemente trêmula.

— Desculpe te ligar assim, é que... bem, eu estou precisando conversar com você.

— Ariela, o que tínhamos para falar, já falamos. Você não acha que me insultou o sufic...

— Me desculpe! — ela me interrompe.
— Eu quero pedir desculpas a você. Quero conversar e pôr tudo em pratos limpos. Você poderia vir até a casa de

Romero?

Eu paro por alguns instantes, tentando decifrar algum truque em seu tom de voz, mas pela forma como ela está falando comigo, dificilmente estaria mentindo. Ela me parece ansiosa, triste e com medo. Nunca ouvi Ariela falar dessa maneira antes, e isso me encabula.

— Você está bem?

— Eu... — sua voz se quebra. — Eu... não ando dormindo muito bem. Não ando me sentindo muito bem desde que o Erick foi embora e me renegou como mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

Engulo a vontade que tenho de dizer que se existe alguém que renegou outra pessoa nessa história, esse alguém é ela.

— Oh, bem... eu acho que posso ir até aí para conversarmos melhor.

Ela funga do outro lado da linha.

— Obrigada, Valentina. Você salvou minha vida.



Como Erick ainda não acordou, deixo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mensagem para ele, avisando que fui até a mansão a pedido de sua mãe e me apresso em tomar o primeiro táxi que aparece.

Chego na mansão e ainda é bem cedo. Do lado de fora, a casa me parece vazia e mórbida. Bem diferente do que era quando vim para cá.

Toco a campainha, mas ninguém me atende, então eu decido usar a minha chave para entrar.

— Ariela? — chamo, mas sem obter resposta. — Olá?

PERIGOSAS ACHERON

O que essa bruxa queria comigo? Será que isso não passa de uma armadilha?

Estou a ponto de dar meia volta e ir embora, quando um barulho de gemidos vindos do antigo escritório de Romero chama minha atenção.

Em um impulso, corro em direção ao barulho. Imaginem a minha surpresa quando encontro Ariela na cadeira em frente à mesa, com os olhos assustados e pulsos amarrados, enquanto ninguém menos que Fred está ao seu lado.

E como se isso não fosse o suficiente para

tornar a cena assustadoramente bizarra, percebo que na mão de Fred há uma... arma.

Céus!

Notando minha presença, ele olha para mim e sorri. No entanto, diferente dos sorrisos que ele costuma me dar, esse parece frio, vazio. É como se ele fosse uma outra pessoa.

— Olá, Valentina — diz. — Estávamos esperando por você.

Alterno o olhar entre ele e Ariela.

— O que está acontecendo aqui?

— Apenas uma reunião interessante... —
responde. — Entre as mulheres mais importantes da vida do Erick. As *únicas* duas mulheres da vida dele, afinal ele não tem mais ninguém.

Agora seu sorriso se transforma em uma grotesca risada de escárnio.

Olho para Ariela, sentada na cadeira, rígida como uma estátua, e percebo que toda aquela conversa ao telefone foi um truque. Fred provavelmente a ameaçou para que ela me solicitasse até aqui. Mas... a troco de quê?

— Ok, Fred. Eu não sei exatamente o que você está fazendo aqui, mas não precisamos chegar a tanto, não é? Vamos soltar a Ariela e guardar esta arma. Nós podemos conversar sobre o que está lhe incomodando... Eu posso até falar com o Erick e...

— Erick, Erick, Erick! — ele ralha. — Sempre esse merdinha do Erick! Você não sabe falar em outra coisa?!

Dou um salto para trás, amedrontada com seu tom de voz, mas ele não recua.

— Estou tão cansado desse cara! — ele grita. — Estou *exausto* dele, na verdade. Eu

tento entender o que você viu nele e não consigo. Sinceramente, eu não consigo, Valentina.

Mesmo com toda a vontade de perguntar ao Fred o motivo dessa explosão de ódio para cima do Erick, engulo em seco, com medo de abrir a minha boca e deixá-lo ainda mais nervoso. É como se eu estivesse em um campo minado. Qualquer passo em falso poderia ocasionar numa explosão terrível.

Mesmo assim, eu pergunto:

— Por que está agindo assim, Fred? Eu não entendo... vocês não estavam tão

próximos ultimamente, mas sempre foram amigos.

— Ele *nunca* foi meu amigo — dispara. — Ele também nunca gostou de mim. Ele era só um idiota com quem eu andava e se achava melhor que eu.

Estremeço.

— Fred, eu... entendo que o Erick é irritante às vezes, mas não estou lhe reconhecendo. Lembra que você me aconselhou a ouvir o outro lado antes de julgar alguém? Você sempre foi um cara tão centrado, tão gentil...

Ele rola os olhos, como se o que eu acabei de dizer fosse um monte de merda entediante.

— Você acreditou em todo aquele teatro? Cristo, você é mesmo mais ingênua do que imaginei — retorce o lábio. — E em pensar que um dia eu desejei ter algo com você.

Meus olhos se expandem, e ele parece perceber minha surpresa, pois continua:

— Vai me dizer que nunca notou isso também? — caçoa. — Sabe, Valentina, você meio que se tornou uma disputa entre mim, Erick e Nicolas desde aquela noite na boate.

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, você nunca teve olhos para nenhum de nós dois, não é? Nunca teve olhos para mim, mesmo eu sendo mil vezes mais gentil e educado que aquele babaca do Erick — ele suspira, exasperado. — Você é uma garota burra, sabe? Uma mulher estúpida pra caramba. No entanto, não irei julgá-la por isso. Ele praticamente tomou você à força.

— Isso não é...

— Eu ainda não terminei — me interrompe, a voz estável, porém glacial. — Você se tornou uma questão... *pessoal* para

PERIGOSAS ACHERON

mim. Eu esperei pacientemente pelo momento em que você finalmente iria abrir os olhos e me enxergar, mas não, você sempre enxergou a *ele*. Todo o seu maldito mundo sempre girou ao redor dele.

Eu respiro fundo, tentando não surtar.

— Então... é por isso que você me odeia agora? É por isso que fingiu ser tão bondoso comigo? Porque planejava me machucar em algum momento?

Ele estreita os olhos.

— Eu nunca disse que planejava machucar

você — o sorriso malicioso retorna. — Mas você deduziu corretamente.

— Fred, olha... não há necessidade disso tudo. Não há necessidade de você me ameaçar dessa maneira. Seja lá o que o Erick fez com você, estou certa de que não foi por mal. Nós podemos tentar resolver isso de forma civilizada.

Seus olhos agora estão ainda mais animalescos.

— Creio que *civilizada* não é a palavra certa para descrever a forma como Erick agiu comigo durante todos esses anos — diz.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Primeiro, foi quando éramos ainda muito jovens. Eu tinha uma paixonite por uma garota da escola, Sofia era o nome dela. Tudo estava bem entre nós dois, até o Erick aparecer e conquistar a garota só para si, anulando qualquer chance minha de ter algo com ela.

“Ele sempre agia como se eu fosse um idiota que não era digno de fazer parte de seu grupinho de Bad Boys estúpidos. Ele sempre me tratou mal, sempre falou comigo como se eu fosse uma verruga incômoda, enquanto eu só queria ter amigos, como qualquer garoto normal quer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E para completar, houve aquela noite na boate. Eu vi você primeiro naquela noite. Por mais que eu nunca tivesse pisado em um prostíbulo antes, eu percebi que você era diferente de todas aquelas mulheres, e eu queria você. Então, quando ele também a viu e se aproximou, tudo desandou. Eu percebi, a partir daquele momento, que nunca teria nada que almejasse porque o Erick sempre estaria um passo a frente e sempre estragaria as coisas. Ele fez isso com Sofia, fez isso com a minha chance de ter amigos, e fez isso com a minha chance de ter você.

E como se não bastasse, você reaparece

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anos depois, os dois se reencontram e aquele idiota sai por aí, desfilando com você como um fodido deus. Quem ele pensa que é?! Ele não é ninguém. Ele não é melhor que eu!”

Levo um tempo para processar suas palavras. Por mais que eu já estivesse ciente de boa parte dessas informações, é ainda mais perturbador ouvir isso do ponto de vista do Fred. Ouvir todas essas coisas sendo narradas em um tom tão rancoroso.

— Você disse que o admirava — eu falo, um pouco magoada por estar tendo cada vez mais certeza de que essa situação não é uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

piada. — Disse que apesar do jeito louco dele, Erick era uma boa pessoa. Você torceu por nós dois, Fred!

— Claro que fiz — ele diz. — Eu estava *atuando*, idiota. Mas, agora, você já sabe que era tudo mentira.

Sim, era tudo mentira. A forma como ele agia comigo, sempre tão gentil. Ou quando falava coisas legais sobre Erick. Fred é louco. Completamente insano, tomado por rancor e inveja.

— Você chegou... a gostar da Sofia?
Gostar *de verdade* dela?

PERIGOSAS ACHERON

Os olhos dele permanecem frios e rancorosos, no entanto eu não sou capaz de opinar sobre o que se passa em sua mente.

— Que diferença isso faz? — questiona rispidamente. — Ela está morta agora. Graças ao seu namorado — Ele dá uma risada sem humor. — Cristo, ele fez tanta questão de ter a garota só para ele, mas quando conseguiu o que queria foi estúpido suficiente para fazer com que ela se matasse — balança a cabeça. — Que patético.

Engulo a vontade que tenho de argumentar esse comentário a respeito da morte de

Sofia, e decido lançar um olhar de esguelha na direção de Ariela. Ela ainda está imóvel em seu assento, mas não parece tranquila. Eu nunca vi tanto pavor nos olhos de alguém antes.

— Certo, então... — tentando manter a calma, arrisco uma nova abordagem. — Se é ele quem você odeia, se é do Erick que você quer se vingar, deixe a mãe dele em paz. Ela não é culpada por isso.

Uma sobrancelha loira se arqueia.

— Ora, ora, depois de tudo o que ela fez para você, Valentina? Como diabos ainda

tem coragem de defender essa bruxa?!

Umedeço meus lábios, sabendo que terei que ter um bom jogo de cintura para convencê-lo. Não tenho muitos motivos para defender Ariela, convenhamos.

— Nós nos desentendemos algumas vezes, mas opiniões mudam, não é? Devemos perdoar uns aos outros e deixar os rancores de lado. — Faço uma pausa, me preparando para permanecer o mais calma possível. — Veja só você... guardou tanto rancor do Erick por todo esse tempo, mas agora... agora você pode ter a chance de voltar atrás.

Ele era jovem e estúpido. Um babaca total, realmente, mas eu tenho certeza de que ele se arrepende do que fez. Ele até estaria disposto a pedir desculpas, eu tenho certeza. Não precisa agir dessa maneira. Não precisa...

Ele me corta:

— Cristo, você é uma péssima persuasora, sabia? Dá sono ouvir você falar tanta baboseira! — Sorri friamente. — Sabe a sua sogra? A velha chata que você insiste tanto em defender? Veja bem, ela transava com o Nick. Logo o Nick, aquele otário que eu

tenho certeza que você odiava.

Meus olhos disparam para Ariela, demonstrando o quanto estou chocada. Agora eu entendo por que Nick vinha até a casa de Romero em segredo. Ariela estava dormindo com ele debaixo do teto do próprio sogro.

— O que Ariela faz ou deixa de fazer não me diz respeito — falo. — O Nicolas também está morto agora, não há necessidade de citar o nome dele.

Ele me encara por alguns segundos, em seguida, abre outro daqueles sorrisos

debochados.

— Sim, ele está morto — diz. — Você nunca se perguntou o que realmente aconteceu com ele?

Franzo o cenho, tentando decifrar as intenções por trás de suas palavras, e quando a verdade cai sobre mim, eu congelo.

— Você matou o Nick — murmuro a afirmativa.

— Claro que matei. Ele estava na minha lista também.

— Eu pensei que ele tinha morrido de

overdose.

— Sim, ele morreu. Mas fui eu quem causou a morte dele. Não foi muito difícil, considerando o quão louco ele ficava para obter ao menos um pouco de qualquer merda alucinógena. Eu fiz um bom trabalho, não foi? — se gaba. — E ainda matei dois coelhos com uma única cajadada, afinal consegui implantar as provas sobre o perseguidor misterioso nas coisas dele. E, agora, a polícia está achando que Nicolas é o único culpado pelas ameaças e tentativas de assassinato.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração dispara. Eu tento respirar, buscar forças para me manter de pé, mas parece que meus músculos todos viraram gelatina. Ainda é surreal a situação que estou vivenciando. Em um momento, eu achei que tinha paz, no outro, eu estou em um escritório numa casa vazia, sob a atenção doentia de um cara. Um cara que até semanas atrás agia como se fosse uma das pessoas mais legais e doces que eu já conheci. E agora, não passa de um lunático, invejoso e rancoroso, que confessa assassinatos e cospe acusações.

Respiro fundo novamente, me segurando

PERIGOSAS ACHERON

até o último momento à sensatez.

— Então foi *você* esse tempo todo. Foi você quem tentou me matar.

— Tecnicamente, sim — diz. — Eu tive uma... ajudinha do Nicolas nisso. Foi ele quem cortou seus freios para parecer um acidente.

Essa informação não me surpreende.

— Foi ele quem tentou me atropelar também?

— Não — ele cruza os braços. — Isso foi obra minha. Nós éramos bons trabalhando

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos, mas aí o Nick achou que iria conseguir dinheiro de mim me ameaçando, foi quando eu percebi que ele me seria muito mais útil morto do que vivo. Então eu fiz o que fiz. Mas não perdi muita coisa. Eu também tinha contas a acertar com aquele imbecil.

Deus, ele é insano.

Fecho os olhos por um momento, tentando reorganizar a minha mente. O que fazer? Estou de pés e mãos atadas aqui. Ironicamente, tão atadas quanto Ariela, que permanece sentada com as mãos amarradas

PERIGOSAS ACHERON

para trás.

Parecendo ler meus pensamentos, Ariela se remexe na cadeira e levanta o queixo, encarando Fred.

— Você não vai sair impune — diz. — Seu assassino maldito! Você vai ser preso e...

— Cale a boca! — Fred rosna para ela. — Acha mesmo que eu seria preso? Meu pai é rico, milionário! Além do mais, vocês não têm provas de nada. Será a palavra de uma prostituta e uma velha amargurada contra a de um ótimo filho e profissional — uma

PERIGOSAS NACIONAIS

pausa intencional. — Além disso, eu não vou permitir que saiam vivas daqui, então não é como se houvesse testemunhas.

Ele volta a sorrir amplamente para mim.

— Vamos começar com as brincadeiras, Valentina?

Oh. Meu. Deus.

Alterno o olhar entre seu rosto e a arma em sua mão e, por mais que ele não tenha apontado essa coisa para mim ainda, sei que é real, e sei que ele será capaz de me matar a qualquer momento.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não precisa nos machucar, Fred
— tento argumentar. — Você mesmo disse
que gostava de mim, lembra?

— Sim, claro que eu disse, mas isso foi
antes de você se tornar uma vadia
insuportável por conta dessa obsessão
adolescente pelo Erick — fala
debochadamente. — Eu já estou cansado
dessa vida de sempre ficar em segundo
plano, Valentina. Estou farto de sempre ser o
idiota desengonçado enquanto o Erick se dá
bem nos grupinhos de amigos e com as
garotas. Eu já estou cansado da prepotência
dele! Vou matar você e vou matar a mãe dele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também! Ele não vai ter mais nada. Mais ninguém.

Seus lábios se retorcem sutilmente em um sorriso de lado. O seu sapato faz um suave baque abafado à medida que se aproxima de mim. Estou estática, nervosa e, merda, quero fugir daqui.

Ele se aproxima.

Recuo.

Mais um passo.

Recuo.

Mais um passo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele aponta a arma para mim e eu perco o ar.

Dez batidas do meu coração louco são o suficiente para que dê tempo de Ariela se levantar em um gesto corajoso, mas muito arriscado, e mesmo com os braços amarrados, avançar para cima dele.

Ambos vão parar no chão, Ariela gemendo de dor por ter caído justamente em cima do ombro, e Fred se arrastando em busca da arma que a essa altura já caiu longe. No entanto, eu sou mais rápida quando vou para cima dele e lhe monto, tentando imobilizá-

PERIGOSAS NACIONAIS

lo.

Ambos começamos uma luta confusa. Nossos corpos rolam pelo tapete desengonçadamente, enquanto tentamos agredir um ao outro. Fred pode ser um assassino, mas não tem habilidade alguma com os punhos.

Em algum momento, eu consigo arrancar sangue dele com as minhas próprias unhas.

Em algum momento, eu não estou mais por cima.

Em algum maldito momento, ele consegue

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me agarrar pelo pescoço e montar em mim, então eu perco totalmente as forças e o foco.

— O Erick vai aparecer aqui e infelizmente vai encontrar a namorada e a mamãe mortas — impõe mais força. — Ele não perde por esperar.

— Você... é um monstro — minha voz falha.

— Isso mesmo. Sou um monstro, e você deveria temer o que esse monstro pode fazer com você. Eu tenho o poder aqui, não se esqueça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai pagar caro por tudo isso, Fred. Vai pagar muito caro!

— O que você vai fazer? Chamar a polícia? — Ele ri. — Não vai adiantar de nada.

Tomo coragem e dobro a minha perna, tentando chocar o joelho contra sua coluna. Fred quase se desequilibra, mas não é o suficiente para que ele solte meu pescoço.

Instintivamente, eu agarro desajeitadamente os seus dedos, sentindo dificuldade para respirar.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe, Valentina, eu não queria que a sua morte fosse dessa forma. Eu realmente queria que tivéssemos um futuro juntos... queria saber o que você tem de tão bom que deixou três amigos de adolescência loucos para tê-la na cama — diz. — Mas você não soube colaborar comigo. Então, não há muito o que se fazer.

Cravo minhas unhas em seu braço, mas ele não alivia o aperto.

— Por favor... — digo, com dificuldade.
— Me deixe... ir.

Ele balança a cabeça lentamente em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

negativa. Seus olhos estão um pouco maiores, demoníacos, assustadores.

— Me desculpe, querida, mas eu não posso fazer isso... Na verdade, eu não *quero* fazer — ele dá risada. — Se isso te faz se sentir melhor: lembre-se que estou fazendo tudo isso pelo Erick, e não por você. Não tenho muita coisa contra você, sabe?

Tento engolir em seco, mas minha garganta dói.

Tento enxergar com clareza, mas os meus olhos ardem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento respirar e sinto que está ficando cada vez mais difícil.

Deus, eu vou morrer.

Estico o braço e forço minhas mãos contra o rosto de Fred, lutando até o último minuto pela minha vida. Tento cravar meus dedos em seus olhos, puxar os seus cabelos, mas ele é muito mais forte e maior que eu, e a única coisa que obtenho disso tudo são seus dedos impondo mais pressão ao redor do meu pescoço.

Eu volto a me debater e lutar, arranhando seus braços, me esforçando para me livrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Totalmente irritado com a minha relutância, ele bate a minha cabeça contra o chão e eu paro por um segundo para lidar com a sensação de tontura e dor aguda.

Olho para os lados, em busca de alguém, em busca de Ariela, mas minha visão começa a embaçar.

Oh, meu Deus!

Socorro.

Eu arregalo os meus olhos quando minha visão fica escura. Eu tento levantar meu braço, mas parece que meus músculos são

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

feitos de gelatina.

Ele choca a minha cabeça no chão uma outra vez, e eu tombo novamente, sem forças.

Menos de um segundo depois, o jogo muda:

Escuto um tiro, e então tudo paralisa.

Suas mãos em meu pescoço afrouxam. Minha respiração para. Os olhos dele vidram em meu rosto.

Outro tiro.

Cheiro forte de sangue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa vez, Fred afrouxa totalmente o aperto e tenta abrir a boca, como se fosse dizer algo, mas a palavra paira no ar.

Em seguida, seu corpo tomba ao meu lado.

— Um garoto patético, tendo uma morte patética — Ariela diz com voz fria.

Olho para o outro lado e a vejo com a arma na mão. Seus cabelos, antes impecáveis, estão desganhados, as roupas rasgadas. Ela perdeu totalmente a pose de *socialite*. A imagem me leva a crer que em algum momento, enquanto Fred tentava me estrangular e eu lutava pela minha vida, ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguiu desamarrar as cordas em seus pulsos e apanhou a arma no chão.

Tentando ignorar o corpo de um homem morto ao meu lado e não entrar em choque, eu murmuro um “Obrigada”.

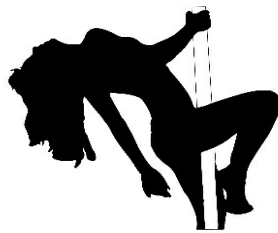
— Fiz isso pelo meu filho.

Ela desliza pela parede e desaba no chão.

Algumas coisas nunca mudam — penso, decidida a fingir que acredito.

Logo em seguida, eu apago.

PERIGOSAS ACHERON



Horas depois, eu acordo em um quarto de hospital. Abro os olhos lentamente e os pisco para que minhas córneas se adaptem á luz que vem de algum lugar.

O local tem paredes brancas. Estou em cima de uma cama com lençóis brancos e há tubos conectados em minhas veias e parece que minha cabeça está enfaixada.

Uma moça jovem e muito bonita aparece ao notar que estou desperta e

PERIGOSAS NACIONAIS

sorri abertamente para mim. Os dentes dela são brancos e bem alinhados, daria uma ótima atriz de comerciais de televisão.

— Até que enfim, a Bela Adormecida despertou — ela fala, levando as mãos ao peito. — Como se sente?

— Zonza — respondo com voz rouca.
— E minha boca está seca.

— Você vai se sentir melhor com o tempo, querida. Aguarde um instante. Irei chamar o médico.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto a enfermeira sai, eu tento me lembrar do que aconteceu, mas está sendo difícil. É como se houvesse um buraco na minha mente que me impedisse de lembrar do que ocorreu nas últimas horas, ou dias, para mim não faz muita diferença.

Após o homem, que se apresenta como sendo o médico, aparecer e fazer uma série de perguntas, sou autorizada a receber visitas.

Vejo a porta se abrir lentamente e meus olhos vão na direção dela, observando a

figura pequena da minha irmã aparecer através dela.

Melissa está com os olhos cheios d'água.

— Ai, meu Deus... Val — ela corre até mim e me abraça. — Eu fiquei com tanto medo de que algo pior acontecesse com você, minha irmã.

— O... que aconteceu?

Ela se afasta um pouco de mim e enrugando a testa.

— Você não se lembra?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um pouco — confesso, mas não me desespero. O médico me disse que esse tipo de coisa pode ter sido ocasionado pelo forte baque que levei na cabeça. Segundo ele, foi isso que me trouxe até aqui, em primeiro lugar.

— Você desmaiou — minha irmã diz. — Por causa da pancada na cabeça.

— Quanto tempo fiquei internada?

— Algumas horas — responde. — Você passou a maior parte do tempo sedada. — Minha irmã pausa. — Ele... ele está lá fora querendo ver você.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele... quem?

— Como *quem*, Valentina? — Ela arregala os olhos. — O Erick.

Erick.

Só de pensar nele já sinto vontade de chorar. Eu quero o Erick aqui. Quero ele comigo.

— Eu... quero vê-lo — começo a me remexer na cama, mas não consigo fazer muita coisa, afinal ainda estou grogue. — Onde ele está?

— Valentina, calma — Melissa me

segura. — Ele está lá fora... irei chamá-lo daqui a pouco.

— Não, eu quero ver o Erick... — engulo com dificuldade. — Agora.

— Tudo bem — a expressão de Melissa murcha um pouco. Deve ter ficado triste com a minha insistência de preferir ficar com o meu namorado à ela, mas eu não estou podendo raciocinar direito quanto a isso no momento.

Aguardo enquanto a minha irmã sai do quarto em busca de Erick. Agarro com força o lençol da cama, tentando recobrar

PERIGOSAS NACIONAIS

os movimentos dos meus dedos e pisco algumas vezes, pois minhas pálpebras ainda estão pesadas.

Estou ansiosa para revê-lo. Ansiosa para falar com ele e... merda, agora as cenas começam a se passar pela minha cabeça.

Fred.

Ariela.

O tiro.

A porta se abre e meu coração se acelera. Ele está mais lindo do que nunca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e, mesmo com as olheiras de quem passou um bom tempo sem dormir, ele continua o homem mais bonito que já vi. O melhor de todos.

— Val! — ele vem até mim e me dá um beijo carinhoso na testa. — Está se sentindo bem? Eu senti tanto medo, Valentina, você não imagina como eu fiquei.

Ele me abraça e eu o abraço de volta, da forma que posso. Eu devo estar horrível, mas ele não parece se importar com isso.

PERIGOSAS ACHERON

Me sinto incapaz de dizer qualquer coisa no momento, e isso me deixa irritada comigo mesma, pois eu queria dizer a ele tudo o que eu sinto, queria demonstrar a ele a felicidade que estou sentindo ao vê-lo e queria ao mesmo tempo alertá-lo.

— O Fred, ele...

— Shh, eu sei, eu sei — Ele me corta suavemente e passa o dorso da mão sobre minha bochecha. — A minha mãe me contou tudo. Não se preocupe.

Isso faz com que eu volte a me lembrar

de Ariela. Cristo, ela atirou em um cara para salvar a minha vida. Duas vezes. Leva alguns segundos para que minha mente se reoriente sobre a ironia da situação. A pessoa que eu menos gostava no mundo foi a que me impediu de morrer nas mãos de um lunático.

Sem ela, eu não sei o que teria acontecido comigo.

— Sua mãe salvou a minha vida, Erick — eu falo, sentindo um aperto no peito ao reconhecer que a atitude heroica de Ariela trará consequências. — Ela disse que fez

isso por você... mas ela estando sendo sincera ou não, vou me sentir muito culpada se ela for julgada e presa. Me diga que você vai ajudá-la.

Ele se afasta um pouco de mim e segura minhas mãos enquanto me olha nos olhos.

— Sinceramente, é a primeira vez que eu vejo minha mãe pensar em alguém além de si mesma, e isso mexeu comigo pra caramba — ele suspira. — Vou conversar direito com ela, eu prometo. Nós temos bons advogados e vamos fazer de tudo para conseguir com que ela

responda em liberdade. Minha mãe já se apresentou na delegacia de livre e espontânea vontade, as câmeras do escritório de Romero provam que ela matou o Fred em legítima defesa. Tenho certeza de que ela vai conseguir responder em liberdade.

Abro um sorriso fraco, sentindo-me mais aliviada.

— Eu espero que dê tudo certo — digo.
— E como você ficou sabendo de toda essa confusão?

— Quando acordei e li o bilhete que me

deixou, eu desconfiei que a minha mãe estava tramando algo para destratá-la ou algo do tipo. Então eu fui até a mansão atrás de você. Quando cheguei lá, me deparei... — ele pausa, como se ainda fosse difícil relembrar a cena. — Me deparei com você desmaiada, o Fred estirado ao seu lado e... a minha mãe... suja de sangue... — Ele fecha os olhos com força. — Foi horrível, Val. Foi horrível.

Ele se inclina para beijar a minha testa.

— Eu sinto muito — aliso o seu braço,

confortando-o da forma que posso. Não sei quantas vezes já disse isso a ele, mas eu realmente sinto muito.

— Eu sei — ele sorri. — Agora esse pesadelo acabou. Acabou de verdade. Vai ficar tudo bem.

— Sim — digo, incapaz de esconder meu suspiro aliviado. — Eu te amo.

— Te amo mais, Moça Bonita.

No instante em que Erick se inclina e me beija de leve nos lábios, eu sinto que, independentemente do que aconteça a

PERIGOSAS NACIONAIS

partir de agora, o que sinto por ele será
eterno.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 40

Valentina

Alguns meses depois...

É aniversário dele.

Me parece que anos se passaram desde que revi Erick naquela festa de aniversário na casa de Romero. Uma eternidade desde que nos beijamos novamente e, enfim, decidimos nos dar uma chance.

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloco duas velas, formando o número 26 em cima do bolo, e sorrio para mim mesma feito uma boba. Passei a tarde inteira bolando algo legal para ele e o que finalmente saiu foi um bolo redondo, que eu cobri com glacê branco sabor limão. Espero que ele goste.

Erick ainda está no trabalho uma hora dessas e não vai demorar para chegar, então eu termino de preparar tudo e resolvo tomar um banho antes que ele chegue. Ponho o pijama azul com estampas de cupcakes que ele já elogiou tantas vezes e ligo a TV.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um pouco depois das nove da noite, Erick aparece. Seus olhos vão primeiro para as minhas pernas nuas, depois para a TV e ele arqueia uma sobrancelha.

— Que bom que você chegou — levanto-me e lhe dou um beijo rápido antes de puxá-lo para dentro e fechar a porta.

— Eu perdi alguma coisa? — Ele pergunta, um tanto confuso com a minha euforia.

— Apenas o tempo — beijo-o novamente e Erick deixa cair as chaves

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para apertar a minha bunda. Ok, isso não está funcionando. Decido me afastar antes que ele comece a tirar a minha roupa e seu aniversário termine em um outro lugar que não seja na cozinha. Não que nós não tenhamos inaugurado sua cozinha, mas enfim... você entendeu.

— Você está com fome?

— Você nem imagina o quanto — responde, inclinando-se para me beijar novamente. Eu me afasto, rindo.

— Não seja um tarado, Erick.

PERIGOSAS ACHERON

— A culpa é totalmente sua, querida.

Ele avança novamente eu o empurro, me desvencilhando.

— Venha, eu tenho uma surpresa pra você.

O puxo pela mão e seguimos até a cozinha. Eu estou bem mais empolgada do que costumo estar em situações desse tipo. Mas eu não posso me conter, eu simplesmente não consigo. Eu não lhe dei os parabéns hoje cedo, justamente porque planejava fazer uma surpresa. É apenas um bolo simples com cobertura mal feita,

mas é a prova de que eu me importo com ele e farei qualquer coisa para vê-lo feliz.

Chegamos até a cozinha e eu aperto o interruptor. A lâmpada se acende imediatamente, deixando visível o bolo que fiz e as velas que ainda nem foram acesas.

— Feliz aniversário!

Me viro para Erick e noto que ele não está sorrindo. Meu próprio sorriso murcha imediatamente, pois não era essa a reação que eu esperava dele. Talvez eu tenha feito algo de errado. Talvez ele esteja

PERIGOSAS NACIONAIS

acostumado com as festas pomposas de sua família e não se sinta tão deslumbrado com um bolo simples feito por mim.

Mas é claro que é isso. Que outra coisa seria?

Meus pensamentos se embaralham, assim que Erick se desloca do ponto onde está, para vir em minha direção, de repente. Ele me abraça apertado e depois me beija, não dando chances para que eu diga mais alguma coisa. Mesmo confusa, eu retribuo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você realmente existe? — Ele pergunta, segurando meu rosto entre as mãos.

Sorrio, sem saber ao certo o que fazer, pois fui pega de surpresa.

— Eu acho que sim.

Ele sorri de volta e me pega no colo. Em instantes, estou sentada sobre o balcão.

— Essa foi a melhor festa de aniversário de toda a minha vida.

— É só um bolo — comento, mas me

PERIGOSAS NACIONAIS

segurando para não sorrir feito uma idiota apaixonada, afinal eu realmente sou uma.

— É o *melhor* bolo — Ele encosta seu nariz no meu. — Porque foi feito por você. Porque você está aqui, do meu lado e... minha nossa... eu não sei nem o que dizer.

Ele me beija novamente. Quando se separa de mim, estou sem ar.

— Não é como as festas que você está acostumado, mas foi de coração — eu digo, tentando recobrar a minha respiração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu amor, essa foi a melhor *festa* de todas. Eu adorei.

— Então agora eu sou *amor* pra você?
— Arqueio uma sobrancelha e enlaço o seu pescoço com os meus braços.

Erick chega ainda mais perto de mim, colando seu peito no meu, e eu reprimo a vontade de arrancar a sua camisa, pois o meu namorado seminu é algo muito bom de se ver, convenhamos.

— Você é tudo pra mim, amor — ele sussurra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... e onde está o Erick ogro?

— O Erick ogro, provavelmente, está tentando descobrir qual a forma mais rápida de arrancar a sua roupa — ele provoca.

— Eu achei que ele gostasse dessa roupa.

— Você fica bem melhor sem ela, acredite — seu sorriso se alarga ainda mais e minha respiração se intensifica.

— Não tão fácil, tatuador — eu digo, plantando a mão em seu peito. — Talvez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se você fizer por merecer, apenas se fizer, eu posso permitir que você arranque a minha roupa essa noite.

— E eu posso saber o que eu tenho que fazer para... merecer?

Mordo o meu lábio, pensativa, e então uma ideia me vem à cabeça.

— Que tal se você começasse a desembuchar os fatos sobre a sua vida que ainda não me contou?

— O que você deseja saber, exatamente?

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo — beijo o canto da sua boca e ele sorri ao acariciar minha bochecha com o polegar. — Quero saber tudo o que você me escondeu durante todo esse tempo.

— Eu não escondi — defende-se. — Você que nunca perguntou.

Rolo os olhos.

— Certo, agora eu quero perguntar sobre tudo. Não quero que haja mais segredos entre nós.

Erick ri, deixando visíveis as covinhas em suas bochechas e recosta a testa na

minha. Eu adoro quando ele faz isso.

— Certo — concorda. — Pode começar.

— Ok — me empolgo. — Quando foi seu primeiro beijo?

— Sêrio? — caçoa. — Isso é tão clichê.

Estreito meus olhos para ele e dou-lhe um tapa de brincadeirinha no braço.

— Você disse que eu podia perguntar.

— Tá legal — Erick enfia o dedo na cobertura do bolo e passa sobre o meu lábio inferior. — Eu tinha dez anos.

— Dez? — Arregalo os olhos. —
Caramba!

Ele ri e avança para limpar
preguiçosamente a cobertura no meu lábio
com a língua, deixando meu corpo mole.

— Foi um beijo inocente. Coisa de
criança.

— Ah, claro... — Rolo os olhos. —
Quando foi a sua primeira bronca?

As mãos de Erick passeiam por minhas
pernas nuas e ele aperta a carne entre
seus dedos. Dou um tapa em sua mão e

forço-me a focar no que estou fazendo no momento, que é lhe fazer perguntas.

— Eu tinha onze anos.

— Primeiro desenho?

— Cinco.

— Primeiro bicho de estimação.

— Eu não tive — ele para o movimento das suas mãos em algum ponto nos meus quadris. — Bem... tinha a Sissy, mas eu meio que disputava a atenção da minha mãe com ela, então não posso considerá-la um bichinho fofo e legal.

— Entendo... — sou calada por Erick, que se aproxima para me roubar um beijo. Ele sorri entre os meus lábios, deslizando o meu corpo até a borda da bancada, ficando entre minhas pernas. Ele, definitivamente, não está colaborando.

— Eu acho que acabaram as suas perguntas — diz. Suas mãos desbravam a pele da minha cintura, enquanto sua boca acaricia um ponto atrás da minha orelha esquerda. — Talvez nós possamos ir para a parte legal agora...

— Ainda não acabamos — O empurro

pelos ombros e ele se afasta um pouco de mim, arqueando uma sobrancelha.

— O que isso significa?

— Significa que eu quero saber *muito* mais.

— É mesmo? — Sorri de lado. — E o que eu ganho com isso?

— Você já ganhou um bolo — devolvo.
— Quer mais?

— Eu quero tudo o que você estiver disposta a me dar, querida.

Sorrio quando o queixo de Erick
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esfrega de leve na minha pele, fazendo cócegas. Seguro seu rosto entre as mãos, forçando-o a me fitar. Os olhos dele estão mais escuros agora, e continuam o par de olhos mais bonito que eu já vi.

— Isso você já tem — eu digo seriamente.

Erick segura os dois lados da minha cintura e para de sorrir. Além de sério, ele está pensativo agora. Começo a me questionar o que talvez esteja se passando por sua cabeça, quando, finalmente, ele resolve fazer algo que me surpreende:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O meu primeiro porre foi aos dezesseis anos — confessa. — Minha primeira vez foi aos dezesseis também, comecei a fumar aos dezessete, e... aos dezenove anos, eu me apaixonei pela segunda vez.

Ok. Por essa eu não esperava. O meu humor se altera imediatamente e eu fico sem reação por alguns instantes.

— Você se apaixonou... por alguém depois de Sofia? Quando tinha dezenove?

— É meio infantil esse meu comportamento, mas eu não consigo

PERIGOSAS ACHERON

evitar sentir ciúme.

— Sim — ele afirma. — A primeira vez em que a vi foi em um ônibus. Eu meio que me apaixonei por ela naquele instante, embora ela não tenha nem sequer se dado conta da minha presença.

— É mesmo? — Murmuro, tentando aparentar indiferença. — Nossa... isso é realmente uma informação e tanto.

Ele abre um sorriso e me desce do balcão.

— Vem. Eu quero te mostrar uma coisa.

Erick me puxa pela mão e eu o sigo em silêncio enquanto ele ruma em direção ao quarto. Ele vai até o alto do seu armário e tira de lá uma caixa preta e retangular. Senta-se na cama e indica o local ao seu lado para que eu me acomode. Assim eu faço.

— O que é isso? — Eu pergunto, olhando para a caixa.

— Deixe-me terminar a minha história, por favor, Valentina.

— Eu não sei se quero ouvir. — E eu realmente não quero. Não quero ouvir

Erick falando sobre uma outra mulher que ele amou, pois, de uma forma idiota, isso mexe comigo pra caramba.

Sinto sua mão puxar a minha e afagá-la.

— Eu vou contar mesmo assim — insiste, firmando o aperto em minha mão ao notar a minha expressão nada suave. — Sem segredos, lembra?

— Está bem — concordo a contragosto.

Ele abre um sorriso pequeno e prossegue:

— Ela era, sem sombra de dúvidas, a coisa mais linda que eu já havia visto em toda a minha vida. Tinha uns cabelos escuros que eram bem difíceis de domar, sabe? Eles sempre escorriam para fora da toca que ela usava no trabalho, e ela sempre tinha a mania de soprar a maldita mecha para fora de seu rosto. Eu ria por dentro porque era... *bonitinha* a forma como o seu nariz se enrugava ou os seus lábios retorciam de leve para cima — ele faz uma pausa e tira a tampa da caixa. — Alguns a chamavam de "a garota dos sanduíches". Eu preferia considerá-la

como a garota dos sorrisos bonitos ou, simplesmente, a minha musa inspiradora.

Erick empurra a caixa em minha direção e os meus lábios tremem. Eu levo uma mão à boca para evitar que o soluço venha, mas meus olhos se inundam imediatamente.

Eu não sei exatamente o que pensar nesse momento, apenas consigo olhar para os desenhos e passo os dedos por cada um deles. São tantos.

— Ela era como um refúgio pra mim. A parte boa que eu sabia que ainda existia

no fundo da minha alma. A parte bonita que eu fazia questão de tentar esconder no âmago do meu coração. Ela despertava tudo isso em mim. — Erick pausa, analisando com cautela a minha expressão. — Você quer que eu pare, Valentina?

— Não... — sussurro.

Ele balança a cabeça e inspira, antes de continuar:

— Por muitos meses eu observei essa garota de longe. Por muitos meses eu venerei aquilo que considerava

inalcançável. Por muitos e muitos meses, eu a amei em silêncio. E eu continuei amando a mesma garota pelos anos que se seguiram.

Engasgo, a minha garganta quase fechada. É muita coisa para processar, afinal essa informação não é algo que eu possa ignorar. É um pedaço do passado dele, um passado *comigo*.

— Eu não sabia lidar com isso na época. Eu nem sei se consigo lidar com isso agora, porque cada dia que se passa eu sinto que amo cada vez mais essa

garota. O que eu achei que seria impossível. Mas eu estou tentando, sabe? Tentando ser melhor a cada dia. Eu tento ser o cara que ela merece.

Erick para de falar e me fita. Ele provavelmente está analisando a minha reação, tentando compreender o que está se passando dentro de mim. Mas como, se nem mesmo *eu* sei o que pensar disso tudo?

— Por que? — Finalmente encontro a minha voz dentro de algum lugar. — Por que você não me contou isso antes? Por

que não se aproximou de mim, como qualquer outro cara faria? Por que me deixou alheia a tudo isso, como se eu não tivesse o direito de saber?

— Eu tive medo, Valentina.

— Medo? Medo de sua família não me aceitar por eu ser pobre?

— Não... quero dizer, *também* — Ele segura minhas mãos entre as suas. — Mas eu quero que você saiba que eu só tinha esse pensamento na época porque era jovem e imaturo. Eu era um covarde, dependia do meu pai para quase tudo. A

verdade é que eu vestia toda aquela pose de filho rebelde, mas tinha pavor de ser renegado, Valentina. Eu não tinha mais ninguém, só a minha família.

Ele respira fundo e continua.

— Além do mais, eu era um cara todo errado na época. Eu não estava emocionalmente estável e não me considerava a melhor influência para alguém como você. Quando descobri sobre sua situação... sobre você, isso me assustou pra caralho. Sei que pode ser difícil de compreender o meu lado, mas

eu não estava a fim de adicionar mais um problema em sua vida. No entanto, eu amei você de verdade. Tudo o que eu fiz foi pensando em você, Valentina, acredite em mim.

Agora eu entendo o porquê de Romero me pedir para não julgar seu neto, independentemente do que ocorresse. Agora eu entendo muita coisa que não se encaixava na minha cabeça ou simplesmente parecia ser coincidência demais.

— Foi você que... que me deu os

PERIGOSAS NACIONAIS

bombons também? — Ele afirma com a cabeça. — Eu pensei que tivesse sido algum funcionário, ou sei lá.

Erick sorri fracamente.

— Eu pedi que a Fauna não contasse.

— E na nossa primeira vez? Você já sabia quem eu era, então. Se lembrava de mim?

Ele balança a cabeça em afirmativa. Isso me machuca, de alguma forma.

— Você fez de propósito? Foi até lá apenas para... transar comigo?

PERIGOSAS ACHERON

— Não — ele se apressa em dizer. — Eu não sabia que você estava trabalhando lá, eu juro. Na noite em que eu saí com os caras e te encontrei naquela boate... — explica — eu não sei ao certo o que se passou pela minha cabeça. Foram tantas coisas. A menina que eu venerei por meses, o anjo que eu desenhava e que amava, estava ali, vendendo o corpo...

“Eu sei que não tinha o direito de me sentir irritado, afinal eu sabia sobre sua situação e não havia feito nada para ajudar, mas... como eu disse, eu era jovem e covarde. Em um pensamento

PERIGOSAS ACHERON

completamente injusto e preconceituoso, imaginei que talvez você não fosse quem eu pensei que era. A imagem que eu personifiquei em meus pensamentos, mostrando ser algo totalmente falso... Mesmo assim, eu sabia que aquela talvez seria a única oportunidade que eu teria de ter algo com você. E meu cérebro bêbado achou que fosse uma boa ideia levá-la para o quarto.”

Ele faz uma pausa e passa as mãos pelos cabelos.

— Mas eu percebi que fiz uma merda

muito grande, talvez a maior merda que já havia feito desde então, quando descobri que você era virgem. E depois, quando a ficha caiu, eu me dei conta de que havia sido o primeiro... meu Deus, algo primitivo nasceu dentro de mim. Algo que eu estava segurando há tanto tempo para que não crescesse. Algo novo que eu não havia sentido nem sequer com Sofia... mas ao mesmo tempo, algo me destroçou por dentro. Me lembrei que eu estava, mais uma vez, destruindo uma menina inocente. Eu havia *iniciado* você.

— Minha nossa — eu murmuro,
PERIGOSAS ACHERON

descansando minha cabeça entre as mãos.

Estou com dificuldade para respirar. Erick passa hesitantemente a mão por minhas costas e chega um pouco mais perto. O calor que seu corpo irradia para o meu me faz reconhecer que tudo isso é real. Não estou tendo um sonho, tampouco fantasiando algo.

— O Romero ter me contratado não foi uma coincidência, foi? — Levanto minha cabeça para olhar para ele e Erick está sério.

— Meu avô descobriu sobre você, de

PERIGOSAS ACHERON

alguma maneira. Talvez ele tenha visto meus desenhos, não sei ao certo... mas, sim, ele contratou você por minha causa. Ele deve ter percebido algo, aquele velho me conhecia como ninguém, então é provável que tenha achado que trazer você para a minha vida fosse uma forma de finalmente me salvar.

Erick abre um sorriso fraco, mas eu não retribuo. Ele me observa com flashes de todo tipo de emoção dançando em seus olhos, aguardando uma resposta de minha parte, mas eu apenas o observo de volta. Foi muita coisa para absorver em tão

PERIGOSAS ACHERON

pouco tempo, e eu não sei exatamente o que dizer.

Eu simplesmente não sei.

— Você está com raiva de mim, não é?

Eu consigo perceber a tensão em seus músculos e o temor em seus olhos bonitos. Eu não sei o que deveria sentir nesse momento, mas de forma alguma eu sinto raiva dele. Eu conheci Erick em seu momento mais frágil. Eu fui a única pessoa para quem ele mostrou cada nuance e cada faceta. Eu fui a pessoa para quem Erick entregou numa bandeja o seu

coração. Ele passou por cima de todos os riscos e assumiu todas as consequências apenas para me ter por perto. E apenas alguém que ama incondicionalmente é capaz de se entregar dessa forma.

Ele errou no passado, sim, mas ele se arrepende desses erros e vive sofrendo com eles por anos. O que fazer agora? xingá-lo e lhe desejar a morte eterna por não ter me tirado de um prostíbulo, mesmo sendo um herdeiro rico e estando apaixonado por mim há tempos? A realidade é dura, mas eu não era sua responsabilidade. Ele tinha seus próprios

PERIGOSAS ACHERON

problemas para lidar, assim como eu tinha os meus.

A verdade é que não era para acontecer naquela época, mas é para acontecer agora.

E eu só quero ter a chance de ser feliz e seguir em frente. Com ele. Com a família que construiremos a partir daqui.

Ele ainda está analisando a minha reação quando desloco o meu corpo para frente e me choco contra ele. Eu beijo os seus lábios com força, envolvendo seu pescoço com os meus braços,

respondendo da melhor forma suas perguntas e provando a ele tudo o que eu sinto.

— Eu amo muito você, Erick. Sempre amei.

— Eu também sempre te amei, Moça Bonita — ele sussurra contra os meus cabelos, suspirando aliviado. — E vou te amar pra sempre... Vou cuidar de você pra sempre. Se depender de mim, todo esse tempo de sofrimento será recompensado e eu vou dar tudo o que você precisa.

— Eu só preciso de você, Erick —

sussurro.

— Você é o melhor presente de aniversário que alguém poderia ter, Valentina.

Ele é o meu maior presente também.

Ele é meu mundo, meu tudo, minha casa e o meu Para Sempre.

Desde o primeiro momento em que o vi, eu soube que ele estaria pela eternidade... marcado em mim.

FIM

Não se esqueçam de avaliar o livro na
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amazon e no Skoob.

XOXO

PERIGOSAS ACHERON

PLAYLIST

Nothing's Gonna Hurt You Baby – Cigarettes After
Sex

Dressed in Black – Sia

Ride – SoMO

A little Death – The Neighbourhood

The Walls – Chase Atlantic

The Hills – The Weeknd

Carry Me Home – Jorja Smith

Volta – Ana Cañas

Brasa – Jade Baraldo

Tem Café – Gaab, MC Hariel

Ainda é Cedo – Legião Urbana

Proibida Pra Mim – Zeca Baleiro

Meu Abrigo – Melim

Nossa Conversa – Kell Smith

E muito mais...

PERIGOSAS NACIONAIS

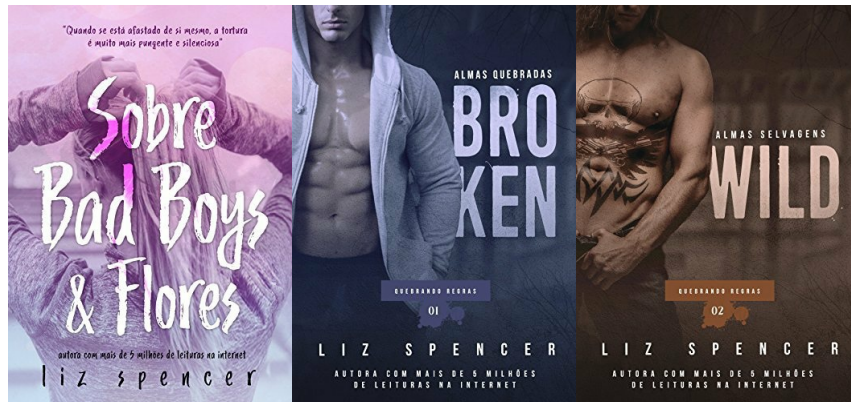
Ouçã no Spotify:

[https://open.spotify.com/user/22kpjvncg4vwbj45uje
si=kduwbvkCT7ypwcMMA5MVig](https://open.spotify.com/user/22kpjvncg4vwbj45uje?si=kduwbvkCT7ypwcMMA5MVig)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

LEIA TAMBÉM



PERIGOSAS ACHERON